

III BATINI *

*Entre o chão
e as
estrelas*

ROMANCE

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

Entre o
Chão e
as Estrelas



por

TITO BATINI

autor de

"E Agora, Que Fazer?"

As ruas da grande metrópole atravessam a linha do horizonte e vão mergulhar na várzea, lá para as bandas do Tietê. Os palacetes fastuosos transformam-se em humildes caschobres cobertos de lodo, o asfalto cede lugar à lama e à imundície, e a iluminação se apaga, como num inesperado black-out. Estamos na várzea, no mundo dos pobres. O mundo que TITO BATINI nos vai revelar. Seus habitantes são homens, mulheres e crianças que lutam pelo pão de cada dia e raramente experimentam as coisas boas da vida. Lá longe, as luzes da cidade parecem estrelas cintilantes a transmitir à gente humilde da várzea uma promessa de dias melhores. E a gente humilde da várzea, com os pés fincados no chão úmido e sujo, vive e sonha... Genarino Brambila, o pequeno vendedor de jornais, chuta uma bola de pano e sonha ser um dia um grande jogador de futebol, desses que dão entrevistas e ocupam as manchetas dos jornais... Irma, Mafalda, João Fanchi, Saracura, Nicolina, Guilherme, todos têm seus sonhos e aspirações em meio às canseiras e às dores que os envolvem. Todos vivem entre o chão e as estrelas distantes... E quando a guerra vem sacudir os nervos da grande cidade, ela repercute profundamente na várzea, porque toda aquela gente pobre sabe que o fascismo, o seu pior inimigo, impediria a realização de seus sonhos. Abaixo o fascismo!, grita Guilherme. Abaixo o fascismo!, responde Genarino, e toda a várzea, como um só corpo, vibra na luta por um mundo melhor.

Muitos apreciarão este livro, outros serão contra ele. Mas a verdade é que ninguém o deixará de ler e comentar. E isso porque ENTRE O CHÃO E AS ESTRELAS, como *Judeus sem Dinheiro*, de Michael Gold, conta uma história que não poderia deixar de ser contada — a dos homens simples e bons que, nas fábricas e oficinas, estão hoje forjando o mundo de amanhã.

Entre o chão e as estrelas...

DO AUTOR:

“E AGÓRA, QUE FAZER?” — 1941. Prêmio
“Samuel Ribeiro”, instituído por “Diretrizes”.

TITO BATINI



*Entre o Chão
e as Estrelas...*

ROMANCE



MARIO DE ANDRADE

$\frac{C}{f} \mid \frac{I}{96}$

1 9 4 3

Editora Civilização Brasileira S/A
Rio de Janeiro São Paulo

A E L D A,

*minha companheira — que ouviu
pacientemente a leitura de cada
página, para dizer se assim estava
bem.*

A N Ê N E

*que está com oito anos e me
perguntava si Genarino ia, afinal,
prá guerra.*

Há nesta história, nomes e denominações de pessoas, firmas, organizações esportivas, etc., que precisam entrar porque a ação se passa em São Paulo dos nossos dias. Mas, os fatos com as mesmas relacionados no romance não passam de romance.

O AUTOR.

*Junta experiência na vida
Até prá dar e emprestar
Quem a tem que passar
Entre sofrimento e pranto;
Porque nada ensina tanto
Como o sofrer e o chorar.*

Canto II - MARTIN FIERRO.

I

Durante a noite, quando já as rodas dos bondes descansavam nas estações da Light and Power e os ônibus pareciam respirar baixinho pelos póros dos pneus, medidos entre a graixa negra das garages, os guarda-noturnos não se davam ao trabalho de chegar até aqui, ao chão duro varzeano. Vinha pontilhando o silencio um cri-cri de grilos que denunciava o campo muito pértó. E, às vezes, algum sapo ousava coaxar num brejo mais distante. Era a fronteira entre a cidade e o máto.

Dois vultos viéram para cometer áto proibido, mas sem grandes precauções. Traziam um tronco fino de árvore cortada em plena juventude, ainda cheirando a verde. Olharam os quatro cantos entre as raras habitações afundadas na escuridão e principiaram o serviço. Eram magros, ambos. O mais alto encostou o páu á parede, á altura duma taboleta de esquina, enquanto o outro trepava célere por ele, como para cumprir deprés-sa. Metêu as unhas da pequena alavanca e os pregos quasi não rangeram no reboque. O mais baixo desceu risonho, como se tivesse arrancado dum mastro o pendão do inimigo. E lá se foram pelo mesmo caminho, levando o troféu e o tronco fino. Falavam baixinho. Talvez rissem. Sumiram no ponto de onde haviam surgido. E nunca se soube quem eram.

Pela manhã o sol não mais encontrou a taboleta.

Os moradores enviavam seus olhares para esse mesmo local, como em rito igual e combinado. Todo mundo sabia. Era uma conspiração entranhada na vontade do povo e porisso vingava.

Mas, ficara a marca bem visível. As chuvas e o sol haviam descorado a parede e sob a placa de madeira ficara o tom primitivo. A parede era do boteco que vendia arroz, feijão, batatas, cachaça, fósforos, de tudo, menos manteiga e lataria fina. Desde os transeuntes da madrugada, todos olhavam para cima e ainda sentiam arrepios. Como se vislumbrassem pegadas dalgum animal estranho e ameaçador. Sempre em silêncio. Silêncio. Somente os olhos. Quando homens ou mulheres se cruzavam naquela esquina, apenas um menção de cabeça, um risinho, um espremer de olhos... um "bom dia" de voz ondulada... Atmosfera de receios, mas de compreensão.

Entretanto, os dias passaram sòbre o acontecimento. Daí, gestos mais francos, denunciadores da trama. E, por fim, palavras rasgadas. Como se o monstro pisasse muito longe. Os miseráveis já não tremiam de medo. Riam-se... Chegavam a rir...

A larga faixa de terra onde eles haviam plantado ranchos e traçado ao acaso modestas ruas, estava meio e meio esquecida do seu proprietário, que nadava nos negócios de centenas delas. Que bom que a falta de tempo distanciasse o perigo dos desalojos! Mas, lá pelo centro da cidade principiavam a surgir grandes companhias instaladas em arranha-céus, com placas de bronze e inaugurações solenes. Siderurgia, gasolina, altos e baixos fornos, cimento, papel, laminação, carvão... Tudo era material para as sociedades anônimas. Ações populares de cem-mil-réis. E também terrenos e construções. Este ultimo era o perigo que pesava sobre eles. Torciam em silêncio para que sobre o grande proprietario caísse o esquecimento completo. Pagavam aluguel. Mas pagariam muito mais se fossem lembrados. Viria a geitosa e grandiosa organização. Planos. Publicidade. Côres vivas. O grande saque contra o futuro. Dinheiro do povo em troca de ações, primeiramente. E depois, dinheiro do povo em troca de papéis, lote por lote em cento-e-vinte prestações mensais, sobre os quais as criaturas sonhadoras que povoam o mundo ainda são capazes de pingar suor e sangue, gota a gota, até a velhice e a escritura definitiva.

Haviam mandado pregar a taboleta na parede do boteco, em frente à rua mais querida que eles ladeavam de estacas e latas velhas. Tinha umas lêtras em tinta preta, sombreadas de azul, que diziam: *Rua Mariquinhas* — nome duma filha que estudava direito e de direitos encheria aquelas posses. Não houve meio de pregar. Para os moradores exqu岸itos tinha que continuar sendo Marechá... Marechá de Ferro... Era a rua Marechá de Ferro e no duro, sem placa nem nada. Gravada na imaginação.

Mezes depois, nova investida. Um engenheiro trouxe apetrechos e até polainas por causa do barro. Fincava o tripé de madeira, espiava por um canudo de metal onde punha um olho e media distancias. Olhavam-no fingindo despreocupação, como guerrilheiros paisanos que aguardassem o momento oportuno. Até que ele arriscou perguntar pela tal rua Mariquinhas. Rua Mariquinhas? Ninguém conhecia. Levantavam olhares para o céu, fazendo de conta que cotucavam a memória, apertavam o queixo com a mão e numa expressão desolada respondiam que “dona Mariquinhas não morava lá, não.”

Tinha que ser Marechá de Ferro porque as coisas escritas no sentimento do povo nem Cristo arranca.

Era num prosseguimento do Belemzinho, lá pela Vila Maria, talvez perdendo-se pela rua Catumbí que se extendia cla, com o nome sonoro. A figura do grande soldado parecia existir na imaginação dos habitantes de tanto ouvirem falar, de vê-lo em gravuras a côres nos papéis velhos, gastos, que o vento ou o acaso trouxessem. Tinha altivez e força, tinha historia e tinha lenda.

Varzea! A herva surgia livremente, sem leis nem cuidados, nem reparos, nem pedras de calçamento. Quando a brisa fazia fingimentos de aterrissagem, apenas beijando o sólo, as hastes se moviam numa gargalhada. A natureza enfeitava-a, encarregando o vento de dar vida aos seus enfeites. O imposto indireto, pago no ato da compra, sem papeletas de aviso ou alvarás,

não veiculava a existencia deste chão nas repartições competentes. Havia máto e não havia pedras de calçamento. A Light aguarda consumidores polpudos. Casabres não valem numeração em placa esmaltada. O gás... (O gás?!). Porisso, o nome das ruas pelo menos, o povo queria inventar, feitos marcos de sua propria história: béco da Carméla, buraco do Botequim, rua do Fiscal, travéssa da Lavadeira, larguinho do Alcijado...

Gente de varzea, como peças operosas e sujas das dragas retificadoras de rios, permanecendo escondidas entre lodo, o mesmo lodo que elas afastam, ampliando as possessões da grande cidade.

Por aqui moravam Genarino Brambila, José de Campos, Nicolina, Guilherme, Irma, dona Filomena... um mundo.

Não sucedia como na cidade feita. Por lá, depois das chuvas, as hervas chupavam seiva nova na terra de São Paulo, insinuando-se entre os macacos do calçamento, onde não houvesse asfalto. Logo pela manhã, á tregua das águas, turmas da Prefeitura inutilizavam o esforço da natureza. Homens arcavam-se, firmando ferramenta especial, torcida e pontuda, que procurava raizes mal nascidas. Magros e sorridentes, saíam eles também das varzeas para limpar onde não moravam, cheios da indiferença de criadas que esfregassem mármore bonito em palacetes faustosos. Mecanicamente. Atrás dos destruidores vinham escovas, pás e latas. E à noite, irrigadores mecanicos jorravam cargas de água: mangueiras poderosas, manejadas pelos batalhões da limpeza, — bombeiros liquidando o fogo do sól. O sól insistia, como operario conciente e as pedras voltavam a reluzir.

Mas, aqui não! Aqui era a varzea. E o nome tinha que ficar: Marechal de Férro!

O jornaleiro Genarino Brambila morava nessa rua, entre a vizinha, dona Benedita doceira, e uma calabreza misteriosa, dona Filomena. Depois da casa desta última havia a pequena padaria do seu Joaquim Bicas,

casado com dona Alzira; e depois daquela de dona Benedita, deste outro lado, uma estreita abertura entre ranchos e cercas levava à tenda coberta de zinco, do espanhól Maximino Fernandez, trançador de balaços, côvos, cestas... Em frente a essa tenda, um pequeno descampado que ninguém cuidava, fechado por novos ranchos e cercas distanciados, semeados ao acaso.

Um quási rapaz e a caminho disso, olhos fuzilando, que estava cheio duma idéia forte: agarrou uns quantos papeis de jornal véelho, amassou-os, foi calcando, dando-lhes geito de bola. Procurou, afoito, um pedaço de barbante que se lembrava ter sobrado do embrulho de batatas. Achou-o e amarrou a maçaróca numa violência de apressado. Soltou-a curiosamente no chão sujo, como em mágica de surgirem coisas do nada e ela rolou impulsionada pelo pé direito, até chegar à rua. Cóbra mansa de camelô, chamariz tentador, irresistível!

Leonel e Mimosa, os dois cachorrinhos vira-latas, passaram lépidos, em correria, resvalaram pela bóla como para convidar ao brinquedo e Genarino não lhes deu a mínima atenção. Leonel e Mimosa eram o seu divertimento e o do résto da molecada. Não tinham dono céрто, porisso pertenciam a todo mundo. Ninguém se atrevesse a bater-lhes ou atirar-lhes uma pédra. Dormiam na tenda do Maximino e comiam de qualquer résto, em qualquer porta.

O pé direito do Genáro, quando ele queria, estirava-o na mesma direção da perna, não se explica o tornozelo aguentar dessa maneira: formava uma só peça, humana e direita, nem que fosse loco sem pé. E lá na extremidade, os dedos em comichão. Talvez porisso (ele nem sabia porque), tinham assentado sobre o varzeano este apelido chapado: Genarino Pé de Pato. Mal deu umas levantadas de ponta de pé, fazendo a bola bater na parêde e voltar, a turma de companheiros começou a dar as cáras, de quantos cantos havia. O primeiro foi Saracura, filho de dona Benedita Campos — a vizinha. Chamava-se José Campos e vendia doces sem licença na avenida Celso Garcia, indo parar na Rangel Pestana, cheio de manhas quando fugia à apreensão do fiscal que percorria estas bandas e tinha máus instintos. Êste fôra político de arranjar eleitores pró

Partido Republicano Paulista; em 1930 a Revolução ganhou do governo e seu Felisbino Matos Schwartz, como se chamava, levou uma surra de quasi vinte minutos, numa esquina, enquanto as tropas atravessavam, vitoriosas, a cidade de Itararé, sem necessidade de fazer fogo. Daí seu Felisbino virou a mão e apareceu, como muita gente, de lenço vermelho no pescoço. Começaram a chama-lo de "Eu já era". Veiu a Legião Revolucionaria do general Miguel Costa e elle ingressou, de faixa vermelha no braço. A Legião desapareceu e o revolucionario tambem. Mas, Felisbino Matos Schwartz, filho de mulato casado com alemã, cabelo côr de barba de milho, reapareceu, depois, falando grôso, credenciado: fiscal da Prefeitura. Seu ódio incontível ao povo, à sujeira da ralé, estava agravado desde a surra, em que mais de cinco haviam tomado parte e outros tantos aprovaram, mandando bater mais. Diziam que no tempo do P. R. P., recebia dinheiro para distribuir pelos eleitores e papava-os, construía casa, vestia e comia bem a custa disso. As sombrancelhas esbranquiçadas, como de negro-aço, atrapalhavam-lhe a visão, de dia. Por isso, muita coisa clandestina elle não percebia. Preferia aparecer à noite, fuçando, pedindo informações, fazendo amizades e atirando-as umas contra as outras, até descobrir coisas e aplicar multas: tinha a mania do talão e do lapis. O apelido definitivo foi o que os garotos lhe applicaram: Lobishóme.

Saracura ganhou fama, achavam graça nêle e até o ajudavam a se esconder. Inda mais depois que Felisbino Matos Schawartz começou a aparecer de camisa-verde, filiado a um novo partido, a Ação Integralista. Mesmo assim Saracura regressava duas e três vezes de bandeija vasia; a velha Benedita contava niqueis até chegarem prô açúcar e amendoim e o leite e mais alguma coisa de comer. Algumas vezes fazia-o trabalhar mais prá juntar capital e comprar o necessário prôs pasteis, cús-cús, pipóca... Iam vende-los na frente dos circos de cavalinho.

Quanto a Genarino, era esquisita a posição do seu corpo, no momento em que dava na bola; mantinha a pelóta grudada aos dedos, como se estes fossem da mão,

como quem manejasse... E, de repente, sem se afastar muito, dava equilíbrio diferente ao corpinho magro, metendo o pé. Um feixe de musculos temperados pelas privações, quando não ha com que formar gordura. Desses que a gente diz, "tão magro e tão forte", quando é lutador de box, futebolista ou corrêdor da São Silvestre. Mas, em Genarino, essa impressão enganava. O chute era questão de geito.

Saracura estendeu o corpinho prêto no canto, feito guardião de responsabilidade em dia de grande pejeja, e o embrulho, sujando-se, resvalou, indo a escanteio.

— Manda de rasteira... viu?

O goleiro atendeu, e Genaro, aproveitando o salto da bola ao encontrar uma elevação, emendou de peito-de-pé, varando... Saracura respirou fôrte, mostrando alguns dentes. A exclamação saiu sem querer:

— Vôoo-te!... Pé de Pato!

Genarino levava esse apelido irremediavel, mas não gostava. Enquanto o outro partia em busca da bola, recostou-se à parêde, amuado. Apenas foi devolvida, recolheu-a sem dizer niquel, olhou sério o contendor, retirou-se, corpo arcado para a frente, pisando duro.

— Genarino... o qué que foi?

Nem resposta. A pórtã da casa de dona Esmeralda, a vêlha mãe, fechou-se. Lá dentro o garoto largou a pelóta junto aos pés, procurou distrair-se com outra coisa: uma caixa de sabonete cheia de rótulos de cigarros, estirados, arrumados como nótas de dinheiro.

Era um rosto triste de assustado. Diziam que tinha sido desde o dia duma noticia despedaçadora, num feriado, ao anoitecer: chegaram apressados uns amigos do irmão José e partiram todos correndo, rumo à Assistência Pública, no largo do Palacio, onde carros brancos, sereias cortando ouvidos, entravam e saíam com gente ferida. Lá dentro, ainda na maca, estava o irmão José, olhos se revirando, braços e mãos mólés, tentando se mexer e a barriga cheia de sangue. "Cinco tiros nos intestinos", comentavam os enfermeiros, preparando papeis afim de transportal-o para a Santa Casa de Misericórdia, onde tentariam costurar, embóra sem

esperanças. Depois, foi vê-lo recomposto, com o terno dos dias de festas, que a irmã Mafalda levára chorando; mas viu-o frio, de olhos fechados. Estava limpo de sangue. Estava sério e bonito. Genarino sempre junto da mãe, que não sabia mais falar e que soltava lamentos prolongados, erguendo os braços ou arranhando o rosto e puxando os cabelos. Havia sido num comício político da praça da Sé, em meio ao tiroteio, enquanto os integralistas fugiam pelas travéssas, os mais teimosos faziam fogo e outros arrancavam as camisas que a multidão queria queimar. O chefe deles, um homem magrinho, de cara amassada, fôra o primeiro a correr. O irmão José era então operario, jovem, resolutivo, gostava de futebol, levava-o sempre ao Parque São Jorge, prós lados da Penha, mas também enfiava a cabeça nessas coisas de politica. Dizia que todo operario devia ser contra os fascistas e em casa perguntavam o quê que eles tinham com isso. Prá fazer número, nos dias de passeatas e demonstrações, os integralistas mandavam buscar trens e caminhões de cabôclos enganados com proméssas de passeio, de botinas e de vida melhor. O povo chamava-os de “periquitos” por causa da cor da camisa; ou de “galinhas-verdes”. Agora dona Esmeralda trazia constantemente o nome do filho morto nos labios ressequidos, parecia que de fébre, olhos tristes para baixo; e no medalhão dependurado a uma corrente escura, de metal ordinário, colocára seu retrato, um rosto risonho, bonachão, a camisa listada do clube, o Corinthians. Haviam-no assassinado numa esquina, antes que tivésse tido tempo de entrar num café, enquanto as portas de ferro se fechavam com estrondo.

Seus amigos ainda apareciam em casa, procurando não falar do assunto, mas, as lagrimas vinham copiosas ao rosto de dona Esmeralda, que beijava a medalha, sentindo falta de ar, o coração perdia o ritmo certo, a veia, no pescoço inchando. Perdêra o marido num desastre, o filho mais velho num comício, a filha se queixava de estar mal casada com um gerente de bilhar e lhe confessára que êle a surrava, brigavam constantemente... E o pequeno Genarino, para criar, começando a ajudal-a, vendendo jornais.

A noticia da bola, depois do amúo de Genarino, correu por quantas bôcas infantís havia na redondeza. Dalí a meia-hora havia um magóte na rua Marechal de Férro. Cheio de sangue pela cára, Rafael, aprendiz de alfaia-te; Luizinho, filho da portugueza da venda, sempre limpinho, dêdo na bôca; Borrêgo, um bruta-montes, o mais vélho de todos; e outros... e mais...

— Não vá chamar êle de Pé de Pato, sabe?

— Sei trôxa: só de Genarino.

Ele appareceu e um grande sorriso atravessou todas as carinhas. Rafaél e Saracura gritavam a um tempo:

— Fico no gôr!

— Só eu...

— Falei de premêro...

Luiz permaneceu com o dêdo na bôca, então mais abérta. Pela convicção dos gritos e do tamanho, Rafaél venceria. Barulhento e fogoso, olhos saltando, o rosto congestionado. Chamavam-no de italianinho por causa da mistura de idiomas e do falar cantado do Braz. Saracura, perdido nos argumentos, inventou palpite certo:

— Bom, vamo fazê ansim: quarqué um de cada veis. Dexando vará treis gôr, entra ôtro.

Genarino deu o primeiro chute, impelindo a bola sempre daquela maneira. Os demais olhavam curiosamente. Foi o primeiro chute-em-gol e juntou mais o Augusto, desses que limpam o nariz a todo momento, soltando ar com força, sem lenço, misturando com suor e sujeira e esfregando a manga. Borrego tinha a mania de ficar com a bola e driblar. De botina pontuda, enfrentava o adversario. Se este não conhecia o trúque, Borrego permanecia imóvel, numa distancia que desse prô outro se animar ao avanço. Quando ao seu alcance, Borrego metia o pé na canéla e às vezes dava em briga. Enquanto o adversario saía pulando, chutava risonho, vencedor. Alguns que assistiam, riam-se. E não adiantava reclamar, nem exigir que arrancasse as botinas. Fazia de proposito porque era maior e nem parecia mais da "categoria de infantil".

O bate-bola foi até tarde. Saracura quando ia prô posto se atirava ao chão como observára nos golquipas

de verdade, ou aninhava nas mãos em concha os papéis amassados e endurecidos pelo Genáro. Luizinho, na sua vez de golêiro perdia o posto logo nos primeiros três chutes. Um perna-de-pau.

* * *

Todas as tardes até o escurecer. Ninguém se metêra, ainda, na liberdade do divertimento. E Genarino com tal supremacia se portava nos chutes que, foi indo, foi indo, se conformou com o apelido, como todo jogador tem. O orgulho do respeito que infundia fez equilíbrio nos seus sentimentos.

— Ainda vai sê nosso centre-fô!

O menino parava de jogar, olhava a turma com superioridade. O irmão José tinha sido extrêma.

— Centrê-fô, nada: de extrêma. Extrêma-direita.

Quando começaram a formar a meia-linha de onze, porque não tinham número para mais, era assim: quiper, dois béques e três alfes dum lado, contra cinco dianteiros. Bóla fóra pelo “retangulo” valia gól em favor da defesa; e ponto contra esta quando varasse o “retangulo”.

Foi então que, levando a sério os treinos, Genarino custou a compreender qual seria, em definitivo, a sua posição. Extrema deve driblar e correr célere. Os bons chutadores ficam no centro. Para defesa não apresentava corpo. Finalmente, começaram a combinar: o centerfôr e o meia apertavam o alfe e Genarino, na extrema, sentia-se mais livre para emendar de gosto extrêmas firmes, algumas das quais iam dar perigosamente no gól. Assim de atravessado dificilmente Saracura agarrava.

Ao descer da noite dispersavam-se.

Sómente quando cráques; quando a sôrte maravilhosa destacasse este ou aquele para o fascínio do profissionalismo, com ordenado, fama e glória, então poderiam, à luz dos holofótes de milhões de ampéres, lá no Estadio do Pacaembú, na elipse de cimento armado, empolgados pela aclamação quente de cem-mil vózes

e duzentos-mil olhos em cima, milhares de ouvidos à escuta, rodeando rádios, os nomes repetidos e gritados, "Genarino, entra!", "Saracura colosso!" "Rafaél, não deixa!", aí então — sonhava cada um dos garotos — aí então, poderiam jogar até mesmo de noite. Seria bonito! Os musculos ainda se formando, esgotados já, não sentiam cansaço. Pela noite a dentro cismavam-se acontecimentos, desses que movimentam as mólas do entusiasmo pela vida. Porque, sómente a imaginação do futuro afasta o desencanto da miséria.

2

Pelas ruélas se esboçando destes extremos alagadiços, que as enchentes do rio Tietê em certos anos mergulhavam, dismantelando improvizados ranchos de lata ou indecisas parédes de tijólos, os habitantes éram velhinhos de juízo pererecando, desaparecidos dos agentes do Asilo de Invalidos; os que possuíam filhos ou parentes dispostos a tolerá-los, terminavam vidas, numa confusa desilusão; outros, ainda consumiam últimos fiapos de energias, partindo antes da madrugada, fuçando latas de lixo, fundos de quintal, pórtas de grandes lojas e de escritórios, regressando com enormes sacos às costas recheados de papél e papelão, que vendiam, depois, às fabricas nacionais. A gurizada distribuía-se entre os mais variados e estranhos mistéres sem carreira, mas que déssem dinheiro imediato: vendedores de dôces, jornaleiros, engraxates, carregadores de cestos nas feiras-livres, recadeiros... uma sub-classe indefinida, remoendo ideias entreveradas, sem destino. A lógica da vida deformada por competições seguidas, aguçando e aperfeiçoando a malandragem, o piscar de olho e a prepotencia, num individualismo sem limites, que a necessidade e a indiferença do proximo ensinam. Sómente na hora de perigos comuns e extremos, esta massa reconquistava, mas sempre em confusão, certa liberalidade humana, que, entretanto, devia ser sua essencia e finalidade.

As contingencias atiravam a igual meio da sub-população, a parte menos aquinhoadá do proletariado urbano. Assim, alguns que possuíam características de classe, vinham misturar-se na varzea. Durante o dia,

fábricas e oficinas fungavam com êles sumidos nos seus abdômens, entre correias, ródas, fios elétricos, aspiradores, barulho... Por isso, depois dos jornaleiros dos matutinos, que partiam ainda em meio à escuridão e depois dos velhos e dos garôtos do papel tirado ao lixo, surgiam, um aqui, outro mais adiante, das pórtas baixas e sujas, vultos de roupas escuras, réstos de paletós e de calças que já haviam sido ternos inteiros de domingos e festas. Eram os operarios. Nicoláu Perróca e Daniel, sempre apressados, o vélho de boné e chupando o cachimbo, o filho de cabeça núa, marmita do almoço na mão; este devia alcançar o bonde. Cincoenta anos que pareciam mais de sessenta e vinte-e-três que aparentavam trinta; a pequena fábrica de fitilhos era no Canindé e a grande marcenaria consumindo Nicolau ali a dezeseite quadras, torcendo pouco adiante, torcendo outra vez lá em cima, virando... até chegar ao bairro com mais geito de cidade, ruas calçadas e definidas. Da outra pórtá que êle mesmo levantára comprando esquadrias usadas, surgia, respingado de cal e de tintas coloridas, a cára branca, sem sangue, tossindo sempre e a cabeça martelando no vasio a cada acéssio. Camilo Ramos, que trabalhava um dia num, outro dia noutro ponto, com um grupo nomade de pintores-de-parêde. A pórtá e janéla da outra habitação eram tão juntas que poderiam ter formado uma só abertura, pareciam mais decorativas que úteis. A pórtá se abria e o casal se despedia apressado, mas carinhosamente: partia Guilherme França, o tapçceiro, roupa zuarte no corpo magricéla, mocidade cansada aparecendo-lhe no rosto afilado, gestos quási nervosos, o andar rápido por costume e os movimentos braçais também rápidos com o olhar: mesmo fóra do trabalho, parecia manear o férro de encher almofadas de automoveis. Ficava sua companheira Irma. Casados de pouco mais de um ano e já o filhinho de meses no cólo; braços de mulher penetrados do movimento de ninar para evitar o chôro, faze-lo dormir a todo momento. Era preciso que sobrassem horas para os afazeres, enquanto o pensamento parava na idéia do dinheiro curto, nos preços das coisas, calculado minuto a minuto afim de evitar novas dividas, vêr se sobrava para alguma roupa, tão

precisados de roupa andavam êles e a criança. Partiam mais operarios, depois. Raros, porém, aqueles especializados, cada qual com seu officio, capaz de se deslatacar na confusão de mistéres pela precisão do horario, pela côr e natureza dos réstos grudados à roupa, fios, tintas, serragem, rulos... Pelos cálos das mãos, possivelmente, esmiuçando-os, se definissem. E outros poucos.

Os operarios passavam quási sempre com certa rapidez pela varzea. E' que vinham parar aqui empurrados pelos momentos do desemprego ou do salário rastejando. Quando lhes caía nas mãos uma occupação mais rendosa, desapareciam. Ultimamente, entretanto; estes lares tornavam-se numerosos. A guerra principiára a acclerar dificuldades, tudo subindo e salarios na mesma. A varzea era termometro da temperatura economica: conquistava classe no aprofundamento da crise; desclassificava-se ao calor das melhóras.

* * *

Pela manhã, pois, sumiam das casas as vozes dos homens que ainda possuíam trabalho. Permaneciam as mulheres indispensaveis à comida e arrumação. A filha do marceneiro Nicolau Péroca, chamava-se Nicolina, nome tirado ao, pái, via-se lógo. E a mulher era Maria, vêlha companheira dos bons e máus tempos. Nicolina! Dezesete anos. Se a miséria não a descarnasse... Vinha sempre visitar a mulher de Guilherme França, a dona Irma, para ouvi-la falar dos seus tempos de solteira, pois esta trabalhára nas fábricas de tecidos, explicando que seu namoro principiára ali, na hora do lanche. Nesse tempo Guilherme estava empregado nas oficinas duma garage. Então, era Irma uma das primeiras tecelãs da fábrica Maria Zelia, que depois fóra transformada em presidio politico. Os diretores da fábrica mandavam afixar avisos nas colúnas do edificio: prêmios em dinheiro à tecelã que maior número de metros de casemira tecesse. Primeiro, segundo e terceiro prêmios: duzentos, cem e cincoenta mil réis... Então Irma se matava. Tinha saúde, não era esta magrêza que lhe havia trazido o filho, no parto difficil.

Levara os olhos espertos em cima dos quatro teares. Um fio rebentado aqui, outro ali, mais um... Ela atava-os com a rapidez dum rato que fôge, passava a correia da polia-louca para a outra polia, ajudava o tear a iniciar seus movimentos. Quando apitavam para o almoço, desligavam a força. Irma se agarrava às braçadeiras, continuava os movimentos da máquina com seus próprios braços, ainda conseguia uns milímetros de pãno... Quási não almoçava. Os portões reabertos, as operarias se empurravam que-nem na pórtia de cinema prá achar lugar primeiro, pareciam cabras medrosas, e xingavam-se, ficavam de mal, tudo para tecer mais, conquistar o primeiro lugar, acrescentar mais uma ou duas centenas de mil-réis ao salário, comprar um vestido, ou pagar a conta da farmacia, ficar livre daquele papel que vinha a todo momento... Nicolina admirava sua amiga, mas não alcançava o significado do seu sacrificio. Tinha um raciocinio cheio de ilusões dessas coisas que todo mundo conta mas ninguem ainda viu acontecer de verdade; as histórias de filmes assistidos nas sessões de um mil réis no Cine-Babilónia. E se percebia que imitava, como quási todas as de sua idade, as grandes artistas, na crença de algum dia, quem sabe?, — e todos estamos sujeitos a isso, — acordar dentro dos mesmos vestidos, frequentar cabeleireiras famosas no centro da cidade ou nos bairros residenciais, de ruas lisas, limpas, mais do que aquele chão; ou morar num apartamento, a criada levando café na cama, um mundo de admiradores para escolher um e se casar... Aperfeiçoava os modos e as posses, os trejeitos diante do espelho ordinário, com o mesmo afã com que as operárias aperfeiçoavam o manejo das ferramentas. Às vezes seu Maximino Fernandez, o balaieiro, entrava na sua casa, ia filar o cafezinho da tarde, surpreendia-a agitando o cabêlo desde que entrava; e quando saía, falando sempre, sempre resmungão, dizia coisas pesadas e que estas moças só sabiam se enfeitar para pegar marido, como se casamento fosse profissão, como se as mais bonitas é que merecessem marido... Que nos cinemas a bolinação era uma vergonha! Em casa da amiga, Nicolina ficava horas contando a fita e sonhando esses sonhos, olhos arregalados, tudo entrando-lhe

por êles sem um contorno definido. Sabia bem os nomes e certas particularidades das artistas; quando duvidava, escrevia cartas às revistas, que lhe dedicavam três ou quatro linhas do seu espaço e sabiam de tudo um pouco; lembrava direitinho títulos de filmes... Aguardava aqueles anunciados e estudava o melhor modo de obter dinheiro em casa para isso: ou com o pái ou com a vélha, se sobrassem niqueis dalguma compra; ou com o irmão, em troca de serviços, pregava-lhe os botões, lavava-lhe as camisas para os bailes. Fazia compras e ajudava à mãe, ficava costurando, mas o pensamento cada vez mais distante desta vida e do buraco em que moravam, sentindo vergonha, às vezes, e muita pena, de outras, dos páis e do irmão, roupas tão desajeitadas e de suas condições de pobres e de operarios. Com Daniél discutiam sempre. Ele não a tratava ainda como a uma moça feita. Chegava em casa, do serviço, queria encontrar tudo pronto, bacia d'água, camisa limpa, terno dependurado no encosto da cama, o pente péto do espelho retangular, moldura amaréla, aço deformando cáras, mas chegando para vér si o cabêlo estava bem. Porém, contra os dizque-diz-ques dos outros, defendia a familia, encascando-se no redúto: sempre era a familia, era aquilo de que saía.

O vélho pái Nicolau Perróca, tinha menos exigências e quando lhe faltava fumo para o cachimbo, saía êle mesmo à procura, demorava um pouco mais se encontrava algum amigo, tomava uma dóse de pinga, que havia substituído o vinho, já fazia muitos anos. O humor de Nicolau parecia reduzido a isto: em vez de pinga pedia "um cobertor", porque era para esquentar. E ria. A seguir, regressava para conversar ou discutir com a companheira, dona Maria, um palito de mulher sem sorriso, cheia de preocupações, este problema largando-a, apenas para dar lugar àquele problema.

* * *

Nessa tarde, sem o perceber, a conversa havia durado mais. Irma ficára enlevada e a criança no cólo, os braços movimentando-se, segurando a chupeta na bôca do filho, ouvindo uma história de fita que Nico-

lina desejava muito assistir, mas estava ainda lá pela cidade. Uma amiga conseguira ir ao Metro no dia do seu aniversário, levada pelo namorado, um moço do comércio, da cidade. Sentia vontade de ter sido essa amiga. Nem que fosse sem gostar do namorado. Nem que fosse para deixar-se bolinar em troca da entrada. A fita acabava em beijo, enquanto tocavam uma musica doce, dessas de fechar os olhos. Dona Maria tinha vindo chama-la por diversas vezes e nada. Quem sabe como não estaria batendo as coisas, de raiva, enquanto se aproximava a hora da comida e o pai e o irmão quasi na hora?

Foi quando uma das vozes proximas fez-se ouvir cada vez mais nitida, de quem estivesse chegando: Guilherme e mais algum. Não houve tempo das amigas se despedirem, porque o visitante era amigo, que até estivera no casamento. Trabalhava de metalurgico. Mas, vinha de roupa limpa e o palitô diferente das calças, na côr, com geito desses moços do centro da cidade. O palitô, um pouco cintado. Cabêlo penteado, farto e brilhando de gôma, êle retirando o chapéu com muito geito, para cima, via-se que era para não desmanchar. E encostava os dedos de vez em quando, como para constatar se o cabêlo se mantinha bem. Era o Antonio Ferreira, do grupo de amigos de solteiros. Chegou relatando novidades, fazendo fêstas à criança, enquanto Guilherme explicava que tinha de comer e sair logo, não era para passar, e sim para ir vêr outro emprego melhor. Nicolina de pé, ouvindo, depois da apresentação simples; a moça envergonhada olhava Antonio Ferreira, de bigode aparado, mas pensava nos encontros accidentais que vêm no cinema, pensando se este rapaz não se pareceria com Clark Gable: era moreno, tinha o nariz pequeno, os labios grossos e o queixo bem feito. Pela roupa e assim de gravata côr de vinho, distintivo redondo na lapêla, um anêl grosso, ordinario, no dêdo, não parecia gente da varzea e era igual ao irmão Daniêl, quando este se trocava e saía, depois do serviço, ou, aos domingos, quando de folga. O quarto apertado do casal não facilitava movimentos e Nicolina achava-se encostada aos ferros da cama, que rangiam a qualquer nova posição do corpo, denunciando sua presen-

ça. Queria falar “com licença”, como é costume entre gente distinta, mas não saía de espectadora, ouvindo a conversa animada dos três conhecidos, sem entender-lhes o assunto, nomes de pessoas de quem ouvia falar pela primeira vez. A voz nervosa da mãe veio tirá-la do embaraço, gritava que o pai e o irmão tinham chegado para comer e já estavam achando ruim. Pararam a conversa, os outros, Antonio Ferreira sem prestar atenção à moça. Ela pôs a mão no ombro de Irina, avisando que voltaria depois, esta fez que sim com a cabeça e permaneceram os três conversando. Depois Irma foi para o canto que servia de cozinha, vêr se haveria comida para mais um e si não chegasse resolveria mais tarde seus réstos de fome, com banana e pão e com mais café. Enquanto que, ela prestando atenção, a conversa se reduziu ao interesse dos dois homens, Guilherme procurando convencer ao visitante de que isso que êle propunha não ia dar certo e até argumentando com convicção:

— Tónico, isso não vai dar...

— Não dá o quê: olha o Bérto & Cia. Êles começaro piór... muito piór...

Guilherme conhecia a historia dessa firma, Bérto & Cia. Este Bérto e seu socio haviam sido operarios como êles, arrebrandando-se os pulmões ao calor incrível dos fornos. Hoje possuiam uma pequena fundição. Mas, o melhor da fortuna desses industriais se fazia com a compra de terrenos e a construção de vilas operarias em muitos bairros da cidade. Alugueis rendiam muito mais. E a fundição de pequenas peças, banheiras, fechaduras, funcionava somente quando queriam fazer estóque e os preços compensassem. Alem disso, Bérto & Cia. haviam principiado ha muitos anos, no tempo em que a pequena industria se desenvolvia facilmente em São Paulo, quando os grandes industriais não enguliam, como hoje, a todos os pequenos, forçando-os pelo baixo preço e depois comprando-lhes barato as máquinas ou a fábrica inteira. Que iriam fazer êles, com um pequeno fórnio abandonado, oferecido ao Antonio Ferreira?

— Quem nasceu prá tustão... falou este.

— Não é isso, de quem nasceu prá operario, seu gráfino! E' que não adianta.

— Puxa la vida... Eu sempre te conheci você assim desse jeito: num sái disso... Explorado toda vida! Puxa! Se metendo em politica... Puxa! Prá isso de politica você fala que nem adeogado...

Não chegavam a um acórdo. Antonio Ferreira acreditava na prosperidade e nas historias dos grandes homens que se fazem do nada. A lenda Matarazzo, Gamba, Ramenzoni, Percira Inácio... que haviam começado do nada e eram os maiores industriais. O velho Matarazzo, que ia visitar pessoalmente, de manhã, todas as suas fábricas, de uma em uma... E, nos escritórios, cheios de máquinas modernas, que alinhavam cifras, sozinhas... Viajantes que vendiam, vinham os chéques, a conta corrente dos Bancos crescendo... Morrêra deixando uma fortuna e um mundo dessas fábricas. Na imaginação do jovem, o principal é que os ricos gozam a vida. Possúem tudo quanto sonham. Nada de estar sujeitos aos resfriados constantes, o nariz sempre pingando, a cabeça sempre doendo, a barriga e a cabeça no inférno das linguas de fogo, quando se abre a boca da fornalha para meter as pás e remexer o carvão e o metal, animar ainda mais o calor que os torra; e as pernas na friagem, entre fôrmas de saibro, de barro, montes de areia e caixas de grafite. E o perigo tremendo das explosões. Dependem, suas vidas, do bom funcionamento do forno e da capacidade dos mestres. A história horrenda do que acontecêra ao pai, que ficára metade-chaga e metade-homem, ainda vivendo, espancando todo mundo, não podendo chegar péto duma criança sem assustar, essa era a história que vivia dentro dêle, querendo fugir aos perigos duma sorte identica. Ele era ainda muito criança quando levaram o pai dirétamente ao hospital, após uma explosão dessas. Lembrava-se apenas dum corpo que se movia na cama, falava, mas estava completamente escondido sob faixas e lençóis. Quando, depois de muito tempo, reapareceu em casa, tivêram que dizer-lhe que aquele era o seu pai, porque não sabia se continuava gente. Tinha a parte direita do corpo descarnada, feita de longas e hedion-

das cicatrizes, a pele repuxada, a perna, o braço, uma parte do peito deformados e quasi sem movimento. Mas isso podia se esconder com roupa. A face direita, porém, essa ficára para aterrar, para ter que contar o caso a todo mundo. Um descuido do mestre. O ferro fervente passava da gradação máxima, uma brécha se abria irremediavel, gritos de pavor e de reprimenda, para animar a permanecer ali, salvar a produção dos patrões e o brio de operarios concientes; a alavanca rápida no ponto vulneravel, sobre a bica, afim de dar vasão ao liquido branco, ansioso de ar e de liberdade... Mas, espirrando pela brécha e atingindo Constantino Ferreira, atirando-o ao chão como a um traste prêto, misturado ao ferro ainda quente... Era metade-chaga e metade-homem. Quando falava, as palavras saiam-lhe partidas, remendadas como o rosto e o corpo, então postava-se de lado diante dos outros, porque conhecia o efêito de sua presença. Mas, a necessidade se encarrega de empurrar, empurrar, cêga e deshumana. Voltou aos fornos teimosamente, como para tirar um desfôrço. Olhava o enorme canudo de tijolos, não mais com aquela afeição agradecida de namorado com que o operario cuida de suas companheiras de jornada: as ferramentas. Olhava o forno como ao inimigo que é preciso abater; como ao monstro que é preciso despertar para que derreta o ferro e o bronze, mas despertar até certo ponto e estar de pé atrás para que não se volte contra seus proprios criadores. Havia adquirido um costume que todos lhe notavam, o pobre do metalurgico Constantino: chegava-se às paredes do forno e se punha a alisa-lo como para que não se revoltasse, não vomitasse mais a sua baba fervente e mortal. Estava pulsando-lhe a febre. Não confiava mais nos manometros. Queria sentir, controlar com a palma da sua propria mão, a mão esquerda, porque a direita ficára perdida. Diante do monstro, levára, certa manhã, o filho Antonio, que se tornára homem. Como para mostrar-lhe que eram mais. A lúta entre a familia Ferreira e os monstros das fundições, haveria de prosseguir através de gerações. Assim haveria de acontecer aos nêtos de Camilo Ferreira se nêtos ainda surgissem para conhecer de onde tinham vindo.

Antonio Ferreira, porém, não pensava assim. O exemplo do pai, mais do que tudo, déra-lhe aquela aversão, o medo ao monstro e o respeito aos meios de fugir dêle. Tinha sempre um rôl de nomes para citar, dos que êle conhecera dentro de fundições e hoje eram tuberculosos ou haviam procurado outra profissão. Do outro lado, citava o rôl de nomes que haviam dominado os monstros, tornando-se patrões, expondo o corpo do proximo e reservando para si aquilo que vem através dos guichês de compra-e-venda. Era a sua preocupação. Fugir a esse ramerrão de vida de operario, seguida pelo seu amigo Guilherme, que só falava em classe e em proletariado e agóra começava a se queixar de falta de serviço nas garages. Guilherme França seria ótimo socio: não tinha medo de serviço, enfrentava-o resolutamente, assoviando, tinha geito para tudo e um pendor extremado pela mecanica. Entretanto, se matavam de trabalhar e só viam os patrões cada vez mais cheios. Não poderiam começar do nada, também?

— Tudo loróta, Antonio. Vamos mas é vêr esse tal de tapeceiro do Ipiranga, que me dêram o endereço... Vamos arranjar serviço para os feijões... Quer que a gente se agunte com treis hóra por dia?...

— Não te'stou dizendo isso prá você? Você se mête em política, esquece da vida! Não si lembra do que aconteceu pró trôxa do Jósé, que eu avisei um mundo de vês?

Na pequena mesa proxima ao fogão, onde Irma, aos domingos preparava a massa do macarrão e durante a semana passava roupa, fumegavam dois pratos de caldo com um pedaço de carne esbranquiçada. Era para os dois homens. Ficaram chupando esse caldo às colheradas e continuaram a falar dos projétoes que evitassem a parada do serviço e a quéda irremediavel entre as filas dos sem-trabalho dos portões de fábricas e de oficinas. Antonio Ferreira insistia: ao regressarem do Ipiranga ainda poderiam ir ver o forno do velho metalurgico, que pretendia vende-lo. Guilherme parecia não dar importancia aos projétoes do amigo e continuava falando da situação, da guerra, do que viria fatalmente depois disto e explicando que Ferreira deve-

ria compenetrar-se de que pertencia a uma classe, devia sentir-se integrado néla, pensar nos problemas colêtivos e não cuidar apenas dos individuais...

Pela porta dos fundos surgiu, de novo, Nicolina Perroca, pois os quintais se comunicavam e alguns nem possuíam cerca. Vinha diferente, as sombrancelhas pintadas, as maçãs do rosto coradas artificialmente, enfeitando-a em lugar de melhorar-lhe o aspecto e ela pensando que assim estava como artista de cinema.

Antonio e Guilherme se despediam apressados nesse momento; saíam ambos com o pensamento nos bondes, apalpando níqueis nos bolsos, continuando a conversa, aproveitando o tempo do trajéto para discutir, cada qual querendo convencer o outro.

A companheira de Guilherme percebeu as intenções de Nicolina, que voltava para ser vista pelo rapaz; revia-se um pouco néla, quando os jovens apareciam em sua casa. Nicolina fazia tudo para ser notada, para ficar na lembrança de Antonio. Mas este não prestou atenção à moça; tinha a cabeça no forno que iria comprar si arrastasse Guilherme até lá, na volta do Ipiranga. A imaginação não saía de tudo quanto sucederia depois: ganhar dinheiro. Mal percebia os olhares interessados da moça. A preocupação toda junta na idêia de vir a ser um industrial. Porque se percebesse os olhares da moça, esse negocio de mulher estava acostumado a vê-lo resolvido com dinheiro. Mulher e sem dinheiro é que não adiantava.

3

Na rua Marechal de Ferro a propaganda em torno do grupo do chute-em-gól continuou nas tardes de todos os dias, completando semanas. Começavam no momento em que Genarino, depois da tarefa de vender jornais, engulia a primeira comida do dia, às vezes os companheiros esperando na porta, que não tinham coragem de enfrentar a cara espalhada e séria da mãe dêle, a dona Esmeralda.

Genarino levantava-se às quatro da madrugada. Nem despertador precisava, porque uma campainha estrídula, invisível, se instalára dentro dos nervos do quasi adolescente, triturados pelas impressões duma vida adulta e responsável, já entranhada na cabecinha. O espanto das coisas do mundo na cara chupada, branca e juvenil. Era às quatro que esse despertador tocava, agitando-o. Da cama velha e antiga, que fôra do irmão José, levantava a parte superior do corpo, assim de lado, em meio a réstos de sono dolorido, de quem não descansou completamente. Na pequena padaria quasi vizinha, barulho de pás de madeira e de massa batida nas mesas enormes, riso de operarios e gritos de gente nervosa. Deste modo ía despertando. Dando tempo, jogava água fria pelo rosto, acabando de acordar. Senão, seguia assim mesmo. Corria aos balcões dos jornais matutinos, juntamente com o vélho jornaleiro, o Vermelhão, como lhe chamavam, homem que fôra forte em moço, que tivéra o officio de poceiro e agóra se queixava de reumatismo, mas, resolvia isso com blasfemias e gritava com a garotada que lhe vendia a mercadoria, como para manter autoridade. Todos êles cui-

dadosos na prestação de contas, também feita aos gritos, se a memória não ajudava neste ou naquele detalhe. A luta de cada qual era prá chegar primeiro. Genarino não faria plantão para tanto, mas também não chegaria na rabeira. Davam-lhe “A Fôlha”, o “Correio Paulistano”, “O Estado”, “O Diário”, “O Esporte”... Principiava a lêr os títulos mais graúdos, forçando a lembrança dos distantes dias do “b-a-ba”, do tempo do pái e do irmão vivos. Queria, assim, descobrir o pregão do dia, que forçasse a venda; aprendêra que as notícias de barulho permitiam-lhe regressar mais deprêssa ao seu bairro. Nos jornais da tarde seria melhor, mais escandalos, vinham cheios de crimes, de guerra, mas se acostumára a ter a tarde livre. Seu negócio se assentára com Vermelhão, que a doença não deixava trabalhar mais que essas tantas horas. Usava uma correia que devia ter sido cinta de gente gorda, de tão comprida, firmada no ombro direito, caíndo do outro lado, ao peso dos jornais.

Os leitores pareciam preocupar-se da guerra, de fascismo e democracia e de futebol. Da guerra ouvira falar pela boca do espanhol Fernandez, que afirmava ter sido toureiro na sua terra, dizia-o enquanto tecia balaios prá galinhas, no fundo do bêco, indo negocia-los pelas feiras e pelos sitios de Santo Amaro. Genarino também percebia tal interesse pela guerra e pela política, que tudo, ao seu derredor falava destes assuntos, rádios e cinemas e os homens pelos bondes, pelos ônibus... Os nazistas de Hitler haviam já invadido a Polónia. Perguntava a Vermelhão, o qual tinha licença de permanecer mais proximo às rotativas, “que é que havia hoje”. Vermelhão vendia por vender, porque daí tirava seu sustento, era um quási imprestavel no fisico e sem nenhuma aspiração, em meio a estas atrapalhações da existencia que ninguém nunca lhe havia explicado direito. Vermelhão pensava um pouco, parecia fingir que corria os olhos pelas primeiras páginas, ou perguntava ao distribuidor do jornal. Tartamudeava por descargo:

— Bom; desastre na rua Florencio de Abreu... O “São Paulo” impató co Palestra...

— E a guerra?

— Ahnn! Os alemão bombardeáro... Stão bombardeáno...

Genarino fazia que sim, o corpo arcado para a esquerda, ficando-lhe esse costume até quando ia lêve e sem a correia. Principiava o pregão e a correria, olhos fisgando os menores gestos dos passantes, a vêr quem queria. Começava a preocupação desgraçada da falta de trôco, os freguezes dando sempre dêz tóstões ou nótas de cinco. Calculava depréssa qual a fôlha que estava saindo mais na jornada e muitas vezes voltava correndo até o Vermelhão, prá trocar uns pelos outros. Às vezes o cansaço se fazia sentir brabamente. Sentava-se na ponta do Viadúto do Chá ou num degráu do Municipal, ou, atravessada a rua Barão de Itapetininga, num banco da praça da Republica, a cabeça rodando pelas questões da meia-linha com Saracura, Rafaél, Luiz, Borrego e os demais. Abria um exemplar do "O Esporte" e se punha a solêtrar titulos garrafais, ao alto de cada página:

O... CAM... CAM... PEO... NATO...

Olhava pró alto, buscando lembrar o que lhe ensinára o mestre, magrinho e de oculos, na escola particular de cinco mil réis por mês: esse redondo era "O", êle sabia. "C" e "A" não era "ÇA" e sim "CA"; essa de duas pernas prá baixo era um "ême" e assim, no meio dessas outras lêtras, formava "CAM..." Custou e foi lendo:

O CAMPEONATO DA CIDADE PROMETE SURPREZAS PARA 1941.

Abria as páginas centrais: "*Teleco impossibilitado de jogar*". "*O São Cristovão, do Rio, exige luvas pelo "passe" de Pasqualino*". "*Leonidas cumprirá seis meses de prisão por insubmissão*".

Puxa!, pensava lógo. Tinha que vêr esse negocio de reservista, prá não lhe acontecer que nem a Leonidas. Sim, porque pensava seriamente em vir a ser

cráque. Leônidas tinha começado do nada, nesses clubinhos do “esporte menor”, do Rio. Agóra estava rico... Dai, fóra dos seus pensamentos e das fôlhas do jornal, à sua frente um homem gordo, com a mão estendida, uma prata de déz tostões, amaréla, sem brilho e o vozirão prepotente:

— “Fanfula”... vámo... vámo...

Não vendia esse jornal. Que pena, perdia um fre-guês. Levou a mão ao pacóte, ainda assim, oferecendo “O Estado”. O homem não respondeu e se foi, resmungando.

Fechou “O Esporte”, sacudido pela realidade e arrancou de novo, rumo ao largo do Arouche, pelas bandas da rua das Palmeiras.

Vendida a última fôlha e entregue o resultado a Vermelhão, que deduzia os encalhes, Genarino contava os niqueis restantes, tomava o primeiro bonde pró bairro, descia na esquina da venda, comprava alguma coisa que a mãe encomendara de véspera; e sacudia o corpo num último arranco, em direção ao lar.

Dona Esmeralda, esperando-o, resmungava que os filhos haviam sempre dado muito serviço e só se lembrava do José morto no comício. Uma sem-sôrte, cheia de desgraças: o marido desaparecera da vida, num desastre. A filha, mal casada, brigando com o marido. Seu companheiro não deixara de herança, nem esse negocio de “pensão” de que fala a vizinhança; o último emprego dêle de limpar paredes dum arranha-céu, trepado em andaimes presos a cordas e carretilhas, lá bem no alto, de onde despencára. No atestado de óbito o médico puséra que morrera “do coração” e lhe diziam ter morrido antes de chegar ao chão; porisso, com certeza, nada havia sofrido... Ela dizia que “decerto” e enxugava as lagrimas.

Genarino comia o feijão-com-arroz e algumas vezes carne dura, cada vês mais cára — que gostosa não haveria de ser aquela carne cheia de sangue das vitrines do restaurante Spadoni, lá na cidade, que só gente bem vestida entrava ali!... Descansava uns minutos, sentado naquele mesmo caixão de querozene, com umas lêtras vermelhas em inglês, lembrava de repente a bola

guardada no fundo ou debaixo da cama, com dois piões e uma feira, que disto não era tempo da garotada jogar.

Genarino se encarregára do material: a bola e dois tijolos retirados duma pilha, naquela construção da mãe do Luizinho. Esses tijolos eram os páus-de-gôl. O último pelotazo da tarde largava-o de gosto, querendo dar tudo. Recebia a volta, examinava o amarrado, endireitando aqui e ali; arrancava os pedaços de papel dilacerado; duas ou três vezes renovou-o, cuidadosamente, enquanto estudava a técnica de melhorar ainda mais o chute famoso. Jantava alguma coisa, falava "chiáu" prá velha, que conversava ou discutia com a vizinha. E ia fuçar os grandes cartazes coloridos defronte ao cinema, cheios de homens a cavalo, estes empinados, os cõbóis empunhando revólveres enormes, laços certos no ar e em baixo, dizeres em inglês, que nem na caixa velha de querozene, seu banco.

Assim descuidado de trabalho, andando de mãos nos bolsos pelas ruas cheias de gente do bairro operário, Genarino sentia roer-lhe o estomago; não compreendia bem se aquilo era fome, pois havia uma hora viéra da comida. Entrava no primeiro bar, onde os rapazes se amontoavam em frente a estufas de pasteis e empadas, ou se espalhavam em torno às mesas de bilhar, taco na mão, esfregando giz e marcando as carambolas obtidas. Entrava. Pelas parêdes havia retratos de políticos e cartazes com grandes dizeres, em meio a reclames de cervejas e de sabonetes. Voltava a mania de solêtrar; gostaria de lêr correntemente. Alguns papéis diziam:

PEDE-SE NÃO DISCUTIR A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

Encontrava conhecidos, brincavam:

- Mi paga um, Pé de Pato?
- Num tenho filho desse tamanho...
- Unha-de-fóme, isso que você é!
- Sáí, trôxa: num vê que tenho só estes duzentão?

Retirava o pastel de carne, partia-o, um pedaço pro amigo:

— Tem azeitona?

— Tem chéque de conto de réis...

— Qui bom que fôsse!

As câras abertas, o riso espalhado nélas, os corpos magros fazendo mossas de malandro, estudavam a enfiada das piadas:

— Sabe?, toma cuidado, Genar... Vamo pért do telefone.

— Práquê?

— A gente faz ansim; vai comendo esta drôga e pondo a mão no gancho...

Imitava uma pessoa ao telefone.

— E daí?

— ... daí, quando sente uma coisa na barriga, chama a Assistência...

As gargalhadas vinham fortes, nessa ponta de felicidade de rir um pouco, de se entenderem.

O pastel desaparecia nas bôcas, maçarôca dura, sem ter adiantado a saliva; e descia, prá dar trabalho ao estomago, fazendo volume e enganando-o. Por cima disso, o cigarro de quatrocentos-réis, fumo ordinario com pedaços de talos e de não se sabe que mais, trazendo figurinha de jogador prá juntar. Sentiam-se homens, que-nem crescidos. Puxavam a fumaça branca, assopravam a metade levantando o queixo, com ares de artista de cinema; com o résto davam uma tragada larga, que depois lhes saía com o ar das palavras. O fumo ajudava a distrair a fome que ainda havia nestes garôtos necessitados de alimento prá crescer normalmente.

Quando os vinte cigarros do Genarino se acabavam, êle tinha este costume: descolava cuidadosamente o envoltório da carteira vasia, estendia-o como a uma nota de dez-mil-réis, puxava do bolso um maço deles, misturando-os, imitando vendeiros cheios de notas de verdade. Era um sonho doce de muito dinheiro!

Batiam papo sobre todos os assuntos de que falavam os jornais, sem os terem lido, mas porque ouviam

falar; era a vertigem louca dos comentários em torno aos crâques de futebol: Brandão, King, Leonidas, Ciro, Milani, Echevarrieta... Lembravam, igualmente, os esmurradores: Joe Louis, que era um prêto sacudido. O perna-de-páu do Carnera, que tinha ido aos Estados Unidos com muita prósa, só porque era branco e tinha muito queixo e agóra voltára a carregador de sacos, derrotado. O Spalla, lembravam-se de ouvir contar que batêra o nosso bom Benedito da Força Pública, aleijando-o; o Benedito tinha tanta força, que levantava um cavalo com um sóco...

Genarino escondia isto dos amigos: mas, a sua imaginação bem que crescia, vendo-se um bom chutador, um futuro crâque. Queria aprender a corrêr e a salamear com esperteza. Sentia todos os menores musculos do pé direito se mexerem numa comichão. Movimentava-o prá cá e prá lá quando assistia a algum jogo, ou se imaginava jogando. A imaginação crescia, ganhava contornos de realidade, cobria tudo quanto o cercava: movia o pé em cima duma bola de couro, oficial, branca prá aparecer de noite; o gramado era verde; os holofôtes, lá de cima, eram como um verdadeiro sól. Distinguia o adversário tentando calçar-lhe os gômos, êle movimentando-os, rapidamente, desviando o corpo de lado, do lado que o outro não esperava e disparando campo afóra, sobre o gramado verde e liso, sem fim, gostoso, macio, ninguem alcançando-o; dos cantos, de cima, de todas as partes, como uma usina para dar energia, o vozerio de milhares de torcedores conhecendo-o; ninguem o alcançava, jamás. Frente a um zagueiro, novo drible e a seguir, nova disparada, o couro sempre ligado ao pé famoso. Outro zagueiro, drible e disparada. Agóra, em frente à rêde presa lá atrás do retângulo. Um arqueiro de sobranceiras expremidas, que Saracura nada! — era sim o Ciro ou o Clodô, aguçando o olhar, querendo adivinhar o lance, para que direção, qual o quê! Fingia, isso sim, chutar no canto esquerdo e chutava no direito... *pfchiissss*... o vento na bola... *gol! goal!*...

Ou reconstituia a cêna para goza-la de novo, este último truque parecendo-lhe muito vêlho e conhecido. Diante da rêde fingia mandar rasteiro, de peito-de-pé,

como era a sua fama e, entretanto, dava com o bico da chuteira em baixo do centro da bola, mandava alto, com toda força... Gol! Goooll!, o vozerio vinha de lá de cima e os abraços dos companheiros. No dia seguinte as primeiras páginas dos jornais traziam o instantâneo do ponto da vitória, êle chutando. "*O tiro indefensavel!*" "*A arremetida final!*", tudo quanto existia no dicionário dos cronistas esportivos, alimentadores da fornalha das sensações...

Mas, era apenas o pensamento. Algum fâto interrompia estas sequencias certinhas de acontecimentos deliciosos, solução escorregando prá tudo quanto principiava a aspirar na vida. Baixava a cabeça como num principio de desencanto e de vergonha. Julgava que os outros soubessem o que êle pensava.

De outras vezes fixava os olhos no chão. Andando, o olhar dava no pé direito, no seu "pé de pato" que emendava tiros indefensáveis. Mexia os dedos como acariciando a bola. Pensava de novo na posição que ia ficando definitiva, de extrema direita. Lembrava a pesadez do corpo. Sómente de uma feita, quando o irmão vivo, haviam-no levado ao médico da Santa Casa, que até tinham ficado esperando um mundão de tempo. Trazia manchas brancas de anemia. O irmão mais velho, quási cráque de estádio, havia passado pelas mãos dos médicos do clube, que mandavam pesá-lo, medir-lhe a pulsação, examinar-lhe o sangue. A diretoria mandava. Êle também haveria de chegar a tanto. Exigiria isso e boa comida, nos bons restaurantes prá chegar a homem fórte. Vinha-lhe à mente o ultimo tranco que o mandára ao chão; seus punhos se fechavam com ânsia de desfórta. Principalmente com ânsias de aprender duma vez a evitar os trancos. Trancos éram contra as regras, mas nem sempre o juiz via. Seu jogo haveria de ser com técnica. Quantas vezes ouvira falar do Frenerráche? Tinha sido o único cráque capaz de levar a pelóta onde queria, sem machucar o adversário e sem cair. Diziam que até pedia desculpas quando alguem caía sozinho... Frenerráche! Quem sabe?, chegaria a ser, crescendo e jogando e jogando e crescendo, quem sabe chegaria a ser um novo Frenerráche, um Diamante Nêgro, um Corisco de bom corredor na extre-

ma, um Metralhadora no chute... Enfim, o famoso... o famoso Genarino Pé de Pááto? Pensava nesse nome que lhe haviam posto os amigos. Nome feio, era mesmo. Mas, havia outros que se chamavam, Quarenta, Trinca-Espinhas, Pescoço-Torto...

Estava ficando tarde na rua e êle devia se levantar às quatro da madrugada, correr aos balcões dos jornais, encontrar-se com Vermelhão, discutir com êle...

Bamboleando o corpo, assobiando, chutando pedrinhas ou caixas de fósforos, lá se ia novamente prá casa, o Genarino. Na padaria começara o barulho do trabalho, que haveria de ajudar a despertá-lo dali a umas quantas horas. Empurrava a pórtá, à qual a mãe deixava encostada uma cadeira. Deitava-se e os olhos se fechavam irresistivelmente. Lembrava a bola. Abria, num esforço, esses olhos de palpebras endurecidas, dobrava o corpo para baixo da cama, extendia o braço, ia apalpar a bola de papel, puxava-a em direção o pé direito, ainda dava um chute, mesmo deitado.

4

Um sonho ruim tinha ficado na lembrança de Irma, que o primeiro apito grosso de fábrica despertára. Depois desse, outros apitos se seguiram, diferentes, para que cada massa de operários, de cada fábrica, os distinguisse. Os apitos e o choro da criança. O doutor do Centro de Saúde, zangara-se com ela porque se atrazara. Não via no cartão de registo o dia certo de tirar o pêso? As moças auxiliares também haviam estrilado. É a desinteria do garoto nada de passar. Chorava, devia ser porisso. No relógio, cinco horas da manhã. O choro parou um pouco quando estendeu o braço até o bêrço de madeira, que Guilherme havia pregado com umas tábuas velhas. Não se podia comprar moveis nas lojas, que estavam pelos olhos da cára. Não era hora de amamentar. Houve um momento de silencio na casa e no fundo do bairro. Apenas o lamento distante de ródas de bonde sobre trilhos. Ficou o *tlác-tlác* cadenciado do despertador vêlho, se enferrujando por fóra, o mostrador todo riscado. Olhou o rosto de Guilherme, a testa coberta de cabêlos misturados. Reparou no ritmo da respiração. Teve pena de acordá-lo. Podia esperar mais meia-hora. Mas, trazia, desde a noite anterior, uma pergunta para fazer-lhe e não queria se esquecer e queria que desse tempo, enquanto êle tomasse café, depois de passar água pelo rosto e pigarrear lá fóra, como regularmente, todas as manhãs, para depois, então, vir beijá-la e fazer-lhe perguntas de amor, feito criança. Custou-lhe a prender-se à cama ainda uns quinze minutos. E foi fazer o café para despertá-lo depois.

A dôr de barriga de todas as manhãs já era costume em Guilherme. Seria necessário que aumentasse e viesse em outras horas para anima-lo a ir ao médico, ou perguntar na farmacia o que devia tomar. Às vezes, a dôr servia para acorda-lo. E foi o que aconteceu. A pergunta veio mal êle sentou-se na cama:

— Vocês não vão montar fábrica?

A pergunta veio inoportuna e porque se rebentava dentro da mulher. Guilherme estava até esquecido daquilo. Havia algumas noites que principiára a se encontrar com antigos amigos, de novo, discutindo questões da guerra e do fascismo. Comentavam os telegramas. Antonio Ferreira tambem frequentava a mesma rôda. Mas era quem sentia menos interesse pela guerra. Ou melhor, entusiasmava-o a crença de muita gente de que a guerra era bôa coisa prá ganhar dinheiro. Guilherme estimava-o por camaradagem de classe. Haviam sentido juntos o peso do trabalho. A idéia de fazer funcionar um fôrno, por conta deles mesmo, arranjando dinheiro emprestado, como queria Antonio, estava sufocada pelas suas convicções a respeito dos acontecimentos proximos, que êle previa. Viriam muitas desgraças nos proximos meses. E esta gente de cabeça via-sia, pensando em se estabelecer, pensando em vir a ser rica. Por cima, sua companheira tambem pensava isso. Não lhe adiantava explicar e explicar. Ela mesma não tinha vindo de dentro da fábrica? Não sabia o que era? Nem siquer respondeu.

A dôr na barriga passára um pouco, porque mudára de posição. Estava de pé. Apenas olhou com um sorriso triste a câra de expectativa de Irma, que o compreendia pelos gestos. Antonio dava murros em ponta de faca. Mas, insistiu:

— Não acháro o homem?

— Que homem, Irma?

— Aquele tal do Ipiranga, que voccis foram vêr na quinta-feira da semana passada.

Até o dia da semana e a semana ela guardára. E êles apenas tinham tido tempo de falar ao tapeceiro duma garage, que fizera promessas de lugar, si saísse

alguem, porque estavam com os quadros completos. No portão do escritório continuava uma papeleta: "*Não ha vagas. Inútil insistir*".

— O Antonio não arranjou esse negocio?

Já então Guilherme com o rosto sobre a bacia de água, mãos fazendo concha para molhar-se, voltou-se. A atitude da mulher parecia uma intimação. A vida, assim, estava mesmo muito dura de passar.

— Não se fie no Antonio... Ele tem besteira na cabeça... Esse negocio não dá certo, não...

Veio o pigarro, com a movimentação do torax. Musculos sobre ossos. A mulher regressou à cozinha, preparou a caneca de café, deixou-a sobre a mesinha e foi amamentar a criança, que continuava chorando.

Quando voltou, esfregando a toalha no rosto, agora mais jovial, os braços descobertos e peludos, Guilherme sentiu que devia dar maiores satisfações à companheira. O cheiro do café bem quente, animou-o à conversa da manhã:

— Escuta, Irma...

Ela se levantou com o guri grudado ao peito branco, umas veiazinhas aparecendo, como veios de água numa pedra clara e que terminassem na boca ávida do menino, chupando.

— Você acreditou naquele negocio? Óra, nêga! Não é tempo de ninguem como nós enriquecer...

— Ninguem fala de ficar rico, Guilherme. Você tem sempre dessas coisa prá dizer. E' que a gente está sem dinheiro prá comida. Vai quási tudo de aluguel e outras coisa... Você está trabalhando só meio-dia. Não tem outro jeito, não?

Era esse o pensamento do operario: se não haveria outro jeito. Sabia de muitos companheiros que abandonavam o officio, iam tratar de qualquer outro, ganhando menos, adaptando-se a mistéres mais próximos. Mas, por toda parte ouvia iguais respostas. Acabaria voltando ao que fôra em criança: seleiro como o pái, nos tempos em que as carróças, os trólis, os carros, as charrétes, enchiam a cidade e havia poucos auto-

moveis. O mundo parecia retrogradar. A guerra é um sanguinolento retrócesso. Irma voltou a falar-lhe:

— Hoje vou sair, Guilherme. Meu pai me prometeu ver si arranja serviço prá mim...

O homem largou a caneca na mesa e voltou-se:

— E a criança?

— Dêxo com minha mãe...

Não seria solução.

— E o peito?

— A gente dá mamadeira. Na hora do almoço alguem leva na fábrica, dô de mamar...

Não seria solução. Também evitou insistir. Ela mesma se convenceria, depois, da impossibilidade de arranjar emprego. Não havia. Algumas fábricas estavam accitando mulheres porque lhes pagavam menos que aos homens. Mesmo assim, seria difícil.

Vestiu a camisa de zefir grosso, arranhando a péle. Estava frio e agóra havia começado a senti-lo, dada a falta de movimentos.

Olhou rapidamente o despertador. Não havia tempo a perder. O pensamento no bonde apinhado. Beijou Irma e a criança, sorrindo ao ouvir os estalos da boquinha esfaimada. A mulher também sorriu. O ruído da vida se fazia mais forte, mais grosso, enchendo as cabeças de pensamentos de luta e de trabalho.

Irma ouviu um bater de portas no vizinho, quando Guilherme já ia lá adiante. Era o marceneiro Nicola e seu filho, que partiam, também. E a ruazinha voltou à lentidão das coisas vazias.

5

Em meio àquela molecada, Saracura andava pensando pensamentos próprios, diferentes: imaginava uma bóla melhor. Se possível, de pular. As emendadas seriam mais gostosas, as partidas teriam um quê mais próximo daquelas de verdade. Sem dúvida que esta de papel proporcionava encantos diferentes; exigia inteligência e esforço dobrado para levanta-la e mantê-la no alto. Quando chegavam às cabeçadas, arrancavam gritos de júbilo. Uma sem-pulo, dispensando as mãos, proporcionava satisfações lembradas dias e dias. Instintivamente verberava-se a tendencia de alguns a agarrar-la, que isso só o quiper podia. O respeito pelas regras trazia o cuidado das coisas perfeitas. A disciplina nascia natural, por convicção, era quebrada aqui e ali, mas, reposta, rapidamente, sem juiz e sem treinador. Como um aglomerado social se formando ao calor das próprias necessidades.

Mas, para futebol no duro, haveria de ser com um couro definitivo, num campo de proposito, com as duas ou três camaras-de-ar de reserva, bomba, agulha, cóla... Mais tarde, vestiario, chuveiro...

Saracura, por nome de batismo José Campos, se impressionára com as discussões do Bar Puxa-Prósa, ali pelas imediações do centro do Braz, perto da Avenida Rangel Pestana. Eram umas discussões dos adultos. Tipos mais próximos do abandono do futebol varzeano, aos poucos, nesse meio-tempo da juventude para a mocidade, que os define no teatro desse esporte. Abandonam a varzea que foi o berço úmido e agressivo, iniciador das suas gerações. Para prosseguir no futebol, é

que tiveram a fortuna de seguir carreira num dos grandes clubes, que todos os anos disputam o campeonato da cidade. Nem que seja na reserva ou nos secundários. O essencial é ter a oportunidade de mostrar habilidade, de ser visto e despertar a atenção dos directores, serem levados ao gramado oficial. Ou, então, é que ficaram à margem, por imperícia ou necessidades da vida. Ou por imposições da família, que acha isso uma vergonha, quando a família inteira também não é torcedora. Dai permanecem apenas comentadores, com maior conhecimento da historia e dos prognosticos. Nesta São Paulo de um milhão, representam mais de vinte por cento. Nêles reside muito mais instinto que lógica. Mas reside também e, arrazadoramente, a necessidade da diversão, do derivativo popular, acessível à bolsa e ao entendimento.

No Bar Puxa-Prósa, reunia-se numeroso grupo, onde pontificavam três ou quatro. Também ali havia retratos, cartazes e um aviso, variando nos dizeres:

NÃO SE ADMITE CONVERSA DE POLITICA

O proprietario era da Portuguesa de Santos, o senhor Manuel Bezerra, que de lá viéra depois de dirigir um hotelzito no Gonzaga. Pouco se metia nas discussões por sentir-se meio estrangeiro na sua predileção clubistica. Torcia pela Portuguesa de Santos. Amarrava porres, de vez em quando; e um grande porre, amigo e mestre, em todas as festas joaninas da Portuguesa de São Paulo, lá no Parque Anlartica.

Saracura gostava de parar no Puxa-Prósa e ficar ouvindo. Grandes gritarias.

A aspiração de João Flanela, baixóte, gordo, uns trinta anos, era a de chegar a treinador. Metia-se pelos vestiarios do Parque São Jorge, pelos lados da Penha, desde que se conhecêra por aficionado. Ultimamente, graças a amizades, frequentava o Estádio do Pacaembú, onde se aproximava dos profissionais e com êles trocava graves idéias sobre os "onzes" e a fórmula de cada um. Era socio do São Paulo F. C. e usava distintivo. Mas, respeitava, feito técnico, o valôr dos demais. Mesmo assim, seus amigos encontravam meios de contra-

dizê-lo. Principalmente o Anfilofilo, um saudosista impenitente, com o qual poucos topavam, porque nesta idade todos querem ser da época, modernos. Chamavam-no de velho, sem que ele o fosse. Na sua ausência, de vêlho besta. As discussões com Anfilofilo formavam-se, aos gritos, como si defendessem principios de grande responsabilidade. José Campos, o Saracura, ficava ouvindo e guardando dados que ia veicular entre os da sua turma.

— O Amilca... o Amilca... — dizia, com vós cantada João Flanela, brasileiro criado entre italianos. Pronunciava com desdém o nome do antigo corintiano.

— ... o Amilca... o do cabêlo pentiadinho de risca, com tupéte do lado...

Anfilofilo entrava fóрте:

— Sim, o Amilcar era um colôssio! Stá prá nascê um novo. Olha, era ansim que êle chutava...

Saía da cadeira, parecia que uma bola ia chegar de lá do balcão, a turma fazia claro, rodeando-o; e êle, forçando a memória, torcia o pé direito de lado, que era a característica do chute pessoal do favorito e mandava...

— Grande coisa, trôxa... E o Teléco? O Teléco sim: não precisa de tanta fita com as perna. E' só tê bola pértio do gol, quando os ôtro não espéra, pronto... dá uma virada... ninguem sabe como entra...

Manúel Bezerra, em meio às suas garrafas, deu de apoiar os modernos:

— Isso é facto: u T'léco é improbisadoire...

Pouca atenção dêram às palavras do botequineiro, de cotovels apoiados no balcão sujo, e bôca escondida sob o bigode. Sorriram e a discussão continuou por ali afóra:

— Sei: mas pró Teleco a gente tem que dar bo-linha pronta. Entrar, mesmo, que é bom, isso êle não entra. Estou prá vêr uma cabêçada dele que pegasse...

— Larga mão dessas bestêra, Anfilofilo. Não adianta muito esse negocio de entrar na bola. O qui adianta é fazer à bola í nas rêde: isso o Teléco faiz...

— Sei: faz quando o golêro é móle. Si êle tivesse na frente o Ratto, que jogà mesmo com tênica...

A palavra ténica tinha o dom de impressionar.

— Tê-ni-ca? Ahnn! Sim senhor: Tê-ni-ca...

Flanela ironizou deste modo e alguns compreenderam, riram. Um jogador ao qual se dêem as honras de técnico é respeitavel. Foi quando Saracura afiou os ouvidos, permanecendo mais tempo que de costume. Depois, não esqueceu o que diziam naquela noite.

— O Ratto é de respeito!

— Sáí com Ratto; parece desses granfino...

Não compreenderam, a principio, o que Anfilofilo pretendia. Os olhares em cima dêle espicaçaram a explicação:

— Pêntia o cabêlo que-nem poéta, não sei práquê... Será de ténica?

— Larga mão de vê defeito nos ôtro, Anfilofilo... Ratto é quipe que ajuda o quadro. Tudo quanto é quipe pega a bola e chuta alto, de quarqué jeito. Parece que'stá fazendo cêra... O Ratto não: olhe, êle pega na bola, escolhe uma ala que esteija mais livre e manda de bate-pronto, cáí certinho onde êle quer. Isso que é jogo!

Alguns aprovaram:

— Bom, isso é no duro mesmo!

— O chute dele não vai a mais de dois metro de altura, num tem nada daqueles balão que dá raiva na gente...

Saracura ficou com aquilo firme na cabeça.

— E olhe, — arrematára João Flanela — olhe que prá chegar a essa ténica, só fazendo isso de quando a gente ainda é piqueno, porque, depois de hóme não péga mais, as perna tão dura...

Tudo, na conversa, calhava com as condições de José Campos, que se imaginou logo um futuro quiper. Sabia defender-se dos chutes rasteiros, até dos violentos, atirando o corpo ao solo, sem mêdo, formando barreira em metade da méta. As bolas de meia-altura, êle as prendia nas mãos, esperando em concha, a esquer-

da em baixo e a direita em cima, sustando a respiração, resguardando o peito da violência, como si aquilo fosse desde logo um perigoso couro de gômos. Apertava-a, ao sentil-a, os olhos fuzilando para o efêto nas caras dos demais. Mas... Mas, para chegar ao famoso Ratto do Corinthians, que sabia ajudar aos companheiros atacantes, distribuindo com chute calculado, só dando de bate-pronto, como dizia Flanela... A bola de papel, de Genarino, não servia... Necessitavam melhorar o material da turma. Foi andando para casa e lembrando que uma bola de pano, feita com arte, bem dura, sempre pularia um tiquinho, chegando prá um bate-pronto mais ou menos. A de papel também dava. Mas, José Campos cismou que haveria de ser de pãno, prá começar.

Foi indo, foi indo, quando chegou em casa movimentava-se na sua cabecinha uma certa idéia. En quanto a velha mãe resmungava, andando no chão nú do rancho, que sua morada ficava bem prá lá do trêcho arruado, surpreendeu-se por mais de uma vez, olhando as pernas grossas e tortas dela. Veiu-lhe o sôno e a imaginação fez continuidade da idéia pelo sonho a-dentro. As meias da vélha mãe...

6

O frio da manhã acordou José Campos. Não muito forte que o obrigasse a se levantar de sóco prá não senti-lo. Um pedaço da perninha nua ficára descoberto no buraco grande do seu cobertor vermelho, que um soldado da Fôrça Pública deixára, quando estivera de pensionista. Era um rancho levantado com tijolos de material usado. Tempos atrás, uma população de prêtos havia se concentrado ali. Um vêlho comprára material, aos poucos, das construções demolidas no centro. Mas, sem ser pedreiro e economizando e querendo andar deprêssa, não déra alicerce suficiente e fizéa tudo de meio-tijolo. Um vento mais fôrte derrubára parte do telhado, que agóra era de fólha dumas latas enferrujadas de querozene, abertas com talhadeira; e o pedaço de parede, nos fundos, firmado por grandes tábuas e caibros enfiados no chão. O vêlho preto era parente e se aborrecêra com o acontecido, passando a propriedade — o pedaço de terreno adquirido em cento e vinte prestações mensais — à família de dona Benedita, que era ela e o filho José, o Saracura.

O menino sentou-se na cama e ficou olhando as pernas da mãe na continuação do sonho, enquanto ela remexia o doce no tacho e tinha que esperar que secasse na tábua da cozinha prá cortá-lo em pedacinhos de tostão. À noite, às vezes, êle ia ajuda-la a vender cús-cús, quentão e pasteis em frente ao Circo Piollim ou ao Circo Queirolo, quando tinha vontade de assistir ao espetáculo. Ajudava a levar o taboleiro e as chaleiras e depois pedia prá entrar, às vezes dava um jeito de varar por baixo do pãno.

Olhava agora as pernas, porque, aos domingos, pela manhã, quando êla visitava conhecidos e se demorava na casa dalguma amiga da Barra Funda, às vezes no Centro Espirita União do Pensamento, essas pernas seguiam resguardadas por um par de meias de algodão, que passavam por água uma vez cada duas ou três semanas; e não era preciso mais, pois usava-as somente aos domingos. Em casa e quando no trabalho de rua, animava-se a sair de pernas núas, mas, em certos lugares achava implicancia no olhar dos prêtos, apesar da moda granfina do pessoal que ia à rua Direita, na cidade. Saracura olhava as pernas da bôa vêlha e seu pensamento voava para as meias guardadas numa amassada lata de bolachas, encontrada vasia na rua. Pensava num pé só, que chegaria prá uma bola bem dura, bôa prá bate-pronto. Tudo lhe passava na cabeça ao mesmo tempo: a maneira de retira-la sem que a mãe percebesse; as desculpas que inventaria; Rafaél era aprendiz de alfaiate... Arquitetava. E a surpresa da turma?

Tudo correu naturalmente: Saracura aproveitou o momento em que o açúcar com leite se encontravam quási no ponto, quando a doceira se apurava no trabalho. Partiu da cama, dobrou a parede interna, entrou de fininho no dormitorio cheio de cacarécós, quadros de santos, palmas bentas, amulêtos comprados na feira; entrou com muito cuidado e de coração batendo. Manejou a lata, evitando qualquer ruído fatal — uns gritos, pés-de-ouvidos e a oportunidade dolorosamente perdida... Tudo correu no tempo que se leva para suspender a respiração e solta-la; finalmente, o par de meias nos bolsos. Veiu com uma carinha chupada de inocente, recebeu as quatro remessas de doce-de-leite sem um pío, cára de bomzinho, que, si a vêlha mulata fosse mais experta poderia desconfiar de tanta bondade na cára.

Lógo na primeira viagem, a bandeija cheia, Saracura passou pela alfaiataria das Cem Tesouras, ali na Bresser e fez uns sináis ao Rafaél, que não compreendeu, enquanto metia a agulha numa calça, pois só lhe davam calças, de mêdo que estragasse algum paletó; Rafaél trabalhava com a frente para a pórtá, por cau-

sa da claridade. Na segunda viagem Saracura teve que passar por outro lado, de medo de Lobishóme, o fiscal integralista da Prefeitura, que êles chamavam assim porque éra teimoso e ruim, perseguidor e diziam que de noite se fingia de cachorro vira-latas prá fuçar com mais facilidade o que a gente fazia sem licença. Não virava lobo que-nem lobishóme do máto, porque na cidade não ha lobo. Diziam que era um fascista que falava mal de democracia e de judeus. Afirmava que prá se consertar tudo e o Brasil virar céu, era preciso liquidar os judeus e mandar os estrangeiros embóra.

Mas, na teceira viagem, impaciente, Saracura passou a cantada no italianinho fogoso:

- Costurá o que?
- Uma bóla de pãno, trôxa... prá nós...
- Quem tem meia?
- Eu arranjo.
- Onde robou?
- Num interéssa. Não querendo costurá, diga...
- Negro besta: dêxa aí...
- Isso de dêxa, veremos. Passo depois.

Ansiosamente, vendendo os doces às préssas, enganando a vêlha na conta prá não perder tempo, foi levar o material precioso ao amigo:

- Faiz já Rafaél... num seja muquirâna...

Afinal, Rafaél foi aos fundos apanhar retalhos e enchimento desses de ombreiras de Tarzan-filho-de-al-faiate. Não havia furo nela, na meia prêta, de algodão grosso. Meteram tudo o que puderam prá ficar bem dura, amarraram com barbante, fazendo um peçoço, foram virando e revirando o canudo de pãno. Por fim, Rafaél olhou risonho o companheiro, meteu a agulha comprida e foi costurando e ajeitando; Saracura viu que Rafaél era cráque como costurador e ganhou mais simpatias por êle. No fim, o aprendiz não resistiu. Estavam na hora do almoço. Aquela calça não tinha préssa:

— Sô Hercule, vô almoçá e não volto depois... Tenho que levá meu irmão no grupo...

Hercules de La Semola era um homenzinho gesticulador, que ainda discutia a guerra da Abissinia, apesar do Salassié e dos ingleses haverem já liquidado o assunto prá êles e torcia fervorosamente pelo Pales-tra.

— No grupo... a estas hóra?

E puxou uma “cebola” velha:

— Eu disse depois do almoço: é prá matriculá.

— Ahô per'amatriculá... e?...

Filho e néto de alfaiates da Europa, conhecia a historia real e as lendas do mestre-c-discipulo, onde o respeito ao trabalho fazia com que o discipulo não se atrevesse a alegar que tinha irmão prá levar ao grupo. O discipulo era que-nem filho respeitador, si quisesse aprender os segredos do officio e passar, quando crescido, a mestre. Mundo às avéssas, agóra. Aprendiz trabalhava por péça, fazia o que queria, ia até levar irmão ao grupo, prá aprender o que? Quanto mais doutor, menos dinheiro.

E não disse palavra comprehensivel. Resmungou enquanto o ferro chiava sobre o pânno molhado, em meio ao vapor que entrava pelo nariz e dava nauseas.

Os meninos partiram correndo e Rafaél não resistiu, atirou à calçada a bola nova prá ter o gosto do primeiro chute, foram passando um ao outro até a esquina em que deveriam separar-se para o almoço. Rafaél levou a bola, porque Saracura, apesar de toda sua vontade, não poderia ser o zelador.

A bola de pânno ganhou volume nas duas cabecinhas, como bola de couro que êles tivessem inflado com bomba de metal reluzente.

Ora, acontece que dona Filomena Torrela era conhecida como a calabresa mais temível daquele fundo de bairro. Morava na rua Marechal Floriano, entre a casa do Genarino e a padaria do seu Joaquim Bicas, o torcedor da Portuguesa de São Paulo, marido de dona Alzira. Dona Filomena gingava um corpo de meia-estatura, os pés dentro de tamancos, *tlóc-tlóc*, em cima dos tijolos de sua residência. Pela centesima vez lhe acontecia de ter a molecada chutando bola na sua frente, enervando-a. Mal viu o grupo de novo, trincou os dentes fortes de velha antiga, conservando cálcio europeu. Musculosa, arredondada, o pessoal dizia que era dessas que parecia um colchão amarrado a meio. É um dicionário tremendo de palavrões, na língua calejada de corrêr mundo, as ruas do Brás, do Belemzinho, da Lapa, do Bexiga... Da última vez morára em casa de uma filha que, ao seu lado, brigava quatro vezes por dia com o marido, por causa do dinheiro que êle gastava.

O frio vinha e não vinha, nesta capital de São Paulo. Mas dona Filomena usava logo suas grossas meias feitas em casa, como nos rigorosos invernos da Italia, que lhe haviam ficado dentro da cabeça. À tarde, como que propositadamente, sentava-se à porta, numa banquetta que fôra do marido sapateiro e ali permanecia horas serzindo meias usadas e tecendo meias novas, com cinco agulhas compridas e fininhas, enquanto lançava os olhos curiosos pelos quatro cantos.

A turma tinha ciência das manias de dona Filomena pelas informações de Rafaél, que a conhecêra nou-

tro bairro. Bola que caísse péto da vélha, já sabe: unhava-a, atirando-a para dentro de sua casa ou para baixo das grossas e fartas saías. E quem é que ia se meter a reclamá-la? Daí o futebol se transformava em fécha entre a vizinhança e os garôtos. Principalmente era preciso ter em conta que o filho de dona Filomena, trabalhando numa vidraçaria no centro da cidade, proporcionava-lhe o orgulho de ter trazido, certa vez, quatro pedaços bem riscados e bem cortados de vidro liso, sem veias, desse que dizem que é estrangeiro legítimo; pregára cuidadosamente os caixilhos com um martelinho, na janéla da rua do casêbre, como fita de sêda em cabeça piollenta e sob os olhos melosos de mãe que se vê considerada uma vez na vida. As más linguas se desforravam do luxo dessa família, dizendo que o filho a adulava por causa do dinheiro.

O mêdo às pedradas e ao futebol tornou-se uma preocupação obrigatória. Se um dia acontecesse, quebraria a cabeça de um moleque e do pái, si viesse, da mãe, da família toda...

Pela manhã, esfregava a vassoura esquisita, amarrada num feixe de piassava aproveitada de outras vassouras estragadas, que parecia daquelas de feiticeira de lenda, da fita "O Mágico de Oz". O pó que se levantava dos tijolos gastos, ia assentar-se na vidraça de vidro estrangeiro.

Dona Filomena usava panos especiais, mais limpos que os outros, para esfrega-los com o carinho que somente as coisas queridas merecem, como se alisasse as mãos do proprio filho, num egoísmo morno, de avarenta.

Numa tarde a meia-linha começou de um leve bate-bôca entre Borrego e Saracura, porque o primeiro achava a linha fraca com o Luizinho; quando tivessem time desafiador da varzea, o Luiz teria que jogar na reserva: era pequeno demais para êles e não dava ponto. Entretanto, acontecêra que na outra tarde Saracura não lhe dêra grande importancia à pôrta do gól e numa confusão que nos grandes jógos os jornais chamam de "me-lê", Luizinho conseguira empurrar a bóla, marcando excepcionalmente um dos tentos; o garôto conservava o feito na recordação, sentindo-se mais igual aos companheiros e mais animado.

Entretanto, Saracura, olhos brilhantes e uma certa simpatia pelo garoto da venda, que fôra das primeiras horas dos chutes em gól, acabou vencendo o vozeirão de homem do Borrego, onde tudo era tamanho e quasi nada entendimento. A bola encheu-se logo de barro e num dos primeiros chutes foi dar em cheio na vidraça limpa de dona Filomena, deixando a marca. Lêpido, Genarino veiu da outra extrema e chutou-a, antes que acontecesse alguma coisa de máu. A mulher disse tudo quanto tinha a dizer, resmungando e segurando a raiva, como guardando para mais tarde. A gritaria havia começado com as primeiras extremadas, os pedidos repetidos de passe, as reprimendas pelos dribles, os chutes fôra, as discussões se era tóque ou não e as pegadas espetaculares, para lá da necessidade, do quiper Saracura. O suor principiando a escorrer, no brincue-do animado e gostoso. Até que, em dado momento, linha e defesa se juntaram em cima do pãno, num chôve-não-mólha entre Rafaél e Borrego; então, Genarino, afim de acabar com aquilo, conseguiu chegar péto e chutar com violencia, mandando, sem calculo e sem querer, para péto de dona Filomena, que nem sequer piscou, permanecendo firme com ela ali pertinho das mãos e as mãos fingindo que continuavam o trabalho. Mas, a turma já conhecia o trúque. Ninguem se atrevia.

Dona Alzira, a mulher do padeiro, vizinha de dona Filomena, viéra a janéla para se distrair, pois só saía aos domingos com o marido, um caseiro impenitente, preocupado com as contas e com a padaria. Como quasi toda a vizinhança, não se dava com a vélha do lado.

Luizinho desconhecia as manhas. Sem nenhuma prevenção endereçou-se para chutar e dona Filomena não poupou o atrevimento: fechou a mão enorme sobre a cabeça do menino, que focinhou. A vaía irrompeu de todos os lados, enquanto o garoto se levantava, levantado o bracinho ao rosto, em posição de chôro.

— Vélha suja! Sáí!, gritavam os demais.

— T'estrozzo u córe, maledeto!

Agarrando a bola, atirou-a para dentro — a cêna que todos esperavam. Dona Alzira deixou a janéla e veiu reclamar pela brutalidade, pois não via dona Fi-

lomena que o menino não tinha culpa? O xingamento começou decidido, deixando dona Alzira corada, enquanto a velha buscava mais argumentos, apontando para a vidraça suja. Os meninos se animaram com a defensora, avançando prós lados da velha, que já estava de pé, em atitude de desafio, o pensamento na vidraça nova e a raiva, acumulada ha dias, se despejando dentro dos palavrões que ela sabia. A atitude da vizinha dona Alzira ainda mais a irritava. As janêlas da pequena rua se encheram de caras curiosas, cada qual comentando o caso a seu modo e o caso pondo em perigo a continuação do divertimento.

Já então, o espirito prático de Saracura movimentara-o, indiferente à gritaria, para os lados de Rafaél, propondo-lhe a confecção imediata de nova bola e lembrando seus conselhos de organização de um estoque delas. Segredou-lhe, afinal, que possuia outro pé de meia; num pulinho, poderia trazê-lo.

Desaparecia do cenário agitado o mulatinho corisco; Rafaél sentava-se num dos tijolos que servia de páu-de-gól; enquanto Leonel e Mimosa latiam, intrometendo-se na discursêira desta gente atrapalhada, que punha tanta força nas suas convicções, os cachorros se intrometiam com uns latidos prolongados de quem pediu silencio e atenção, mas servindo apenas para aumentar o barulho.

Foi quando dona Filomena, lembrando-se de que estava na sua propria casa e de que podia considerar-se satisfeita com o desejo de soltar palavrões, fez um gêsto forte de banana, descendo com toda força o braço direito sobre o esquerdo, que se dobrou, os dois punhos cerrados:

— Bruti squifusi! squifusi! Piduquiusi!...

E coisas pióres.

— Pois nunca se viu tamanho desvocamento — interveiu dona Alzira. C'a virgem não a'scute, por Nossa Senhora da Aparecida...

Dona Alzira, de braços cruzados, queria dar por terminado o espetáculo de rua, tomando a direção da sua pórtá, quando surgiram na esquina, vindos da ven-

da, o Luizinho, soluçando ainda e o braçinho preso à mão da mãe, a dona Elza de tranças compridas, péle alva. Seria o reinício do fecho?

Enquanto isso, Borrego andava de um lado para outro, cheio de energias que não podia empregar nos chutes e trancos. Possuía as pernas direitas e entretanto se esforçava por mante-las em arco, passando um pé por cima do outro, como pião de fazenda cujas pernas se arqueiam de tanto estarem grudadas à barriga do cavalo. Genarino, que apenas observava as discussões e o movimento da sua rua, esperando desfecho, não concordava com as manias do bruto do Borrego. Andava cansado de vêr a calabreza brigando por qualquer coisinha e também não engulia as manias dêste:

— Esse daí... Qui é que ti deu agora de entortar as perna?...

— Só que-nem o Losquiavo, ué...

— Qui Losquiavo?

— Do Internacional, trôxa: um arfo esquerdo que num tem mais que-nem êle!

Foi nesse ponto que regressou Saracura, espiando a continuação do fecho e procurando Rafaél, que lembrou logo a necessidade de agulha e linha e enchimento e se êle não tinha cabeça prá pensar.

Dona Alzira ali estava soltando umas últimas explicações à vizinhança, provando que a calabreza não possuía nem um naco de razão. Os dois meninos se animaram com a protetôra e foram pedir-lhe o que precisavam. Mas, ela estava contando a coisa desde o principio à mãe de Luizinho, que de vez em quando esfregava-lhe o lenço colorido no nariz, recomendando-lhe que nunca mais voltasse a este brinquedo de moleques. A frente-única contra a calabreza estava mais ou menos organizada, com exceção de um ou outro vizinho, possuidor de idênticas razões para não topar com o futebol da rua.

A preocupação de costurar nova bola, recomeçando o treino, deitou água na fervura, enquanto a mãe de Luiz levava-o de novo pelo braço, com um mundo de recomendações. Já então o seu chôro era mais pela ausência do brinquedo.

Dona Filomena permaneceu todo esse tempo atrás da pórtá, esquentando ainda mais a cabeça confusa, de tranca na mão. Aparentemente a sua preocupação central era o vidro estrangeiro da janéla. Aparentemente. Mas a verdade inteira residia no grande pavor da vélha, de ser assaltada, um dia, pelos sujos da rua. Provocava-os por aversão; logo após, temia o efêito, sem entretanto, entregar os pontos. Permanecia atrás da pórtá, rezando numa linguagem que estes santos do Brasil provavelmente não enténdiam, de tão emaranhada; e nem os santos de sua própria terra, tal a mistura de brasileiro, dialéto italiano, português, etc. Seu pensamento inteiro estava no dinheiro que juntava desde os tempos do marido, o bom do Stefano, que bebia, bebia descontroladamente, para se animar a viver. O alcool tirava-lhe o entendimento de maneira que dona Filomena passára facilmente a dirigir a outra parte do dinheiro que a pequena sapataria de consertos e encomendas ainda proporcionava, apesar das fábricas, cada vez mais numerosas, açambarcavam couros e tudo, vendendo a preços fóra das possibilidades do artezão. Também temia pelos dois saquinhos de moedas, uma riqueza palpável, aquelas moedas que alisava carinhosamente, todas as noites. Depois da mórte do marido éla não vivia assim, com as mesmas preocupações das mães do Genarino, do Saracura e dos demais, trabalhando pros outros e na miseria do dia a dia; dona Filomena tirava sustento dos alugueis de duas casinhas vélhas, compradas lá no Bom Retiro. Ouvira falar até que o prefeito doutor Prestes Maia queria desapropriar e que bom que pagassem bastante, pois receberia mais dinheiro e desalojaria os dois odiados judeus, seus inquilinos. Dona Filomena dispndia o menos possível do que era seu. Chegára a convencer os filhos a lhe pagarem o aluguel do quarto e cozinha que habitava na rua Marechal de Férro. Assim, sobrava mais dinheiro; levava-o todos os meses à Caixa, lá na praça da Sé, perto da Catedral bonita, que nunca se acabava de construir.

Dona Filomena permaneceu ouvindo o que se passava, atrás da porta, juntando ainda mais raiva contra

dona Alzira, chamando-a, entre dentes, de portuguesa, como se isso fosse xingamento.

Atendida dona Elza, tranças compridas, amarradas dum jeito que ela achava bonito, desaparecia o motivo para maior turumbamba. Embóra os comentarios prosseguissem, arrumada a nova bola de pãno, a meia-linha reencetára suas atividades, sem participação do Luizinho, substituído por um novo elemento, aparecido ao acaso e que pedia instruções:

— Vocéis joga tudos dia?

— Naturalmente, explicaram.

Que pena que não lhe dêsse tempo de vir sempre a este treino gostoso!

8

Numa outra tarde apareceu João Flanela, baixote, gordo, aquele das discussões no Bar, sempre com “O Esporte” no bolso do paletó, ou amassando-o na mão, para discutir assuntos do dia e provar opiniões, mostrando que estavam confirmadas no jornal. Sua preocupação, já sabemos, era a de chegar a treinador. Uns trinta anos que já não lhe permitiam exercício puxado, o futebol todo êle passado na varzea e agóra apenas este ou aquele chute no estilo de grande jogador que apresenta todas as boas características apenas fóra do conjunto, no bate-bola. Trabalhava de corrêtor de imóveis e de vez em quando amarrava uma transação que lhe dava para todo esse tempo. Isso, para viver. Gostaria porém, de se dedicar inteiro, como treinador dalgum bom clube, agóra que havia tantos profissionais. Mas, todas as possibilidades lhe haviam sido cortadas, sem que o abandonasse a aspiração. Mesmo acabar nalgum clube da Liga de Amadores ou da Liga Comercial, como solteirona que tivesse sido cheia de sonhos. Qualquer jogo que visse na rua, parava prá vêr. Sentava-se numa sargeta, na elevação duma pórtá ou na cadeira dum botequim, firmava os olhos sobre a dezena de pés em movimento, acompanhava com atenção o desenrolar de cada jogada e terminava sempre descendo com força o punho fechado sobre o joelho, nas arremetidas infelizes ou nos excêssos de dribles.

Repetia-o agóra frente à turma da rua Marechal. Aos domingos permanecia num desses inúmeros campos de aluguel, assistindo ao revezamento dos jogos, que começavam às sete horas da manhã, sem almoço nem nada, terminando ao escurecer.

Parou João Flanêla na esquina perto do bêco, que ia ter à tenda do Maximino Fernandez. Este havia tomado conhecimento do fécha do dia anterior, contra dona Filomena, por informação, pois não queria saber de encrencas com a vêlha que êle chamava de "sarnosa".

Às tantas, João Flanêla, cada vez mais preocupado com qualidades e defeitos de cada jogador, conquistou superioridade sobre si mesmo e bradou:

— Brutalidade não adianta, seu...

Era com Borrego o negocio e não poderia ser com outro. E' que Flanêla se impressionára com a técnica do Genarino levar a bola de pãno, muito mais difficil que empurrar um couro. O menino emendava inesperadamente o chute famoso. E nem sempre Saracura conseguia cortar o tiro. Borrego não podia com êle e só às brutas conseguia levar a melhor.

Borrego ouviu o palpiteiro Flanêla, largou o adversário, resmungando que "sapo de fóra não chía", já amolado porque muita gente se metia com o seu modo de jogar. João Flanêla insistiu:

— Jogo limpo! E' preciso jogo limpo!

Parecia um treinador preparando o onze sob sua responsabilidade.

— Comigo é ansim, que-nem o Bartô...

— Que Bartô?, indagou o outro, ironico.

— Chééé... nem conhece: o Bartô, num sabe?

E se pôs a falar do antigo Bartô:

— ... era tôro no chute, ninguem aguentava...

O treinador silenciou. A resposta do rapazelho, inesperada, desconcertava-o. Parecia-lhe estar vendo um continuador das idéias retrogradadas do Anfilofilo, o saudosista do Bar Puxa-Prósa. Fingiu superioridade, desviando os olhos para as fôlhas abertas do jornal, procurando noticias sobre Leonidas, que já estava preso, respondendo a um processo por ser insubmisso.

João Flanêla continuou calado, observando, até que principiou a escurecer.

A pórtá da casa de dona Filomena permanecêra fechada, nesse dia, pois que a mulher se mantivêra nos fundos do quarto, com suas coisas, trapos e pensamentos de desfórra.

Pela mioleira do Rafaél caminhava, pesada e calculadamente, a idéia de costurar pelo menos mais meiaduzia de bolas, pois contava com as novas sortidas da calabresa. Avisou Saracura que precisavam falar depois do jogo. Meia de homem seria melhor, porque mais resistente e jeitosa, êle havia costurado muitas. Jogava pensando nas meias véllhas dos irmãos.

Lá dentro, porém, dona Filomena principiava a desconfiar que a meia da bola que atirára para dentro de sua casa devia ter sido roubada e já pensava em conversar com a vizinhança, menos a portuguesa dona Alzira, sua inimiga; e se dona Filomena levasse a cabo o sinistro pensamento, está claro que preparava uma das suas mais sérias vinganças contra os sujos da rua. Principiava a sorrir sozinha.

Escurecia mais decididamente. João Flanela pensava em jantar logo, pois combinára o encontro de todas as noites no Bar Puxa-Prósa. Os garôtos, suados, se preparavam para os últimos chutes e Rafaél parecia • mais molhado de todos, a cára de um vermelho quási roxo.

Pelos lados da venda da mãe do Luizinho aparecia um vulto que todas as tardes, nesse escurecer, regressava à sua casa, ali a dois passos. Era Guilherme França. Havia passado a tarde inteira à procura de serviço, pois na garage em que trabalhava continuava o racionamento das horas. Trazia os olhos fitos na pórtá da sua casa, em frente à rua Marechal. Tinha se acostumado a sorrir desde ali à Irma, que sempre o aguardava de criança no cólo. Mas, os dois entes queridos havia muitos dias que lá não se encontravam. A companheira, na sua obstinação, êle sem poder contraria-la, conseguira serviço noutra fábrica de tecidos, voltando à sua profissão, aprendida nos tempos de solteira. A criança ficava na casa da avó, noutro bairro. Quando podia, uma das irmãs levava-a, à hora do almoço, até

o portão da fábrica, para ser amamentada. Não havia outro recurso. E depois do serviço Irma ia buscá-la para regressar ao lar. A porta da casa ficaria êle, agóra, aguardando. Antes, passava risonho, olhando os garôtos da sua rua, que se divertiam, no seu divertimento de pobre. Agóra, estava insensível cada vez mais, um rosto sério de homem preocupado. Fumava um cigarro atrás do outro, incomodando-o até mesmo essa pequena despesa.

Genarino gritou que lhe passassem a bola, pois continuava feito zelador. Saracura deu um chute querendo acertar na vidraça da dona Filomena e não o conseguiu. Os outros compreenderam e riram, numa camaradagem bôa e quente.

— Pé de gancho!...

João Flanêla já havia desaparecido. Morava a algumas quadras. O pintor Camilo Ramos apareceu com duas latas de cal destinada à pintura dum pedaço de parede reconstruída na sua casa. Logo mais surgiu Nicolau Pérroca; seu filho Daniél chegou mais tarde, apressado, querendo lavar-se e comer deprêssa para ir ao cinema. E a rua ficou deserta. Apenas passaram, depois, os cachorros, Leonél e Mimosa, cheirando os cantos. A porta de dona Filomena, como se fosse de proposito, levantaram as pernas trazeiras e molharam. Tornaram a cheirar e se foram, lépidos, os mais des- preocupados dos habitantes da varzea.

Pensou que fôsse vontade de fumar. Viu, depois, que era fome. E sempre aquela dôr na barriga. O serviço rendêra quatro horas marcadas na sua caderneira, a 3\$000. Numa venda proxima à garage, que servia sortidos a 1\$600, com um cópo d'água, fez a refeição. E ainda sentiu o estomago vasio. Agôra sentia-se sozinho e assim teria que ficar até a chegada de Irma com a criança. Depois que a companheira voltára a trabalhar na fábrica haviam passado a se encontrar mais vezes nos pensamentos e nas palestras e nalgumas conclusões; sentiam-se tão amigos, de novo, como no inicio do namôro, justamente à hora do almoço, já havia quasi dois anos. Na cabêça de Irma, as preocupações do lar e das conversas sem sentido, puramente subjetivas, com as vizinhas, envenenadas pelo meio, estavam sendo substituidas por outras mais sérias. Para Guilherme esta qualidade em sua companheira representava o necessario equilibrio do casamento. Era contrario aos sonhos de todo mundo: uma esposa dentro das nórmas; apenas bôa dona de casa, ouvindo o dia inteiro bobagens do radio, preocupada com o último modelo de vestidos daqueles que pôdem, sonhando aquilo que se vê no cinema e é impossivel; mulherzinha bonita, feita para se vêr e se mostrar aos outros, bibelô para ficar em casa pensando sómente nêle, num egoísmo de besta pelo milho. E com quem não se pôde trocar duas palavras sérias; não aspira um mesmo futuro, não compreende a vida.

Estava entrando em casa com estes pensamentos e sentindo fome. Continuou a série de idéias, dirigiu-se

ao fogão completamente frio, as cinzas esbranquiçadas da manhã, quando haviam preparado juntos o café, numa prêssa de conversarem, ambos concientes da separação durante a jornada inteira. Viêra tarde, porque passára o resto do dia em dois bairros diferentes, procurando serviço e agóra arrependido dos \$800 gastos no transporte. Comprára a "Folha da Noite", lendo todas as notícias da guerra. Uma página inteira com notas de futebol. Intrigas, o desgaste do opio de que vem recheado o esporte para o povo. De esporte útil uma pequena porcentagem, para aperfeiçoamento do fisico de quem pôde dedicar um pouco que seja da sua vida ao divertimento. Passavam-lhe pela cabeça muitas cênas de rua. Os jovens das fábricas e das oficinas, que engólem apressadamente o lanche frio para sobrar-lhes mais tempo destinado ao chute. A turma de garôtos aqui da varzea. O esporte-menor do rio. O Brasil inteiro jogava futebol. A bola, frente à fábrica, levantando poeira. Pelos cantos comiam das marmitas frias trazidas de casa, terminando no café da garrafa. Vasilhas de lata.

Pensava aguardar a companheira e prepararem alguma coisa. Rasgou uma pagina do jornal e quando riscava o fosforo para atear fogo e esquentar café com que serenar o estomago, quem sabe, curar a dôr, seus olhos caíram sobre uns titulos grandes, prêtos:

"É PRECISO INCUTIR NO OPERARIO..."

O fósforo continuou acêso. Leu o résto:

"... A NOÇÃO DA EDUCAÇÃO ALIMENTAR PARA SI E SUA FAMILIA"...

Distraiu-se e o fosforo chegou ao dedo, chamuscando-o. Movimentou a mão, atirando a insignificancia que restava e sentou-se, irritado, para lêr o que havia escapado no bonde: um medico fôra entrevistado pelo jornal, levantando a questão. Chamava-se Dr. Ademar Pinto e era do Instituto dos Industriarios. Foi lendo...

"Ha, no Brasil, cerca de 900 mil operarios e, desses, perto de 360 mil trabalham no Estado de São Paulo. Du-

zentos mil trabalham dentro da cidade de São Paulo. Valendo-me desses e de outros dados consegui separar São Paulo em bairros operários..."

Vinha então o número de operários do Braz, Mooca, Hipodromo, Alto da Moóca, Belém, Catumbi e zonas adjacentes. As zonas adjacentes eram estas, a varzea que se estende, a vanguarda que avança para ser escorraçada por enchentes ou desalojo. E citava-se também a Lapa, Água Branca, Barra Funda, Ipiranga...

"No serviço de inspeção médica do I. A. P. I., os operários entre 40 e 50 anos são completamente gastos, apresentando arterio-escleroses adiantadas e outras doenças graves, tais como, tuberculose, gastrites, úlceras do estomago, etc."

Guilherme olhou com simpatia o retrato do médico, ao alto da página: ali estava alguém que se interessava um pouco pela vida dos da sua classe. Mas os técnicos nada resolvem de essencial. Engenheiros, médicos ou advogados, têm que pairar pelas consequências das coisas sociais, deixando a raiz de tudo nas mãos dos políticos.

Ouviu a voz da companheira, que vinha apressada, dirigindo gracejos ao filhinho no cólo, dizendo-lhe que iam ver papai. Não lhe deu tempo de se levantar, a mão ainda na folha de papel. Beijaram-se e brincaram, de pé, cansados, com o pequeno, que havia sido amamentado às pressas, na casa dos avós.

— Quem foi levar a criança ao Centro de Saúde, Irma?

A mulher sorriu triste como para consolar o marido; ninguém fazia isso. Todos em casa dos avós também eram operários. O velho nem mais podia sair, quasi entrevado numa cadeira. A mãe fazia milagres para levar-lhe a criança, à hora do almoço. Se pedissem na fábrica mais horas para amamentar, talvez lhe dessem por causa da Lei, mas encontrariam facilmente pretextos para substituí-la por alguém que não tivesse esse encargo. Um tear imóvel era prejuízo grande. Chegava a esconder a sua condição de mãe. As

amigas haviam-na prevenido de que nestes tempos melhor sendo solteira, davam preferencia no guichê de empregados. O menino emagrecia com a irregularidade da alimentação e Irma escondia isso ao companheiro... Desviou logo a conversa:

— Andou muito?...

Ja não lhe perguntava se havia trabalhado, mas sim, se havia caminhado, à procura de serviço. O operario foi novamente para a cozinha, continuando com a fôlha de jornal na mão direita. Irma fôra colocar a criança na cama grande: o berço estava agora em casa dos avós, porque ali passava o dia inteiro. A noite dormia entre os dois, na cama do casal. Guilherme respondeu que sim.

— Parece que agora andar de bonde é emprêgo...

Riram-se, porque não podiam fazer outra coisa.

Era uma ameaça. A guerra, porém, trazia pedidos e as fabricas trabalhavam dia e noite.

A criança começou a chorar. Guilherme largou novamente o fogão, sentia saudades do pequeno. Mas Irma segurou-o; queria era cólo, que tinha se acostumado de novo. Entretanto o menino não socegou com essa providencia. Os gritos vinham-lhe do fundo, desesperados, consumindo completamente todo o esforço dos pulmões se formando ainda. A mãe, magra e cansada, foi automaticamente desabotoando a blusa e entregando-lhe o peito cada vez mais murcho, porque assim distraia-se e êle parava de chorar, que o engodo da chupeta já não mais adiantava, ela sabia disso. Percebia que nenhum dos três estava com sua vida regular. Pensava planos, enquanto ouvia o marido mexer nas coisas da cosinha. Êle acabaria percebendo a magrêza da criança. Precisava ir ao Centro de Saúde. Já havia mais de um mês que não fazia isso. Temia a gritaria das moças de lá, que recriminavam as mães, por qualquer descuido. Estudava explicações a serem dadas, que ela não era mãe desnaturada, pensava no filho, mas também precisava trabalhar... que podia fazer? Assim, de cabeça baixa, os dedos acostumados aos teares, tocavam o seio delicadamente para sair mais leite, olha-

va os olhinhos esbugalhados do filho, ainda úmidos das lágrimas. Era um quadro. Era aquele quadro do pintor brasileiro Angelo Simeone, que vira por acaso, — um pintor proletário que para viver pintava portas de casas, mas era um artista que até ganhava medalhas. Uma ligação entre a pobreza e a arte. Tíham sido vizinhos. Irma França sentia-se, naquela hora, toda pensamento e ação dentro dos milhões de mães do mundo inteiro, produzindo filhos para o exercito do trabalho. Do trabalho ou da guerra para salvar-nos do fascismo, principiava a sentir já os calafrios das noticias. Centenas de milhares de mórto por dia. Cada morto um homein que havia custado bilhões de sacrificios, com este, e que saiam do corpo e da alma. Para quê este sacrificio? A paz no mundo não deveria ser a preocupação da humanidade? A vida se descortinava muito diferente, cada vez mais diferente daquilo que ouvira em criança. O mundo... — a multidão de estropeados suando sangue para construir e para destruir. O mundo, pois, estava errado — vencencia-se cada vez mais. Sentiu uma dôr funda por dentro do seio. As chupadas do menino cada vez mais fórtes, doiam-lhe. Arrancou-o a custo e já lhe havia dado o outro lado. Aperitou o bico. Não saía mais nada... O menino começou a chorar, de novo...

— Guilherme!

Uma caçarola rolou pelos tijolos da cozinha, enquanto o marido praguejava.

— Me péga a mamadeira que está com a fralda que eu truxe.

Foram juntos prepara-la. Ele, carinhosamente, matando saudades de estarem juntos. Ela, enganando-o com os sorrisos, mostrando-lhe o outro lado do que na realidade sentia, pensando acontecimentos máus, a maneira de ir ao Centro de Saúde, mostrar o filho ao médico, pedir-lhe conselhos, um jeito de conciliar a assistencia ao garôto sem prejudicar o trabalho na fábrica. E ficava cada vez mais tarde, na noite que descia indiferente, o tempo indiferente, o despertador vêlho no seu *tlác-tlác* de lata. Tíham ainda que cuidar de comêr alguma coisa e deitar cêdo, para despertar antes dos

apitos. Pela madrugada, Irma teria que levar a criança à casa dos avós, depois correria à fábrica, para marcar o ponto no relógio da entrada, sem perder um minuto. Trataria agora do lanche para o almoço do dia seguinte. Almoçaria então, voltando a amamenta-la, isto se sua mãe tivesse tempo de levar a criança até lá...

Daqui a pouco, ao cair na cama, sentiriam o cansaço. O sono do trabalhador não é sono: é o peso extenuante da miséria, que nem o mais forte ruído remove. Mas, passariam ainda esta jornada, dentro da imensa jornada do trabalho.

10

Continuava a tentativa de frio no planalto de São Paulo e pelos fundos lamacentos das varzeas. A varzea — aquilo que havia sido campo úmido ou lamaçal. Por isso, o futebol jogava-se também para esquentar, substituindo a falta de roupa. À noite, juntavam-se ao redor de fogões de lata de querosene, ou preparavam pequenas fogueiras na rua, contando casos. Ou movimentavam as pernas à toa. Maneiras de dar expansão àquilo que se reméxe por dentro dos nervos. Magótes de vidas pelas esquinas dos bairros, fumando desmesuradamente, espiando cartazes de cinema, coloridos, cheios de beijos chupados e de cânos de revolver; o cinema ensina amores trágicos para os comparsas, inofensivos às suas causas e às instituições. Ensina também fórmulas violentas de luta pela vida, o sabor de “viver perigosamente”. Os jovens se encontravam escondidos, namorado com namorada.

Um frio brincando de vir e não vir nesta capital, como em todos os anos. Quente de manhã, chuva de dia, frio à noite, às vezes, o contrario. Brincadeira de tempo.

Mas, dona Filomena Torrela, no outro quatinho, preparando meias de lã prá ela e prá vender às nóras e conhecidos, juntando mais dinheiro, pensava confusamente nas denúncias que levaria à vizinhança: não restava dúvida que havia roubadores de meias, costuradores de bola especiais para incomodar a gente sossegada, quebrando-lhe as vidraças. Sujos pelas ruas, negros daqueles que muitos dos seus patrícios diziam serem selvagens como na Abissínia. A Abissínia, o fascis-

mo civilizára com estradas e prédios de cimento armado para as embaixadas e funcionarios italianos. Para os nêgros... ora, se estavam acostumados a andar quási nós e morando peor que estes nêgros da varzea... Vi-ra tais coisas numa fita exhibida na Casa d'Italia, lá no centro da cidade. Peór do que tudo, havia tambem judeus que paravam à pórtá, querendo vender à força, ela dizendo que não e até xingando. Tinham um nariz que seus filhos lhe mostravam como de raça inferior; e o judeu insistindo, ela cuidadosa de suas moédas lá no fundo. Ao lado, a nova inimiga dona Alzira, a mulher do padeiro. E bem pértó da esquina, outro judeu, um camiseiro, aquele que passava sempre de embrulho debaixo do braço, fazendo barulho à noite com a máquina de costura, inquietando-a ainda mais. Seu Felisbino, amigo dos filhos, era o fiscal da Prefeitura, nas redondezas. A respeito do perigoso judeu haveria de falar a seu Felisbino, que o póvo chamava de Lobishóme. Precisava se defender desta gent'alha, terra de nêgros. A máfia! Uma verdadeira máfia!

Entretanto, um mistério maior rondava a vida de dona Filomena. Quási ninguem sabia direito e a realidade se misturava com histórias inventadas. Viéra moça ao Brasil, para este desconhecido de que se diziam maravilhas. Haviam-na prevenido quanto a mil-e-um perigos: bugres e assassinos, doenças, calôr de se ficar nú. Os invernos da Europa voltavam-lhe ao pensamento sómente pelo lado das dificuldades. Juntára na imaginação o aspecto borrascoso da vida; o mêdo à fome e às necessidades movimentando-lhe o egoísmo. Porisso, além do dinheiro da Caixa Economica, havia alguns anos que juntava moédas de prata, antigas, dessas que hoje não circulam mais. E à noite, tornada amiga da escuridão, guiada apenas por uma lampada de dez vé-las, espiava, com uns grandes olhos temerosos, a cabeça baixando-se, as sobramcelhas de pêlos longos e misturados sombreando a visão por cima, espiava através do vidro estrangeiro da janéla. Trancava tudo. O sino da igreja era o seu relógio e havia batido onze horas. Lá nos fundos, sob uns caixótes disfarçados de deposito de trapos, apalpava, a principio carinhosamente, com as gêmas murchas dos dêdos, depois com a palma enru-

gada da mão direita... e a seguir agarrava-os sorrindo como num berço de criança, monologando, monologando... Eram dois pequenos sacos brancos. No tempo em que o marido vivia, possuíam forno no fundo do quintal, compravam farinha bôa, gostosa como na Europa, sem mistura e preparavam belos e redondos pães. Os sacos davam fazenda bôa, que aproveitava. Dos seus restos, conservára os pedaços que haviam servido para guardar estas preciosas moedas. Estavam quâsi cheios, os dois saquinhos. Pratas de dois mil réis. Sua riqueza consistia nisto, no dinheiro da Caixa e nas casinhas do Bom Retiro. Para viver, vivia dos favores das nôras e dos filhos e ela sabia apresentar-se sempre em dificuldades, resguardando o capital. Mas esta dos dois saquinhos era riqueza que se vê e se apalpa e está constantemente ao alcance dos dêdos. Dinheiro que se vê e se apalpa e está aqui ao lado. Voltara-lhe o terror aos mafiosos. Encolhia-se, os lábios batendo rapidamente, num cício de réza, réza misturada aos palavrões contra o perigoso meio dos sujos da rua, nêgros, judeus, gente de raça inferior, como escreviam, em 1941, nos jornais "A Platéia" e "Meio Dia", que seus filhos compravam e liam prá ela. Haveria de encher os sacos até a bôca. A necessidade de procurar moédas com os vizinhos e conhecidos, com a desculpa, embóra, de mandar fazer broches para as nôras e ancizinhos para os nêtos, mesmo assim essa preocupação havia muito que a tornava, aos olhos dos outros, a misteriosa dona Filomena.

O frio continuava brincando de vir e não vir, no planalto e nestes longes esquecidos da varzea.

Guilherme avisára o leiteiro prá não trazer mais, porque era somente para o filho e este alimentava-se uma vez, de madrugada, fóra da hora prescrita pelo médico, do peito de Irma, que ia leva-lo, apressadamente à casa da avó; no resto do dia, bebia do leite que esta comprava. Pensava nisso, enquanto ingeria o café preto e fórté, com uma fatia de pão. A companheira partia antes, agóra. Não levaria lanche, porque passára a almoçar definitivamente com os outros operarios, no pequeno bar que servia sortidos.

Os habitantes da varzea estavam todos se movimentando neste momento. Genarino corria ruas, gritando um bombardeio tremendo de Londres pelos alemães. Mas aquilo que o preocupava era a ameaça dos jornais de não aceitarem mais encalhes. Soubéra que os jornaleros, na outra tarde, haviam rasgado e espalhado na rua Barão de Itapetininga, os encalhes do "Diario da Noite" e da "Gazeta", que lhes haviam sido recusados. Ia mal a coisa. Saracura espiando dona Benedita mexer o doce de leite, resmungando que o açúcar estava só aumentando, só aumentando. O mulatinho andava cantando tábuas para fazer uma caixa de engraxate; fazia semanas que o fiscal Lobishóme e os grilos tinham deixado de se meter com os engraxates sem licença, dos domingos. Rafaél só entrava em serviço às sete horas. No açougue, já havia movimento. E na padaria do seu Joaquim, o ruído da noite era substituído pelo da contagem dos pães, em meio a gritos que portuguezinhos de sotáque incompreensível dirigiam aos seus cavalos atrelados aos carrinhos de entrega. Seu Joaquim

vinha de vez em quando à porta e fazia uma recomendação de alguma fregueza. Mais um pão de duzentos ou que não esquecesse de cobrar a conta do doutor Fulano. Enquanto isso, dona Alzira preocupava-se com a comida.

Na casa do marceneiro Nicolau Perroca, êle e Daniél já haviam saído, enquanto a vélha resmungava e gritava com a filha Nicolina, de olhos fechados na cama, fingindo que dormia. Vagabundagem, dizia. Mas, na verdade a moça estava cada vez mais olheirenta e desde a noite do seu encontro com o metalurgico Antonio Ferreira, na casa de Irma, vivia procurando-o, pintando-se ao sair e arquitetando um jeito de encontra-lo como se fosse sem querer. Imaginava e ensaiava diante do espelho os gestos e os modos de heroína de fita de cinema. Entretanto, oitenta-por-cento ficava na imaginação, à noite, ao deitar-se, depois de haver confiado o segredo a mais uma amiga: e de manhã, ao despertar dentro do ar viciado do quarto, que dava dôr de cabeça e sentindo as agulhadas nos nervos a cada grito da mãe com voz de choro de gente pobre, medrosa da vida e de mais miséria.

No seu quarto alugado a uma familia de operarios, apenas João Flanela, com pretensões a treinador, levava vida diferente. Logo de manhã o jornalista lhe deixava "O Esporte". Às segundas-feiras, tambem "A Gazeta Esportiva". Procurava, afoito, as novidades, como técnico necessitado da visão dos acontecimentos esportivos. A imprensa continuava a falar de Leonidas e da sua prisão. Estaria inutilizado o grande cráque? Depois da operação no joelho não mais treinara.

A umidade do fundo de bairro, extremidade da grandeza da metropole, se fazia mais acentuada com as horas da noite. A garôa, a falta absoluta do calor do sol. De madrugada, a claridade chegando, não caía livremente em cima das coisas e dos homens: insinuava-se. Apenas as partes inferiores dos postes e das casinholas, mais proximas dos olhos, apareciam. Depois, aos poucos, essa umidade subia, evaporando-se, retornando às alturas, o sol conseguia dar sinal de existencia, embóra ainda não se fazendo ver. Mas, a varzea estava

dando seu difficil quinhão ao tumulto produtivo da grande cidade. A massa vestida de farrapos, usando moveis de trastes vèlhos tirados ao lixo do centro, dos predios de apartamentos e dos palacetes da avenida Paulista. Na janéla de dona Filomena, vidro que diziam estrangeiro, coisa fina, como brilhante no dedo murcho de mendigo, mas alguns punham em duvida que fosse estrangeiro. Mais adiante, andando-se três ou quatro quarteirões, o pequeno bairro operario, mais definido. Depois, um outro bairro metamorfoseado, comercial; uma grande praça cheia de canteiros, de arvores, de sól e de ar; e depois, os contornos da cidade; e ainda depois, o centro, desde a rua Barão de Itapetininga ao Triangulo e à praça da Sé.

Guilherme França, enquanto isto acontecia, meteu, por fim, o boné na cabeça, puxando-o para trás. Deixava o lar vasio, como si não existisse mais, como si voltasse aos tempos de solteiro, numa angustia diária, de inadaptado. Caminhou a passos estugados pela rua Marechal de Férro, onde os garotos jogavam bola, à tarde, em frente à casa misteriosa de dona Filomena. Teria batido no solo sem calçada uns trinta passos firmes, quando ouviu gritar seu nome, e voltou-se. Dona Filomena, que parecia um colchão amarrado ao meio, com duas pernas para andar, arrastava seus tamancos em arco, os braços vèlhos mas fortes, e na posição de quem caminha depréssa e gesticulando. Eram os dois únicos viventes no pedaço de rua, apenas as duas portas da pequena padaria abertas na esquina. Esperavam o sól, Leonél e Mimósa. A vèlha chegou-se bem perto. Guilherme tinha fama de saber resolver os assuntos dos amigos. Queria ser sua amiga tambem, procurava um apoio mais proximo, já que os filhos teimavam em morar separados:

— Sapiiite, Guilherme? Tenemo aaa máfia qui proprio in da'a rua.

E na sua linguagem difficil, explicou o que o operario, preocupado com o horario da oficina da garage, mais ou menos compreendeu. Explicou tudo quanto lhe passára pela cabeça, tirando-lhe o sono: o assunto dos sujos, dos nêgros, dos judeus de nariz "assim", da ma-

fia e da portuguesa. . . Que todos os dias lhe atiravam as bolas nos vidros da janéla. Estava firmemente resolvida a conquistar Guilherme para o seu lado, alician-do gente contra os inimigos. Já conversara com o padre da igreja ali pértto, também um italiano que lhe falava numa nova ordem que Mussolini prepararia no mundo; todos os italianos deviam ajudar nessa nova ordem. Depois, o véelho zelador da igreja vinha lhe pedir dinheiro. Dona Filomena rezava pedindo defesa para a sua vida. Largava o níquel na bandeja da pórtta, olhando feio pró zelador, como se fosse prá éle, impulsionada por essas mólas de coisas que se lhe baralhavam no raciocínio fraco. Guilherme, já acostumado às queixas de todo mundo, foi dizendo que sim, que sim, mas que todos eram boa gente. Dona Filomena disse inutilmente mais alguma coisa contra os sujos, a mafia e os judeus, pediu cuidado, muito cuidado! perguntou, sorrindo, como estava o menino, o menino tão parecido com éle e tão bonito? Se despediu e voltou arrastando os tamancos.

Dona Filomena possuía um netinho de cinco anos, que aprendera a chama-la de nóna e ao qual os pais ensinavam a cantar pedaços de canções populares para exhibir às visitas. A lembrança do filho do vizinho fê-la pensar também no néto. De tanto ouvi-lo decorára também, para repetir no difícil sotáque de calabreza, alguns pedaços de modinhas. Ao passar pela padaria aberta, lembrou sua inimiga. E entrou em casa cantarolando e levantando a voz para que a vizinha ouvisse:

"A molhère du padéro trabalhíava nóte i dia. . . ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, . . . I viagiava solo nu bónde darília. . ."

Não sabia direito o résto. Engasgava um pouco, forçava a memória, retornava:

"I u padéro nu sabia. . ."

Cantava o mais perto possível da parede da casa de Dona Alzira. Levantava a voz quando começava *"a molhère du padéro"* e também no final *"I u padéro nu*

sabia..." E tanto repetiu que dona Alzira acabou ouvindo e respondendo:

— Cavrona! Cála essa vóca suja!

A vélha, entretanto, prosseguiu. E para não ouvi-la, dona Alzira aproximou-se do forno da padaria, aproveitando os réstos do calôr do barracão, para juntar uns trapinhos coloridos, destinados a remendos. E não houve nova briga.

Dai, dona Filomena bateu as casas das vizinhas, inclusive na da mãe do Genarino, que quási nunca apparecia; relatou a cada uma a história complicada das suas desconfianças e quando chegava no roubo das meias prá fazer bolas, a vizinha corria ao seu baú forrado de lata enferrujada, contava as meias, estava tudo certo e a enredadeira não era levada a sério.

Por fim, na casa da doceira dona Benedita encontrou campo, enquanto Saracura havia partido célere com a primeira bandêja entre as mãos, a idéia na caixa de engraxate tomando corpo, êle fazendo novos calculos. Dona Filomena repetia a história engendrada e quando chegou às meias a mulata trincou os dentes, pois bem que desconfiava. Dona Filomena poude esboçar seu primeiro sorriso vitorioso da manhã. Tinha razão.

Os jornais falavam contra os judeus; o padre italiano também tinha razão. A Virgem Santissima livrasse a todos do grande perigo. Sentiu completar-se o seu dia. Regressou ao quarto, deu uma olhadéla para o canto onde guardáva as moedas de prata. Voltou à rua para correr as demais vizinhas e relatar que aquillo tudo estava mais do que provado. Numa atividade maior do que a dos outros dias, andou por todas as casas e depois tratou de se preparar afim de visitar uma das nóras, em cuja casa almoçaria. Contaria o acontecido. E louvariam, todos juntos, a necessidade da Nova Ordem do Mundo.

12

Depois de descoberto o ladrão de meias da doceira Benedita, o único em condições de agora aparecer de bola no pé era Rafaél, que veio lá pelas quatro e meia.

Dona Filomena continuava em casa da nora, relatando a quantos quisessem ouvir os perigos que pairavam sobre a grande cidade e o seu bairro e a sua casa e o mundo.

Saracura e Genarino haviam permanecido conversando desconsoladamente, divertindo-se com Mimósa e Leonel, que se perseguiam, alcançavam-se, rolavam rosnando, pela terra, fingiam briga de morder no pescoço. Genarino mal ousara oferecer sua primeira bola de papel, definitivamente superada. Comentavam o próximo jogo do São Paulo e do Corinthians e até chegavam a discutir, enquanto Saracura disfarçava o mais possível, a cara inchada dos sopapos recebidos entre o nariz e o queixo, aplicados por mãe Benedita. Nem sequer suspeitara da audácia da língua da vizinha. Além de que já se haviam passado tantos dias depois do pequeno furto. E com a chegada dos demais, Rafaél passando a bola nova, foram comentando, em meio à algazarra alegre, de pobre parque infantil, os acontecimentos do dia anterior. A velha italiana ficou sendo considerada ainda peor do que má. Estabeleciam intimamente um paralelo entre ela e dona Alzira, esta sim que era mulher bondosa, só se metia com a vida deles para defende-los e até algumas vezes lhes dava pãezinhos pequenos, de tostão, endurecidos, de um dia pró outro. A entrada da bola foi acompanhada por uma gritaria de júbilo. O causador da alegria entrara orgu-

lhoso, risonho, com ela no pé, aguardando que armassem o gól; feito isso, passou-lhes o pãno, foi guardar seu paletó no chão, em cima da relva crescendo quási na esquina. E, sobre o paletó, depositou estranho pacóte, que não despertou a atenção. Os chutes levavam toda a fôrça recalcada até ali. As posições foram tomadas rapidamente. Sucederam-se os gols contra Saracura e as bolas fóra contadas a favor da defesa.

Passada meia-hora, surgiu, gingando, o vulto aborrecido de dona Filomena, que fingiu não perceber-lhes, mas por dentro pensando uns xingamentos peludos contra os sujos da rua, que decerto haviam roubado mais pares de meias. Os olhos dos garótos faiscavam desfór-ra. Lá estavam Luiz Borrego, Augusto; e este, com a chegada do máu tempo, se constipára, a cada minuto limpava o nariz esfregando os dedos lambusados pela camisa.

João Flanêla veio. A bôa disposição e o espirito de iniciativa dos moléques aspirantes a cráques, entusiasmaram-no. Espirito esportivo incluía tambem esse valôr que suplanta barreiras. Sentou-se na soleira duma pórtta, cotovelos fincados nos joelhos, as mãos tomando conta do rosto. De vez em quando comentava esta ou aquela jogada. Os meninos haviam principiado a responder-lhe. Este ou aquele seguia-lhe os conselhos. Dona Filomena, porém, viêra disposta a tudo. Em pouco, estava ela à sua pórtta, com agulhas, novêtos, as meias saindo listadas de prêto e vermêlho. Caíu-lhe proxima a primeira bola e não fez cerimonia: atirou-a para dentro. Os meninos pararam e formaram grupo. Flanêla sentiu raiva. Mas, Rafaél correu ao seu misterioso embrulho, donde surgiu nova bola! Foi a surpresa do dia, que o haveria de sagrar um dos diretôres do clube e não haveria de ser por falta de bolas, que êle era quási alfaiate. Dona Filomena continuou tecendo, olhos baixos. Flanêla ainda resmungou:

— Essa vélha já está me enchendo!

Genarino viu-se acuado por Borrego, que se torna-va um alfe teimoso; dele fugia com a bola, adiantando-se para o gól. Saracura esperava agaixado. Adiantava-se o extrema Pé de Pato rente à parede e ao passar

pela velha, esta novamente, num gesto rápido, tirou-lhe a segunda bola do dia, dando-lhe igual destino que às anteriores. Parecia disposta a lutar até o fim contra seus inimigos, aquela massa confusa de gente que ela considerava a máfia organizada, os malfeitores que na Italia traziam essa denominação e que Mussolini liquidára para que ficasse só a milícia fascista. Saracura sentia-se empolgado com o treino e com a possibilidade de lutar também contra a velha, consumindo embora a munição da turma. Correu, antes dos demais, ao emburullo e assim o jogo prosseguiu.

Ao derredor dos garotos em movimento formava-se uma fila de raros espectadores. Seu Joaquim padeiro à porta, os olhos distantes, a cabeça no serviço, os punhos na cintura, as calças arregaçadas quasi até os joelhos; e nos pés, os velhos tamancos ruidosos; havia dois desconhecidos entre os espectadores, formando número; e Fernandez dera de aparecer de vez em quando, as taquaras de bambú entre as mãos, pensando nos rapazes que se interessavam por touradas, na Espanha, quando êle também era rapaz.

Guilherme França regressava hoje mais desanimado que nos outros dias, procurando distrair os pensamentos das coisas duras que lhe estavam acontecendo. Juntou-se aos torcedores, calado, recalcando assuntos distantes do jogo. Muitos companheiros, pelas fábricas, frigorificas, botequins, falavam com um vago entusiasmo dos tecidos e carnes que os norte-americanos comprariam para a guerra, caso nela entrassem. Falava-se muito na extensão da guerra. Os russos haviam manobrado habilmente, desviando o focinho do nazismo das suas fronteiras. Mas, Guilherme continuava quase sem trabalho porque se especializara no officio de tapeceiro, tinha mais jeito prá isso. Acabaria fazendo uma readaptação, voltando ao começo do aprendizado, voltando a seleiro. Um dialogo derpertou-o:

— No Brasil tudo é futebol. . .

— Dêxa êles jogá! Desta sujêra saí os cráque pró Pacaembú!

— Mas, saém, heim?

O treinador Flanela lançou ao comentador um olhar de desafio. Esperasse! Esperasse, pensava: o futuro o diria! Éle mesmo haveria de arrancar pelo menos um cráque dali, o Pé de Pato, com um chute tremendo, que ficaria na história do futebol.

Havia muito tempo que Guilherme não encontrava vèlhos amigos, acostumados a comentar a situação dos trabalhadores, trocando idéias sobre a vida. Nos dias de folga, antes do menino nascer, ia visitar conhecidos e todos sentiam identicos problemas rondando, inexoraveis, a existencia do trabalhador. Trabalhando muito não sobra tempo para ganhar dinheiro, era uma verdade popular que nada resolvia. Não bastava ao operario a paciência de aprender um officio, ter a vontade conquistada pelos seus meandros, cumprir deveres... Precisivam conhecer as causas das desigualdades fóra das soluções de um dia; a demagogia de quantas porcarias falsamente filosoficas, inventadas para sufocar os anseios duma classe oprimida, inventadas para manter a exploração do operario. Havia táticas para levar à prática essas teorias, como aquele garôto levava habilmente a bola até o gól. Mas, a parte numerosa dos trabalhadores estava dividida por dezenas de caminhos tortuosos, refreada por condições desfavoraveis, entorpecida por derivativos... Discutira tantas vezes, se o futebol, que empolgava nossa juventude, era um bem ou um mal. Os mais sectários, aqueles que compreendiam o mundo somente pela ação imediata das idéias, estes cuspiam sobre o divertimento da multidão. "Pão e circo", "feijão e futebol", seriam a mesma coisa. Mas, a propria prática da luta vinha ensinar raizes mais profundas da questão.

O futebol é a distração do pobre, do miseravel, do trabalhador, porque é o divertimento menos dispendioso. Porisso, éle nasce e vive nas varzeas. Lá pelos grandes estádios é uma sublimação para as outras classes, um espetáculo mundano, sensacional. Aqui nos terrenos alagadiços, a bóla é um pedaço de papel bem amarrado, ou um pé-de-meia surripiado e cheio de trapos; com uma pedra, uma caixa de fosforos vasia, qualquer coisa, o pobre treina os movimentos

do pé, afim de manejar a pelota e domina-la, um dia; o campo é a rua imensa e a rua pobre ainda é do povo; o chapéu ou o paletó atirados ao solo, servem de páu-de-gôl. Se a maioria está descalça, obrigam-se os calçados a igualar as armas do jogo. Em meio à grande desgraça do pobre, não serão os que pensam nos destinos do pobre e que defendem as suas reivindicações, aqueles que lhe arrancarão o divertimento único. E' preciso ir buscar a massa onde esta se encontra e se ela está no futebol é ali que devemos procura-la, misturando-nos àquilo que todos nós somos... Meninos largados da varzea. Cáras de gente grande, rugas de adulto esmagado pelas diferenças...

Rafaél deu um chute mais fórte, querendo em vão passar ao Luiz, todos êles preocupados em treinar o outro extrêma que faltava ao time. A bola foi dar em cheio no rosto do operario. Guilherme assustou-se e sua filosofia parou. Houve risos. Êle tambem achou graça, contra a expectativa, principalmente de dona Filomena, que buscava aliados.

O estranho judeu Isac, o camiseiro da esquina, que todos olhavam desconfiados, passou com o eterno embrulho debaixo do braço, em direção à sua casa, onde estava a máquina de costura; mais camisas para alguma grande loja da cidade, com certeza. Passou cumprimentando-os, sem ver o jogo, olhos espantados, rosto pálido, já furadas as solas das botinas. Dona Filomena acompanhou-o com os olhos, parando de fazer meias. E até pouco mais tarde, o treino continuou com uma reserva de duas bolas para o dia seguinte.

Entretanto, o judeu Isac desmentia toda a fama que houvesse sobre a sua raça: não passava de um operario, vivendo na sujeira da varzea, a familia amontoadada num quarto que servia de cozinha, dormitorio, sala de refeições e oficina. Adquirira a máquina de costura a prestações; trabalhava dia e noite, perturbando o sossego dos próprios filhos. Da Polonia fugira no último "progrom", a caça ao judeu, o derivativo chôvinista dos governos impopulares, diante dos descontentamentos do povo. Conseguira montar no Bom Retiro uma

pequena fábrica de malhas. Mas as grandes fábricas abaixavam os preços de tal maneira, para liquidar os pequenos, que se viu reduzido à miséria em poucos meses: salvara o dinheiro para mudar-se, unicamente. Era uma raça jogada e de espirito temperado pelos sofrimentos. Adorava os filhos, como todo judeu. As privações dele e da mulher eram em beneficio dos pequenos. Pensava seriamente num empréstimo para de novo endireitar a vida. Nesse fim de tarde, depois de uma ligeira refeição, a máquina começou a martelar como metralhadora contra as diferenças da vida. As roupas deviam ser entregues no dia seguinte.

13

Depois das 23 horas dona Filomena vai gozar o mistério das suas queridas moédas, o mêdo crescendo na sua imaginação à medida que os dias passam e lhe contam coisas da guerra e da crise. Nessa noite, a câra do judeu ficára aumentando esse terror à máfia. Ao longe, ouvia-se o ruído surdo das rôdas duma máquina de costura e que máquina não haveria de ser senão aquela do judeu?

O vizinho, Genarino Pé de Pato, encontrava-se só nessa noite, pois a mãe fôra ver se resolvia as novas encrencas da filha com o marido. O garôto vinha de assistir a uma fita de fantasmas no cinema Babilonia, que um amigo porteiro da geral tinha deixado entrar de graça. Trazia a cabeça povoada de ruídos inesperados, de gemidos e de surpresas. E em meio a tudo, lembrava a fita dos câras-sujas, que assistira ha tempos e quem sabe se aqueles garôtos não tinham razão de roubar para viver? Não seria fácil deste modo? Não poderia começar, assim, até obter coisas bonitas que lhe estavam proibidas? O estomago se assentaria... A vida da mãe e da irmã ganharia outra fôrma...

Roubar, afinal de contas, tambem é um trabalho que exige jeito, falâra-lhe Pestanudo, de cujas atividades desconfiava. Sentado na cama de ferro, querendo pensar na tarêfa de todos os dias e que viria pela madrugada, a figura de seu amigo Pestanudo, o espanholzinho, veio-lhe à mente, ligando-se à historia do bando dos câras-sujas. Sabia que o espanholzinho tambem possuía seu bando, lá do lado oposto da avenida, na outra varzea.

No silencio do quarto, seus olhos foram dar no telhado mal iluminado pela lampada de vinte-e-cinco velas, cheia de pó e as teias de aranha tomando conta do fio elétrico. Casa velha e sem forro, mostrando um pedaço das tesouras de madeira, as têlhas enfiando-se umas sob as outras, ganhando a côr do limo.

O ruído costumeiro no outro quarto, onde reside dona Filomena, despertou-o dos seus pensamentos e nêle se concentrou de-repente, numa associação de idéias esquisitas. Contavam-se coisas estranhas desta vizinha, que lhes roubava as bolas de pânó, procurando dificultar-lhes o divertimento e vivia pela vizinhança, fazendo intrigas. Por que não espiar o que fazia essa mulher a estas horas? Seu olhar correu celere pela parede, como se a escalasse. Levantou-se da cama. A mãe, se estivesse de volta, andaria pelos dois bondes que ainda tinha que tomar. Agarrou o caixote de que-rozene, que não bastava. Foi buscar uma das velhas cadeiras e colocou-a firmemente. Faltava pouco. Na cozinha ainda encontrou um caixote vasio, de sabão e com estes apoios, chegou cuidadosamente, para evitar ruído e não cair, à altura da parede, que não alcançava o telhado e de onde podia espiar. Fez isso esportivamente, como numa façanha, empolgado pelas aventuras do filme assistido. Mas, a seguir o vulto agachado da velha se lhe apresentou como jamais o teria visto e tudo relembrava cinema, como avistando o personagem por um angulo diferente, de cima para baixo, melhor distinguindo todos os movimentos. O colchão amarrado ao meio estava sentado, o corpo curvo sobre os dois sacos de moedas e a mão ía e vinha pelo interior destes, a cabeça imóvel. A luz, naquele quarto, também era fraca. Mas de vez em quando as moedas faziam reflêxos e davam um aspecto curioso à mão em concha da velha, os dedos grossos e esquisitos.

Genarino parou a respiração e por um momento esqueceu a perigosa posição em que se encontrava, lá no alto da improvisada piramide. Com o olhar examinou os dois sacos. Compreendeu rapidamente a cêna, bastante clara de se entender. Veiu-lhe uma sensação de coisa proibida. Sentiu que estava cometendo ação

duvidosa. Lembrou-se do perigo de despencar e ao mesmo tempo pareceu-lhe ouvir ruído na porta. Sem dúvida devia ser a mãe. Teve impetos de saltar, mas refreou-se. Nada disso. Desceria com calma e daria uma desculpa porque fechára a porta com a tranca. Largou o apoio da parede, agachou-se devagarinho, foi descendo e quando sentiu os pés na cadeira, voltou a respirar, saltou desta, foi repôr os dois caixotes e abriu a porta: não havia ninguém. Da outra esquina vinha apenas o barulho da máquina de costura do judeu. O frio fazia as ruas desertas. E lá, na distancia, o ronco impreciso da cidade, preparando-se para dormir.

Tornou a pôr a tranca, contra os seus costumes. Aquele mêdo de ficar sozinho ao lado da velha misteriosa contando dinheiro... quanto dinheiro haveria ali? De novo sentou-se na cama e o pensamento se acelerava. Voltou à figura simpática de Pestanudo, que havia muito tempo não avistava, ambos levando vida diferente e Pestanudo não querendo ser jornalista que-nem êle. Os cára-sujas do bando do Pestanudo. Êle, Genarino Pé de Pato, cráque futuro de futeból, não seria também um cára-suja?

Os minutos e as meias-horas passaram rápidos para o menino, que ficou esperando a mãe, querendo companhia.

Depois de quasi um mês, o bate-bola da rua Marechal de Férro, lá no bairro se formando, continuava com as novidades costumeiras. A turma ia contando o número de bolas que a vélha devia ter armazenado. Principiava-se a dizer que, de ruindade, destripava-as com enorme faca. Começaram tambem a dizer que comia crianças; e algumas das mães dali, apertavam ainda mais seus filhinhos ao cólo, quando ela passava. Mesmo assim, a vélha mantinha prestigio através das suas bem urdidadas e convincentes historias contadas às mulheres e muitas délas igualmente não topavam o futebol da rua, a gritaria e as boladas que levavam ao passar. Os vélhinhos que haviam largado todas as fibras de suas forças nas fábricas e nas oficinas, permaneciam em casa, cobertos de muitos trapos, por causa do frio, ficavam olhando o bate-bola através das fréstas ou das vidraças e sentiam antigas idéias rodarem-lhe pelas cabeças. No tempo deles não se permitia esta vagabundagem de rua, afirmavam. E de longe, quem pudesse acompanhar as atividades de dona Filomena surpreenderia um conjunto de preocupações conspirativas, em que parecia insuperavel. O grupo de espectadores variava, mas raramente diminuía de número. Sem ser clube organizado, principiava a se constituir no motivo das preocupações tambem dos adultos. Dona Filomena tinha a favor do seu prestigio todos os interessados na liquidação do clube, antes mesmo dele nascer; e mais a necessidade de noticias e de conversas da vizinhança, enquanto cuidavam dos afazeres de casa e mais a idade, que impu-

nha respeito; e mais o deslumbramento do seu passado de moça, lá na Europa; e também lhe era favorável o campo livre deixado por aqueles que se preocupavam com seus serviços, com suas próprias vidas difíceis e com o futuro clube... Qualquer coisa de muito sério ela andaria tramando nestas últimas semanas.

Acontece que o judeu Isac costurava à noite e pela manhã partia com uns embrulhos; ficaram sabendo que já não vendia o seu trabalho às lojas de roupas feitas na cidade, mas se tornara vendedor ambulante de prestações. Como seus irmãos de raça, era também o "judeu da prestação". Vendia de tudo, recebendo aos poucos. Ali mesmo, perto do bêco, possuía freguezes. Mas, a miséria do lugar em que residia, afugentava-o, porque nem sequer a prestações esta gente poderia comprar-lhe. A lenda do judeu tomou seu curso para o cada vez mais e maior.

Dona Filomena visitava os filhos, que liam notícias de guerra e de política, falavam da crise, das coisas se encarecendo e atribuíam tudo à existência dos judeus. Raça escorraçada por Hitler e Mussolini e que os burros dos brasileiros recebiam de braços abertos — eram estes os comentários. A Alemanha invadia agora a Rússia, depois de ter fracassado nas suas pretensões de invadir a Inglaterra. Formava-se uma aliança, um bloco mais poderoso contra Hitler. Os Estados Unidos também entrariam na guerra, mais dia, menos dia. Lá na América do Norte, na Inglaterra, na Rússia e nos países americanos que estavam com aqueles três primeiros, também se aceitavam os judeus. Mas, Hitler e Mussolini ganhariam e fuzilariam a todos. Tantas fez dona Filomena, que até descobriu uns devedores de Isac, aos quais convencia da necessidade de não lhe pagarem as prestações.

Outro fato importante, porém, era o de Genarino Pé de Pato ter principiado a rarear nos treinos. Por onde andaria ninguém podia sabe-lo. Desculpava-se com a venda dos jornais. Vermelhão precisava dele.

Mas tudo era mentira. Na verdade, Genarino andava se encontrando com Pestanudo e seu bando. Alguns eram engraxates dos domingos, com caixa feita de tábuas velhas, por eles mesmo e que não pagavam licença, procuravam os bairros mais distantes para recolher niqueis, a duzentos, trezentos réis ou mais, conforme a cara do freguês. Outros não faziam nada. Andavam largados duma vez. Ou apareciam pelas feiras-livres afim de carregar cestos de compras das freguezas, faziam pequenos carretos, a dois e três-mil-réis. Pestanudo escolhêra alguns dos que demonstravam mais firmeza e ambição ou eram capazes de dar informações valiosas sobre o que pretendiam realizar de comum acôrdo. Genarino regressava tarde, quando o bate-bola havia terminado. Saracura interessava-se mais do que os outros pela sua vida: vinha saber. O amigo sentia desejos de leva-lo tambem para o bando, mas Pestanudo proibira isso: nada de gente nova que êle mesmo não examinasse.

Maximino Fernandez, o espanhól dos balaaios, continuava aparecendo para assistir aos treinos, trazendo sempre quatro taquáras entreveradas, formando qualquer coisa de que só ele entendia. Vinha com barba de muita semanas, meio branca e meio preta, bem dura, o cabelo despenteado, saindo por baixo do chapéu. Toda vez que dona Filomena atirava para dentro uma bôla, dizia uns palavrões, às vezes em vóz alta, mas os palavrões eram costume de todos e não chegavam a irritar ou a ferir pudores.

Guilherme, quando conseguia trabalhar, mesmo assim regressava logo depois do almoço: às vezes desaparecia até a noite, em busca dalgum outro serviço; de outras, permanecia esquecido por ali mesmo, observando a vida dos seus semelhantes, calado e já dona Filomena não o considerava um homem em quem devesse depositar a mesma confiança. Operario de fábrica, haviam-lhe dito que em geral não passava de comunista; judeu, tambem. Pois êles deviam andar se entendendo. Esta gente, com os sujos e nêgros do Bêco, formavam a máfia que a aterrorizava.

Os devedores de Isac andavam tomando atitudes mais corajosas. Alguns haviam se mudado e o judeu descobrira as novas residências, irritando-os ainda mais. Isac contornava discussões, procurando substituí-las pela persistência das cobranças. Foi-se formando, naturalmente, o complô contra o “judaísmo internacional”, trabalhado por forças que não se enxergavam à luz do dia, eram o lado desconhecido da vida, que rebenta quando menos se espéra. Lobishóme encontrára na rua Marechal de Ferro, um local para matar horas aborrecidas: frequentava, à noite, rodas de amigos, cujas idéias e linguagem se pareciam àquelas dos filhos e conhecidos de dona Filomena, lá pelos outros bairros; e a vélha conversava com o fiscal, mas ninguém dava importancia a essa amizade. Dona Filomena exultava ao narrar a tróca dos seus inquilinos judeus, por gente italiana do fascio, com quem se dava bem. O Bom Retiro, onde infelizmente estavam suas duas velhas casinhas, compradas com o dinheiro do falecido marido, andava infestado de judeus e não compreendia por que motivo a policia e os brasileiros não tomavam providencias. Lobishóme sabia dizer a tudo que sim, que sim, sentindo a afinidade estranha das idéias que, entretanto, vêm de lugares diferentes e de pessoas diferentes. Mas falava da Italia como de um grande país, cheio de tradições, a grande Roma que deveria dirigir o mundo pelo respeito que se deve ter às tradições e à história. E um dia ganhou de dona Filomena uns folhétos e uns almanaques que o consulado italiano andava distribuindo. Lobishóme sentia leves desejos de aprender o italiano gramaticalmente, uma vez que compreendia a linguagem misturada de dona Filomena e parava quando ouvia canções do Tito Schippa ou do Daniéle Serra.

Era tudo uma trama de idéias confusas movimentando a mística, a vontade de fazer alguma coisa... Era a maldade transformando-se em organização política.

15

Semana quente das conversas destes aliados e de outras caras estranhas aparecendo por ali e tambem um ir e vir de dona Filomena às casas dos filhos. Quem adivinharia o que tramavam? Os que trabalhavam tinham de sobra para preocupa-los.

E a coisa principiou com uma discussão entre Lobishóme e a mulher de Isac, enquanto este se ausentára com suas mercadorias. A encrenca era negocio de licença. Vinha intimar, acompanhado de dois amigos e a mulher procurava convence-los a voltar quando seu marido estivesse. O estranho era a argumentação do fiscal, que xingava judeus e todos os estrangeiros que queriam tomar conta do nosso país. A gritaria foi se fazendo e a gente do bairro se juntando. Pela primeira vez um fâto mais importante roubou assistencia ao futebol e pouco mais tarde, os proprios jogadores.

— A senhora me dá o dinheiro, senão eu falo na policia...

O assunto era, pois, de policia e, portanto, grave. Fernandez espiava de longe, sem compreender bem as origens do caso; dona Filomena permanecia à porta da sua casa, fingindo tecer meias, mas era a mais interessada de todos; alguns circunstantes animavam o fiscal, que, assim, foi ganhando coragem e levantando ainda mais a voz. Debalde a mulher torcia as mãos, procurando explicar que não sabia de nada, que tivessem paciência, que voltassem mais tarde. Tudo inútil. A coisa foi azedando. Quási que sem querer, isto é, por impeto, alguém disse, a meia-voz, que o melhor seria assaltar a casa, procurar a licença, que a mulher estava escondendo.

dendo. Os três amigos reclamantes deviam estar chumbados, porque começaram a repetir isso em vóz alta e tudo indicava que o prometido se realizaria. Às tantas vieram mais outras câras desconhecidas, empurraram a mulher e entre o chôro dos filhos de Isac, invadiram o quarto, em confusão. A mulher apenas abriu uns olhos desmesurados, principiou a bater os labios numas lamentações, agarrando-se aos três garotos.

— Queremos a licença!

— Põe fogo! gritou uma voz.

— Põe fogo, repetiram outras.

Já então na rua se formára a multidão de curiosos e ninguem mais se entendia.

— Não! Por favor, a máquina não! — pediu a mulher.

Justamente esse interesse pela máquina animou os homens a dela se apossarem. Riam-se de gôzo. Haveria de ser precisamente a máquina. Em dois, agarraram-na. O terceiro partiu em busca de querosene. E entre gritos, a mulher fugiu apavorada com os filhos, não se soube para onde, mas desapareceu na primeira esquina, deixando o quarto largado à sanha dos homens. As proprias mulheres que até ali haviam sido contra os judeus, sentiam-se irmanadas ao lar invadido. Fez-se largo entre os curiosos mais proximos à porta e com estrondo a máquina de costura do judeu veio ao chão. Arrastaram-na para o meio da rua, como numa festa, como num sábado de aleluia. E atearam fogo. A parte de madeira foi escurecendo, o verniz desapareceu com a chama e todos adivinharam que somente fêrros restariam dali a pouco. Quando o fogo ia mais alto, os três homens se convenceram de que o trabalho estava terminado e partiram entre risadas. Os demais ouviam apenas o que Lobishóme falava a respeito de judeus, como num comício, e mais adiante, em torno a dona Filomena, algumas mulheres curiosas trocavam idéias sobre o ocorrido.

Foi quando Guilherme chegou e se viu atraído pela aglomeração. Ninguem contava coisas certas. Mas o fogo naquela máquina de produzir, entrou-lhe como

para despertar a reprovação imediata. Ninguém se mexia. Eram apenas espectadores, não sentiam a responsabilidade do caso.

— Ninguém apaga isso?

As ruas das varzeas não são calçadas. Guilherme correu à sua casa e de lá veio com uma pá que afundou no solo, atirando a terra na base das chamas. Em pouco só havia uma leve fumaça. Tão calado seu Guilherme e, entretanto, falando coisas contra o acontecido, todos o olhavam pasmados, cada qual começando a sentir um pouco da responsabilidade. Retiraram-se de um em um, sem saber o que pensar daquilo que havia sido um divertimento. Dona Filomena afirmou à vizinhança que seu Guilherme também devia ser judeu, ou comunista. Este, porém, ainda foi buscar uns pânos resguardando as mãos para agarrar-se às partes de ferro da máquina, que se despregaram facilmente das tabuas queimadas. Levou-as ao quarto de Izac e fechou a porta como pôde. Estava excitado. Mas regressou à sua casa, onde despejou tudo quanto tinha a dizer dessa confusão que o povo fazia em meio às suas próprias desgraças, aproveitado nas suas insatisfações e miserias pelos arengadores demagogos e safados. A companheira, em meio às mesmas dificuldades, começava a compreender melhor porque motivo se interessava êle por estes assuntos dos outros. Sentia pena da mulher do judeu e dos filhos, que haviam fugido apavorados.

Quando Isac voltou, as pequenas ruas próximas ao bêco e à Marechal de Férro, tinham curiosos pelas janelas e portas que pareciam aguardar um outro final para o espetáculo. Seu pasmo foi ao empurrar a porta e os restos da sua máquina fizeram-no soltar uma exclamação de incredulidade, como se estivesse sonhando. Dentre os individuos que haviam estado ali, alguns se acercaram para contar. Mas ninguém sabia dar-lhe notícias do destino de sua mulher e dos filhos. Estava desesperado. Trancou a porta e partiu dali quasi correndo. Os mais proximos disseram que ele ia repetindo apenas uma pergunta:

— Program?! Program?! Program?!

Nesse dia não houve mais treino. Ficaram as pessoas pelos cantos e pelas esquinas comentando o caso e os garôtos ouvindo as conversas, curiosamente, como para ter o que contar.

Na impotencia da miséria daqueles casebres, Guilherme pensou nos meios de refazer a máquina de costura do judeu. Uma subscrição? Mas apenas ponde pensar isso e a idéia da incompreensão daquela gente, trabalhada por mentiras, foi mais forte e convincente. Uma reparação devia ser feita. Seria necessario ao menos manifestar amizade por esta gente, acuada no seu próprio trabalho. Haveria de fazer qualquer coisa.

E seus pensamentos se engrandeceram, cheios de solidariedade dum lado, cheios de odio, do outro. Tempo perdido. Definir-se. Sentia uma força interior que era como uma recriminação diante do cenário do mundo. A luta entre o fascismo e a liberdade de pensar e de viver, aguda, irrefreavel; o desentendimento grassando na humanidade, como uma doença desconhecida, sem remédio, que vai até o fim. E aqui a dois passos, a luta absurda, cega, sem quê nem porque, estabelecendo-se aos seus olhos, principiando entre o povo, sem que êles nada pudessem fazer. Como alguém querido que se afogasse, que nossos olhos vissem se afogando, desaparecendo, que se soubesse como salvar e que outras forças impedissem de fazê-lo... Era a sua peor tortura, porque era a tortura do pensamento.

16

Para entrar de novo na tecelagem, Irma tivéra que vencer barreiras. Não havia mais vagas. Começou novamente como substituta, ganhando por hora. Depois, vagou-se um tear para algodão e ela aceitou. Mas, a dificuldade maior estava em suportar o mestre, o italiano Marinoni, que também era fascista e perseguia as operarias com ameaças e multas. O instinto de conservação imediato, do ficar de pé hoje para o verêmos amanhã, é mais forte que a idéia da defesa do todo, da garantia do amanhã através da luta de hoje. Isto somente a experiencia ensina! A experiencia propria ou aquela dos outros, aconteça onde acontecer e tem por campo o vasto mourejar de todas as fábricas e oficinas, ruas e bairros e sertão, em todos os confins imensos da terra. Era aí que residia o abraço dos homens de todas as latitudes. Para saber como lutar contra os perseguidores de operarios, aqui neste bairro, nesta fábrica, era preciso saber como os operarios italianos, os alemães, os franceses, lutavam contra seus algozes, contra os que acreditavam numa ordem de castas e raças... E o doutrinador ia longe...

E o doutrinador era Guilherme, seu proprio companheiro, quando Irma lhe contava o que acontecia dentro de sua fábrica. ... Um dia, quando todos se entendessem...

... Um dia... Isto é, não tinha ela visto uma correia estirada rebentar?...

— Quantas!...

... Quantas tinha visto ela!... Entretanto, uma correia é tão dura... tão dura que póde ser comparada

à dureza do entendimento entre os explorados. Custa a chegar seu dia. Um só pode compreender. Se você os toma isoladamente, cada um sabe o que haveria de fazer. Mas, sozinho êle não tem força. Quando todos compreendem...

— Rebenta a correia!

— Isso: acaba-se a dureza nalgum ponto. E' preciso que chegue a oportunidade. Que se acabe a dureza e que alguma coisa mais esteja funcionando mal. Uma junção de metal. Ou em ponto sobrecarregado ainda mais de carga e de trabalho...

Irma ouvia-o, no dia seguinte chegava à fabrica, olhava a multidão de companheiras... Enfiava-se em meio a elas, punha-se diante do seu tear, começava a jornada. E os olhos fiscalizadores do chefe Marinoni em cima.

Afinal, Irma voltára à sua vida de tecelã.

Cedera a todas as exigencias prévias e conseguira o lugar. Mas, na falta de horas suficientes para repouso, sentia-se cada vez mais fraca e realizava milagres para que o mestre não lhe percebesse deficiencias no tear. No mês anterior levára oito multas; sentia essa redução no salario difficil, como talhos na propria carne. Corresponhia a uma diminuição do alimento, uma vez que o dinheiro do aluguel era o primeiro a ser entregue, antes que o encarregado do senhorio viesse da cidade cobrar com ameaças; e para a roupa ou os divertimentos havia mesês que não se falava.

Seu filho não podia continuar daquele modo: todo o sacrificio vinha-lhe à mente, quando apalpava os membros descarnados e contemplava aquele olhar morriço de doentinho. Durante o serviço pressentia constantemente um chamado à gerência para atender a alguém que vinha avisa-la: Francisquinho estava passando mal.

Viéra-lhe a resolução de se empregar sem consultar o companheiro. Hoje levaria o filho ao médico. Trabalhou de manhã, apenas: pouco antes pretextou uma dôr de cabeça violenta e se foi, ansiosa, para a casa da mãe, que lhe aprovou a idéia. Amamentou Francisquinho antes e tomou o bonde que deveria levá-la até

pérto do casarão vélho onde funcionava o Centro de Saúde. Ali não pagava e às vezes conseguia medicamentos de graça. Quando recebia apenas a receita, o único recurso era substituir os remedios determinados, pelos de homeopatia que custavam mil e dois mil réis. Benedita, a mãe de Saracura, aconselhára-a, certa vez, a ir a um centro espirita da Penha, onde os espiritos, todos se concentrando, davam receitas e os remedios eram muito baratos. Mas, o contacto com os médicos do Centro haviam-lhe infundido o respeito e a crença dos aventalões brancos, das mesinhas brancas, tudo limpinho e a vóz grave e imperativa das coisas organizadas como na sua fábrica, onde tudo funcionava direito, sem se arastar nas coisas improvizadas.

Subiu com receio a pequena escada de cimento. O menino dormia. Parecia que de inanição. Lá dentro as mulheres se espalhavam pelo salão de chamada, ou diante da portinhola das injeções, ou de pé, proximas às balanças de pesagem, olhos e ouvidos atentos, os filhos ao cólo ou já andando, agarrados às saías, choramingando, ou expertos, enchendo-lhes a vaidade de mães. Já quasi se esquecêra o que precisava fazer. Outra mãe, solicita, indicou-lhe o pequeno balcão onde se distribuam fichas. Não era ali. Tinha que ir ao guichê do arquivo. A moça perguntou o nome, ela deu o seu mesmo.

— Não interessa, dona... Eu quero saber o nome da criança.

— Ah! sim senhora... Pois é... Tem razão...

Estava humilde e embaraçada. Aguardava reprimendas pelas faltas anteriores e mastigava desculpas no raciocinio.

— ... Francisco... sim senhora...

— Francisco de quê?

— França. Francisco França!

A funcionária manuseou o fichario. Tirou um cartão. Correu o olhar sobre datas. Levantou os olhos, séria, fitando a mulher, que parecia querer afastar-se do guichê e esconder o filho. Este se movimentou e iniciou um chorinho agudo, quasi imperceptivel. Irma de-

sabotou instintivamente a blusa, deu-lhe o seio, que Francisco principiou a sugar, sem forças. Estava mesmo muito mal.

— E' hora dêle mamar?, perguntou outra moça, desconfiada.

— E', sim senhora, dou sempre a esta hora...

A funcionária do guichê, entretanto, aguardou apenas que fechassem o curto dialogo, para gritar-lhe:

— A senhora esteve viajando?

Se tivesse pensado nisso, Irma continuaria mentindo. Mas, não lhe havia ocorrido tal:

— Não senhora: eu trabalho...

A moça meneou a cabeça.

— Porque ficou tanto tempo sem vir? E' preciso vir sempre. A senhora não se importa do peso, nem nada. Precisa continuar as injeções de calcio. A senhora precisa vir sexta-feira, às oito horas da manhã, prá exame de sangue. Chi... que magrinho, disse levantando-o e espiando a carinha chupada. O que é que está dando de comer? Nossa Senhora! Sente lá. Daqui a pouco o doutor vem aí. Tem que mostrar prá êle...

E gritou outro nome de criança. Irma não teve tempo nem animo para responder. As funcionárias falavam rapidamente umas palavras decoradas, diante de crianças magras a mesma chapa. No primeiro dia o filho estava bonito e ela tambem viêra descansada. Seu rosto moço despertava a atenção até mesmo das outras mulheres. Haviam entrado na intimidade da sua vida, queriam saber quando se casára, tinham feito festas à criança, que ainda não sabia sorrir. Depois, entrára outra mãe e lhe parecêra que a cena se repetia. Uma duzia de mães esperando. As câras mais diferentes que se podia imaginar. Hoje, porém, subira as escadas de cimento em outras condições. Sentou-se num dos bancos compridos, disposta a aguardar. Mudou a posição do garoto, deu-lhe o outro seio. E, a mão aberta sobre o pequeno cobertor marron que o envolvia, levou o pensamento ao marido.

Guilherme devia estar em casa. Andava juntando as peças da máquina de costura do judeu, que êle mesmo

desmontára. Pedira-lhe dez tostões de querosene, despejara-o numa bacia, ali mergulhando as peças. Levara algumas a um amigo duma oficina mecânica, para consertar. Estivera reconstituindo as partes da madeira, queimadas, numa preocupação forte de realizar o trabalho, um pouco desajeitado porque não era marceneiro, nem mecânico; o velho Nicolau ajudara-o um pouco; e afinal, acertando pelo costume de andar metido em meio a máquinas. Nesta hora deveria estar de volta e pensava terminar o serviço. Ele não sabia que a companheira se encontrava no Centro de Saúde, cuidando da criança, para vêr si ainda conseguia reconciliar tudo com a sua condição de mãe e operaria.

Irma ruminava o que haveria de dizer ao médico.

— Vicentina Toledo...

Ninguém se mexia.

— Vicentina Toledo...

— Está pensando, respondeu alguém.

A moça passou os dedos por outra ficha e gritou um numero:

— Trinta-e-nove...

Era o de Irma. Levantou-se de um játo, como se perfilando. A pequena trouxa de fraldas, mal segura, caiu-lhe. Agachou-se antes de atender.

— Trinta-e-nove... que diacho, ninguém está aqui?

Irma levantou a cabeça.

— Só eu.

— Porque não responde logo?

E foi apontando a porta vazia, do gabinete do médico.

A mulher curvada que entrava no consultório não parecia aquela operaria ativa, que discutia, na fábrica, com o mestre, as horas de serviço e o preço do seu trabalho; que começava a compreender, cada vez melhor, as explicações de Guilherme; sentia-se culpada sem o ser. As ruguinhas perto dos olhos da criança, cuja pele não se esticára mais, pareciam qualquer coisa escrita num papel, dizendo-a mãe desnaturada. Fazia esfor-

ços para responder intimamente que não, que a culpa era da necessidade e dessas dificuldades de que todos se queixam. O médico, sentado, fez-lhe sinal para que se aproximasse. Não era preciso muito para vê-lo estado. Pediu-lhe a ficha. Apertou um botão. Veiu uma enfermeira com apetrechos de injeções nas mãos.

— O peso desta criança, — disse o médico. Por que não a pesaram?

— Não sei, doutor, respondeu com respeito a enfermeira. Decerto não é dia...

— Diga à encarregada que preciso do peso. Póde pesar.

E dirigindo-se a ela pediu-lhe que voltasse depois. Irma foi fazendo tudo automaticamente. Desnudando a criança, via agora melhor, a esta luz forte, ajudada pelo esmalte branco das paredes e pela limpeza, via agora melhor a magreza do filho, que sentiu a mudança de temperatura, começou a chorar de novo.

— Chi!... Nossa Senhora! O que é que êle teve?

Não deu tempo de responder, a moça desapareceu, enquanto Irma enfaixava de novo o filhinho. Foi levar o resultado ao médico: 4.800 *grms.* Quiz dar explicações a respeito da sua situação, pretendia que o médico lhe desse um tratamento capaz de resolver as deficiências da sua falta de tempo para assistir à criança. Imaginava o impossível. Em dois minutos de nervos e de raciocínio apressado deu-se conta da realidade. O médico resolve apenas uma parte do problema. À noite, entre as arrumações do seu lar, viria a palestra com o companheiro e através desta, os comentários e as conclusões. Guilherme utilizava estes momentos mais objetivos, mais sentidos, para tornar a companheira aquilo que fôra em solteira, uma rebelada conciente, que compreende os momentos de ação e aqueles de raciocínio.

Recebeu a receita dizendo que sim a tudo. Para segui-la teria que voltar a dedicar-se ao filho e abandonar o emprego de novo. Quando deixou o Centro de Saúde, rumo ao ponto do bonde, veiu-lhe a lassidão diante das coisas irremediáveis. Apertou a criança com

mêdo de perdê-la. Afrouxaram-se-lhe as pernas, que aguentavam as jornadas de serviço atravessadas de pé e agora não resistiam ao peso destas durezas. Nem pediria conselhos a Guilherme, que apenas responderia: "eu sei, eu sei, larga mão do serviço e pronto, arran-jaremos um jeito, amanhã vou ao Ipiranga, parece que lá tem vagas"... Sempre aquele otimismo, aquela esperança diária, somente para engana-la.

Os vespertinos largavam a última edição. Não havia fatos mais fortes, que representassem novidade para o pégão dos garotos jornaleiros, nos quais ela começava a vêr, simbolizado, o Genarino do seu bairro. Eram os genarinos da cidade. Apenas gritavam, "noticias da guerra!", "noticias da guerra!".

Depois do serviço e do almoço em casa, Genarino saiu ao encontro de Pestanudo, que já deveria estar esperando-o. Fez isso bem antes que a turma do treino aparecesse.

Ia atravessar a avenida Rangel Pestana, agora de asfalto negro, betume nacional e o ruído cheio do camarão leiteano amoleceu-lhe os passos de pernas curtas, rapaz de rua com ares de homem, assuntos de homem, a preocupação de ganhar dinheiro, bastante dinheiro.

O vermelhão do bonde encheu-lhe os olhos, o veículo enorme é um trem barulhento, engulidor de passageiros por atacado, tomando conta inteira das ruas; vinha naquela disparada de horário em cima e o pensamento do motorneiro no lapis de côr vermelha do fiscal que faz trôco, molha a ponta desse lapis e escreve o que quer e fala o que quer na direção da Light, sem os colégas saberem. Mas, na esquina, o sinal automático deu amarelô no meio e, a seguir, vermelho em cima; então, daqui de fóra via-se a metade do corpo do homem arcando-se para a frente, agarrado ao bréque e em baixo do camarão as sapatas apertando ródas, largando fumaça do atrito, que até Genarino gostou da breçada, que-nem no tempo do Tom Mix refreando de repente o cavalo macho que não havia outro, nem o de Buck Jones.

O menino estacou e até fez um movimento de corpo, acompanhando na torcida o esforço do motorneiro e a avenida se encheu logo de autos e mesmo de algumas carroças atrás do bonde e vieram parando os outros veículos todos que vinham e que vinham. Dai, Genaro per-

cebeu que do outro lado estava Pestanudo, o espanholzinho que diz que o pái dêle morreu de punho fechado no batalhão do "El Campesino", lá na Espanha, lutando contra os fascistas. Pestanudo alongou o corpo para além da frente do bonde e notou o companheiro, fez sinál com o braço magro aparecendo sujo e quási inteiro da manga rasgada e esta escorregou para baixo ainda mais. Genáro sentiu mêdo de atravessar aquela paralisação de trafego, tudo tão cheio de ródas e nem parecia jornaleiro escolado que tomava até o circular amareló na rabeira, escondido do cobrador, prá chegar primeiro que os outros e vender mais deprêssa. Entretanto, o comando determinado pelo braço de Pestanudo coçava-lhe por dentro, dando energias, como se fosse gasolina num motor: êle nem compreendia por que. Não pensou mais nas máquinas de ródas que põem mêdo a gente olhando muito prá elas, como se fossem os tanques da guerra de que fala o jornal. Meteu o corpo pelo meio da engrenagem dos transportes para mostrar ao companheiro e chefe que também levava coragem para o bando e não era nenhum "cansado" como os outros querem dizer que é. Mas, na metade, quando já havia passado pelo camarão, como por uma fortaleza eriçada de canhões, o sinál automatico decerto já estava pintando amarêlo de novo e estes homens apressados nem espéram o verde: começou o aceleramento dos motores. Genáro continuou metendo o corpo pelos vãos apertados, disposto e vertebrado e até esbarrou duro no pára-lama dum fordinho que principiava a se movimentar, o sujeito na direção gritou:

— Sáí... boc'aberta!

Genáro saltou e respondeu na hora:

— ... a mãããiii...

Sim, esta parenta dêle é quem deveria ser uma boc'aberta, mas, perdeu o gosto de xingar, que o fordinho já ia adiante e são tudo uns fidido esses donos de baratinha, de bigodinho e andando com as irmã dos outros.

Encontraram-se os dois companheiros, Pestanudo coçando o pescoço encardido, coçando de impaciencia:

— Êta, “cansado”! Mais mi diga o qui é que ti pesa nesse corpo?

Apesar da fama, o menino tinha reações que desconcertavam e inspiravam alguma nova confiança:

— Pesa uma ova! Até vim correndo!

— Duas’óra que tamo esperando...

— Duas’óra... vá... vá...

Sairam por ali e Genáro ainda parou os ouvidos na voz do Vicente Celestino, que parecia querer alcançar o céu, ser ouvido por algum aviador e que vinha do radio da lojinha da esquina:

“Tornei-me um ébrio e na bebida busco esquecer...”

Entraram pelo outro lado da travessa, em direção à esquina onde se juntava sempre o grupo da rua de baixo, grupo de Pestanudo e este segurou-o pelo braço:

— Com’ê?

— ... o quê?

A pergunta, retrucando a outra pergunta, irritou ainda mais o outro, que queria vêr as coisas feitas logo de uma vêz. Genáro contou-lhe o caso do judeu, que havia acontecido lá perto da rua Marechal de Ferro e Pestanudo viu lógo que isso não interessava. Passaram pelo “férro vêlho” e ali um espanhol discutia o carrêto dum chevrolé em pandarécós, todo amassado num descontrôle contra um muro:

— No te voy a pagar más que veinte-mil-réi... sa-bês?

Genáro se distraiu tambem com a discussão, parece que querendo saber onde é que tinha sido espatifado o automovel.

— Gosado, não?

Pestanudo olhou-o de cima e de lado, pois era mais alto. Olhou como insistindo na pergunta, que soou na imaginação de Genáro, como si tivêsse sido repetida. Só então que o rapaz de rosto liso e sujo, o cabêlo misturado e uns piolhos do desgraçado do quarto lhe comendo o couro, parece que se chegou um pouco mais

à realidade, olhou prá cima, para o rosto energico do chefe do bando, as sobranceiras de Pestanudo entrando uma na outra, dando respeito ainda mais.

—Sabe..., a minha mãe...

— ... não vem com bobage de história de mãe, que não péga!

Genáro ia contar que a velha havia trazido para sua casa a irmã, brigada novamente com o marido e agóra as despesas tinham aumentado. Pestanudo, porém, vinha realmente disposto a decidir o caso do Genáro, o menos resoluto de todos; enquanto que este sentia vontade de formar no bando. Vacilava entre o futebol e as novas atividades. Não que quizesse chegar a muito, chegar a chefe. Isso éle não tinha cabeça para estar pensando muito as coisas e mandando nos outros. Queria ajudar, ser útil, acompanha-los, ganhar um apelido honroso, que não fosse mais o de "cansado", já que ali ninguem levava futebol a sério e nem o chamavam de Pé de Pato. Sentia necessidade de superar todas as suas vacilações, às vezes levantava-se disposto a se transformar num corisco, mas gastava todas as energias reconquistadas no curto sono, agarrando-se pelos bondes e ônibus, vendendo os jornais da manhã... Afinal, para cráque de futebol levaria anos e o serviço que o bando do Pestanudo fazia era coisa prá logo se verem os frutos.

— Vamo resorvê já!

— Eu sei... Vamo...

O chefe fitou-o com um ar de quem exige definição. O menino compreendeu.

— O pessoal acháro bom?

— No duro!

E havia entusiasmo e energia na expressão de Pestanudo, o braço sujo e comprido em meio à manga rasgada do paletó amarelado que, certo, havia sido dum outro maior. Nem mais a voz do espanhól do férro vélho, perdida a muitas quadras; nem mais a voz poderosa e gritada do cantor Vicente Celestino, o espiquer de certo entrando nos anuncios que não se acabariam mais.

Um cachorro passou, saltando sobre três pernas; naturalmente que alguma pedrada certaíra tinha posto a outra de quarentena, que seguia suspensa. Os dois acharam graça e o engraçado da corrida do cachorro tornou a ligar o tom de camaradagem dêles, que depois do riso seguiram abraçados.

Eram as três horas da tarde, no bairro cheio de paredes avermelhadas, das fábricas e dos depositos, chaminés compridas levando fumaça bem lá para o alto. Nomes que lembram riqueza e fartura, a avenida Paulista, o Jardim America... Matarazzo, Anderson Clayton, Figueiredo, Gamba... Um operario passou, sujo de gráxa, levando na mão uma peça redonda, decerto para concerto. Ruído de teares, dum lado; do outro, o sôpro forte dalgum ventilador gigante. Uma velhinha retardaria atravessou do outro lado, a roupa cheia de remendos coloridos, mas costurados cuidadosamente, um garoto preso à sua mão. Apesar de magra e diferente, a velhinha relembrou dona Filomena. Era disso que êles deviam tratar. Genarino relatou minuciosamente a vida da velha endinheirada.

A mãe dele tinha andado ocupada, nas noites passadas, com as encrencas da filha e do genro, até que se tinham separado, diziam que para toda a vida. Agóra não era mais possível espiar no alto da parede, porque estas não deixavam a casa. Mas, os detalhes estavam ali: que eram dois sacos bem cheios e que havia pratas antigas, isso não havia duvidas. À medida que falava criava ânimo com o silencio aprovador do chefe do bando, mas uma coisa ruim e amarga ia-se-lhe formando dentro, descendo pelo estomago... uma falta de ar... não sabia bem o que era. E somente depois de tudo muito explicado foi que se despediram. Ainda tinham que estudar muito bem a coisa e consultariam Moléque Quatro, um malandro dos morros do Rio, que era cráque nesses trabalhos. Na frente, a vélha usava tranca e pelos fundos, somente entrando pela casa do Genáro ou pela padaria. Isso sim, era um problêma. Mas conversando, conversando, chegaram a um acôrdo. O essencial era evitar qualquer ruído; por isso que Genarino tratasse de despregar duas ripas, logo à noite, da cerca dos

fundos e as recolôcasse como si ainda estivessem pregadas e firmes. O resto ficaria por conta do encarregado de realizar o roubo.

Genarino voltou apressado para não ser surpreendido pela noite. Estava nervoso e só uma força o impelia, então: era o compromisso com Pestanudo e aquelas sobranceiras fechadas, energicas.

18

Tudo muito bem combinado, Genarino não devia se meter porque era vizinho, poderiam desconfiar. Como si nada livesse com o peixe. Receberia sua parte em troca apenas das informações e dos serviços: havia explicado como deviam fazer para dar volta e entrar pelos fundos, pois a tranca da frente era dura e poderia cair, acordando dona Filomena. No seu quarto, Genarino vigiava a mãe e a irmã. Mas, desde o momento em que, à tarde, fugindo ao treino, fôra se encontrar com Pestanudo e este lhe dissêra que haveria de ser naquela noite, Genarino sentia uma coisa na barriga que a destemperára e a todo momento tinha vontade de ir na casinha, sem querer chamar a atenção da mãe que logo viria com chás. Passavam-lhe pela cabeça as palavras novas da gíria dos malandros, que Moléque Quatro mandára explicar e Pestanudo avisava que os tiras, que êles chamavam de "calça-curta", também conheciam, precisavam ter cuidado. Moléque Quatro era sarado, já tinha comido cana e estava ensinando a roubar sem perigo. Cheio daquela preocupação, Genarino fugira ao treino, pensando sério na aventura que haveria de dar dinheiro a todos êles.

Dona Esmeralda, com as pernas cheias de varizes e o nariz vermêlho em cima do fogão de lata de querosene, de cara feia. A irmã vinha morar aqui, as coisas então azedavam. As duas mulheres ficavam em casa conversando o dia inteiro e quando êle chegava, formavam encrenca. Que saudades tinha do tempo do irmão José, que às vezes saía com êle, iam visitar Guilherme, agora casado e morando ali perto.

— Vagabundo!

Não percebia a mãe que êle se preocupava até demais com a miséria da casa, desde que haviam passado a usar luto que não se acabava nunca, para aproveitar as roupas? Nunca mais ouvira a voz grossa do irmão chamando-o para levá-lo ao Parque São Jorge, dando-lhe a malêta com as joelheiras, as caneleiras, o calção, as chancas, tudo para treinar na extrêma e quando dia de jogo todo mundo sabia o nome dêle, gritavam na geral:

— Zézinho! Zézinho! Dá duro!

Ficava todo inchado só porque era o irmão e já se falava que seu chute era cada vez mais respeitado. Entretanto dona Esmeralda não podia estar adivinhando estas coisas e que Genarino queria trazer dinheiro. E quem sabe si com dinheiro convenceria a irmã a deixar para sempre o marido briguento, passando êles tres a viver juntos... Retardada a comida porque os dois pequenos fogões haviam estado ocupados com umas latas cheias de água e de roupa fervendo. Agóra dona Esmeralda remexia a concha dentro duma lata de banha transformada em caldeirão para sôpa. O filho precisava duns pégas que o endireitassem, tirando-o da rua. Apoiou as duas mãos nas cadeiras, ainda segurando a concha, que ficou respingando no chão de tijolos gastos e sujos. Alí antigamente era apenas cozinha e agóra virára cozinha e quarto e lugar para comer, era a casa inteira por oitenta-mil-réis por mês e elas lavavam roupa enquanto o menino continuava vendendo jornais. A mãe se poz nessa atitude e despejou o xingamento:

— Vagabundo, sim senhor! O Zézé não era ansim.

Levantou o braço para esfregar a manga curta na testa, enxugando o suor, mas falava no Zézé e as lagrimas molhavam os olhos vermelhos.

— Zézé jogava bóla... Mais, de dia de semana trabalhava que-nem cachorro, sabe? Ah! meu filho, não se acostume ansim...

Genáro quási teve vontade de chorar, mas veiu-lhe uma raiva fórte do tempo que não passava, se consumisse esta noite depréssa e assim, no dia seguinte ces-

sariam os máus-humores da casa. Êle haveria de ser, no bando do Pestanudo, um grande companheiro. Não lhe saía da imaginação o rosto sério, as sobrancelhas enérgicas e as pestanas compridas do Pestanudo, estas nem que fossem pontas de cabelo mesmo grudadas ali em volta dos olhos arredondados e vivos. Nem o jeito do Moléque Quatro, que dava instruções. Recordava os rostos silenciosos dos demais, como êle atentos às instruções dos chefes. As caras severas de Mafalda e da mãe, em lugar de arrefecerem seu entusiasmo pela aventura — a primeira vez que se metia nisso — davam-lhe maior convicção da necessidade agravada por esse negocio dos jornais ameaçarem de não receber mais encalhes, preocupando os jornaleiros.

Genáro continuava colecionando carteiras de cigarros, como notas de déz-mil-réis, aquilo era o seu dinheiro de mentira, queria ter a sensação das notas de verdade, com a impressão de homem feito e rico, como o espanhól do férro vólho, que tinha automovel e todo mundo respeitava. Abriu a lata, contou as notas e teve por elas a primeira sensação de desprezo. Estava certo de que iria substituí-las por notas de verdade, pelas quais trocariam as moédas de prata, de dois-mil-réis, da dona Filomena. Traria as notas para casa como si tivesse ganho no bicho, um palpite bom de manhã, o primeiro número do automovel, invertido e bem carregado. Um mundo de meses sem precisarem pensar nos oitenta do aluguel, talvez passassem a comprar leite, como antigamente, parar com esse negocio de café, somente café preto, que ficava no estomago e só o cigarro consentava um pouco o gosto da bôca. E mais tarde, quem sabe? tudo correndo bem, pois eram um bando sabido, então mudariam desta vida de vira-lata, a irmã apanhando do marido e os vizinhos achando graça naquilo. Mafalda respeitando-o mais, como homem, o macho da casa, capás de sustentá-la e portanto com o direito de ser respeitado. Pensando nestas coisas e o maço de notas de mentira na mão, sentiu-o volumoso, confirmando-lhe a impressão da realidade. Mas dona Esmeralda desperitou-o, vinha com a tijéla de sopa de fubá, saindo fumaça.

Genaro sentiu os dédos nos papéis vélhos, ollhou-os e ficou assim, de cabeça baixa. A mãe saiu e foi discutir qualquer coisa duma duzia de roupa lavada no mês passado e que não havia sido paga. A filha dizendo que não pegava o freguês em casa, era longe e só de bonde iam quatrocentos-réis. O menino tomava a sôpa e ouvia a discussão com uma grande pena das duas, que até se xingavam. E pensava no sacco de moédas da vizinha, nos punhados de pratas que possuiriam no dia seguinte. A mistura quente da água com fubá, um pedaço de carne cozida dentro, mais gordura que carne, esquentára-lhe o corpinho metido na camisa de meia e numas calças rasgadas e sujas. E a imaginação continuou trabalhando até o momento em que as mulheres se deitaram, certificou-se de que passava das onze horas.

Sentia-se bem em cima, bem em cima do momento angustioso do trabalho que os companheiros deviam realizar. Fumava, um atrás do outro, os cigarros, sempre que voltava à casinha, nos fundos, procurando evitar qualquer ruído, a garganta já lhe ardendo, mas êle pensando em cigarros de dez-tostões, desses que só fumava quando catava algum tôco ainda grande. O perigo? Perigo não haveria desde que as coisas fossem bem feitas. Moléque Quatro garantia isso e Pestanudo tinha uma cára séria e energética de homem, de quem quer trabalho bem realizado, e é capaz disso. Aquela coisa ruim na barriga e no peito subia para a garganta. O ouvido à escuta, parecia que o sangue se paralizava a qualquer bulha do outro lado. Genaro torcia para que os minutos passassem dépressa. Artes tivessem-no escalado para ir junto abrir a porta dos fundos e agarrar o sacco das moedas... Assim, tendo que esperar, o mêdo de que a policia andasse por ali, êle proibido de sair de casa... O silencio se engrandeceu na varzea. Apenas parecia vir um ronco de trem, mas seria bem do outro lado, o ronco chegando até aqui porque outro barulho não o abafava como de dia, quando todas as rodas da grande cidade funcionavam juntas. Já devia ter esperado mais de duas horas. Ou a coisa tinha sido feita ou estava por se fazer naquele instan-

te. A vélha Filomena, dormindo... Devia ser agóra. Pestanudo não era assim tão afiado que evitasse qualquer ruído. Teve a impressão de ouvir passos macios nos fundos... Na sua imaginação viu-o varando a cerca de que êle arrancára os dois páus, deixando-os apenas encostados. Daí por diante imaginou tudo. A vélha roncando e soltando aquele "fláuuuu" prolongado, seu conhecido; Pestanudo agachado, medindo os movimentos, que-nem um bicho de quatro pernas, devagarinho, devagarinho, forçando a porta dos fundos, entrando cauteloso, sim, era ali naquele montão de trapos que a vélha disfarçava sua fortuna. Agóra, para arrastar o saco cheio, ainda mais cuidado. A porta, outra vêz fechando-se devagarinho, tudo muito devagar. Genarino experimentou deitar-se e ficou encolhido, querendo apagar os minutos que passavam.

E depois veio novamente o silêncio, apenas quebrado pelo ruído conhecido da padaria, do outro lado. E nada mais. Nada mais e, entretanto, Genarino não conseguiu dormir. Passou o résto da noite ouvindo apenas as duas mulheres mexerem-se nas suas camas, e êle fazia o mesmo cuidadosamente.

* * *

Veiu a mudança de som nas pancadas da padaria. Retiravam os pães dos fornos. Madrugava. Os cestos enormes batiam no chão e ouvia-se a palha estalar. Depois, choques de pães sobre pães, a voz dos operarios contando-os. Genarino não aguentou mais a "spéra. Levantou-se. Não precisava ter maiores cuidados porque estava quasi na hora de ir para o serviço. Principiou a assobiar baixinho, procurou a bacia de fólha, foi buscar água no poço, onde encontrou um balde cheio, mas não teve coragem de examinar o terreno ou a cerca, nem de olhar para a porta da casa de dona Filomena, que devia estar com a trameja despregada e o trinco de férro também, tudo como haviam combinado. Entrou quasi correndo, molhou a cara, enxugou-a mal-e-mal no lençól e partiu. Passára uma noite de angustia e de sofrimento nos nervos arreventados da-

queles dias e entretanto sentia forças nas pernas para correr, como si tivesse sido ele o autor do roubo, como si carregasse o peso do saco de moedas... E foi se avisitar com Vermelhão, mas despreocupado de fazer féria. Já tinha dinheiro. Dali a três dias deveria encontrar-se com os companheiros, que lhe entregariam noias, as moedas estariam trocadas... O pregão do dia, uma quinta-feira sem sól, êle não o pedira; entictanto, Vermelhão repctia aos três garôtos que tinha à sua frente:

— Terrive bombardeio de Londres! Terrive bombardeio!

Apenas os outros dois decoraram a frase.

19

Trazia as mãos enfaixadas e os vizinhos, quasi todos operários, perguntavam por que, uma vez que Guilherme era tapeceiro, não iria machucar-se com crina e palha ou algodão metido nas almofadas de automoveis. Si fosse caldeireiro, que lida com arrebites vermelhos de quentes, ou fundidor caído na desgraça de levar o ferro liquido pelas mãos, ou mesmo ferreiro que se descuidasse no trabalho... Guilherme mantinha as mãos abertas porque já não podia fechá-las: eram duas feridas cortadas, como si fosse com faca. Agóra estava diante do caixãozinho do filho morto, sumido lá dentro, coberto de flôres, muitas flôres silvestres que é só chegar no campo e apanhar de graça. Tinha ao lado a companheira e não o surpreendia que ela não chorasse. Fazia-se de forte, acumulava, acumulava e depois, um bello dia, tudo arrebentava num chôro inacabavel, às vezes esperava estar sozinha ou quando muito apenas os dois em casa.

Francisquinho, para vingar na vida, chegar a menino, ir à escola, crescer suficientemente forte e entrar para dentro da massa do proletariado, como êles, misturar-se ao feixe de músculos que sustenta a vida e o movimento, teria necessidade de assistencia. Enquanto se forma, um ente pequeno precisa do apoio constante e dirêto do grande. Para matar crianças não se torna indispensavel a guerra. Os filhos cáem nos terreiros em que se fére a própria batalha pela subsistencia e rôlam para a côva do nada, empobrecendo a humanidade, que, assim não marcha, mas vai como póde, aos empurros, aos tombolhões.

Guilherme França se cansára de pensar, ao cair mais fundo na realidade: principiára a escassez de gasolina. Os carros particulares, que proporcionavam mais serviços à oficina e garage em que estava empregado, desertavam ou eram encostados, formavam fileiras de fêrro inérte, em expectativa. Era a guerra. Os estóques de gazolina se esgotando rapidamente, os petroleiros dos Estados Unidos afundados pelos submarinos nazistas, esperando-se que o governo tomasse atitude mais decisiva contra a Alemanha e a Italia. Hitler agia como um desesperado inconciente, por todas as partes. Guilherme França queria justamente que Irma regressasse ao lar, para cuidar do filho. Já não se consultavam mais sobre o que deveriam fazer, porque os imperativos da necessidade se encarregavam de determinar o dever pessoal de cada um; e tambem receavam preocupar ainda mais, um ao outro. Desertas as garages e as oficinas, algumas começavam a fechar, alugando o local para outros fins. Numa delas se instalava novo jornal da cidade e França comentava com os companheiros que se ia escrever em lugar de se produzir concretamente. Tinha um pouco de razão e outro tanto de desespero, porque ferido dirétamente nos interesses do seu proprio officio. Preocupava-se com a ação justa do proletariado, num momento difficil para todos e para seu proprio país. Havia muitos alemães e italianos em meio ao operariado, mas poucos eram fascistas, que se rejubilavam com os afundamentos de navios brasileiros. Queriam reagir contra estes, mas não podiam: tinham-nos de olho, somente. A tração motorizada, mecanica, estava sendo substituida pela tração animal; valorizavam-se novamente, burros e cavalos. Guilherme raciocinou rapidamente. Ainda se lembrava do officio do pái. Acreditava que seria capaz de fazer coalheiras, selins, rédeas... Voltaria a selêiro, cujos métodos de trabalho não tinham sido estandardizados como os demais, nem possuíam maquinário, porque esta produção estava fadada a desaparecer com a mecanização progressiva, principalmente nos países industrializados, com altos fornos, sem a conversa móle da pequena siderurgia que permanece dependendo da-

queles e, pois, sempre do estrangeiro. Voltaria a seléiro. Conseguiu trabalho. Por isso que suas mãos eram duas chagas enormes, lembrando-lhe aqueles pobres operários da construção civil, que manejavam o britador mecânico de pedras, escalavrando-as. Nos primeiros dias, não disse nada à companheira. Fez de conta que continuava tapeceiro na mesma garage e que o serviço havia aumentado. Voltára a trabalhar o dia inteiro: partia com ela, às 5 horas e só regressava pouco antes, quando Irma já havia ido buscar o filho cada vez mais doentio e quasi ossos, parecia um daqueles retratos de crianças nascidas durante a guerra, na Polonia, de mães desnutridas, verdadeiros aleijões. Olhava o filho: o chôrinho era apenas um fio de lamento; e olhava a companheira, perdendo o viço de moça; daí a disposição para o sacrificio aumentava! Lógo nos primeiros dias conseguiu alcançar os demais operarios na quantidade de serviço. Chegava a costurar três e quatro coalheiras por jornada. Ganhava 1\$500 por hóra. Mas, as mãos desacostumadas ao barbante encerado, à violencia com que devia puchar as estremidades para obter o ponto firme, foram cortando a péle das palmas das mãos até atingirem a propria carne. Acostumara-se à dor. Parava um pouco, olhava-as, mas a idéia da necessidade imprimia-lhe os movimentos mecanicos, para baixo, para cima, para os lados. Veiu-lhe a idéia de arrumar umas luvas de couro. O mestre estava em cima, acompanhando os movimentos dos cinco operarios, os olhos nos pedidos que se multiplicavam, ouvido atênto ao telefone, que poderia pedir mais, ainda mais. Para que o negocio rendesse seria necessário que chegassem a produzir cinco coalheiras cada um. E apenas um deles estava chegando a quasi quatro. Transmittiu a idéia das luvas ao chefe e este meneou a cabeça. Nada de luvas. Mesmo assim, Guilherme arrumou uns retalhos de couro e recortou duas placas para as mãos. O patrão voltou a observar-lhe que aquilo não dava resultado: tolhia os movimentos dos dedos, atrapalhava-os, o serviço, em lugar de render mais, retrocedia. E os pedidos choviam. E não havia suficiente número de operarios especializados nisso. Era assim que às vezes se

tinha lá fóra da vida do proletariado, a impressão de que havia muito trabalho e só não trabalhava quem fosse vagabundo e muitos escritores chegavam a escrever isso em livros ou jornais, influndo na vida deles. Atirou longe as placas de couro e continuou preocupado em alcançar as cinco coalheiras por dia. Até que em casa, Irma percebeu a modificação: as mãos sangravam e elle applicava, todas as noites, um emplastro de salmoura.

Agora Francisquinho estava morto. Era inevitavel que com o enfraquecimento viesse a desinteria constante e ainda maior fraqueza; depois, veio a pneumonia. O médico não possuia carro para vir rapidamente. Tambem não podia levar o doentinho ao Centro de Saúde ou ao consultorio, que seria peór, talvez não resistisse ao trajéto. E quando o médico veio, de bonde, olhou a criança, disse que ia aplicar uma injeção, mas não garantia. Aguardassem o resultado. E nada mais havia a fazer. Pela primeira vez, depois de tantos meses de trabalho e de lúta, Irma e Guilherme haviam estado abraçados, ao pé da caminha, fitando o filho, enquanto a mãe de Irma, de cára espantada diante da desgraça, andava prá um e outro lado, ouvindo vizinhas, procurando descobrir o que se poderia fazer. Guilherme tinha ambas as mãos enfaixadas. Irma cada vez mais magra.

Não esperavam visitas. Mas vieram o Antonio Ferreira, logo depois Genarino e mais tarde a Nicolina. A moça vinha pela amiga e pela criança, que ajudara a ter no cólo muitas vezes e por quem criára afeição. Trazia as sombrancelhas aparadas e alongadas dos lados com lapis ordinário, molhado a cuspe; nas maçãs do rosto, anilina saída de papel de sêda vermelho, humedecido. Essa era a sua caixinha de maquillage. E pó de arroz muito ordinário, de dez-tostões, comprado em loja de fazendas. Antonio Ferreira viêra porque não faltava ao amigo, com quem discutia muito, mas desejava levar para o seu caminho: ganhar dinheiro, mudar de classe, sair da miséria. Fugir aos perigos do monstro, o forno da fundição.

Genarino... eles não estavam compreendendo muito bem que tivesse vindo de manhã, inda com uns restos de jornais sob o braço. O garoto parecia nervoso e o casal de operarios estimava-o muito. Tinham sido amigos de José, o electricista. Haviam estado juntos no comicio da praça da Sé e se tinham separado na confusão da correria dos populares. Genarino chegou sem dizer nada. Meteu-se pelo aglomerado de gente silenciosa; o ambiente levou-lhe o pensamento ao corpo do irmão, primeiro, lá no necrotério e do pái, depois, quando o levaram já endurecido à sua casa e depois, o enterro. Levantou os olhos, e uma vélhinha fez-lhe sinal com a mão, após Guilherme ter-lhe dito qualquer coisa ao ouvido. Seguiu-a e se viu numa cozinha. A mulher principiou a falar mais alto um pouco e deu-lhe uma chicara de café. O liquido quente fez-lhe bem, animou-o e sentiu de novo o papel dos jornais roçando-lhe a mão esquerda, enquanto, com a outra, segurava a chicara. Viu que Guilherme estava péto, agóra. Olhou-o sem saber si devia sorrir ou permanecer sério como deve ser nesses momentos. O operario alisou seu chapéu ensebado e falou numa voz diferente, entrecortada:

— Você tambem veiu?

Viéra. Pois não estavam vendo? Sentia-se demais, ali, não sabia se procedêra bem ou mal. Outra vez veiu a voz do amigo:

— Obrigado, viu Genarino? Como vai dona Esmeralda?

— Vai boa. Minha irmã está lá...

Como quem dissêsse que a mãe acompanhada, estava bem. Na verdade, arrependido do roubo em que tomára parte. Os amigos do bando de Pestanudo não haviam aparecido com o dinheiro. Deveria ter acontecido alguma coisa, porque confiava neles. Haviam-no prevenido de que nesse caso esperasse mais... Deus o librasse dar com a lingua nos dentes! Não o faria!

Pensava nesse momento em sair, quando o vulto de Irma surgiu e sem êle esperar abraçou-o apertado. Fazia muito tempo que não sentia um abraço desses, quente, de mulher. Ficou confuso, sem compreender. Sua cabeça pouco acima da cintura de Irma e a vergo-

nha de te-la encostada ali, naquela quentura. O chapéu se levantára atrás e êle nem pensava nisso. Qualquer coisa de estranho, de profundamente maternal se passava com Irma. Os outros não deram atenção. Guilherme, surprezo a principio, compreendeu depois. Irma era companheira para o trabalho. Mas sonhára o filho como si o tivesse imaginado desde solteira. E agora desaparecia. Quando, após o parto, foram dizer-lhe que era homem, seus olhos haviam brilhado mais e disso se lembrava bem.

O cheiro das flôres veio misturado e enjoativo. O menino, confuso, precisava partir, vender o résto dos jornais. Mas não teve coragem de se despedir. Fugiu, partindo clandestino como havia entrado. Saiu devagar e ao conquistar a porta da rua, desandou a correr. O abraço de Irma e os carinhos de Guilherme haviam-lhe dado novas forças. O amargo do roubo, da gritaria da véilha no dia seguinte, como lhe havia relatado a turma da bola de pão, as discussões com os filhos que a haviam levado da rua Marechal de Férro, tudo isso se apagou um pouco dentro do Genarino. Sua vida, naqueles dias suspensa, sem ar e sem apoio, parecia que havia pousado numa base. Gostavam dêle, ainda. A cara da policia tal qual a imaginação a pintava, parecia não assustá-lo tanto. Partiu correndo, pensando no résto de fôlhas e gritava o seu pregão como si fosse nos primeiros dias de jornaleiro:

— Folh'Esport'Estado! Folh'Esport'Estado!...

Era um pouco tarde e era uma rua onde ninguem comprava, só se viam mulheres. Deserta de gente que lê. Entretanto, sentia uma vontade forte de gritar qualquer coisa. E podia gritar sem que o tomassem por louco, dada a sua condição de jornaleiro:

— Fôlh'Esport'Estado! Fôlh'Esport'Estado!

Com mais força:

— Fôlh'Esport'Estado! Fôlh'Esport'Estado!

Continuavam as dificuldades no lar do Genarino e as duas mulheres vivendo numa gritaria de quem não se entende mesmo.

Eram sempre questões de dinheiro. Uma jogava a culpa por cima da outra. A irmã ameaçava de ir-se embóra, para qualquer lugar, nem que fosse para se perder na vida. A mãe respondia que fosse para o inferno, largava o corpo sobre o caixão de querozenc, o banco do Genarino, punha-se de novo a beijar o retrato do filho José e a lembrar o santo do pái, que havia despencado do andaime.

Genarino sentia verdadeiras agulhadas por dentro, que não sabia si de fome ou de nervoso. E suas possibilidades econômicas continuavam na ilusão dos envoltorios de maços de cigarros, abertos e extendidos, feitos nótas de cem-mil-réis, nem que fossem de cinco serviriam. O nó era a miseria. Dos companheiros de bando, nem sinál. Percorrêra os lugares onde costumava encontrar Pestanudo, o único que conhecia bem de pértó. Sempre inutilmente. Continuava vendendo jornais. Mas Vermelhão dêra agóra de racioná-los, dando-lhe sempre menos do que pedia. Nos balcões tambem não entregavam a Vermelhão a mesma quantidade de sempre. Estava faltando papel. Com o afundamento de navios, que êles apregoavam e que aumentavam a sensação das noticias para vender mais, desaparecia esse papel que para êles era como afundar-lhes o pão. Genarino se aproximára mais e mais do casal de operários, desde o dia do enterro de Francisquinho e Guilherme fazia-lhe perguntas a respeito de sua vida, ex-

plicando-lhe coisas estranhas em que nunca pensára, lembrando-lhe, sem falar no nome dele, o irmão José, que havia sido cráque do Corinthians e cuidava de política, e que os fascistas do Brasil haviam morto a tiros. Começava a compreender que estes deviam ser uns bandidos. O amigo Guilherme também estava sofrendo, trabalhando de seleiro, por causa da guerra. E a guerra, explicava-lhe Guilherme, — às vezes também Irma se metia na conversa, — fôra provocada pelos fascistas. O cérebro do rapaz se desenvolvia; mas a cara infantil de sub-alimentado, se mantinha infantil; a cabeça transformava-se às vezes num forno onde se principiava a cozinhar idéias. Quando guardava por mais tempo aquilo que seus amigos da casa de Guilherme lhe diziam e ruminava-as, esquecia um pouco o futebol e também a preocupação das suas relações com o bando do Pestanudo.

Na hora do jogo, quem gritava com êle, chamando-o agóra de cansado, era João Flanêla, metido a treinador da turma. O bate-bola que êle iniciára com um punhado de papéis amarrados, transformado num clubinho de bola de pânô, onde já se falava em juntar dinheiro e comprar uma de couro. Não largava sua posição de extrema-direita, que ninguem ocupava; às vezes chegava tarde, dava uma desculpa, quando voltava o lugar era dele; si alguém o estivesse substituindo, o outro é que ia prá outra posição. Si havia gente demais, êle nunca ficava de fóra. Estava respeitado como cráque de bola de pano. Os treinos não mais haviam sido interrompidos por dona Filomena, que os filhos haviam levado dali. O que o intrigava era que a vêlha, todos os dias, às vezes de manhã, outras vezes à noite, chegava ao bairro, mais magra que antes, mais trêmula, parecendo que não tinha mais a mesma força nos braços e no tronco. Vinha falando sozinha. Genarino disfarçava. A idéia da cumplicidade vinha-lhe sem remedio e êle compreendia que devia ficar firme, como lhe ensinára o chefe do bando.

Dona Filomena vinha, às vezes com Lobishóme, amigo dos filhos dêla. A turma do bairro possuía inú-

meros motivos para odiar o integralista, que agora começavam a chamar de quinta-coluna. O homem magro, de chapéu desabado, conversando com a velha e olhando dos lados, como si estivessem perseguindo-o. Mas, sempre à porta da antiga residencia dela, despediam-se, a velha parecia fazer uma nova recomendação a que elle acenava que sim, que sim. Ela entrava e a turma principiava a comentar o assalto e a falar que devia ter sido gente sabida, decerto tinham levado as roupas da velha, mas alguns afirmavam que dinheiro tambem. O único que conhecia o mistério por dentro, era Genarino, que ficava ouvindo as bobagens inventadas e não dizia nada. Aprendia a se controlar e nunca tinha sido um falador. Decerto porisso merecera a confiança de Pestanudo.

Nessa manhã partira em demanda do serviço ainda com os assuntos da conversa com Guilherme e Irma, na noite anterior. Estava deixando de perder tempo em frente aos cinemas e aos bars. De vez em quando Irma trazia-lhe uma chicara de café bem quente e era sempre esse o último aquecimento do estomago, antes de deitar.

No balcão das "Fôlhas" perguntou a Vermelhão automaticamente, "o que é que havia hoje". Surgiu uma noticia que os jornaleiros tambem comentavam:

— Póde gritá, "Os cára-suja'stão na cadeia!"

Não compreendeu bem do que se tratava. Lembra-se da fita de cinema que tinha esse nome dos "Cára-Suja", apenas. Partiu correndo, arcado ao peso do papel imprêso, na correia comprida. A gritaria sobre a prisão dum bando de crianças enchia o pregão do dia, em meio ao noticiário de guerra. Sentiu a curiosidade espicaçada. Estava com quasi todos os jornais vendidos, quando se encaminhou à escadaria do Teatro Municipal, na praça Ramos de Azevedo. Subiu uns degraus, sentando-se preguiçosamente para lêr. Abriu a "Fôlha da Manhã" e lá estava em titulos enormes, negros, que lêu com grande dificuldade, levando tempo:

NA POLICIA E NAS RUAS

*A quadrilha dos "Anjos de Cara Suja" praticou onze assaltos nesta Capital
Cinema, o grande instigador do crime — Apreensão dos objéto roubados — Os pequenos delinquentes serão entregues ao Juiz de Menores.*

Não poude mais trabalhar, nem o coração, pulando, voltou ao normal, durante muito tempo. Genarino sentia-se como depois dum treino puxado e a vista escurecendo. Queria saber se o nome de Pestanudo estava ali, se o do Moléque Quatro e dos demais e se o seu também. Um pequeno vulto se aproximou:

— Mi tróca essa "Fólha" prum "Diaro"?

Fez que não com a cabeça e nem viu que era um coléga seu conhecido. Lá em baixo, um freguês à espera. Meneou a cabeça, que não. A voz insistiu:

— Mi tróca?...

— Que não...

Ouviu a reprimenda:

— Chéeece...

Uma reprimenda que desapareceu com o vulto. Pequeninino, pequeninino, diante da escadaria onde estava sentado. Instintivamente tentou distrair-se, olhando para os lados, a vêr si a vista se esclarecia. Custou muito. Sentia tonturas. Uma vontade que quasi não segurava, de sumir do mundo. Parecia que todos estavam olhando para êle, nem queria pensar na vélha mãe, na carrancuda da irmã, o marido dela decerto que dizendo, "eu não disse? eu não disse?" xingando a familia da mulher, que um tinha morrido em negocio de comunismo e que agóra o outro era ladrão e que a mulher era vagabunda... Nem regressaria à casa. Sentia vergonha de Guilherme e de Irma, que estimava sentidamente e via todo o grupo dos companheiros da bola de pão, parados, olhando-o, espantados, olhando o ladrãozinho. Levantou a cabeça para vêr si de cima lhe vinha mais ar, que precisava respirar. Lá em cima viu as figuras gigantescas duns homões que escoravam o tecto do Municipal nas costas. As figuras de pedra se movimen-

tavam para baixo. Pareceu-lhe que iam largar o tecto para deixa-lo cair em cima dêle. Levantou-se do degráu frio, um frio que êle nem sentia, caíram-lhe os jornais espalhados pela escadaria e desandou a correr, atravessou a rua Conselheiro Crispiniano e a Barão de Itapetininga num sopro, só parou na praça da Republica, esgotado de sensações e de pavor. Sentou-se num dos bancos, ao sól. Carrinhos levados por mulheres transportavam crianças tranquilas, ponto de partida de vidas novas, naturalmente mais felizes e bem feitas que a dêle, um ladrãozinho. E percebeu que conservava na mão, amassado, o jornal que lêra. Disfarçou e nem tinha sentado para descansar, largou ali o jornal amassado, como si largasse o fruto do seu roubo e saiu numa necessidade imperiosa de andar, caminhar, não parar. Em cada esquina via uma câra que ia prende-lo. Pensava nos companheiros e sentia pena deles e sentia-se culpado. Viu que o bando andava roubando muito mais do que ele sabia, mas estava convencido de que o assalto a dona Filomena tinha sido a causa. Foi andando sem rumo, virando esta ou aquela rua, que foram se fazendo mais desertas. Estava nalgum bairro e viu que era a Barra Funda. Sentia-se num outro extremo da cidade. Foi avançando e atravessou as porteiras, fez toda a rua Anhangüera e seus olhos viram o rio largo, o Tietê, rio da cidade que se encontrava em todas as partes e alagava todas as varzeas. Nunca se havia apanhado assim, vagabundo do pensamento, querendo não pensar nada, afastando com força as idéias ruins que insistiam, insistiam nêle. Lá longe, depois das águas, depois da outra margem, o horizonte e levantando a cabeça, os olhos viam as nuvens movimentando-se, brancas. As idéias na sua cabecinha se formavam assim noveladas e misturavam-se, como nuvens indefinidas, mudando de forma a todo momento. Devia ser bem tarde e não havia almoçado. Estava mesmo por conta do atôa. Foi a um botequim ali perto, e pediu um sanduiche de dez-tostões, com mortadela, que foi mastigar sentado, voltando a olhar as águas do rio. Devia ser bem tarde e havia caminhado tanto! Foi andando pela margem do rio, porque não podia parar, tinha mêdo que desconfiassem dêle. Sentia vontade de realizar

coisas além das suas forças: queria tanto revêr os companheiros, falar com Pestanudo... Distanciou-se um pouco da margem e se deitou num máto ralo, deitou-se de lado. Com as pontas dos dedos encardidos agarrou um gravêto, com o qual se poz a riscar o chão, escrevendo números e letras, atôa. Até que escureceu. Quem sabe lá o que não estariam pensando em casa? Nunca tardára fóra, a não ser quando a venda de jornais prometia e ficava para aumêntar o ganho. Precisava regressar de qualquer jeito. Confessaria a alguém o crime que não queria parar-lhe dentro. Estava relaxando-se, perdendo a confiança em si mesmo. O rosto moreno, bondoso, lá em cima, de Irma, vinha-lhe, enquanto caminhava, agóra com rumo. O calôr da cintura da operaria, voltava-lhe ao rosto, como no dia da mórte da criança. Seu pensamento baloiçava, agóra, entre Irma e a vélha mãe, carrancuda, sem compreensão para seu drama. Andava naquela direção, sem saber o que iria fazer. Ainda sentia necessidade de andar. Qualquer força por dentro obrigava-o a isso. E quando chegou ao Braz, foi diminuindo ainda mais os passos. O barulho dos bondes e de todos os veículos distraíam-no um pouco. Até ali não o haviam prendido e sentia menor esse perigo. Talvez os amigos do bando não tivêsem falado no Genarino, no "Cansado", como o chamavam, que cada um tinha um apelido. Mas, nas ruas desertas, proximas à Marechal de Férro, formou-se-lhe um nó na garganta, um nó que amarrava cada vez mais fóрте. Não tinha coragem de ir para casa. Rondava. Pels fréstas da porta e janéla da casinha de Guilherme percebia-se que ainda havia luz. Genarino fechou o raciocínio. Enfiou o corpo naquela direção, com um só pensamento: largar-se nos braços de Irma, precisava do calôr daquela cintura. Batêu com força e Guilherme apareceu, fez-se risonho, animando-o sem saber o bem que lhe fazia:

-- Irma, Irma... venha vêr quem está aqui...

A operaria veio.

— Ué, Genarino... assim tarde?

Entrou silencioso e o nó segurando-lhe até mesmo o "bóa-noite". Ficaram os três, imoveis, o casal com

cára de pergunta, quando Genarino transtornou as feições infantís, os olhos se incharam e êle caiu num choro de criança, copioso, com ruído descontrolado, a cabeça procurou o encontro, a cintura da moça, as duas mãos carinhosas de mãezinha cobriram-lhe a nuca e Guilherme também se chegou... Os três corpos ficaram reunidos numa só coluna que se levantasse contra os males e as injustiças do mundo. A solidariedade morava sob o pequeno tecto, que não iria cair, como sentira, pela manhã, o Genarino, no Municipal. Estas duas figuras, agora, eram de carne e compreendiam o sofrimento e a inquietação.

Genarino não teve coragem de explicar. Os dois amigos insistiram, mas não quizeram aumentar o choro. Ficaria para depois. Porisso, foram deitar-se mais tarde. Era como si o filho, que morrêra, feito um pequeno sôpro, sem mais forças, retornasse crescido, em busca de amparo.

Guilherme foi explicar a dona Esmeralda que precisava do seu filho, êle ia dormir em sua casa para saírem cedo e que não tivésse cuidado. O operario merecia a confiança daquela gente, mas dona Esmeralda e a filha queriam saber porque e para quê e si seu Guilherme não poderia arranjar um serviço que dêsse mais. Não podia. Mas, Guilherme sentiu a necessidade de prometer o impossível e prometeu.

Dona Esmeralda puxou a correntinha e beijou novamente o retrato de José, como uma beata a um santo, creando, si tivesse forças, uma nova religião, aquela dos pais sem rumo e sem apoio, que se arrimam nos filhos, mesmo nos filhos mortos. E Guilherme tinha sido amigo de José. Tudo isto salvou a situação de Genarino por aquela noite.

Extenderam no chão uns cobertores velhos, rasgados, para fazer colchão. Do colchãozinho de Francisco, fizeram o travesseiro. Deixaram-no só, na salêta, para que se despisse. Genarino dormiu extenuado, ainda as nuvens que vira na Barra Funda enovelando-se-lhe pela cabecinha. Um ruído novo misturando-se nelas, o *tlác-tlác*, do despertador, que continuou pela noite em fóra.

21

Pela manhã de um domingo, Guilherme pegou na bacia de lata, cheia de querosene, no qual embebera as peças desmontadas da máquina de costura que Lobishóme e os malfeitores haviam incendiado. Trouxera estôpa e conseguira, emprestada, alguma ferramenta de mecânico. Haveria de limpar, montar e ajustar a máquina de Isac. Um pouco de muitos sentimentos reunidos numa só força impelia-o a esse trabalho, que nada lhe renderia. Uma velha inclinação para a mecânica, que o pai, seleiro, havia desviado. Convinha-lhe mais que o filho aprendesse o mesmo ofício e continuasse na pequena selaria de sua propriedade, fracassando, afinal, logo que as cidades e o interior se encheram de automóveis. Aprender o ofício e, ao mesmo tempo, ganhar a vida, fôra o problêma dos operários de sua geração, como continuava sendo. De seleiro sòmente poderia saltar para tapeceiro. Nas marcenarias ou nas garages. Preferiu estas, porque ali estava ao lado de máquinas e principiára a compreender o funcionamento do motor, da embreagem, do câmbio, dos freios. A precisão daquelas peças satisfazia-o mais do que a “steca” (o ferro de encher) com que passava oito horas por dia metendo crina no interior de almofadas, costurando-as, enfiando os botões de couro. Quando a máquina de costura encrocava, êle mesmo fazia questão de consertá-la, daí a sua preocupação em devolver ao judeu estas peças reajustadas.

Irma fizera extraordinario na noite anterior, pois com a guerra sucedia-lhe o contrario que no ofício do marido.

E onde fôra parar Isac? Nunca mais tinham visto o pobre homem. Dissêram a Genarino, que corria tantas ruas, para falar-lhe, si o encontrasse, pedindo o endereço. Um dia Genarino viêra anunciar que Isac andava desorientado, contando suas desgraças a todo mundo que encontrava: que sua mulher enlouquecêra e êle fazia tremendos sacrificios para mantê-la no hospital de loucos, onde se pagava, esperando que um dia voltasse com o filhinho de colo, para cuidar de outros dois.

Genarino tinha pensamentos e preocupações de homem. Guilherme e Irma eram seus verdadeiros pais. Aos domingos vinham almoçar aqui, na casa dêles e hoje Guilherme pensava em falar-lhe de novo na necessidade de aprender um officio, especializar-se, deixar a vida de jornalista, enquanto que o menino, levando a sério as lições práticas de solidariedade de classe, que êles lhe davam, estava empolgado com a movimentação de todos os jornalheiros contra as medidas das empresas que insistiam em recusar os encalhes. O menino explicára que para ganhar cinco-mil-réis devia vender cincoenta jornais; enquanto que, si encalhasse com quatro, perdia quasi a metade do ganho, pois estavam custando \$500 e aos domingos \$600... Por fim, os jornalheiros falavam em greve.

Mas, chegou Antonio Ferreira com seus novos projétoes, chamando-os de atrazadões. Progredir, para o metalúrgico Ferreira, o cabêlo cheio de gôma, endurecido e brilhando, era encher-se de dinheiro. Para o tapeceiro Guilherme, progredir espiritualmente, era a móla principal da sua vida.

— Dinheiro, dinheiro... Você só fala dessa sujera. Tenho nôjo até quando recebo essas nota ensebada, cheia de micróbio!

— Vá!... Nôjo!... Eu queria andar com elas na bôca, seu chucho! E depois, prá limpeza, a gente tem os chéque. Aposto que você nunca que assinou um chéque e nem sabe como é... Limpeza é chéque...

— E sujera é o modo por que se ganhou êsses cheque... Dexa de bobage, Tónico. Eu gosto do progresso. Mas o operário póde progredir com a humanidade, nas

suas aspirações mais limpas. Eu, por exemplo, queria ser, hoje, mecânico de aviação!

Olhou a cara risonha do incrédulo destes assuntos e meio brincando acrescentou:

— De avião estratosférico!

Guilherme largou as peças outra vez na bacia de querosene, safu com os dedos respingando, foi enxugá-los na estôpa e se dirigiu ao quarto; Ferreira admirava seu engenho, sua facilidade em solucionar os problemas técnicos, enquanto não lhe sobrava tino para os econômicos e não tinha essa ambição. Por isso mesmo seria o seu sócio ideal. Èle, Antonio Ferreira, teria geito para conferenciar com os freguêses, atender ao telefone que chamasse o dirêtor duma grande fundição, da futura industria que èles teriam. Foi quando entraram Irma e Nicolina. A operária tinha os pensamentos modificados de novo, desde que regressára aos teares:

— Como vai o grande industrial?

— Vai bem, vai bem: grandes coisas, sabe? Vim prá falar com o explorado do teu marido...

Nicolina sofria um pouco a influência de Irma. Mal se esboçava na sua cabeça uma nova concepção da vida. Seu amor pelo Antonio passara para uma segunda etapa. A idéia de casar-se bem, fôra o primeiro clarão, aquêle que serve para aproximar e incendiar. Agora era um amor limpo, muitas vezes tranquilo como a certeza, os sonhos vinham duma vida normal de operários que têm serviço, sem miseria, eram sonhos também, mas estavam mais ligados à terra, à realidade que Irma lhe mostrava todos os dias. Durante as horas de namôro, Nicolina não falava a Tônico das questões mais sérias. Resolviam apenas si já podiam se beijar, si realmente o rapaz pretendia casar-se e sua preocupação era não cair na bôca dos outros. Quando regressava ao lar dos pais, cheia de promessas, que Antonio Ferreira sabia fazer, vinha completamente transformada; na manhã seguinte levantava-se mais cêdo, a mãe olhava-a de bôca aberta, sem compreender. Para Nicolina a vida não teria o lado despedaçador da incerteza. Achava que ia se casar, como muitas das suas amigas, e como Irma.

Nicolina entrou sorrindo, dando a mão ao namorado, tomando desde logo o partido d'ele nas discussões, uma que outra vez contradizendo-o e recebendo muitas respostas prepotentes do Antonio: "que é que mulher entendia disso?".

Voltou Guilherme com uma revista de grossa lombada nas mãos, mantendo-se atênto, procurando determinada página. Lá estava o avião estratosférico que empolgára o operário na noite anterior. Passára pela Rua 15 de Novembro; à porta de um Banco fechado àquela hora, estavam espalhados livros e revistas a dez tostões. Esta era escrita em inglês. Mas vinha cheia de desenhos e de fotografias de máquinas e de aviões e Guilherme calculou que lhe sobraria para o bonde. Havia muito que não comprava revistas nem livros, apenas às vezes conseguia êste ou aquêle emprestado.

— E' um novo bombardeiro russo!

— Você ainda tem essas mania de Russia?

— Ninguém está dizendo que eu tenho. A revista é que vem com a fotografia. . .

Irma olhava os dois homens e sentia uma satisfação imensa do seu companheiro e das suas preocupações. O mundo estava errado. Para ser certo aproveitaria devidamente os bons operários. E Guilherme seria um grande mecânico, muito perto de engenheiro prático. Enquanto isso, Nicolina prestava mais atenção às palavras do namorado, achando que naturalmente a gente deve se preocupar com essas coisas para ganhar dinheiro, como dizia êle. Sentia orgulho do futuro marido.

Irma foi continuar o almoço. E quando chegou Genarino, com meio queijo para Irma, risonho e feliz de passar estas horas com seus amigos, sentaram-se à mesa, que Nicolina ajudára a preparar, ciosa de que o namorado a visse trabalhando, ouvindo-a dar opinião a Irma sôbre a comida, mostrando que êle ia ter uma bôa cosinheira.

Sentaram-se à mesa e a discussão entre os dois operários continuou, ouvida pelos demais. Falavam e riam, levantavam as vozes. A conversa estava animada pelos sonhos diferentes de cada um, mas a mesa unia-os

dentro das mesmas condições simples da classe de que uns querem debandar, outros entram pela mão da necessidade, outros ainda, querem dignificar.

Nêsse dia o São Paulo Futebol Clube jogaria com o Esporte Clube Corinthians. Genarino queria ir mais tarde ao lotequim do Bar Puxa-Prósa, onde o radio estaria ligado, cheio de gente em volta, iria torcer também para o "São Paulo". João Flanêla se fazia seu amigo nesses momentos, não o largava, animava-o a que continuasse treinando, haveriam de arrumar uma bola de couro e veriam seu chute como seria com os gômos de verdade. Êle já experimentára chutar no clube do outro bairro. Ficara atrás do gôl e toda bola que caía fóra procurava devolvê-la ao campo. Parecia-lhe que ia bem.

Quando a refeição simples terminou, Antonio Ferreira saiu primeiro. Nicolina pretextou ter que fazer, mas Irma sorriu-lhe, sabia que a moça ia preparar-se para depois se encontrar com o namorado no Cine Babilonia, lá na Avenida, assistir a uma fita de Greta Garbo com Clark Gable.

Guilherme quiz mostrar a Genarino a máquina de costura que montava, mas o menino mal compreendeu o que se passava nas intenções do amigo, partiu correndo. Voltára-lhe a preocupação de vir a ser cráque. No descampado do fim da varzea, ficava às vezes, vendo Leonel e Mimosa se perseguirem, brincando de se morderem, contemplava as nuvens na curva distante, as nuvens brancas que se misturavam. Fazia-lhe bem olhar a côr branca das nuvens. E as promessas do treinador João Flanêla se movimentavam na sua cabeça. Também lhe vinham os pensamentos dos amigos do bando de Pestanudo. Onde estariam? Era uma dúvida que sentia. Como não lhe acontecêra nada até então? Estariam já no Instituto Correccional? Pensára em chegar até aquela cêrca, para vêr se entre os jovens estava Pestanudo. Mas assaltava-o a idéia de realizar alguma coisa. Ganhar dinheiro doutro modo, por exemplo, e ser-lhes útil. Ajudaria a velha mãe, que passa-

ria a considerá-lo um irmão digno do José, ajudaria a irmã abandonada pelo marido, ajudaria os companheiros, ajudaria a comprar uma bola para o clubinho, e compraria um presente para Irma. Seus olhos paravam nas nuvens brancas, que lhe faziam bem. Mas hoje estava preocupado com o jôgo. Saíra calmamente, que ainda faltava tempo. E lá no Bar Puxa-Prósa se misturou aos demais, ouvidos atêntos à voz do espiquer que parecia estar anunciando um incêndio, um bombardeio, uma coisa da guerra e, entretanto, eram os preparativos para a grande partida.

Havia dois ou três dias que os jornaleiros se encontravam rapidamente ao trocarem jornais ou ao partirem juntos em demanda dos pontos de maior venda e então transmitiam notícias e opiniões a respeito da situação. Repetiam muito que “o sindicato resolveu”, “o sindicato falou”. Raciocinavam entre gritos, sem perder tempo, continuando a vender, na rua, nos estribos do bonde, nas paradas de ônibus. Um grande número deles conhecia Pedrinho, um jornaleiro antigo na classe, que respeitavam pela combatividade, sempre ao lado de todos. Eram suas as opiniões mais acatadas.

Do grupo do Genarino, até Vermelhão declarava-se de acôrdo. Distribuíam exemplares, contando-os, percebiam que os ajudantes queriam explicações, diretivas, dizia a todo momento, “depois nós fala”, “depois nós fala”.

O problema, entretanto, era premente, exigia solução. Os jornais haviam publicado um aviso em que determinavam o aumento do preço da venda avulsa e a suspensão dos “encalhes”, enquanto que os jornaleiros não estavam conformes.

Quando Genarino pôde se juntar ao grupo que na praça da Sé se entendia com Vermelhão, levava já as instruções que, partindo do Pedrinho, o mais temido pelas empresas de jornais, haviam saltado de bôca em bôca, passado por êle e continuavam viajando céleres pelo conhecimento de muitas dezenas de garotos, jovens, moços e velhos. As instruções de Vermelhão eram as mesmas. O recurso? A greve! Êles que ficassem por casa. E explicava:

— Mais as banca precisa funcioná. Eu venho e fico na minha banca, mais vendo só um pôco, prá não perdê o lugá.

Estavam entendidos, apesar das diferenças de interesses entre os jornaleiros. Uns eram concessionarios de bancas, outros, concessionarios de determinados jornais; a grande maioria, como Genarino, simples vendedores sem capital e sem crédito, que recebiam a mercadoria daqueles primeiros. Nessa manhã, tudo continuava normalmente, como num céu em que as nuvens transitassem brancas, misturando-se, repetindo o céu daquele dia em que, entretanto, Genarino levava a alma espremida e o cérebro conturbado pela prisão dos companheiros do bando. Nuvens brancas que se misturavam e pareciam idéias, umas diferentes das outras e que de tanto se chocarem, enegrecem-se de repente, assustam e trazem borrasca.

Vendeu como sempre, e na volta, não resistindo, foi jogar, mas largou o treino pela metade afim de se avistar com outros jornaleiros, que residiam nas imediações. Era o milagre. Como na aventura do bando de Pestanudo, um objetivo mais forte arrancando-o a outro objêtivo, a preocupação da solidariedade, agora, entre todas aquelas carinhas sujas, de pernas núas, aqueles pequeninos homens frente a frente com a luta pela vida, Genarino largou o futebol quasi sem sentir. Era a greve! A palavra greve afluia à cabeça acompanhada da palavra solidariedade. Solidariedade para êle era irem todos juntos, como um grande e poderoso exército. E a multidão solidária que via avançando pelas ruas da sua cidade, a cidade que lia todas as edições porque êles se matavam de correr e de gritar, essa multidão punha diante dos olhos da sua imaginação, a figura alta, o rosto moreno e sério de Irma, o calor maternal daquela cintura. A operaria alçava-se diante dêle como um líder irresistível e justo e conciente, cheio de irmandade de classe, via aquêle fisico bonito de mulher e ouvia as ordens vindas de Pedrinho através dos companheiros, mas, para êle, a voz... a voz vinha de Irma. A grande companheira dirigia a greve, para êle.

A primeira vez que se metia naquilo. A palavra sindicato começava a ganhar forma no seu entendimento,

embóra tudo quanto soubesse a respeito fôsem frâses decoradas, de tanto ouvi-las em casa de Guilherme. Agora sentia-se mais próximo dêles. Eram iguais. Guilherme dissera-lhe que devia largar êsse trabalho de vender jornais para dedicar-se a uma profissão definida, com um officio; e falava repetidamente em classe, classe, classe. O menino vacilava, recebendo as mais descontraídas impressões, na sua extranha espécie de existência. Tinha pena da mãe e da irmã, que continuavam lavando roupa e fazendo pequenas costuras, transportando-as ao centro da cidade, a moça queixando-se dos homens que mexiam com ela e ambas discutindo todos os dias, ia vêr, era por causa de dinheiro, uma conta que haviam deixado de receber, outra conta que era preciso pagar, como si fossem as responsáveis. Brigavam entre elas mesmas porque não podiam brigar com os verdadeiros culpados. Muitos desses assuntos também lhe ensinavam Irma e Guilherme.

E à noite, não resistiu. Tomou a sôpa quente e rala, comêu um pedaço de pão e foi à casa dos dois amigos. Parecia sentir-se mais homem, nessa noite, seguiu em passos resolutos, o rosto ocupado por um sorriso inteiro, como si levasse a grande noticia e a grande surpresa. Pertencia agora a uma classe de gente unida, que defendia seus interesses, todos juntos, que até fazia greve. Sentia-se igual aos seus amigos, em officios diferentes.

— Tem certeza que a turma faiz mesmo, Genarino?

Era de novo a voz de Irma. A dúvida, vindo-lhe naquela voz, fazia-o vacilar. Ninguem confiava nos carinhas sujas da varzea. E entretanto, eram uma multidão, si ela soubesse...

— Tem o Pedrinho que resolve as coisa prá nós...

Seria outro carinha suja. Mas Genarino explicou que não. Que era um homem, casado e com dois filhos; tinha estado na casa d'ele uma vez, fazia muito tempo. Era homem, pái de filhos, mas parecia um menino, brincava os mesmos brinquedos, falavam de futebol e falavam-se de igual para igual, como numa infância que não parasse nunca. O vulto de Irma con-

tinuou cheio de conselhos e de experiência na imaginação do garoto, que regressou à sua casa feito de entusiasmo e da palavra “sindicato”, sôbre a qual pediria muitas explicações no dia seguinte.

Mas, como si fôsse uma coincidência, ainda faltavam uns trinta passos para chegar à porta de sua casa, divisou a figura magra e arcada, cheia de medidas, de Felisbino Matos Schwartz, o fiscal Lobishome, que se retirava dizendo “bôa noite, dona Esmeralda” e a voz da velha lá dentro, “obrigada, seu Felisbino”. Não adivinhou o que poderia ser. Ficou sabendo, logo à primeira investida da irmã:

— Não vai vender jornal, amanhã?

Quem poderia ter dado estas notícias, a não ser o metido do Lobishome, com quem êle não queria conversar, a quem parecia que parecia dono da varzea? Genarino defendeu-se para fugir à fiscalização das mulheres, que deitariam tudo a perder. Os inimigos estavam fóra e dentro de casa, por todas as partes. Era preciso ser de circo para atravessar êsse fio de arame. E eles haveriam de ser de circo, com as instruções de Pedrinho, que nem mesmo tais detalhes esquecêra. Com as palavras quentes e resolutas de Irma e de Guilherme, êle mesmo, Genarino, haveria de ser dos mais firmes.

— Tem greve amanhã, não é?

— Num sei de nada disso, vô dormi que é tarde.

— Num se meta com êsses comunista, 'scoutou?

Parecia estar ouvindo as reprimendas da mãe contra seu irmão José, quando sabiam que êle ia assistir a algum comício. Não, êle não ia se meter em encrencas. Greve não era briga, nem encrenca: era a defesa dos seus direitos, das suas possibilidades de continuar a trabalhar e a ganhar a vida prá todos, que andavam na miséria aqui nesta casa.

* * *

Por tudo isso, pra cortar a ação dos inimigos da greve, Genarino se levantou cedo, como todos os dias,

como si nada estivesse anormal. Logo na avenida Celso Garcia encontrou dois companheiros que pareciam examiná-lo, viram logo que não se tratava dum furador de greve.

— Vamo pró Tatuapé?

— Vamo!

Não sabia do que se tratava, mas precisava passar todas aquelas horas, um dia inteiro, quem sabe muitos dias, ocupando o tempo sem vender jornais, um verdadeiro feriado no trabalho, que não sabiam quanto duraria. Os outros dois companheiros estavam ao par de tudo e foram conversando, indo a pé. Pareciam mesmo três irmãozinhos, os três com as mesmas idéias, as circunstâncias determinando pensamentos iguais. Genarino repetia palavras ouvidas em casa de Guilherme e o vulto de Irma não lhe saía da cabeça. Os outros dois usavam linguagem diferente, mas dava tudo na mesma, na mesma ação que deveriam manter. Pedrinho estaria lá? perguntavam-se. Não; não estaria, porque ocupado com outras coisas. Mas, havia providenciado tudo, que aquêle era um sujeito que não se esquecia de nada. E havia lhes ensinado a meter o braço nos que encontrassem vendendo jornais. Só as bancas poderiam fazê-lo, para não perder o lugar, porque a prefeitura ameaçava de tirar, por abandono.

Quando chegaram ao Tatuapé, rumaram dispostos para o negror de cabeças dos que corriam pelo descampado, onde só se viam bolas chutadas, risos, gritos... Era a multidão dos jornaleiros. Haviam escolhido êsse lugar porque ali estavam reunidos três campinhos de varzea. E a manhã se transformando rapidamente em dia. O sol entrava no distante visível e doía a vista endereçá-la para a sua direção. Ia ser uma jornada bonita, clara e quente, sem nuvens. Nuvens somente na cabeça de Genarino, se movimentando como idéias novas e alegres. Mal avistaram a multidão misturada, cabeças e corpos dos mais variados feitios, caras cheias de riso, parecendo que todos sentiam a mesma coisa, Genarino lembrou o mar, porque tinha estado, uma vez, com o irmão José, em Santos. Conhecia o mar. A imen-

sidade da água que parecia engulir a terra ou a terra engulindo a água, as ondas enormes, vindo e regressando baixas para se misturarem a outras grandes que voltavam, querendo invadir a praia. Aquilo havia sido um espetáculo novo, completamente novo, que se lhe encaixara na cabeça como qualquer coisa de grandioso, de idéia gigante, que se enraiza e não larga nunca mais. Agora, estava diante dum mar de cabeças. Era um mar revólto. Era a greve, mas ali era um mar revólto que brincava, que matava o tempo. As ondas de garotos e de jovens corria em grandes grupos, cada grupo atrás duma bola de pano, ou improvisada de papel. Era um mar. Ondas que se dividiam e se misturavam, ora num, ora noutro sentido. E grupos parados, ao derredor, conversando, contando casos, preguiçosamente, ou empolgados pelo espetáculo, como pedras ao derredor das águas, pedras enfeitando as praias do grande mar de jornaleiros em parede. Assim como estavam, os três garotos que tinham vindo abraçados separaram-se como gôtas novas na imensidade de água. Eram mais de trezentos jornaleiros. E vinham vindo mais, vinham vindo mais. Separaram-se como três gôtas de água e se misturaram, perderam-se no tumulto, que a cidade, as varzeas, os cortiços, os porões, haviam esvasiado em grandes baldes ali naquêle mesmo lugar, os três campinhos de futebol. Os apêlos de Pedrinho haviam sido atendidos. Ninguém estaria agora vendendo jornais em São Paulo, a não ser as pequenas bancas, no interesse dêles mesmos e algum furador de greve que os demais companheiros se encarregariam de surrar, tomando-lhes os jornais e xingando-os de todos os nomes.

Dali a momentos uma carroça de um burro parou à margem do grande mar de cabeças. Alguns companheiros mandaram parar. Vinha cheia de pães de duzentos reis, trazia dez queijos de Minas e quatro enormes mortadelas. Seria o almoço dêles todos, quando chegasse a hora. Alguns queriam comer logo. Os destacados se puzeram em cima da carroça como para defendê-la e instruíram em altas vozes, como si fizessem discursos breves. Qualquer coisa saltou de dentro

do veículo, como uma grande dádiva! Uma bola de couro! Um conjunto de gomos, número 3. A garotada caiu em cheio sobre a esfera, como dois times de mais de cinquenta jogadores. Era a bola de couro! Mas a seguir, chutaram de lá de dentro uma segunda bola igual. E depois, outra. Imediatamente a multidão formou novas ondas, Genarino já suado em meio a elas, querendo acertar com o pé no impossível das centenas de pernas, que também queriam chutar. As bolas de pano e de papel ficaram esquecidas, como na rua Marechal de Ferro se enchêra de pó aquela primeira de papel, feita por Genarino. E o mar retomou seu ir e vir de ondas, como um grande e alegre bando de andorinhas que escrevessem sobre a terra todos os desenhos bonitos que as aves sabem descrever no céu. A greve, pela primeira vez na vida de todos êstes representantes do trabalho e da miséria, proporcionava-lhes o campo livre, alegre, brincalhão, feito sob medida para alminhas ainda se formando e que deveria ser a despreocupação continuada da primeira fase da existência. Mas, era a greve, simplesmente. Pedrinho, alma igual, feita nos mesmos trancos e solavancos, agora homem feito, pensara em tudo isso. Compreendêra que as energias dos garotos e rapazes precisavam dum derivativo. E inventara as bolas, os sanduíches de queijo e de mortadela, os campos de futebol, para reuni-los mostrarlhes sua grande fôrça, como era grande a classe a que pertenciam.

Genarino, empolgado pelo brinquedo gostoso, não raciocinou a não ser quando extenuado de tanto correr atrás das bolas, que apenas conseguiu chatar algumas vezes, levando trancos tremendos, parou ao pé da carroça, à espera do almoço. Quando lhe deram o sanduíche, ficou pensando na sua casa, de novo misturando idéias. Diariamente voltava a essa hora. Estava acostumado a um mesmo ritmo da sua vida e agora preferia que a vida não apresentasse destas dificuldades. Pensava na velha mãe e em Mafalda e sentia reprimendas íntimas, como nos dias em que se metêra no roubo das moedas. Mas, a voz pausada de Guilherme vinha de novo, o vulto de Irma crescia em meio ao descampado,

cheio de cabecinhas como a dêle, as próprias palavras dos amigos e as recomendações de Pedrinho tomavam fôrma, porque estava vendo, com seus próprios olhos, a multidão viva que formava uma grande fôrça, uma fôrça de que então apenas tinha ouvido falar: era a classe unida. Tal pensamento tinha fôrça para expulsar os fatores da desagregação moral, dos vícios, do opio, do futebol, do êrro da vagabundagem e do roubo; a figura de Pestanudo desaparecia, perdia toda a importância diante da grandeza destas horas. O futebol, aqui, não era nada. Ante esta realização, não havia mais problemas individuais. Precisava regressar à sua casa como si nada tivesse acontecido. Não teria dinheiro para dar porque não trabalhara, mas, resoluto e firme, como homem feito, haveria de chegar de cabeça alta, explicar assuntos sérios de homem às duas mulheres, lutar contra as intrigas de Lobishome, lembrar o irmão José, que morrêra como um herói contra os fascistas e êle também fôra um trabalhador e fôra um jogador de futebol. Ali perto dêles estava Irma, a operária que não tinha medo, também parecia um homem e compreendia o que era um sindicato, a solidariedade e o que era classe.

Embalava-o a grande gargalhada subindo do grande mar de companheiros, nos três pequenos campos de varzea. Como si tivesse estado exilado da vida verdadeira. Como si aqui, em meio a êles e à vida plena, encontrasse seu verdadeiro modo de viver. Deixou-se ficar. Foi ficando. De quando em quando êste ou aquele jornaleiro deixava o campo, mancando de alguma canelada, surgiam discussões, mas o jogo continuava, revezavam-se por causa do cansaço, entretanto, o futebol durou o dia inteiro, o primeiro dia de greve, o primeiro dia feliz de Genarino. Teria muito para contar aos seus amigos.

O céu fez-se completamente limpo, todo azul, cobrindo as cabeças dos bandos de andorinhas aqui em baixo, perseguindo-se, brincando. Filas de operários passavam da última hora da jornada. Alguns vinham com o paletó largado, dobrado sôbre o braço. Outros traziam também marmitas vasias e garrafas. Vinham em filas descuidadas. Atravessavam os três campos em

demanda do outro lado do quarteirão. Eram muitos e havia mulheres no meio dêles. Vinham, paravam diante do espetáculo novo, conversavam para conhecer detalhes, levavam a notícia da greve a outros operários, de outros bairros, de outras fábricas e oficinas, como formigas dando vôo amplo às instruções do trabalho através das antenas.

Genarino olhava aquela gente que pouco se parecia a êles, jornaleiros. Eram homens com aspecto sério e cansado, que sorriam diante deste espetáculo, paravam, faziam perguntas e prosseguiam. Genarino olhava os homens organizados que vinham do serviço. Outra vez afluiam-lhe as idéias que as palavras de Guilherme sugeriam. Eram os operários especializados, de que ouvia falar. Uma greve feita por êles devia ser acontecimento sério. Sentia desejos de vir a ser um homem, organizado, integrado numa classe definida. Mas, via outra vez o bando de garotos iguais a êle, que corriam, se encontravam, soltavam gritos, e sentia orgulho dos seus companheiros... Poz-se de pé, como para saudá-los modestamente, sumidamente, mas saudá-los, com a visão de Irma diante dos olhos... A operária estava longe nesse momento, talvez largando o serviço, mas, para êle, estava ali, em meio ao campo, como audaciosa heroína, saías copiosas ao vento do grande dia...

23

Pedro jornalista era um caboclinho de idéias irri-quietas. Viéra da pasmaceira das roçadas da zona Sorocabana, largando os pais, de que não tivera quási notícias. Ao entrar para a juventude, o administrador da fazenda despertou-o, certa noite, daquela modorra de vida, tabalho de estrêla a estrêla, o tóque do sino às quatro horas da manhã, como o latido odioso de um cão danado. Os colonos estavam todos verminados, dizia o médico quando vinha tratar dalgum caso urgente. Êles precisavam de alimentos que contivessem ferro, muito ferro. Comessem feijão, muito feijão. Assim se alimentariam os vermes e êstes deixariam socegados os intestinos. Mas, as manchas nos rostos dos colonos pareciam a marca duma raça.

Naquela noite que já se perdia distante, o administrador de botas chegara com um jornal na mão. Para êle, jornal era coisa de doutores, pois não sabia lêr. E a noticia dizia que havia chegado a sua hora de ser reservista. A cabeça ficou em confusão e não dormiu o resto das horas silenciosas e pretas. Os latidos do cão do sino despertaram-no para outros fins. Ia falar na casa de tijolos, com radio e água encanada, do fazendeiro; para acertar as contas, tomar o trem para São Paulo e apresentar-se.

Um ano de vida no quartel, metido na farda, mudou completamente Pedrinho, que pagava a um companheiro para aprender a lêr e escrever, até que conseguiu enviar cartas aos velhos pais. Só recebeu uma resposta, vinda por bôca de um amigo. E o passado se esfumçou

porque a agitação da cidade grande se lhe entranhára irremediavelmente.

Distante da terra cultivada, Pedro de Almeida via as multidões nas ruas da capital, as casas se construindo três e cinco por dia, afim de abrigar mais gente, a população aumentando e a recordação do vazio do sertão enchia-o duma angústia ainda indefinida; queria bem aos semelhantes, lembrava os caboclos verminados da fieira de ranchos da colonia, na fazenda da Sorocabana, lá longe...

Olhava a multidão nas ruas, apinhadas ao derredor dos bondes, fazendo fila nos pontos de ônibus e perguntava quantos eram aqui e quantos seriam no Mato. Não tinha profissão e para evitar o regresso à vida esquecida dos seus, foi vender jornais. Também este seria um trabalho útil. Cêdo conquistou ares de caudilho dos garotos sujos e gritalhões. Varando os bairros industriais, como Genarino, mas já com pensamentos de ente mais próximo da madureza de raciocínio, não se empolgava com o futebol e frequentava, à noite, uma escola de comércio, pagando trinta-mil-réis por mês, fóra as taxas, livros e cadernos. Perguntava aos mestres quantos eram os operários no Estado de São Paulo. Pouco mais de quatrocentos mil. Entretanto, a população ia a mais de sete milhões. E no Brasil todo? Dois terços, ensinaram-lhe, dois terços da população do país vive nos campos, vive da agricultura. Pedrinho lembrava de novo os caboclos verminados. Dois terços. Eram a maioria.

Os jornalheiros garotos gostavam dêle. Pedrinho estava já com vinte e seis anos de idade, mas o corpo pequeno, seu rosto ficava quasi à altura dos rostos dêles.

Era o segundo dia de greve e a sua entrada nos campinhos de Tatuapé foi aclamada pelo mar de cabeças misturadas. Como si chegasse um grande cráque, percorreram os gramados varzeanos carregando-o em triunfo. O coração de Genarino saltava de contente e as cênas imprevisas e novas da greve transportavam-no ao mundo imaginário de que lhe falavam Irma e

Guilherme. Entretanto, hoje o mar de cabeças diminuíra de muito. Ali estavam os mais firmes e os mais entusiastas. Todas as dificuldades se antolhavam diante da resolução dos jornaleiros em parêde, inclusive as ameaças dos pais, que os aguardavam para a surra. Então, muitos deles haviam se refugiado nas casas de amigos e de companheiros que não tivessem o problema de prestar contas em casa. Estes eram independentes e mais felizes.

Pedrinho veio para mostrar que continuava com eles, para animar; sabiam que o seu caudilho providenciara a subscrição para a compra das bolas, das carroçadas de pães, das mortadelas e dos queijos: era o pai da greve. E o bando ainda numeroso, carregou-o gritando, como nos dias cheios, das festas do Pacaembú!

-- Pedrinho! Pedrinho! Pedrinho!

Uma voz de criança fez-se ouvir forte, entusiasmada:

— Então, pô Pedrinho nada?

O côro respondeu resolutivo:

— TUDO!!!

Entretanto, o mar de garotos estava baixando e já se fazia tarde. Genarino torcia para que êsse mar crescesse como no dia anterior; dali a pouco passariam silenciosos e graves os operarios, aquêles homens, como vultos sagrados do trabalho e do sofrimento. Parecia que por dentro Genarino queria mostrar àqueles homens de profissão definida que os jornaleiros, a classe a que êle pertencia, também faziam greve, também sabiam se portar.

Já se falava em novas fórmulas propostas para a solução do caso. As empresas de jornais pareciam não ceder. Alguns andavam recrutando gente estranha, formando equipes novas de jornaleiros; o sindicato misturado de gente com os mais variados interesses, tinha servido muito para dar-lhes espirito de classe e de união, mas agora começava a fracassar. Poucos entendiam isso. O prestígio do sindicato dava-lhes ânimo. Deviam lembrar-se, porém, de que os jornais não tinham papel;

porisso, quanto menos vendessem, melhor para êles, neste momento. A greve era uma arma que se voltava contra os grevistas. Precisavam pensar nisso.

Estas considerações, pulando daqui e dali, formaram um pensamento mais definitivo, que, pelo menos, foi conquistando a maioria. O prolongamento da luta poderia dar máus resultados.

Pedrinho se retirara. Ia prosseguir na subscrição destinada à compra de mais alimento para o dia seguinte e uma das câmaras de ar, furada, exigia côla.

Vermelhão reunia um grupo numeroso e explicava:

— O que nós tinha que fazê, fizêmo. Acho que nós devemos comprá menos jornal prá não ficá com encaixe... Pió prá êles tambem, que vão vendê menos...

O velho jornaleiro não empolgava, não era caudilho, mas os jornaleiros, grandes e pequenos, rodeavam-no, interessados. O mar de cabeças continuou baixando, baixando. Genarino estava firme. Duas bolas de couro continuavam sendo impulsionadas para cá e para lá, sem rumo certo, sem a preocupação de fazer gól, eram chutes a esmo, como um reflexo da própria greve, que agora perdia a intensidade do primeiro dia.

Genarino sentou-se num balde velho, enferrujado, sem alça, que ficou feito banco. Sentou-se de cansado, aquêlê mesmo cansaço que lhe vinha fácil todos os dias. Tinha os olhos distantes, para lá dos tétos das casas baixas, de encontro ao fim do céu, no horizonte que as serras, rodeando a cidade, faziam uma linha sinuosa. Aqui e ali, êsse fundo era riscado por chaminés. De lá daquelas fábricas surgiram, dentro em pouco, os operários.

Quando êles passaram, olhando curiosamente para os grupos rarefeitos de garotos perseguindo agora apenas uma bola de couro, com três ou quatro assistentes como Genarino, o garoto não se perfilou como na tarde anterior. Ficou sentado e quieto, um decepcionado, os olhos parados lá no horizonte, apenas percebendo a fila de vultos que vinha como que organizadamente, silen-

ciosos mas firmes, construtores de coisas e de pensamentos, formadores duma consciência de classe.

A cabecinha preta, cabelos emaranhados, alguns piolhos incomodando-o, êle agarrando gravêtos no chão para riscá-lo e se distrair daquela tristeza. Genarino pela primeira vez pensou sério no futuro e viu que os acontecimentos o empurravam... o empurravam cada vez mais para os lados dos companheiros de verdade, Guilherme e Irma... empurravam-no para qualquer coisa diferente, que êle ainda não sabia bem o que era, mas devia ter muita força, tanto para lá era empurrado e empurrado.

No descampado da varzea, Genarino sentiu-se um coisa-alguma. Nada.

Deixou-se ficar esquecido e sem vontade. Os companheiros rarearam mais e mais e a noite veio descendo.

Escurecia e as estrêlas apareciam numerosas.

Entre o chão e as estrêlas, não havia nada.

Seu Joaquim da padaria foi quem alvoroçou o bairro. Sua mulher disséra ter visto a italiana dona Filomena entrar em casa na noite anterior e não mais sair dali. Já se dizia que a velha andava mal da mioleira, falando sozinha e o que os filhos deviam fazer era não deixá-la assim de qualquer maneira na cidade. Continuava o mistério da calabresa, na rua Marechal de Ferro, espalhando-se pelos fins do bêco do espanhol balaieiro. As desconfianças de Joaquim padeiro estavam agravadas por uns ruídos exqu岸itos que ouvira durante a noite, vindos do quarto vizinho. Uns baques surdos, umas marteladas... Que estaria preparando a mulher misteriosa? Ficaram assim, êle e a mulher, cheios de curiosidade, de ouvidos encostados à parede, quasi que a manhã toda, quando já o silêncio se apoderára inteiro daquêle quarto, ao mesmo tempo em que os empregados tratavam da contagem dos pães e os carrinhos de entregas se postavam na frente.

Guilherme, Irma e todos os operários do lugar tinham se dirigido, nas suas horas certas, ao serviço. Mas, Genarino deixára-se ficar, desde o término da greve, completamente sem vontade, como um doente, silencioso, sem responder à enfiada de reprimendas da mãe e da irmã. Nem o xingamento de vagabundo o sensibilizava mais. Nem o maço de notas de mentira, os papeis abertos das carteiras de cigarros. Apenas o chute em gól, à tarde, quando vinham os companheiros, cada vez mais organizados no clubinho, conseguia atraí-lo e mesmo assim o cansaço vinha-lhe mais depressa que antes, sentava-se na calçada olhando para longe, distraindo-se

com Leonel e Mimosa, nas suas brincadeiras de cachorrinhos espertos.

Mais de oito horas da manhã e êle ainda largado na cama. Por duas vezes Vermelhão mandára procurá-lo, sem resultado.

Agora, no seu sem-fazer, ouvia distintamente todos os ruídos que vinham de fóra, à espera, talvez, de alguma coisa que o despertasse. Sòmente depois do jantar poderia ver seus amigos Guilherme e Irma, os únicos que ainda o interessavam mais seriamente. Pensando e pensando, ouvia as batidas fortes, numa porta, que devia ser a da vizinha. E, a seguir, a voz de seu Joaquim:

— Dona Filomena! O' dona Filomena! Raios!

Nada.

Pelas janelas e portas da rua começaram a aparecer os habitantes todos e as crianças já rodeavam seu Joaquim, que tomou a si a responsabilidade das providências exigidas pelo caso. Não poderia ter saído dali, pela madrugada, a velha sozinha e medrosa. Os antecedentes conhecidos davam tintas à expectativa, no bairro da miséria e dos acontecimentos estranhos. Dona Esmerada e a filha também foram ver. Seu Joaquim crivou-as logo de perguntas. Não tinham ouvido os ruídos...

— Caramba! As senhoras não ouviram, pois não? Pois isto parecia uma pedreira, era só pancadas e pancadas. Ao duspois, não s'ouviu mais nada...

Deram-lhe daí a indicação de que seu Felisbino, o fiscal da Prefeitura, era amigo dos filhos dela e sabia o enderêço. Conviria mais chama-los, quem sabe se a velha estava dormindo, não seria negócio arrombar porque nessa casa misteriosa já andava metida a polícia...

Genarino ficára ouvindo da sua cama a misturada de palpites e o nome de dona Filomena entre aquela gente em alvorôço e pensou, como num cotucão forte, para espicaçá-lo à atividade: tinha que fazer alguma coisa, ainda que fôsse fugir dali. O nome e a vida da velha haviam se metido na sua vida e ninguem conhe-

cia o tremendo segrêdo do ladrãozinho; os companheiros, uns na cadeia, outros no Instituto Correcional, lá pelos lados da Penha, curtindo por um mal em que êle tambem era parte. Levantou-se, mal passou água pelo rosto amarelo e se esgueirou pelos fundos, passou pela mesma cerca onde arrancara as duas ripas, na noite em que, — provavelmente havia sido Pestanudo — se dêra o roubo das moedas.

Não tinha um tostão, sequer, no bolso. Caminhou em demanda da cidade e parou no Jardim da Infancia do Parque Pedro II, onde as crianças limpinhas, acompanhadas, corriam livremente, sem pensamentos, como por umas horas êle corrêra com os trezentos jornaleiros, os três campinhos livres da várzea do Tatuapé. A inveja e o odio do Genarino caíam assim sôbre todos os inocentes do parque. Êle não comprehendia as diferenças, que Guilherme, à noite, procurava explicar-lhe, apoiado por Irma. E que estaria acontecendo no bairro, a essas horas, entre o alvorôço dos seus habitantes, por causa de dona Filomena? Quando chegava a esta série de pensamentos, então procurava desviar a mente para qualquer coisa mais forte. Foi beirando a cêrca do parque, até que uma bola de borracha, quasi do tamanho de uma de couro número três, despertou-lhe a atenção. Pintada de amarelo e os gômos riscados com tinta preta, fingindo bola de futebol. Aproximou-se do menino que a possuía e que nada sabia fazer com ela. Genarino teve uma idéia má, nesse momento. Começou a conversar feito amigo, com o pequeno e a instigá-lo a chutar. Não o conseguiu porque êle apenas mexia a perninha direita e largava a bola da mãozinha, que rolava. Já apanhá-la, olhava para Genarino e repetia inutilmente a façanha. Genarino olhava desconfiado por todos os lados. Afinal, pediu-lhe que a atirasse por cima da cêrca e êle ensinaria como se chutava. O garotinho atendeu. Genarino deu um chute fraco, para o alto, bem a prumo e a seguir, juntando toda a força de que dispunha naquela manhã sem café nem pão, applicou uma bicicleta à moda de Leônidas e a bola foi longe, bem longe, depois rolou, rolou num declive, foi cair no canal do Rio Tamanduateí. Genarino ainda fez um

gesto ao garoto, que esperasse e partiu em direção à bola carregada pelas águas.

Arregaçou as calças compridas, remendadas, arrancou os sapatos furados e foi buscá-la. Quando a sentiu na mão, redonda e lisa, pôs-se a acariciá-la. Se viesse alguém, daqueles lados do parque, correria pressuroso a devolvê-la, como num ato de boa gente, que não se apossa do alheio. Mas, ninguém aparecia. Genarino deu a volta pelo Mercado Municipal, foi sair na rua 25 de Março, atravessou a gritaria dos turcos que ofereciam fazendas em constante liquidação às mulheres; estas paravam, mexiam os panos e seguiam. Subiu a Ladeira Porto Geral, viu-se na cidade, nos mesmos pontos onde vendia jornais, pela manhã. A bola de borracha, custosa, lisa e brilhando de nova, nas suas mãos sujas, encostando-se à roupa rasgada, era um ponto luminoso de contraste que só não chamava a atenção porque êle estava nas imediações do "Diário Popular", onde se juntavam os da sua idade, ou para vender jornais ou para procurar emprêgo. Aquela multidão de garotos esperando, denunciou-lhe a hora. Era tarde, não tinha dinheiro nem para a volta de bonde e menos para um sanduiche... E que estaria acontecendo no bairro? Não fôsse isso, teria uma grande surpresa para os companheiros do clubinho, mas, já aquêlê volume nas mãos parecia queimá-lo, tinha desejos de atirá-lo nalgum canto que ninguém visse, pensava em esconder a bola, pedir a alguém que a guardasse e por fim arquitetou a mentira fácil: pediria isso a Irma, dizendo que tinha sido um presente de Vermelhão para o seu clube. Sabia onde ficava a fábrica onde ela trabalhava. Rumou para aquêles lados, no caminho mesmo de sua casa, esperou que os portões se abrissem para a saída do almôço.

A moça surgiu em meio aos demais, as saias de tecido escuro cheias de fios, outra vez aquela multidão inspirando-lhe o respeito, aquêlê mesmo respeito dos dias da greve, fazendo-o pequenino em meio à gente do trabalho, êle um pequenino ladrão de moedas e de bolas... Mas, Irma parecia compreender a tragédia do garoto, sem conhecer-lhe os meandros. Tinha

agradecimentos de mãe pelas preferências de Genarino. Encostaram-se à parede da fábrica, Irma dividiu com êle o pequeno almôço, ficaram conversando de assuntos sérios que entraram pelo entendimento de Genarino como um sedativo. Depois, quando veio o apito, a moça ficou com a bola e êle prometeu que depois de vender jornais, embóra não pretendêsse fazê-lo, viria buscá-la, na saída da tarde. E nada lhe falou dos acontecimentos da rua Marechal de Ferro. Era como se não acontecessem, procurava esquecê-lós, procurava esquecê-lós, procurava não lhes dar importância para não se assustar ainda mais. Despediram-se como dois namorados e como mamãe e filhinho. Livre da carga da bola, Genarino rumou novamente para a cidade, sem saber porque, apenas para matar horas, procuraria de novo Vermelhão ou Pedrinho; iria mesmo vender jornais? Não sabia.

. . .

Enquanto isso, na rua Marechal de Ferro a gente toda se juntava. Sòmente a morte podia ter revelado todo inteiro o mistério de dona Filomena. O fiscal — seu Felisbino Matos Schwartz — tinha se encarregado de avisar, a toda pressa, aos amigos e correligionários políticos, os filhos de dona Filomena, porque também êle não se animára a arrombar a porta. Os filhos eram homens feitos e se chamavam, Ídolo e Stéfano. O primeiro, truncado, redondo no rosto, nos braços, nas espáduas e, baixinho, de pernas curtas, parecia todo inteiro uma bola que caminhasse; Stéfano, mais alto, tinha a cara achatada, que o nariz pequeno achatava ainda mais. Ambos, escandalosos e gritalhões. Arrombaram a porta, cheios de lamentos, como que adivinhando o acontecido. O vulto da velha, arcado, meio de braços sòbre o soalho, estava se enrijando e já se esfriara. A um palmo da cabeça, dois tijolos arrancados e seu Joaquim com dona Alzira tinham razão. A mão direita da velha segurava, ainda com os dedos crispados, o cabo de uma machadinha, cheia de terra; e o solo escarvado. Os filhos se lançaram sòbre o corpo de dona Filomena a um só tempo, como em todas as

cênas que surpreendem fortemente. E falavam no dialeto dos páis, que era como sentem as grandes emoções aquêles que no lar aprenderam a manifestar seus mais caros sentimentos num determinado idioma:

— Ahhh... mámma du córe mio! Com'era bóna a mamma!

Os circunstantes, assustados, mantinham o silêncio respeitoso das cênas que transcendem. Seu Joaquim padeiro foi esmiuçar o buraco no solo. Uma ponta de pano aparecia em meio à terra. Meteu a mão com mais fôrça e seus dedos deram na solidês das moedas de prata. Aos poucos, o mistério se desenovelava, enquanto as lendas principiavam desde logo a formar-se, engrandecendo o acontecimento do bairro esquecido, que haveria de sacudir toda a cidade, as páginas dos jornais de crimes e escandalos, e os catadores de sensações. Dona Filomena escondêra a propria causa do assalto dos Cara-sujas, que apenas haviam carregado um dos sacos. O outro ela temia que fôsse roubado, temia agora o govêrno porque os filhos falavam das notícias sôbre a guerra e o fascismo e falavam das ameaças que pairavam sôbre as economias dos súditos do eixo. Desconfiada dos proprios filhos, não se abria a êles, procurava resolver tudo sozinha; e o mêdo, o terror e a loucura, se apossaram dela, até que o coração se cansou de bombar e as veias se cansaram de reprezar o sangue, que reventou nalgum lugar, vinha pela bôca e se coagulava.

* * *

Sôbre a cama desarranjada via-se agora apenas o lençol branco, estendido sôbre o corpo volumoso, inteiriçado.

Foi sômente isso que Genarino e os que chegaram atrazados, puderam ver, com as velas e a choradeira mecânica dumas carpideiras vindas do bairro dos filhos da morta. Depois, ouvindo daqui e dali, só êle sabia que os companheiros do bando de Pestanudo não tinham entendido bem suas instruções, eram dois os sacos e êles haviam carregado um só. O detalhe aumên-

lou o segredo que morava dentro de Genarino; precisava estourar um dia, porque o segredo das coisas mal feitas a gente não guarda mesmo, estoura...

O silêncio do bairro respeitador do funeral, era quebrado somente pelas incômodas carpideiras e pelos soluços dos filhos e noras de dona Filomena.

Metido no canto da parede, rente à vidraça que tinha sido o orgulho da velha, um homem de cara chata, nariz pequeno, os olhos avermelhados e úmidos, alisava com as mãos calosas os quadrados do vidro que êle garantira ser estrangeiro. Chamava-se Stéfano. E era vidraceiro.

A existência de Genarino Brambila perdeu a vontade. Vermelhão estranhava-o e levantava ameaças de cortar-lhe o serviço. Que é que tinha no corpo, que lhe pesava tanto e na cara, que parecia máscara de assustar? Doença? Ele, Vermelhão, suportava seu reumatismo havia quantos anos? E já estava velho. Um marmajão como Genar... não sentia vergonha? Ou era que tinha arrumado outra ocupação? Falasse claro. O rapazola ficava olhando para os jornais, fingindo que os contava e recontava, o maço emagrecido para evitar encalhes, já não perguntava "o que é que havia hoje?" e partia fingindo pressa, mas lá adiante apregoava com preguiça. Perdêra o gosto.

Numa noite veio-lhe à memória a figura de Pedrinho, nem sabia porque. Talvez pudesse encontrá-lo no Bar Shangai, onde se reuniam os jornaleiros homens feitos, que tinham sobras para jogar, beber e aproveitavam para conversar de negócios e fazer encomendas de revistas e de jornais, como numa pequena Bolsa. Tomou êsse rumo, eram mais de oito horas da noite. Foi a pé. As ruas centrais do Braz, a avenida, já agora estavam vazias de automóveis, os ouvidos descansavam das buzinas. Corriam bicicletas e carroças, bondes e ônibus e algumas motocicletas passavam barulhentas. Economizava-se gasolina para as possibilidades da guerra. O Brasil rompêra relações com os países do eixo. O povo tinha de olho japoneses, italianos e alemães.

Chegou à rua do Gazômetro sentindo fome. Na esquina entrou no Bar Danubio Azul, onde numa tableta se lia:

"Pastéis finos"

Eram de trezentos réis. Genarino tinha cada vez mais acentuada a mania de lêr todas as lêtras que via. Levava uma nota de dez tostões. Entrou, pediu um pastel que estivesse quente e fôsse de carne e safu mastigando, enquanto metia no bolso as moedas do trôco. Passou pelo Cine Glória, as paredes escondidas pelas taboletas cheias de côres. Mas, seguiu. Tinha pressa de encontrar Pedrinho. Agora se lembrava de que era um sábadô. Talvez o amigo viesse. Enveredou pelo Bar Shangai e nas quatro mesas da frente viu caras conhecidas de companheiros adultos. Antes de atravessar a separação dos bilhares rodeados de jogadores e de "sapos", encontrou nova taboleta:

De ordem da policia é proibida a entrada de menores de 18 anos.

Faltava-lhe um ano e meses para completá-los. Decerto daria um jeito de entrar. Mas, a cara sumida e o corpinho magro metido numas calças rôtas de brim e num paletó estreito, desajustado, faziam contraste com os jornaleiros crescidos, todos limpos, barbeados, alguns de pince-nês como doutores, as roupas ordinarias mas imitando ternos de casemira inglesa de setecentos-mil-réis e mais. Parou, distraiu-se com outra taboleta:

"Proibido falar nos idiomas do eixo".

Custou a terminar as silabas, cujo som bailava lentamente na sua cabeça. Relanceou o olhar e não viu Pedrinho. Esperaria. E em lugar de esperar ali, sentiu-se deslocado naquêle meio. Os homens brincavam de briga de palavrrões e logo após sorriam para desfazer ofensas. Eram todos amigos. Traziam, ainda que menos acentuada do que a dos jornaleiros mais pobres, a marca da correia. Mas, na verdade, xingando-se de brincadeira, meio-descarregavam recalques. Davam com a ponta do taco às bolas e faziam caretas quando não acertavam. Genarino deu volta ao corpo e saiu com o intuito de voltar logo mais. Chegou à calçada do Cine Glória e lá estavam os cartazes coloridos, que ficou so-leitrando largo tempo, como um basbaque:

Robinson! Dietrich! Raft!

Aquela mulher!

Hugo Del Carril!

A vida é um tango!

Todas aquelas frases e nomes terminavam num ponto de exclamação. Os espetáculos atraentes necessitavam, cada vez mais, de impressionar, prometer sensação, quando mais não fôsse, pelo menos através dos pontos de admiração e das reticências. Enterrou a mão no bolso das calças, apalpou a carteira de cigarros “*Martinée*” e sem retirá-la, com a habilidade das pontas dos dedos puxou um cigarro que levou à boca, mecanicamente, sem batê-lo contra a unha ou contra a caixa-de-fósforos, acendeu-o e se distraiu ainda mais. O ruído das argolas de madeira da cortina pesada na corrediça de metal, despertou-o. Vinham de lá de dentro os sons duma música de fim de fita, que se misturavam ao vazerio, principiando, dos espectadores que largavam suas cadeiras e vinham para a rua. Eram 10 horas: quem sabe, Pedrinho?... Correu novamente o olhar ansioso por todas as caras postadas na calçada, voltou ao Shangai e, como da primeira vez, nada. Vermelhão, entretanto, sentado numa cadeira, espiava o jôgo. As bolas reluzindo, impelidas pelos tacos, encontravam-se, no choque do marfim contra marfim. Este ou aquêl mais treinado, embocava, dava saltos de contente, empurrava autoritariamente os parceiros: que abrissem alas, dessem espaço para seu corpo e seu tacho; sentiam-se importantes, alvos de todos os olhares.

Genarino viu o companheiro de jornada e sentiu a emoção do trabalho e das obrigações de todas as manhãs. Arcado, com o braço para traz, a mão direita à altura dos rins, Vermelhão admirou-se de vê-lo. Vinha se distrair do reumatismo nos lugares quentes, cheios de vozes e de gente:

- Genar... qué que vucê veio fazê?
- Nada... passando...
- Por que que num foi hoje? Vai amanhã?
- Minha mãe tá doente. Amanhã eu vô...

Não lhe importava estar mentindo. Perde-se o gôsto pelas coisas, elas deixam de merecer o sacrificio da verdade.

Deu uns passos em direção à porta, para sair, mas, retrocedeu, lembrou que Vermelhão poderia dar-lhe uma pista:

-- Vermelhão!

-- U quê...?

-- Num sabe onde anda o Pedrinho?

O outro estranhou a pergunta. Mas, sabia sim.

-- Foi s'imbóra... Vortô prá terra dêle... Foi carpi café...

Último tranco na decepção que brincava na cabeça de Genarino. Desaparecia o interesse pelo Bar Shangai, como um gato preto desaparece na escuridão. A vida perdia as pernas para seguir adiante, mesmo que seja atraz de outro interesse. Ficava parada como a luz dum poste que só ilumina um circulo do espaço.

As pernas de Genarino andariam apenas para sumir pela rua Marechal de Ferro, onde o Varzea Futebol Clube progredia, tinha bola de couro, campinho em frente à tenda do balaieiro Maximino e ali se falava de diretoria, recibo do mês, desafios... Na rua, veículos ainda mais raros. Num botequim, os homens se apinhavam em tórno ao rádio. Notícias do jôgo de amanhã? Não tinha importância. São Paulo contra o Ipiranga? Não tinha importância. O Ipiranga apanharia... A voz do locutor vinha forte, solene e raivosa:

"Atenção! Urgente! Noticias de última hora! Agência Nacional: Submarinos do eixo puseram a pique o vapor brasileiro "Baependi", nas costas do Atlântico!"

O silêncio da expectativa equilibrava a emoção dos ouvintes. Genarino parou. A cena e a noticia entraram pelo seu entendimento de misturada com as palestras de Guilherme, Irma, Ferreira, Maximino... Seria o comêço? Antonio Ferreira, gesticulando diante da namorada, para fazer-se de importante, continuava afirmando que a guerra era um bom negócio para o Bra-

sil, devíamos aproveitar para ganhar dinheiro, todos ficaríamos ricos! E citava exemplos e mais exemplos. Faltava azeite de oliva? Tanto melhor. Tínhamos o nacional, de algodão, bem refinado... Estava aí a possibilidade duma nova indústria. Faltava gasolina? Teríamos agora mais trabalho nas usinas de açúcar, uma vez que o álcool podia substituí-la. E também as oficinas de aparelhos de gasogênio. O Brasil era um país novo, de paz. Guilherme perdia o equilíbrio da conversa, tanta burrice ouvia da boca do amigo. Que deixasse de ser besta. Nicolina abria os olhos pintados de carvão, para os lados do contraditor. A guerra viria irremediavelmente para todos os rincões do mundo. O fascismo não perdoava. Derrotado num Continente, cu vitorioso que fôsse, marcharia para outro. Hitler, aquê-le sujeitinho de bigode de fresco se parecia com Plínio, o chefe dos camisas-verde que haviam assassinado seu irmão José. Estava vendo. O fascismo distribuía imitadores por todas as partes para alastrar-se, levar a guerra e a desgraça a todo mundo. Hoje Hitler distraía o povo alemão com notícias de vitórias e vitórias, mesmo quando não as houvesse. Ele não poderia parar nunca, a guerra...

A sem-vontade de antes foi sendo substituída pelo sabor da novidade que levaria à rua Marechal de Ferro, quem sabe, antes de todos. Chispou. Guilherme e Irma conversavam na cozinha. Pela afofação os amigos perceberam que Genarino trazia alguma nova. Triste? Alegre? Falasse logo:

— Acho que vem a guerra, Irma!

— A guerra?

— E'. Os alemão afundáro um navio brasileiro...

Guilherme corrigia tudo:

— Não diga os alemão. Diga os fascista...

— E'. Os fascista afundáro!

— Quem disse?

— Escutei no rádio.

Movidos por um acontecimento forte, lá longe, em pleno oceano, mas tinha muito que ver com eles, aqui

metidos num bêco. Levantaram-se. Foram bater na padaria do seu Joaquim, o único que possuía rádio nesta rua. Lá encontraram o espanhol Maximino falando da resistência de Madri e do sangue dos toureiros, de Afonso XIII, que nunca mais voltaria e dos bandidos franquistas, que se tinham aliado aos alemães e aos italianos. Seu Joaquim afirmava que Salazar não se meteria na guerra, era um grande financista, tinha endireitado tudo, até cuspir no chão era proibido agora, para limpeza completa. Guilherme contradizia-o. Afirmava que Salazar também era fascista e até havia ajudado Franco a vencer os republicanos espanhóis. Genarino ouvia com atenção e sentia orgulho da sabedoria dos seus amigos, que não eram doutores nem jornalistas e conheciam êsses assuntos. Sentia ânsias de saber, como êles, essas coisas do mundo. O rádio transmitia músicas e anúncios e nada esclarecia. Marchas militares e, de vez em quando, a repetição da notícia trazida por Genarino. Terminava assim:

“Não há pormenores”.

Os vizinhos esperavam e conversavam, discutiam e, quando mais acalorados, uma piada punha água na fervura. Dos fundos vinha o barulho da massa batida sobre táboas e as vozes dos empregados de seu Joaquim, que comentavam o mesmo assunto. Era o perigo da guerra invadindo os pensamentos da grande cidade, sacudindo-a do seu torpôr das mesmas coisas de todos os dias. A cabeça de Genarino parecia estar quente, sacudida também. Pedrinho regressara ao mato, desiludido, quem sabe? Que bom era o Pedrinho! Que grande companheiro na greve! Maximino adormecia na cadeira, cansado de falar de política e de touros. O relógio próximo ao balcão dava quasi uma hora. O rádio anunciava o final das irradiações. Um navio brasileiro afundado, nossos patrícios mortos e não havia pormenores.

Saíram juntos os três amigos, disseram-se boa noite e Genarino empurrou a porta, cuidadoso, para não ouvir resmungos. Não tinha sôno. Foi remexer na cai-

xa onde guardava os rótulos de cigarros -- cédulas de mentira; havia tempo que nem se lembrava. Se fossem de verdade, embarcaria com elas para o mato, iria encontrar Pedrinho, trazê-lo para a cidade, que agora se agitava com o perigo da guerra, iriam ser soldados contra o fascismo.

Sonhou isso. Sonhou que a guerra era uma partida estranha de futebol. O Varzea Futebol Clube contra o fascismo e ganhava de muitos gols. No Estadio do Pacaembú. As luzes dos holofotes caíam sobre eles exageradamente fortes, num banho mais quente que o do sol do meio-dia, quando ainda estava vendendo as últimas folhas. Lobishome no time do outro lado, procurando atrapalhá-lo a todo momento. Seu irmão José vinha socorrê-lo. A partida confusa, ele não via o gol e no seu time estavam Guilherme e Pedrinho. Ah! Pedrinho voltára do mato. Flanela também atrapalhava todo mundo soltando gritos tremendos contra ele, que errava os chutes. Sentia a bola perto e não podia arremeter. Mexia, mexia a perna, procurava o jeito de emendar a perigosa extremada. Uma aflicção esmagadora tolhia-o. Despertou resmungando.

Um peso no estômago: devia ser o pastel fino de trezentos réis. Nem que fosse pastel de japonês. Ficou acordado um tempão, a mãe e a irmã já trabalhando, o dia alto, nem se importavam mais com sua vida. O interesse pelas notícias da guerra impeliram-no para fora da cama. Partiu em demanda das ruas centrais da cidade, mãos nos bolsos, vagabundo, somente a imaginação trabalhando, querendo ouvir comentários. Não foi trabalhar, como prometera a Vermelhão. Parou numa banca de jornais para ler, naquela sua demora de soletrador, as manchetes, filando notícias expostas para atrair fregueses. Letras e sílabas que só falavam de afundamento, mas não esclareciam. Na praça do Patriarca os grupos comentavam, alguns pareciam agitados, outros sorriam, aguardando a saída das missas do meio-dia, para vêr as moças. O sol tinha vindo um pouco mais quente, como para refletir o calor das idéias. E se os céus da cidade fossem assaltados por bombardea-

dores fascistas? Lembrava a revolução de 32, que êle era pequenino e andava pela mão do mano José, que falava com os amigos, dos perigosos aviões "vermelhinhos". Lembrava o irmão e vinham-lhe à mente os assassinos integralistas. Sentia ânsias de realizar qualquer coisa e não sabia o quê. O centro da cidade não resolvia, prá êle. Ainda lhe restavam os setecentos réis. Partiu apressado em demanda da praça da Sé e ali tomou o Penha com uma idéia.

O bonde, apinhado, atravessou as primeiras ruas para enveredar pela avenida, em disparada. Mas, a velocidade do veículo pesado e barulhento não ia no mesmo ritmo das aspirações de Genarino. Corroia-o um remorso e a idéia de tentar uma visita aos amigos do bando de Pestanudo era uma idéia que servia de bálsamo a êsse sofrimento. Deveria ter feito isso antes, ao menos para agradecer-lhes o não terem-no denunciado. Quasi em frente ao Instituto Correccional saltou, mas o receio, diante daquêle casarão limpo de telhado baixo, cercado de culturas e de canteiros, o receio de que o reconhecessem como participante do assalto a dona Filomena serviu de freio aos passos, antes apressados. Encostou-se ao poste de faixas brancas, como se aguardasse o bonde de volta e de vez em quando endereçava os olhares para os lados do edificio, como a vêr, em cada canto, Pestanudo e os demais; Moleque Quatro, homem feito, devia estar na cadeia e não na correção...

Não. Genarino não tinha forças para realizar o que pensava. O fôgo dos seus pensamentos ficava queimando ali mesmo na cabeça e virava cinzas. Era o remorso e o sêgrêdo, que o lambiam por dentro.

O vulto amigo de Irma apareceu como uma sombra salvadora, de novo. Regressou à rua Marechal de Ferro, ao esconderijo das suas preocupações medrosas, foi vê-la. Mas, para tanto levava coragem. Acontecesse o que acontecesse. A vista turvou-se-lhe enquanto falava. Despejou o sêgrêdo todo inteiro. Ela que dissesse, por favôr, o que devia fazer. Fôra êle, sim, que relêlara o mistério da velha Filomena ao bando dos ca-

ras-suja. O chefe se chamava Pestanudo. Não sabia porque a policia deixára-o em paz. Precisava fazer alguma coisa por êles. Quem chorou foi Irma. Aconche-gou-o de novo, como naquêle dia do entêrro de Fran-cisquinho. E êsse calôr deu-lhe fôrças para aguardar o que viesse. Podia cair a casa, nesse momento.

Guilherme veio dos fundos carregando a máquina de costura do judeu Isac, já armada, risonho, tão cheio da alegria de anunciar a grande nova, que nem percebeu a cêna estranha. Largou o pêso próximo à compa-nheira, foi buscar uma cadeira e um retalho, obrigou-a a sentar-se e a experimentá-la. No mesmo dia sairia em busca do judeu. Era uma festa de que os três começaram a participar. Irma percebeu que devia desviar as preocupações de Genarino para alguma outra coisa e esmagar aquêle sofrimento. Começaram a sorrir, os três. E repartida a felicidade e o orgulho de Guilherme entre os companheiros, lá se foram êles, depois do almôço, em demanda do Bom Retiro, à procura do judeu Isac, para resgatar o crime da rua Marechal de Ferro.

O domingo de sol enchia a varzea de contentamento. Pois diziam que em 365 dias, duzentos eram de chuva em São Paulo. À casa de Guilherme e Irma tinham vindo, pelas dez horas da manhã, Genarino, Antonio Ferreira e Nicolina. Aqui era o refúgio dos dois namorados. Ferreira não tinha perdido de todo as esperanças de convencer o amigo, mas cuidava de preparar, com a ajuda dum irmãozinho, o pequeno forno no fundo do seu próprio quintal. Queria começar fundindo pequenas peças, cinzeiros, estatuetas, tinteiros, para vender barato nas lojas. Muitos milionários não teriam principiado assim?

Encontraram Guilherme fazendo os últimos reparos na máquina de costura que Isac, cheio de alegria, prometera vir buscar. O operário, alisando carinhosamente o braço, agora envernizado, daquêle conjunto mecânico, tinha a imaginação mais descansada das preocupações de todos os dias, transportada para os tempos da meninice e da juventude, quando sonhára vir a ser mecânico e a pressa da vida não deixára. Procurava explicar aos seus amigos as histórias dos officios, como ouvira contar pela bôca do avô, o bom velhinho de grandes bigodes, que o retrato do general russo Budieno lembrava.

— Tomas Edison! Quando ganhar um filho não se chamará mais Francisco. Tomás! Há-de ser Tomás! Vocês se lembram da fita do Tomás Edison?

Apenas Ferreira e Nicolina não se lembravam. Genarino recordava Spencer Tracy, o artista, algumas das invenções, a lâmpada, o fonógrafo, lembrou o garôto

que queria ser inventor e quebrara a primeira lâmpada feita com tanto carinho, lembrava que Edison não lhe batêra por isso. Guilherme pensou como Edison tivera a idéia do vácuo, olhava as cabeças de Nicolina e Ferreira e não tinha coragem de se referir a isso. O filme havia estado no bairro e tinham ido os três, Irma, Genarino e Guilherme, de geral.

— Edison! O inventor falou de liberdade!

Irma ia e vinha, preparando o café para todos e arrumando a casa. Domingo de sol. O operário tapeceiro, apaixonado pela mecânica, pela precisão das peças que se movem como órgãos humanos, são vida e calor, o operário gostava de haver conhecido muitas histórias destas pecinhas e não escondia o orgulho do seu feito. Sentado, acionando o pedal, submetia a máquina a todas as provas...

— A liberdade!

Ferreira, sentado ao lado da namorada, ambos sobre a mesa, impeliam os pés para a frente, largavam o peso e as pernas voltavam, como num oscilador lento. Ele sorria das exclamações do amigo e pensava no dinheiro que estava arranjando emprestado para comprar grafite, indispensável as fôrmas da sua futura fundição. Mas Guilherme prosseguia:

— ... a guerra é por causa do fascismo...

O que? o grafite? Ah, não, Guilherme falava de outras coisas.

— ... por causa desses fascista 'stou consertando esta máquina...

O metalúrgico achou graça. Riu-se mais forte:

— Você virou poeta hoje...

Guilherme também sorriu.

— Estou lembrando o discurso que o velho Edison fez no final da fita... A indústria, o comércio... tudo precisa de liberdade. Nós precisamos é de progresso... Nós queremos paz e trabalho!

Pensou um pouco. O silêncio, dentro do casebre, era o respeito à seriedade com que falava Guilherme.

— ... Sim, é verdade: primeiro precisamos liquidar o fascismo, que é o pior! Depois... Depois, a gen-

te vai vê... Por enquanto, em lugar de ir prá frente eu vortei prá selaria. De tapeçero queria passar a alguma coisa melhor. Andei prá trás. Que-nem caranguêjo...

Espalmou a mão suja do azeite da máquina sobre o peito, onde a camisa aberta deixava vêr pêlos fartos e negros e onde sentia a pressão da angústia que não sabia explicar. Levou os dedos grossos à caixinha da espoleta e com a chave-de-fenda desatarrachou os parafusinhos, trazendo para fóra a lançadeira. Estava entusiasmado com seu trabalho.

— Há muitos, muitos anos, os home começáro a mecanica com madeira, osso e bronze. A primeira fechadura era de madeira e êles faziam ansim como nós fazemo hoje: chave, dente na chave...

Genarino ouvia com a mesma atênção com que Guilherme ouvira estas histórias do avô de grandes bigodes. Irma trouxe as pequenas canécas de café. Ferreira tambem parecia ouvi-lo com atênção. Nicolina olhava o namorado de cabêlo farto, lambusado de fixador, feito uma só peça. Preferia passear, mas Nicolina seguia o namorado em tudo que êle quisesse.

— Olhem que bonito!

A lançadeira da máquina parecia a miniatura dum barco, estava polida por êle com lixa fina; reluzia resguardada da ferrugem, pelo olio especial. Havia reconstituído o mecanismo depois duma limpeza geral.

— Prá chegar até esta peça, quanta gente suô quem nós? De dia e de noite!

Como que procurando impressionar o pequeno auditorio, Guilherme largou a lançadeira e tratou de deslocar a agulha fina, brilhante, do pé da máquina, para falar dessa peça. Sorriu com o fiozinho de aço entre os dedos calósos e na palma da mão se via ainda a chaga de selêiro costurador que o tempo ainda não havia cicatrizado de todo.

— A história desta agulha, eu me lembro um pôco, de quando o vêlho me contava; tantas veis que quasi decei...

A sua mente regressou o rosto enrugado do avô França, que tinha vindo da Europa e conhecêra muitas

coisas, viajando e viajando. Quando fazia frio e eles não saíam de péto do fogão, chamava os nétos e contava histórias. Guilherme parecia encarnar o bom do avô que morrêra de velhice, caducando e dormindo muito. Agóra o néto pouco levantava o olhar, como para lembrar todos os detalhes e não se distrair.

— Nos túmulo egípcio diz-que encontráro agulhas de bronze... Faiz muitos ano os árabe leváro prá Europa as primera agulha de aço... Um indiano tambem fabricô elas mais quando morrêu levô o segrêdo prá co-va... Muitos ano depois...

Levou a mão à testa como para recordar as palavras do avô França e parecia que a voz distante do vé-lho cantava aos seus ouvidos, naquela manhã estranha de sól:

— ... é... muitos ano depois, um tal Cristovam... Cristovam... Bem, um tar de Cristovam inventô elas de novo. Da Ingraterra passô prá França, depois prá Alemanha...

Parou os olhos em direção ao orifício da pequenina peça:

— Olhe que buraquinho bem feito! Isso é duro de fazer bem feito...

Ninguém estava ali para alimentar o assunto e Guilherme parecia falar consigo mesmo, apaixonadamente, como quando a gente dirige perguntas à própria memória, afim de espicaçá-la:

— Na Ingraterra, numa fábrica, tinha mais de déis mil trabalhador fazendo agulha! Milhões de agulha por dia... Sabe como fáis? Tem a tempera e o cozimento... O polimento... A escôlha... e empacotamento...

A pequena agulha tinha agóra em cima os déz olhos dos cinco amigos. Brilhava ao refléxo da luz que vinha pela pórtá dos fundos. Era como Cristo adorado, no berço de palha.

— Vamos fabricar agulha... Guilherme?

Sem duvida que era do Ferreira esta pergunta. Ninguém respondeu. Guilherme fitou-o sem mudar a expressão introspectiva, estava inteiro dentro de si mes-

mo e dos seus pensamentos, como um místico sincêro diante do Santíssimo, que os padres proibem de olhar.

— De antigamente precisava mexer vinte veis uma agulha prá ficar pronta. Hoje tem uma máquina que fais tudo!

Genarino sentia-se empolgado, o entendimento aberto como se uma criança rica ouvisse contos de fadas.

— Então, com essa máquina que você fala, a gente pôde fabricá muitas agulha e vendê?

— Podê, pôde. A questão é tê a máquina...

Guilherme levantou o olhar para Genarino e pou-sou-o, depois, sobre o rosto de Irma, que o fitava apaixonadamente, ouvindo suas palavras simples e nesses momentos não o interrompia, como não se interrompe uma criança na hora melhor do brinquedo. O homem fez-lhe um sinál. Irma acercou-se, deixou-se enlaçar pela cintura, enquanto os namorados sorriam e Genarino desviava os olhos, envergonhado. Como numa reverência para ela e também para Nicolina, Guilherme contou que em certas aldeias da Europa um pequeno maço de agulhas era o presente mais rico e preferido que se podia fazer a uma mulher. Nos bailes públicos, com bailarinas contratadas, os homens pagavam pelas contradaças. Mas, os gerentes dessas casas não retribuam com dinheiro às bailarinas, o que seria falta de respeito: entregavam-lhes um número correspondente de agulhas...

Ferreira não comprehendia por que motivo era feio aceitar dinheiro; Nicolina achou engraçado, pediu que contasse de novo.

— Que engraçado! repetiu.

E todos riram-se para ela.

— E os alfinete com cabeça-de-vidro? Na secção da fábrica tem mais de mil mulher em fila, na frente das bancada. Tudo está escuro porque sinão a chama do maçarico atrapalha os olho delas. Mais deve sê bonito. Meu avô dizia que a gente só vê as mão branca, os dêdo se mexendo nas varêta de vidro. E depois, as operaria canta coisas bonita, de amôr, às veis forma

côro e isso ajuda o trabalho. Os chefe deixa cantá porque os operarios que canta produis mais...

Irma baloiçou a cabeça, fazendo que sim.

Bateram à porta. Era Isac. O carão grande, desproporcionado com o corpo, estava barbeado e trazia enorme sorriso amígo. Entrou repetindo “seu Guilherme” e “seu Guilherme” e “seu Guilherme” e contou de novo sua última história. O filho de côlo morrêra e desde esse dia a mulher parecia ter perdido o entendimento, não se podia mais deixá-la sozinha e êle precisava sair para trabalhar. A mulher não podia mais vêr nenhum vestido de criança porque se punha a chorar e arrancava os cabêlos. E os outros dois filhos? Teve que internar a companheira num hospital que lhe custava um dinheirão e tratar, êle mesmo, dos dois.

Isac trazia um pacóte que foi desembulhando: era um casaquinho de malha, todo côr-de-rosa.

— Seu Guilherme: eu não posso pagar já o conser-to...

— Mas eu não vô cobrá, Isac!

— Mas eu troxe este presente prá seu filhinho...

Êle não sabia. Irma retirou-se para a cozinha e Guilherme fingia-se distraido com a agulha, que procurava reajustar no pé da máquina. O madeiramento arrumado pelo operário era tosco, mas firme. Nicolina chegou-se para perto de Isac e explicou, em voz baixa:

-- Francisquinho tambem morreu...

O homem ficou parado, olhando o casaquinho, que agóra estava demais, atrapalhando-o. Começou a embulha-lo em movimentos lentos, como para que o ruído do papel não lembrasse a oférta inoportuna: olhava Guilherme e a máquina. Ferreira e Nicolina foram para o quintal, impelidos pela vontade de estarem sós, falarem de seus assuntos.

— Então, Isac, como vai levá a máquina?

O judeu sorriu de sua propria solução, levou Guilherme pelo braço até a pórtia. Trouxêra uma carrocinha de mão. Iria até o Bom Retiro com ela, precisava muito de sua máquina.

— Mais, é longe...

— Não tem gasolina agora, seu Guilherme...

Quando a máquina se encontrava no pequeno veículo, o judeu voltou para recolher o pacote e não sabia o que fazer com aquilo, sentia-se sem jeito. Mas, juntou animo, foi despedir-se de Irma e pareceu-lhe ter uma idéia mais ajeitada.

— Quer?... Eu deixo prá quando tiver o outro nenê...

Irma sorriu tristemente. Isac riu forte.

Guilherme de mãos nos bolsos, falava agora de futebol com Genarino, como buscando um assunto leve, que aliviasse o cansaço do seu trabalho e das suas narrativas. Lembrara tantas coisas agradáveis, entretanto, o entristeciam.

Os três foram até a porta, vêr Isac empurrar a carrocinha. Parecia que atravessava a Rua Marechal de Férro triunfalmente, desferrando-se daquilo que os fascistas lhe haviam feito. Quando chegou à esquina e o pequeno veículo desaparecia na curva, parou, levantou o braço direito e movimentou-o para saudá-los.

Estava um domingo bonito de sól.

No Bar Puxa-Prósa resolviam-se os destinos do Varzea Futebol Clube. O treinador João Flanêla a êle se dedicava inteiramente, movimentado por amôr de pái, enquanto sonhava alçar vôos mais altos, carregar um dos esmulambados chutadores aos gramados de qualquer grande organização: tornar-se famoso descobridor de cráques, como em Hollywood — contam as revistas de cinema — os diretores revelam novos astros e estrêlas, ganhando cartaz como êles mesmos.

Os treinos do Varzea F. C. corriam animados. No Bar Puxa-Prósa, à noite juntavam-se seus animadores e até seu Manuel Bezerra concorrêra na lista para o material: bola, duas câmaras de ar, agulha, bomba, cóla, camisas... Esperavam qualquer dia chegar à aquisição de chancas para todos; mais tarde procurariam alugar um campo melhor, gramado, quem sabe se com chuveiro e vestiário. A idéia do futuro dava energias novas ao presente. Pela rua Marechal de Férro a lista continuava correndo e dela constavam contribuições de dona Elza Bueno, do Maximino Fernandez que assinára “um anonemo”, de dona Alzira da padaria, de quási todos e até, pouco mais além, do patrão de Rafaél, seu Hercole de La Semola, que já então jurava em voz medida e sílabas pausadas e por todos os santos, ter vindo ao Brasil com cinco anos de idade, possuir mulher e filhos brasileiros, considerar-se brasileiro, mais do que aqueles que aqui tinham nascido depois da sua vinda e, levantando a voz, não queria saber de eixo nem de fascismo. Na Alfaiataria das Cem Tesouras estava o “Aviso” na parêde, frente à porta:

Pede-se não falar de política

E, ao lado, um retrato de Roosevelt e outro do Dr. Getúlio Vargas.

Seu Manuel Bezerra estava se tornando mais saído nas conversas de futebol; alimentava esperanças de que no próximo ano os diretores da Portuguesa de Esportes criassem animo e fizessem o seu time conquistar o Campeonato da Cidade, que saltava todos os anos entre as mãos do Corinthians e do Palestra. Para êle, qualquer das duas serviria: Portuguesa aqui de São Paulo ou a de Santos.

Anfilofilo queria contar alguma coisa contra os atuais jogadores, que para êle, os antigos é que continuavam de cima:

— Onde você vai encontrá bom jogador hoje, mais que seja de classe? Êles o que quer é pegar o dinheiro, gosar, nem dão mais confiança pró treinador, que nada! Uma vêis, o meia esquerda da Portuguesa... como se chamava êle?

-- ... u Alvértio...

— E' o Alberto. Eu tive lá nos treino. O treinador dêles é o Elisio Ferreira, que eu conheço de piqueno. O Elisio não quer saber de jogo individual: pegô na bola, passô prá quem estivé livre. E tem razão. Nôtro dia o Alberto diz que 'squeceu essas orde, pegô a bicha, controlô, fintô a linha, depois fintô dois arfe, passô os bêque, foi fintá o gorquipa...

Querida dar muita força àquilo que relatava e que vinha reforçar seus argumentos:

— ... home, fintô até as trave...

— Mais, marcô gôr?

— Decérto: bola e tudo!

-- E o trenadó?

— O Elisio ficô sem jeito... Disse que o desgraçado decerto tinha feito de proposito prá desmoralizar as orde. Saiu feito bala pró centro do campo e a turma cercô êle. O Alberto vinha de lá do gôr, sem corrê, decerto com mêdo da cára do Elisio...

— Deu nêle?

— Qui deu nêle nada! Disse ansim: bem, bem, Alberto: uma veis o ôtra pôde fazer disso...

As gargalhadas caíram em vólta à mesa de férro, com anúncio de cerveja Brahma.

— Uma esculhambação! No bom tempo dos amador não tinha disso!

Chegavam tambem Saracura e Genarino, convocados para a escolha de um clube e desafia-lo.

Genarino dividia seu tempo entre os assuntos do Varzea e as histórias que pacientemente lhe contava Guilherme, a seu pedido. Se tivésse que escolher um officio, como insistiam seus dois amigos, haveria de ser o mesmo de Irma; iria ser tecelão. Interessava-se por essas histórias desde aquele domingo da máquina de costura e da origem das agulhas. Vacilava entre a seriedade do casal de operários, que lhe trazia aos olhos a realidade da vida, ensinava-lhe uma moral diferente... Vacilava entre essa possibilidade áspera e as perspectivas que surgiam de novo, de vir a ser cráque, como passára a vaticinar João Flanêla.

Discutiam agóra com que clube haveriam de jogar seu primeiro desafio. Alguem sugeriu que se ainda existisse o "Polignano Amare", um time sustentado por italianos naturais da provincia de Bari, da Itália, poderiam enfrentá-lo...

— Os bareis! diziam.

— Tá lóco? Num fiz mal a Deus! Chi! Num joguei pedra em Santa Cruz! — defendeu-se Rafaél.

A algazarra chamava a atenção até dos transeúntes, na outra calçada da rua. Eram reuniões de futebol.

Todos conheciam a fama dos "bareis". Eles se juntavam em volta ao campo, na torcida, ajudavam o time invadindo o gramado, ajudavam a ganhar a partida no muque. Às vezes o juiz éra escolhido por eles mesmos e acabava apanhando. Não havia regras, nem tempo determinado, nem juiz que aguentasse. Não existiria séde mais cheia de taças e nem jogadores mais cheios de medalhas, nem que fossem todos uns Goerings pan-

culos, do que no "Polignano Amare". Quando a noite descia e não era mais possível distinguir a bola, invadiam a séde do adversario e de lá retiravam todos os troféus. Essa era a fésta preferida: limpar. Parecia que Mussolini lhes ensinára a cartilha do fascismo. E para chegarem a Goering, mesmo, faltava-lhes apenas a bôa alimentação, a barriga. Certo domingo, depois do jogo, excederam-se a tal ponto que tomaram conta da Vila Maria, do bairro inteiro, como um exército de ocupação. Foi preciso chamar a policia. Até que ninguem mais quis aceitar jogo com o "Polignano Amare". Recebiam seus officios e arquivavam. O clube dos bareis estava assim ameaçado de desaparecer, por falta de sensações. Seus officios, então, começaram a pedir "por favor", cheios de elogios ao adversario, comprometendo-se a toda lisura esportiva; chegaram a dar dois e três gols de lambuja, não fazendo questão de ganhar ou de perder...

— Preferivê jogá com o "Silva Teles Futebol Clube"?

— 'stá lóco? Eles tinha campo pértio duma lenharia!

— Qui é que tinha?

— Qui é que tinha? Quando a gente ganhava o jogo num sobrava páu de lénha! Tudo nas cósta dos jogadó Num nasci prá isso...

— Ué! Agente desafiava nôtro campo...

Nessa altura a linha inteira do Varzea protestou coletivamente:

— Só si o Marréco num jogasse...

Marréco era o golquipa, aleijado duma perna e que usava mulétras no gól. Um bom rapaz. Mas, se os atacantes ameaçavam de sobrepujar os zagueiros, avançava contra eles de muleta em punho e ninguem ficava com a bôla.

Estava uma algazarra em crescente dentro da séde improvisada. João Flanêla conseguira ser intermediario numa venda de terreno de cento e vinte contos e gastava a comissão em cerveja. Perguntou a Bezerra si tinha papel de officio prá vender.

— Desses prá requerimento?

— Desses mesmo.

, Veio trazer algumas fôlhas avisando que era duzentos réis cada uma.

— E a tinta? E a canêta?

— Já vai, homem! Devagar, homem!

O português passou o pãno sujo sobre a mesa onde escorrêra a espuma da bebida e Flanela se pôs a escrever na posição em que vira o escrevente do Cartório preparar a escritura do terrêno. Mas, escrevia devagar, caprichando, arredondando:

Ilmo. Excltmo. Prsidente do Esport Club Estrela do Sur, Os abaixo acinado vem respetosamente desafia V. S. para um embate amistoso do proximo domingo que vem do primeiro time de vocéis o campo nós avisa com um dia antes mais tem que começar as 8 ora da manhã sem farta o nosso time Varzea está constituido: Saracura — Borrego — Rafael — arfes Germano — Augusto — Cabeçaon — linha atacantes — Luizinho — Pedro — Chicon — Faisca (cap.) e Genarino, nós damo juiz no premêro arfitaimes o Estrela pode dar no segundo arfitaimes esperamo respeitoisamente, uma sua resposta e assinamos

*João Flanela,
Anfilofilo Dias
Genarino Brambila
Rafaél Toscano
José Campos*

Estes eram os diretores. Todo rabiscado, o officio foi entregue por Saracura, que conhecia um dos jogadores do Estrela de Ouro, aprendiz duma fábrica próxima ao Belemzinho.

Ia buscar a resposta diariamente, mas a tentativa não deu certo. Nem resposta escrita receberam. Apenas o amigo disse particularmente que os do Estrêla haviam dito que crescessem e apparecessem.

Essa noticia chegou ao campinho do Varzea durante um dos treinos, tão pequeno o campo, que Flanela

proibía os chutes fôrtes. Maximino Fernandez largou as varas de bambú e veio aconselhar:

— Ustedes xinguem éles! E'! Xinguem a mãe deles! Ficam com raiva e vem chogar...

-- Nada disso... Mantemos a linha esportiva.

Os jovens acharam graça no carão sério do treinador. Saracura não se conformava. Uns trouxas, esses pernas-de-páu do Estrêla. Comprometia-se a ir, no dia seguinte, publicar um desafio pelos jornais. Largaram a bola, que ficou nos pés de Borrego e Augusto e foram redigir a noticia:

O Varzea F. C. desafia os ôtro quem quizer jogá com o Varzea mande officio prá este jornal e para a rua Marechal de Ferro.

No dia seguinte João Flanela percorreu inutilmente linha por linha as colúnas do "O Esporte", sem compreender o fracasso. Iria êle mesmo falar, que era amigo do Joreca e o Joreca mandava um pedaço, agóra era até o melhor juiz oficial. Mas, ficou sabendo lôgo: Saracura subira a rua Conceição. Na "Gazeta" havia uma estatua de jogador de futebol, mas teve mêdo de entrar naquele prédio grande, as portas envernizadas e com dois porteiros que queriam saber o que a gente queria; foi seguindo e quando chegou à redação do "O Esporte" subiu as escadas interminaveis. Lá dentro acharam graça nêle e na noticia. Levaram-no à presença do diretor, o seu Lido Piccinini, que estava discutindo negocio de amadores e profissionais, afirmando que só estes últimos podiam dar no couro. Seu Piccinini lhe dissera que a secção de varzea era com o Petrus, mas, Petrus não estava. Veio então outro redator, o Pimenta Neto, um moço que a todo momento assovia com o canto da bôca, quando fala, como si apitasse impedimento de idéias:

— Olha, menino: não perca tempo. Eu sei como são estas coisas. "O Esporte" não dá mais varzea...

— Sim sinhôr...

E voltou decepcionado, como se tudo estivesse perdido. Era uma sexta-feira. A idéia do primeiro jogo

havia tomado conta da rua Marechal de Férro. Mas, estavam no fim da semana. Flanela propôs então, convidarem mais jogadores e realizarem um treino puxado, com as camisêtas e de calção. Foi uma idéia!

* * *

Na manhã do domingo jogaram todos com fé. O campo estava enfeitado de listas vermelhas, pretas e azuis, que se movimentavam. João Flanela apareceu de sapatos e calças brancas e a camisa aberta, esporte. Trilava um apito oficial em que o sól punha refléxos. A rua Marechal de Férro e o bêco que levava ao campinho, em frente à tenda do espanhol Fernandez, tinham, de fâto, um aspecto festivo! Os jovens chegavam de suas casas com as camisas listadas, o emblêma no peito inflado, custando a ir para a frente, as perninhas sujas, irriquietas, tal-e-qual grandes jogadores. Vestiam calções dos mais diferentes feitos e côres e tamanhos. Eram calças velhas de adultos, cortadas, sem dóbra, desfiando-se, cortadas por êles mesmos. Somente Rafaél tivêra a possibilidade de costurar um calção definitivo, folgado, de aparência e com uma lista azul dos lados. A turma caía em cima de Augusto porque calçara um par de meias de mulher, que escorregavam da perna e êle arrumava a todo instante. Saracura tinha os olhós coriscando, como nos primeiros dias, atênto somente à bola, saltando no gól que não tinha trave em cima, aninhando a bicha nas mãos em concha. João Flanela era o contraste na sujeira da varzea. Todo branco, cheirando ao lado de lá das porteiras. Como mosca branca, tão rara, esvoaçando uma grande lata de lixo. Mas havia espectadores, havia torcida e até havia sól nesse domingo feliz dos varzeanos. Joaquim padeiro, a mulher e os empregados. Hercôle de La Semola, este consultando o relógio suíço a todo instante; Guilherme e Irma, Ferreira e Nicolina, dona Elza... Maximino Fernandez conversava com dona Esmeralda, cujo rosto não abandonava o ar de tristeza: revia em Genarino o filho José. Mas, José tinha sido mais ajuizado, possuira um officio, era capaz de atender às necessidades da casa, sabia dar conselhos à irmã e ao irmãozinho. Maximino

afirmava-lhe que a juventude era assim mesmo, havia que dar-lhe liberdade e alegria. E lembrava os bons tempos de Espanha, em que seu bando não respeitava nada, iam às touradas...

Faltava alguém ao lado de dona Esmeralda: era a filha Mafalda, que, entretanto, não voltára para a companhia do marido, o gerente do bilhar. Onde teria ido parar Mafalda?

Depois, enquanto esperavam os últimos escalados para o grande treino geral, Maximino foi insistir com Flánela sobre a necessidade dos xingamentos. Não haveria coisa mais eficaz.

Este pedaço de varzea era todo um fogo e um contentamento. Sentia-se representado pelo seu próprio clube perante os outros pedaços de bairros. Era o pontinho regionalista formado de muitos pontinhos, em meio ao grande círculo do regionalismo maior. Haveria algumas centenas destes aglomerados em toda a extensão da grande cidade, empolgados nesta mesma hora pelo divertimento do pobre e do miserável. Preparavam-se para um próximo jogo de desafio, em que pudessem mostrar o tutano da rua Marechal de Férro e da sua gente.

Para onde teria ido Mafalda? Mafalda Brambila cançara-se da miseria. O irmão José, quando existia neste mundo, dava-lhe conselhos, no seu tempo de solteira:... “e você tome cuidado com esses homens que dizem bobagem às moças, na rua”...

Como todas as amigas, quando saíam em grupos, cada qual com suas amizades prediletas, distraía-se pelas ruas do Braz, nos cinemas, nas casas dos conhecidos... Em dias de festa o jovens se apinhavam nas calçadas largas da avenida Rangel Pestana e formavam duas cóbras enormes, gróssas e intermináveis, coleando pelas parêdes, chegando até às porteiras do Braz. Namoravam-se os jovens e Maximino balaieiro dizia que aquilo era o mercado, elas iam se expôr aos homens que, assim, escolhiam. O espanhol implicava com as moças porque pintavam o rosto, mas, Maximino implicava com tudo e ninguém podia leva-lo a sério. Quando havia baile Mafalda tinha que ir em companhia do irmão que a deixava à vontade ao lado das companheiras e fazia-lhe sempre as mesmas recomendações: ela não sabia o que eram os homens e do que seriam capazes. Vivia, assim, em meio a sustos, intimidações, sentindo entretanto, a necessidade de conversar também com moços, de saltar as limitações da educação que a sociedade impunha e não compreendia por quais motivos inspirava tantos cuidados à família. Ficára-lhe na cabeça a frase de José e ficára-lhe o timbre daquela voz amiga e bondosa: “... e você tome cuidado com esses homens...” Quando Mafalda se encontrava só na rua, passava direito, a caminho somente do

que tinha que fazer, desconfiando. Permaneciam cantando aos seus ouvidos, porém, os elogios aos seus cabelos nêgros e sedosos, ao seu pôrte, pedaços de comentários dos grupos de homens parados, livres para dizer as coisas e risonhos, numa felicidade que não chegava a ela.

Quando o pái morreu, José lembrou-lhe a responsabilidade que pesava sobre ambos: a mãe estava alquebrada e tinham uma criança em casa — Genarino. Mas depois vieram dificuldades maiores: a entrada mensal do pái não fôra substituída. Passaram a lavar roupa; Genarino continuava uma criança que pedia dinheiro para livros, cadernos, lapis e todo fim de mês, cinco-mil-réis para a escola. Enquanto o irmão mais velho se matava entre o trabalho na Light e as coisas de que gostava: o futebol, os treinos e a política. Chegava do serviço, sujo e afobado, lavava-se às pressas e partia, como fugindo. Ou vinham buscá-lo, receosos de que faltasse: em certos dias, esportistas barulhentos, soltando palavrões; em outros, caras exquisitas de gente cautelosa, sorridente, mas sempre com um segredo para dizer.

Mafalda precisava se casar de qualquer modo e, quem sabe, ajudar a arribar a casa esmagada pelas necessidades. Se tivesse uma profissão, iria ganhar, como Irma e outras amigas e conhecidas, pelas tecelagens, fábricas de conservas, laboratórios... Eram moças que só se viam em casa aos domingos e à noite. Mas, pareciam mais felizes e livres, tratando os homens de igual para igual. Sua educação, porém, estava feita assim, de dona de casa. Uma dona de casa o que tem a fazer é trabalhar, no fogão, no férro de passar... trabalhar para um marido, pois de algum lugar tem que vir o dinheiro e o homem é quem precisa ir buscá-lo. Era lançar-se à sorte. O casamento é uma loteria, diziam. E lembravam as que haviam acertado e as que curtiavam as conseqüências do bilhete branco.

O gerente do bilhar, seu Alfredo Manhães, era amigo de José, fazia parte do mesmo clube, algumas vezes andavam juntos. Alfredo Manhães aparecia também para leva-lo dali ou para conversarem do clube. Era

afinal, um homem de ocupação definida, gerente de um estabelecimento grande, com quatro mesas de bilhar e geladeira; diziam que ganhava bem e estava para ser sócio. Em negócios, homem de confiança de um capitalista. Olhava-a interessado e não lhe dirigia gracejos. Não houve namoro prolongado, com dificuldades de intrigas, nem brigas e reconciliações. José foi morto e Alfredo passou a frequentar a casa mais assiduamente, depois de haver tratado do enterro, resolvido casos e papeis na policia, fez tudo quanto êles, em casa, talvez não chegassem a resolver. Arrumou dinheiro com os amigos politicos e do clube e disse que tambem contribuiria. O lar estava sem homem.

Se Genarino tivesse dez anos mais nesse tempo! Privaram-no da escola sem dizer abruptamente isso. Começou a faltar, deixou de levar cadernos e livros, atrazou-se na mensalidade; insinuaram-lhe que experimentasse vender jornais. Outros ganhavam com isso.

Até que veio a proposta de Alfredo Manhães. Mafalda casou-se. Dona Esmeralda chorou como no dia em que perdêra o marido e no dia em que a levaram para reconhecer o filho, que já não a reconhecia mais. Mafalda sentia-se embarcada para uma viagem longa. Era a loteria. A meia-felicidade, morando em dois aposentos nos fundos do bilhar, durou meses, apenas. Alfredo apreciava os prazeres fortes. Gostava de exhibir os músculos, de se impôr à freguezia barulhenta ou áqueles que ameaçassem de não pagar. E gostava de consumir o fisico de moço nas noitadas de bebedeira. Juntava os torcedores no próprio bilhar, onde gritavam e bebiam até de madrugada, quando o clube ganhava. Se perdia, Alfredo Manhães, em poucas horas de cerveja e cachaça, tornava-se um inferno de homem. Começou a bater-lhe sempre que descontrolado pela bebida. O bilhete de Mafalda estava branco. Era a imposição brutal e selvagem do macho, era o resultado de um estado de coisas indiferente às suas proprias consequencias e sem sentido humano. O homem é quem manda porque do seu dinheiro depende a manutenção da casa. A voz do irmão vinha ciciar aos ouvidos de Mafalda: "... você tome cuidado com esses homens..." Entretanto, Ma-

nhães não começára por aí. Fôra dos mais respeitosos e fingidos. A moça por várias vezes fugira e voltára a morar com a mãe. Suas idas e vindas tornaram-se um assunto nos bairros vizinhos. Acostumára-se, já, a ouvi-los fazer referencias às surras do seu Alfredo do bilhar e este principiava a gabar-se dessa fama. Mulher com êle não tirava farinha. Mafalda foi perdendo esse pudor dos que não acatam por dentro, mas baixam a cabeça às leis da sociedade. Não havia saída. E onde não há valvula de expansão, o odio se recalca, principia môle como as fibras de papel e acaba mais solido que as chapas prensadas a fôrte tonelagem, que parecem férro. Tentou rebelar-se e a sobranceria foi pretexto para maiores gritos, palavrões e surras. Até que lhe deixou marcas nas costas. Era demais! A seriedade do proximo transformou-se num espanta-pássaros na cabeça de Mafalda. Às vezes ria-se fôrte e com raiva e não percebia que este é o riso dos incompreendidos.

Agóra regressára à casa da mãe, lavavam e passavam uma montanha de roupas até tarde da noite. Os homens, nas ruas, continuavam dirigindo-lhe gracejos. A frase do irmão perdia o som metálico e corajoso duma voz cada vês mais distante, que sóme, vai sumindo pelas dóbras dos dias. Sonhava, às vezes, que José vinha tocar-lhe o ombro e com uma expressão muito séria lhe falava dos perigos do mundo. Mas, coisa alguma poderia ser pior do que um marido sujo e prepotente, transformando-a em despejo das suas raivas, por causa de futebol.

Em certos prédios de apartamento a moça subia e descia respirando a comodidade e os raros sônhos bons, dos tempos de solteira. Entre Irma e Nicolina preferia as conversas desta última, se ela agóra não andasse importante com o noivo, o metalurgico Antonio Ferreira, cujas pretensões a industrial eram tambem um grito no escuro dentro da rua Marechal de Férro, um grito que não encontrava resposta.

— Dono de fábrica! Matarazinho!

Era como o recebiam. E desforravam-se:

— Mas... com que roupa?

E quem iria dar confiança às idéias atrapalhadas do Maximino balaieiro, que quando falava com as moças era um resmungão ameaçando padres, policia, fascismo... sem que ninguém confiasse nos seus braços magros?

Para remover estas dificuldades, a rua Marechal de Férro era uma casca de ovo chupado. As dificuldades vinham, faziam seus estragos, eram mais fortes que um tanque de guerra.

As porteiias do Braz tinham sido o limite dos pas-seios e das pretensões de Mafalda. Agóra transpunha essa fronteira pela mão do fardo de roupa que levava na cabeça. Depois dessa fronteira estava o asfalto, os grandes jardins, os grandes prédios de apartamento. Foi num dêles, mal entregára o rôl, que o doutor Mário Pontes principiou por confiar-lhe tambem sua roupa; era um solteirão. Elogiou o serviço, pagou mais do que pedira, dirigiu-lhe um gracejo. Havia mais de três me-ses que Mafalda deixára o marido feito um porco na cama, babando na roupa branca a cerveja e a pinga du-ma tarde de vitória. Chegára tartamudeando “quatro a zéro...” “êta o carimbo dos quatro...” e dormira ron-cando e soltando a baba gosmenta, como uma cuspida sem fim. Agóra estava diante de um doutor, limpinho e de colarinho duro. Foi no corrêdor do prédio côr-de-rosa, onde antes arranjára duas freguezas grãfinas, des-sas que dôrmem até tarde e as criadas a recebiam. Foi ali que a voz do irmão chegou-lhe ainda mais sumida e sem sentido. Havia mais de três meses que voltêra a dormir sozinha e sem afagos. A comida, o aiuguel, as menores necessidades dos três, em casa, sugeriam mi-séria e trabalho. Aquele instante, no prédio côr-de-rô-sa, o piso brilhando, encerado, sem um palito no chão, era um silencio de preguiça e de conforto e o doutor Mario Pontes tinha um sorriso de homem bondoso e de namorado, como se ela começasse outra vez, antes de se casar.

Assim, as vezes repetiram-se, até que saiu de auto-movel. O homem foi conhecendo sua vida, era a pri-

meira pessoa a quem desfiava, desafogando-se, o aluvião das suas infelicidades, misturando com a palavra "Deus". Deus quisera, Deus determinára assim. Mario Pontes pedia licença até para alisar-lhe o cabêlo nêgro e sedoso. Este homem chegava providencialmente, para obedecer a novas determinações do mesmo Deus. Mafalda partia de casa mais ajeitada, mais limpa, cuidadosa de si mesma, fechando os lados dos olhos à sujeira da varzea, fixando somente o que tinha diante dos seus passos, cada vêz mais resoluta e mais apoiada. Como animais de tiro, que levam tapa-ôlho: os lados não interessam, atrapalham, desviam. Até que accitou a propôsta.

Dona Esmeralda perdeu a ajuda dos dois braços fôrtes da filha, nem sabia onde moravam os fregueses, mas recebia o recado para ir buscar duzentos-mil-réis no endereço tal, que a filha havia deixado com um bilhête. A desgraça do desampao e da miséria haviam sido tamanhos, que como uma tempestade as nuvens dentro da cabeça da vêlha afluíam para a frente, para os olhos, para a nóta grande e colorida, como uma irreabilidade. As reacções que levassem à investigação da procedencia daquele dinheiro, diluíam-se naquilo que não possúe força de realização.

Para a rua Marechal de Férro a noticia veio vindo apenas como estribilho de canção popular, lêtra de tango, história de moça que se perde entontecida em meio aos esplendores da vida que está para lá das porteiras do Braz.

— Mais uma... — diziam, apenas.

Genarino, agóra empolgado de novo pelas idéias de vir a ser cráque, parecia regressar a um curso de vida mais fôrte que a degradingolada para o bando de Pestanudo. Voltára ao trabalho com Vermelhão, a casa parecia soltar todo o cansaço da lúta pela vida, num hausto fôrte. O jovem notava que a mãe não mais resmungava contra êle e até lhe perguntára se queria ir à escola. Mas, o São Paulo ia jogar contra o Corinthians dali a três dias. Se ela deixasse, ficaria com o dinheiro do seu trabalho até juntar uns seis-mil-réis... E a bôa

da vélha disse que sim. Quantas vezes em pequeno o seu santo do José lhe fizéa o mesmo pedido? Beijou de novo a medalhinha. Deus fizesse feliz a desgraçada da Mafalda.

Enterrada no confôrto de sua nova vida, a moça não esquecia os seus. Pensava em conquistar melhor o amigo para proporcionar-lhes outra existencia, traze-los aqui para cima, empregar Genarino nalgum escritório de doutor. Mas, no fundo, e quando lhe aparecia a figura ensebada e odiosa do marido, fechava-se-lhe o entendimento como quando lhe faziam alguma coisa má, que a feria; sentia aqueles punhos pesados no corpo, olhava o passado com rancor de assassina no instante em que enterra e reméxe o punhal. Deste outro lado da vida fizéa amigas diferentes; Mario Pontes apresentava-a a suas amizades examinando as caras de maravilhados, numa gabolice de bom entendedor destas coisas. Mafalda estava mais bonita. Os homens gastavam, risonhos, como se aquilo nada lhes custasse. Ela não compreendia por que motivo vivéra tanto tempo na cegueira da humilhação.

Por dentro de Genarino Pé de Pato, que agóra não mais faltava aos treinos, pulava de contente a idéia de ir ao Estadio do Pacaembú, vêr um jogo de campeonato, vêr de péрто os seus cráques preferidos, vêr Leonidas, Milani, Teléco... sentir a sensação da bola péрто do gól, as rédes tremendo a um golaço!

Dona Esmeralda sentava-se mais vezes na cama grande, descansando as cadeiras doloridas e ninguem ousava indagar de onde vinha o dinheiro.

Nessa tarde o bilhête da filha falava em visitas qualquer dia, cheia de saudades de ambos. Dona Esmeralda pensava no que haveria de lhe perguntar: que estava fazendo agóra? Era feliz? Esse novo marido lhe batia?

Os acontecimentos da guerra pareciam afogados naqueles do Campeonato Paulista de Fútbol. A Federação movimentára ainda mais o grande certame, concedendo liberdade de “passes” aos jogadores, que assim, podiam defender as côres que bem entendessem sem aguardar o final, como nos anos anteriores. Os contrátos de muitos contos de réis com os cráques mais em fôrma sucediam-se em São Paulo e no Rio, ou em Porto Alegre; e, atravessando as fronteiras do país, os agentes iam buscar chutadores no Uruguai e na Argentina. Já aqui estavam Echevarrieta, Viladonigá, Squarza, Juarez, Ramon... Domingos, o zagueiro prêto e sacudido, que garantira os êxitos do Nacional em Montevidéo e do Bôca Junior em Buenos Aires, regressára ao Brasil, havia alguns anos, estava agóra no Flamengo e continuava o mesmo zagueiro intransponível. Leonidas, o “Diamante Nêgro”, brilhára no Campeonato Mundial com suas famosas biciclétas e estava no cartaz. Cumprira agóra seis meses de prisão, no Rio, por insubmissão ao Exército, voltava às atividades. O São Paulo F. C. disposto a tudo pela sua conquista, antes que o Campeonato terminasse; e, afinal, inscrevêra-o depois de pagar mais de duzentos contos de réis. Leonidas tornára-se são paulino. Os jornais substituíam, à última hora, as manchetes da mortandade, na Európa e na frente oriental, pelos furos dos reporteres audaciosos e pacientes, encarregados de seguir cada gesto e cada nova resolução de jogadores e diretores. E o pensamento do público enxameava em torno ao Diamante Nêgro, uma incógnita custosa porque engordára seis

quilos e devia estar pesado para a linha atacante; seria um fracasso ou uma nova surpresa? Dos seus treinos os jornais só diziam que voltava ao gramado o mesmo antigo Leonidas das biciclétas famosas, que o povo recebera na estação ferroviária como a um idolo da ciência, da política popular, ou da guerra. Leonidas! Leonidas! Leonidas! O povo necessita de um pão de espírito. E o futebol era o pão que lhe davam. Os intelectuais do país queixavam-se da popularidade dos jogadores de futebol, mas, enfiados nas suas torres de marfim e olhando as multidões do alto de arranha-céus, guardavam sua cultura como num baú de avarento. Inconscientemente, vingava-se o povo deste modo.

De política, nos dias em que o fascismo em guerra voltava seus dentes para o Brasil, apenas principiava-se a dizer que o Palestra-Italia devia mudar de nome e que seus diretores não passavam de fascistas.

Mas, Genarino e Guilherme lembravam que no dia dos 2 a 1 do jogo do time italiano contra o brasileiro, a torcida francesa tinha sido a nosso favor e os fascistas ainda não haviam invadido a França; e que os jogadores italianos embarcados então para Paris levavam as mesmas recomendações de um batalhão: vencer de qualquer jeito. Nesse dia Genarino e Guilherme haviam estado juntos na cidade, ouvindo as irradiações, ajudando a protestar, gritando abaixo o juiz, abaixo o locutor e abaixo o fascismo. Guilherme relacionava o esporte com a política. Contára que também a Primo Carnera, Mussolini fizera as mesmas recomendações... Hitler a Schemelling... E ambos haviam sido socados nocaute por Max Baer, um judeu que não precisava do sangue azul ariano para ser forte. Movimentava-se também na mente de Genarino essa relação entre a política e o futebol; faziam-no pensar no odio aos matadores de seu irmão anti-fascista, na solidariedade que o unia a Guilherme e Irma, lembravam-lhe a noite recente do afundamento dos navios brasileiros, faziam-no pensar, de novo, na greve dos jornaleiros; e no silencio significativo dos operarios que partiam das fábricas a horas certas para entrar a horas certas.

A véspera do jogo, Genarino passou-a apertando os cinco-mil-réis que levava no bolso, para a condução do bonde e a entrada. Pediu à mãe que lhe preparasse uns bons sanduiches, pois não almoçaria em casa e logo de manhã, no domingo festivo, afoito e cheio de nervos, vendeu os jornais, gritando como um desaforado e lá na cidade mesmo foi fazer parte da multidão que aguardava os bondes da linha "Lapa". Principiava o seu dia de alegria e de liberdade. Quando chegasse a crâçuc, leva-lo-iam de automovel, comoda e descansadamente, como a um bispo nos dias de Congresso Eucaristico e a multidão o aclamaria.

Como sempre, entretanto, alguma frase do amigo Guilherme haveria de acompanhá-lo...

— Um derivativo... Na França também, frente à linha Maginot, os exercitos armados de Hitler permaneceram muitas vezes esperando, enquanto o povo e até mesmo os soldados jogavam futebol em Matz, ali a dois passos da fronteira. Mas, enquanto isso, a quinta-colônia trabalhava dentro da França, contra o povo francês.

Quando seu amigo Guilherme se fechava nas suas preocupações politicas e de guerra não parecia o mesmo Guilherme que se metia em meio aos jovens e até com crianças, em assuntos de futebol. Ele compreendia muito bem a transformação sofrida pelo lar de Genarino e lamentava o destino de Mafalda. Onde a levariam os desentendimentos da vida? Que seria feito da irmã de seu amigo José, o bom e impulsivo companheiro? Nem Genarino, nem dona Esmeralda sabiam dar explicações.

O bonde chegou à avenida Pacaembú como que levado pelas energias da algazarra e ali esvasiou-se como por encanto. A avenida que levava ao Estádio, parecia, logo de manhã, um caudaloso rio de cabeças agitando-se, formando um só grupo e com um só destino. Lá no fundo, a avenida cortada pelo edificio branco, parêdes em curva, portões abertos. Separados os labios da chaga vermelha e limpa, feita no morro, dentro dela haviam plantado o Estádio de cimento armado. iam e vinham

os veículos, buzinando, exigindo passagem na via cimentada que o povo invadia, senhor de sua força. De cada guichê partia uma fila interminável, movimentando-se vagarosamente, ao ritmo do bilheteiro. Ceinarino fez volume numa delas. Leonidas ia jogar pela primeira vez nessa tarde e os espectadores pareciam querer apressar os ponteiros dos relógios. De lá de dentro vinham os gritos em côro:

— Leo-ni-da! Leo-ni-da! Le-o-ni-da! São Paulo! São Paulo! Corintia! Corintia!

Alguns se cansavam, largavam a fila, iam comprar de algum cambista clandestino o seu bilhete, pagando agio; a cabeça de outros desaparecia, mas era que se haviam agachado, sentando-se nos calcanhares. Depois de quâsi uma hora, chegou à bilheteria e foi só retirar a mão suada do bolso que apertava a nóta, de mêdo de perde-la, recebeu a entrada e afundou pelo grande portão, correndo, ansioso por escolhêr um bom lugar e de gozar o panorama raro do grande Estádio. Colocou-se no centro da geral, em baixo, bem pértio do gramado: queria vêr o espetáculo, com os olhos cheios. O sól começava a escaldar. De vez em quando, nuvens enormes e brancas, lá em cima, distraíam-no da espêra, êle olhava-as como para agradecer a sombra fresca, quando tapavam o fogo do astro. O alto-falante, à esquerda, começára a funcionar. Eram anuncios e música. Sentiu fome. Desembrulhou os sanduiches com carne de sôpa. Mastigava, olhava o campo verde, despreocupado de si mesmo, esfregava a manga do paletó na bôca e ouvia as músicas. O alto-falante gritava anuncios:

— Os discos que estão ouvindo encontram-se na Casa...

E o chiado começou, logo abafado pelo som da música. Era o samba "Praça Onze", do carnaval carioca. Guilherme falara-lhe em massa, na força poderosa da massa. Era isso que êle estava vendo agóra. A multidão do Estádio, já então enchendo-o completamente, acompanhava os acôrdes do samba vindos pelo alto-falante e as cem-mil-vozes em toda a elipse, cantavam a mesma canção. Era como si a bôca descomunal dum

gigante, o bocarrão de Guliver, no desenho animado, formasse um som único e poderoso. Genarino também se pôs a cantar. E se um dia acabassem com a rua Marechal de Férro? Não era isso o que êle iria sentir?

“Leva contigo a nossa recordação”...

No campo começaram a surgir os fotografos. A canção estava terminada. O locutor brincou com a multidão:

— Parabens ao côro do Pacaembú...

Cada um dos cantores recebeu o elogio e a música parecia ter passado pelos nervos da massa como uma pomada sedativa, ou como quando a mão que veio de um sól de meio-dia, é metida dentro duma geladeira. Genarino riu alto, os outros, ao seu derredor, também riram. Todos riam. Puxou um cigarro e contou os fotografos; eram oito. Ainda chegavam retardatarios, localizavam-se com dificuldade, pedindo licença e aproveitando para empurrar, forçar, porque do contrário ninguém se mexia. Cem mil pessoas! Cem-mil feixes de nervos atentos a uma bóla de couro, ansiosos de sensações. E lá fóra, pelos môrros, aglomeravam-se os que não podiam pagar ou não encontravam mais entradas. Do subterraneo, como surgindo da terra, viêram os jogadores do São Paulo, camisêtas listadas de preto-vermelho e branco, as mesmas do Varzea Futebol Clube. Genarino levantou-se, emocionado, o coração feito uma polia excêntrica. Engulira os dois sanduiches. Parecia que as fórmulas de manifestar sua alegria não eram suficientes, não estavam à altura daqueles instantes. Grilava com os milhares de torcedores do mesmo clube. Lá do outro lado, a torcida organizada dos são-paulinos, todos com as côres de seu clube, desaparecia sob um caudal de serpentinas. Em meio aos jogadores estava a sensação da tarde:

— Le-ô-ni-da! Le-o-ni-da! Le-o-ni-da!

Mas, atrás de Genarino, um torcedor comentou, amuado:

— Está gordo... vai fracassar!

Logo após, veio o time do Corinthians, de camisa e calção pretos: era o clube que fôra do irmão e que se fizêra entre operários, subira, subira, hoje era um grande esquadrão. Uma parte da multidão e a torcida também organizada do preto-e-branco saudaram os jogadores:

— Corintia! Corintia! Corintia!

Mas, em volta ao gramado, as vozes tinham uma preferência:

— Leonidas!!!

O cráque levantava os braços, agradecendo, corria de contente, chutava, até que trilou o apito do juiz. Genarino esqueceu tudo e ficou torcendo para seu quadro. Por três vezes arrancou o chapéu da cabeça, amassou-o goslosamente contra o peito magro, depois de haver levantado os braços, esguelando-se num só berro, sumido em meio ao clamor da torcida volumosa e ajudando o vozerio.

Leonidas estava, realmente, pesado, com seis quilos a mais, diziam os jornais e quando a bola lhe caía no pé passava-a lógico. Brandão não o deixava em paz, acompanhava-o nas menores tentativas, para desfazer qualquer vantagem.

E por três vezes Genarino suportou a mesma gritaria da torcida contrária. O jogo estava três a três e assim empatado terminou. Só então deu-se conta de que lhe doía a cabeça, o suor escorrêra pelo rosto avermelhado de só e ali mesmo secára, nêle espalhando a sujeira. Foi descendo a escadaria extensa, em meio à multidão que se encaminhava, agóra, silenciosa, para os portões por onde entrára em alvoroço. A multidão não se satisfaz com as coisas que não se resolvem. Um empate cái-lhe em cima como um lógico. Em torno a um ringue, o nocáute nos primeiros assaltos é sempre uma decepção. O público se afasta insatisfeito, com um peso na cabeça.

Discutiam agóra, aos grupos, a colocação dos quadros na tabéla geral. Continuavam os três grandes clubes na dianteira: São Paulo, Corinthians e Palestra. Genarino não tinha com quem conversar. Mas, ao pas-

sar bem em baixo, pelo último degráu, proximo à entrada do tunel que levava ao vestiário, por êle desapareciam agóra os jogadores suados, cheios das marcas dos tombos. Entrava em meio a êles, Leônidas, risonho com a acolhida do público paulistano. Genarino soltou um grito bem fórte:

— Ai... Leonida!

O jogador ouviu, estava a dez passos, levantou o braço numa última saudação. Pareceu a Genarino, naquele rápido momento, que ambos se conheciam de há muito. Sentiu-se feliz! Procurou entontecido, os desvãos da massa e lá fóra não teve paciência de se meter nas filas outra vêz. Foi andando, como outros tantos e só tomou o bonde para a cidade quando o céu se enchia de estrêlas e a noite se fazia fresca, agradável.

A cidade ainda fervia de comentários. Genarino lembrou seu chute famoso! Genarino Brambila! pensou... E as mãos nos bolsos, como quem aguarda um futuro matematicamente imaginado, largou o bonde, cujo condutor admirou tamanha calma e soltou um palavrão, que só os passageiros mais próximos ouviram.

O rapaz vinha da grandeza estonteante do Estadio. Vira Leonidas e lhe gritára. Agóra entrava na insignificancia da rua Marechal de Férro, trazendo o cheiro daquela grandiosidade e do gesto amigo de Leonidas.

Mas, o conforto da grande cidade não conquistára, ainda, todos os setôres, mesmo do centro. Se ao longe estava o piór, as varzeas, os terrênos úmidos de que viêra São Paulo inteira, o avanço dos prédios definitivos em tijolos ou cimento armado não conseguia ocupar toda a area do planalto: nos quarteirões onde as turmas dos demolidores eram conhecidas pelo martelar, dia e noite, do reboque vêlho caindo, aqui e ali ficavam casarões antigos que os fiscais esperavam se desalugassem para impôr a interdição. Ou refôrma ou tudo novo, como nas modificações sociais e políticas, reformismo ou revolução. Por isso, ao lado de prédios altos de apartamento, onde ficavam as criaturas sem sól ou que iam pedincha-lo pela manhã nas praças vizinhas, permaneciam as casas pobres, de paredes amareladas, escurecidas pelo tempo, manchadas. Eram verdadeiros ninhos de resistencia. A cidade grande afastava as populações dos terrenos varzeanos para ganhar ainda mais corpo, mas ficava cheia de ilhótas, manchas da pobreza por entre os corredores não conquistados.

Assim, ao lado do prédio côr-de-rósa, onde se haviam instalado Mafalda Brambila e o doutor Mário Pontes, teimava o telhado enegrecido dum desses casarões feito cortiço. Do primeiro andar do prédio, onde era o apartamento do novo casal, via-se e ouvia-se a vida desta gente lavando no tanque, as pernas nuas varicosas, vestindo a piór roupa afim de resguardar aquela com que ainda podiam sair à rua e conversando, de um quártlo para outro, ou de uma casa para quintal distante, aos gritos, como um jornal obrigatório das últimas notícias do quarteirão.

Mafalda ficava em casa, preguiçosamente, esperando a noite, que o amigo gostava de sair, levava-a aos cinemas e teatros e até aos cabarés. Gostava do murmúrio noturno. Levantavam-se tarde, recebiam o almoço no quarto e o doutor Mario beijava-a, ainda, partia para o seu escritório, regressava depois das sete horas, com um novo programa, jantavam ali ou iam fazê-lo fóra. A tarde inteira, Mafalda descansava, como se tivesse entrado numa grande nuvem fofa e gostosa, como se a recompensassem de todas as atribulações, trabalhos e humildades do passado, um passado que ainda estava ali a dois passos, no tempo. Cortava o silencio dos seus aposentos, ligando o rádio. Ficava ouvindo tangos e anuncios, algumas vezes noticias da guerra, afim de comenta-las com o amante, que falava disso com os amigos e ela queria intervir, mostrar que sabia alguma coisa disso, mas cuidadosa de esconder o passado, não viessem a saber das suas origens e que um irmão tinha sido morto por causa de política.

Entretanto, acostumára-se a olhar o vai-vem continuo daquelas mulheres, lá em baixo. Deviam ser lavadeiras, como a vélha mãe e ela o tinham sido. Olhava aquela gente sem definir muito bem o que sentia, ficava penalizada das vidas sem confôrto e sem almofadas e sem alimentação; Mafalda acostumára-se a seguir a vida dessa gente, que era a sua propria gente, como num cinema real. Sabia os nomes de todos, conhecia as vozes e os assuntos de que eram capazes. Esta era Joana, a mais faladeira. Contava às outras se o seu homem havia aparecido ou não; se desconfiava que ele se metia com outras mulheres; o quanto o queria; já fizéa sacrificios por êle; estava disposta a mais. Maria, porém, morava em outra casa que devia ser igual a esta e que do apartamento de Mafalda não se podia avistar. Conhecia-a pela voz cantada, as suas palavras misturadas uma na outra, como quando se tem cuspe na bôca:

— Comigo não, comigo é no pé! Homem comigo é na seriedade e poca confiança...

— Ah! dona Maria, eu gosto muito do meu! Que que vou fazê...

— E seu filho?

— Uhn... vai indo, coitadinho! tá muchinho, num sei que é.

— Num foi no médico?

— Cadê dinheiro, dona Maria: fui no farmacético, me deu uma poção. Vamo vê...

O choro da criança vinha de lá de dentro e Joana partia correndo a vê o que era. De outras, deixava-o chorar, um chorinho fino e longo, como numa dôr comprida. Joana estava muito ocupada, se fosse tratar do filho não trataria da roupa.

Mafalda principiava a sentir uma fêbre diária nas idéias, uma dôr moral na sua vida de apartamento e de passeios noturnos, a necessidade de ser mãe. Imaginava o filho no côlo, o berço ao lado e que sôrte que o brutamontes do Manhães não lhe tinha feito isso, do contrário quem sabe que filho lhe sairia. Pensava em ter um nenê do Mario. E este não queria. Começava a arquivetar coisas. E se uma noite qualquer fingisse desuido — deixasse ficar o germe no ventre?

— Deus manda os filho, dona Maria...

— E' a riqueza dos pobre...

— Já tive dois: um tá grande, vem todos sábado, trabáia em São Caitano... O ôtro morreu criança...

Escurecia. Mafalda olhou o relógio e foi se aprontar. Mas, da sua cabeça não fugia a idéia do filho. Antes, ficava e ficava como uma vontade que vai contra a realidade e só pensando muito, tendo provado o amargor das suas consequencias é que a gente afasta. Também aqui era uma lûta entre a vontade, o que poderia ser e a realidade em bruto, aquilo que não convém que seja.

31

Depois do grande dia do Pacaembú, vinha o arre-
medo dum jogo de varzea, mas este seria um dia maior
para êles todos: tomavam parte no primeiro desafio fi-
nalmente aceito, contra o Esporte Clube Anhangüera,
lá pelos lados da Barra Funda. Genarino nem perce-
bêra que durante a noite a velha mãe mal dormira, com
falta de ar, cheia de pressentimentos e de lamentações.
Levantou-se afobado; nesse momento, muitos dos var-
zeanos, já enfiados nas camisêtas e calções, estavam ba-
tendo à sua pórtia, impacientes. Vestiu-se às pressas.
Tinham que estar às oito horas em ponto no campo do
adversário; tomar, antes, dois bondes e depois realizar
um longo trajéto a pé. Tinha que reforçar os sapatos vé-
lhos, soltos nos pés e que precisavam de firmeza para o
seu chute indefensável; procurava faze-lo com unas ti-
ras de pãno, mas recebeu atrazar-se. Meteu umas quan-
tas no bolso do calção, vestiu a calça por cima, agarrou
o górrro que comprára dum amigo por dez-tostões e ia
partir quando dona Esmeralda, abrindo os olhos conges-
tionados o mais que podia, chamou-o com um gesto, a
voz sumida:

— Meu filho... onde vai?

— No jogo, mãe... O Varzea tem que jogá...

— Mais escute, preciso falar com você...

O apêlo era doloroso, mas a ansia do novo jogador
de futebol tinha mais fôrça.

— Depois nós fala, mãe... Num tenho tempo
agóra...

E partiram, os três, em corrida ansiosa, Saracura,
Rafael e Genarino. Ainda pensou um pouco na exqui-

sitice do apêlo da velha, mas, de que coisa poderia querer falar-lhe?

* * *

Desta vêz não levavam torcida. No campo do Anhanguéra encontraram todos os demais. Entraram em campo depois de arrancar afobadamente as calças ali mesmo, atrás dos páus de gôl, encostados a uma parede. Foram saltando como viam fazer nos grandes embates, procurando a bola para chutar e hoje seria de número cinco, além de que poderiam meter o pé à vontade, pois o campo era largo, sem as limitações do Varzea. Quando Flâncla apareceu, todo de branco, com ares de esportista, rodearam-no para ouvir as últimas recomendações. E jogaram feito tigres. Genarino parecia não vêr os alfes e zagueiros que o assediavam por causa da sua fama. Via sómente as três ripas do arco sem rêde e chutava como se dêsse uma extremada, como quem fornece carne môle para os meias, enfiava com toda violência que podia, procurava apanha-la em posição favoravel. Os adversários já acostumados a jogar, não sentiam o mesmo entusiasmo. Vaticinavam um rosario de gôls no clubinho novo que vinha dos lados do Belemzinho. Talvez porisso a contagem favoreceu ao Varzea: cinco a quatro. E mesmo assim, porque os três últimos gols do Anhanguéra foram conquistados nos últimos minutos, quando o cansaço se apoderára dos varzeanos, notadamente de Genarino e do Luiz. Saracura responsabilizava Borrego pelos fracassos do seu arco. E discutiam após cada tento do adversario. Flâncla gritava recomendações do lado de fóra e tinha os olhos atêntos em cima de Genarino. Este haveria de ser um cráque, uma revelação nos gramados oficiais. Esmagaria Anfilofilo e suas pretensões a rebaixa-lo a todo momento perante os amigos. Quando o juiz deu o sinal de finda a partida, o grupo dos onze varzeanos se reuniu no centro do campo e saudou o adversário:

— Fri - fri - fri! Chuá - chuá - chuá! Anhanguéra! Anhanguéra! Anhanguéra!

O regresso foi o melhor da festa. A alegria da turma não respeitava os passageiros dos bondes. As passa-

gens dos jogadores foram pagas pelo Flanela, que também prometeu uma cervejada no bar Puxa-Prósa, logo à noite.

Entretanto, a porta da casa de dona Esmeralda estava apinhada de gente silenciosa. Ao dar volta à esquina Genarino estacou e teve um mau pressentimento. Não errava. A velha mãe expirára, não havia meia-hora, seu corpo ainda estava esfriando. Genarino vinha suado, o paletó dobrado no braço, do calôr que ainda trazia da refréga. Insensivelmente deixou-o cair e suas pernas extenuadas começaram a tremer, enquanto se movimentavam naquele sentido, como peças de máquina, arrastando os pés. Tinha então certeza do que acontecera, sem que lh'ó disséssem. A angustia assaltava-o antes de vêr o rosto parado da velha. Lembrava, como alfinetadas, a recomendação, o apêlo:

-- Escute um pouco...

E essas palavras não o abandonaram nunca mais. Quem sabe o que tinha a dizer-lhe, a pobre mãe? As lágrimas lavavam o suor. De camisa listada, com o gorro colorido na cabeça, assim como José proporcionára tantas alegrias a ela, Genarino, em seu primeiro dia de glória, encontrava-a morta.

Uma criatura querida tomava as providencias da casa: era Irma. Enquanto Guilherme partira em busca de indicações para encontrar Mafalda, que desaparecera com um doutor cheio de dinheiro — diziam-lhe.

* * *

No dia seguinte foi o enterro. A falta de Mafalda foi o assunto da noite: velavam o cadaver, faziam café para animar Genarino e as visitas, enquanto falavam da moça. Onde encontrá-la?

Ela veiu de automovel. Beijou o irmão, chorando também e sem explicações para dar-lhe.

Saracura, Borrego e Augusto apareceram com uma corça de flôres naturais, feita ali no bairro e com uma fita escrita à tinta, pelo pintor de parêdes Camilo Ramos: *Homenage do Varzea F. C.* Nesse momento Genarino fitou os companheiros e teve uma expressão de

homem: agora estava só no mundo. Restavam-lhe os amigos e o clubinho. Da irmã, grãfina, não sabia o que pensar. Apenas pensava que devia estar fazendo alguma sujeira.

Não o deixaram ir ao cemitério. Adormeceu, depois, no colchão que Irma e Guilherme arrumaram na casa deles, onde passou a residir.

Na manhã do dia seguinte acordou com a casa vazia, pois os operários, que já haviam perdido a jornada anterior, ali não estavam. Irma recomendara a dona Benedita que cuidasse dele na sua ausência. Estivésse atenta, viesse de vez em quando ou mandasse Saracura espiar. Poderia querer alguma coisa. Foi a voz da doceira que Genarino primeiro ouviu, na calçada da rua:

— Dona Arzira: falei ontem de noite com a arma de dona Esmeralda... A gente não morre, neste mundo de Deus. É só a matéria. Só o corpo que morre! Dona Esmeralda diz que tá pensando muito agora, proucausa da fia Mafarda...

E depois duma pausa:

— Dona Arzira: Deus me livre e guarde... mais num tá parando gente vêia nestes lados... Dona Filomena, dona Esmeralda... Crédo! Que será? Quarqué dia vô eu... Deus me guarde...

A morte de dona Esmeralda seria o assunto inevitável de muitos dias seguidos, na rua Marechal de Férro e imediações. E todos olhavam penalizados o rosto sem sorriso do jovem varzeano.

Retiraram os trastes de lá de dentro dos quartos imundos. Venderam por ali mesmo, as camas, os baús e os caixótes de cozinha; o dinheiro não dava para luto, mas, Hercole de La Semola ofereceu o feitio de graça e Irma juntou o dinheiro para comprar um corte de casemira preta. Genarino teria o seu primeiro terno de roupa saído duma alfaiataria. Tinha que ir tomar as medidas e depois provar.

Seu Joaquim Bicas, que já havia alugado a casa onde morára dona Filomena para aumentar a padaria,

fez o mesmo com a outra, que acabaram de por no chão. O estabelecimento ia aumentár o tamanho da fachada e ganhar um nome: *Padaria e Confeitaria Portuguesa*. Quando viéram fazer a refórma, os carpinteiros admiraram a vidraça: era vidro estrangeiro no duro.

Mas, com estas refórmas, nos prédios e nas vidas, a rua Marechal de Férro ganhava aspecto diferente.

Um moirão velho e carcomido, caindo de pôdre, tinha sido transformado em afixador de avisos do Varzea Futebol Clube. João Flanêla escrevia-os e mandava Saracura pregar numa fôlha branca, pautada, arrancada a um caderno usado de caligrafia; havia um assim:

Estãem suspenso; os tréno

Respeitavam o lúto do Genarino.

Entretanto João Flanêla tinha qualquer coisa para dizer-lhe e que já não podia mais retêr: rebentava-lhe por dentro. Os demais ouviam-no com certa ponta de incredulidade. Que o São Paulo andava à procura de jogadores êles sabiam; mas, que estivesse disposto a contratar gente da varzea... punham suas duvidas. Quando Saracura soube, o segrêdo desapareceu para Genarino, que recebêra o terno de casemira preta e parecia homem feito. Apenas não se acostumâra, ainda, a dar o laço na gravata, todas as manhãs; o colarinho móle, assim apertado, incomodava-o. A roupa inteira e nova, escondia, agóra, toda sua magrêza, as ombreiras de Tarzam-filho-de-alfaiate decerto que foram uma invenção de algum otimista, da mesma turma dos "conserve o seu sorriso". Com isso, Rafaél, na Alfaiataria das Cem Tesouras, costurára seu primeiro paletó sob as vistas fiscalizadoras de Hercole de la Semola. Os antigos garotos principiavam, todos, a possuir corpo de homem, porque, maneiras, vícios e conversa, já possuíam. Genarino sentia a cava direita do paletó prender-lhe os braços, mas, nem reclamou: andava quietarrão. Ao

saber da noticia, em lugar de responder, pelo menos dizer que não acreditava, levantou-se da lata velha em que se sentára, em meio à rua, pôs-se a andar, foi até sua casa, que era a casa de Guilherme e Irma, não encontrou ninguém, voltou... Saracura observava-o, rindo-se e sopitando o riso; pela primeira vez um conhecido ou-sava rir-se diante do orfão. E, Saracura, no seu contentamento, era um léva e trás recados. Correu ao quarto do treinador e contou-lhe que Genarino já sabia.

* * *

Genarino deixara de ser jornalista. Viam-no inseparavelmente ao lado de João Flanela, como velhos amigos, falando de futebol, preparando o espirito para a grande próva. Os diretores do São Paulo concordavam em que o treinador varzeano levasse a campo um jovem do bairro, tal a propaganda que fizera do extremo-direita. O tiro! O tiro indefensavel, que enganava defesas, atêntas apenas a uma extremada...

Faltavam somente dias para a experiencia.

Genarino mal dormia e mal comia. Era a realização do velho sonho, acariciado desde a bola de papel, feita de jornais velhos, amarrada com o barbante da compra da mulher grãfina da outra rua. Tocava-lhe o quinhão ambicionado na vida de esquecido. Chegar a cráque nos campos officiais, lá onde os favores do público, acorrentado às sensações duns gômos de couro, directorias interessadas em vitórias, mais vitórias, mais sócios e mais jogos, zelando pela conservação dos bons jogadores, podiam prevêr e provêr por êles. Era a glória! O futuro garantido! O respeito e a admiração dos demais! O nome em todos os jornais de São Paulo, entrevistas, retratos de pijama ou de calção, a vida íntima abêrta ao público quem-sabe em todos os jornais do Brasil, quem-sabe, integrando o selecionado brasileiro no campeonato mundial! Transposta a preocupação do pão quotidiano! Não possuia ao lado, a mãe e a irmã para levar a um bairro e a uma vida melhores; para fazê-las participar dos mesmos prazeres e de igual conforto. Mas, trataria dos tumulos dos seus, levaria a essa

bôa vida — se êles quiséssem — Guilherme e Irma... E a bôa amiga, quási sua mãezinha, não precisaria mais trabalhar na tecelagem.

Tinha destes sonhos acordado, como quando, a principio, sonhava atravessar retangulos, fazer tremer as rêdes com o chute famoso.

Guilherme tomava conhecimento dos planos do amigo e não tinha coragem de dar-lhe conselhos da sua experiencia e da sua observação, evitava decepciona-lo. O jovem acostumára-se a vê-lo sério e não perguntava porque. Agóra Guilherme vivia lendo e lendo livros e jornais; às vezes ia até a cidade para comprar uma revista; ou procurava um amigo, num bairro distante, para trazer um livro emprestado, de que ficava falando, falando a vida toda. Irma via que assim seu companheiro tinha uma ponta de satisfação, sorria. Os sentimentos de Genarino tornavam-se estranhos, nesses momentos. Parecia-lhe sentir ciumes dos cuidados da moça pelo marido; mas, estimava Guilherme como a um irmão e a um pái. Percebia que suas palavras eram para o bem, sempre para dar-lhe uma orientação na vida. E o casal estava de acôrdo em não contraria-lo. Guilherme sabia que os conselhos ajudam muito pouco à juventude. Somente a experiencia, a propria trituração da grande máquina da vida ensinava e convencia. Estavam ali como bons amigos, como cumprindo aquilo que o falecido José deveria estar fazendo, procuravam ampara-lo nos momentos rudes, como na noite em que êle apparecera misteriosamente acabrunhado, sem dizer porque, apenas em busca de um regaço para chorar; e, como no dia da confissão a Irma.

Quando êle não estava, entretanto, Guilherme descarregava o que lhe ia por dentro. A história dos cráques envelhecidos nos campos, quando os rins começavam a doer e os homens eram vistos apalpando-se acima das cadeiras, quando caíam a todo momento, já não alcançavam a corrida louca dos que iam na frente com a esfêra; ou quando, num lance infeliz, partiam uma perna, levavam-nos ao hospital, de onde regressavam sem os mesmos impetos; e os "joelhos d'água", — o me-

nisco deslocado; e as feridas oriundas de caneladas, que não se curavam nunca; e os corações que não resistiam muito tempo; e a tuberculose... Era então quando a estrêla luminosa fazia a curva para baixo: o público apupava, pedia substituições, iam para o rôl dos perna-de-páu, veteranos, bananeira que já deu cacho... Entretanto, aquele divertimento havia levado o melhor das suas energias. O tempo, como num emprêgo de fábrica ou de oficina ou escritório, sabia sugar. Quem trabalha não tem tempo de ganhar dinheiro. O homem é todo um capital de força. Se fosse moêda, teria som e teria brilho para impor-se. A grande e extensa massa, a maioria, é obrigada a entregar esse capital por um preço sempre abaixo das energias que lêva, dia a dia, hora a hora, como num celeiro que não se renôva. E' bom e é procurado enquanto existe. Depois, um saco vazio. O público paga entradas e quer assistir a bons espetáculos. Tem razão. Não ha responsaveis, porque não ha patrões e tudo se esfumaça na propria renovação: as gerações de jogadores se succedem, se renovam, se renovam, não há possibilidade das apurações definitivas. As próles são para o trabalho e tambem para o futebol — o trabalho que divérte. E era porisso, sem o saberem, que os homens lutavam nas varzeas, para terem filhos e para que seus filhos crescessem.

Irma terminava de arrumar a cozinha e as camas. Dobrava cuidadosamente a roupa do filho adotivo: era no regresso da fábrica que podia faze-lo. Guilherme largava o jornal, vasio dos assuntos que lhe passavam pela cabeça, e que, entretanto, tinham tanta importancia para a sociedade quanto os demais, ou maior importancia; dirigia-se ao quarto, procurava-a. Sempre tinha idéias, perguntava-lhe sua opinião, precisava de algum com quem conversar e pôr para fóra o interior dos seus pensamentos. Agóra sentia nêla uma companheira em casa. A natureza das atividades inflúe poderosamente no nosso espirito. Não estava junto a uma mulher vasia, bibelô do lar, como cértos homens queriam, maliciosa quando estuda a melhor maneira de acariciar o marido, se pretende pedir-lhe alguma coisa; deixára de ser aquela Irma cismadora que êle surpre-

endia, às vezes, falando da irrealidade, com Nicolina. Agora era uma companheira que agia, que não tinha medo da vida...

— Um sindicato, não acha, Irma?

— Um quê?...

— Sim, um sindicato dos jogadores de futebol!

O cansaço da jornada diante do tear, fios arreben-tando-se aqui e ali, exigiam repouso ao raciocínio, aos músculos, a tudo.

— E'... quem sabe, um sindicato...

Sim, Irma compreendia. Estava passando pelas durezas do trabalho e da vida. Somente estas pôdem despertar mais depréssa a consciencia daquilo que deveria ser. Pobres dos enganados jovens, perdidos em proméssas, lutando contra decepções, esmagados e querendo esmagar, curtindo ódios, mas incapazes de refazer essa força, criar-lhe um curso certo, incapazes de dar um sentido ao seu proprio ódio! O ódio precisa ter um sentido! Lembrou uma imagem, da qual gostava muito: "Dar bem no centro da cabeça!", como dizia o velho avô, de que agora não existiriam mais nem as cinzas e haviam ficado nêle, continuando, os resultados de experiencias da vida. Dizia isso enquanto lhe ensinava a bater o martélo na cabeça dos arrebitos para prender as retranças de couro. Guilherme repetiu a frásé em voz alta, andando pela casa:

— Dar bem no centro da cabeça!

Irma foi sacudida pela voz, veio vêr o marido. Seus olhos de operário vivo, habil, estavam parados, enormes, enxergando qualquer coisa de grandioso, além, onde se descortinava o panorama de sua propria imaginação. Nesses momentos Irma costumava deixá-lo em paz. Devia estar se distraindo com idéias. E êle prosseguia nos pensamentos, querendo ir até o fim de cada um deles e de cada consequencia: sim, o ódio precisaria ter um sentido!

O casal se recolhia primeiro que o jovem, principalmente depois que viêra a notícia das possibilidades de treinar no São Paulo. Genarino, tomado inteiramente por essa preocupação, chegava sempre tarde, perma-

necia no bar com Flanêla, Anfilofilo e outros; começavam a olha-lo com ar diferente, de inveja, curiosidade e respeito. Deitava-se cansado e principiava a sonhar antes de cerrar os olhos.

* * *

Pela manhã ia saindo de casa, já tarde, que êle agóra abandonára Vermelhão e os jornais, quando viu entrar pela outra rua um caminhão poderoso, cheio de material destinado às refórmias da padaria de seu Joaquim. Ao mesmo tempo viéram em sua direção, fazendo-lhe fêstas, os dois cachorrinhos mascótes do Varzea, Leonel e Mimosa, o pêlo sujo de terra, esfregando-se, mordendo-se, fazendo-se carinhos, como sempre descuidados no espaço livre, indiferente e vasio dos terrenos varzeanos. Mimosa, a mais corpulenta, empurrava o companheiro, subjugava-o, ficava segurando-lhe o pescoço; Leonel se imobilizava, as quatro patas para o ar, a bôca abérta, rosnando, fingindo raiva. Passaram céleres, por duas vezes, sob o caminhão em movimento, grandes ródas de borracha macissa. Nunca havia entrado um caminhão ali. Para conhecer os perigos é necessário ter experiência. Em dado instante a imprudencia dos dois cachorrinhos levou-os novamente para baixo do enorme veículo e Leonel desapareceu sob uma das rodas, para reaparecer do outro lado, endurecido aos estertores, a circulação do sangue desorganizada, a barriga amassada. Genarino acompanhou a cêna sem prevêr, nem poder fazer coisa alguma. Não teve tempo de gritar e estava meio ensimesmado. Mimosa correu para o companheiro afim de prosseguir no brinquedo. Parecia-lhe, decerto, que êle esperava, como há pouco, de patinhas para o ar, a bôca aberta, querendo dar mordidas inofensivas, carinhosas. Chegou correndo, juntamente com Genarino. A cadelinha abriu a bôca no pescoço do companheiro, mas parou, como se a mórte tivésse cheiro. Farejou-o e depois veio lambe os pés do rapaz, como se lhe pedisse algo. Genarino viu que nada mais adiantava. Dirgiu-se ao chôfer para descarregar:

— Não viu?

O chofér terminava de breicar em frente à padaria, em cuja pórtia surgiu seu Joaquim, arrastando os tamancaos, as calças arregaçadas. Nem ouviram a voz de Genarino e nem perceberam o acontecido. Trocavam ordens:

— Descarréga aqui?

Mimosa estava sentada, então, diante de Leonel, que agonizava. Velava.

Genarino lançou um olhar pela rua indiferente. Parecia que estas pessoas não tinham ligação com o passado, que o presente já era um passado, as casas sofriam refórmias, o aspecto de tudo se transformava, a rua Marechal de Férro ganhava realmente uma fisionomia que não era a mesma dos primeiros anos. E vinham matar os seres, esmagando-os. Ele não se sentia mais dali mesmo. Estava prestes — quem sabe? — a cair fóra, morar nalgum bairro melhor. Mas, partiu em direção à avenida Rangel Pestana, sentindo-se mal, necessitado de alguma distração: para encher o dia, só trabalhando, como antes, e vindo jogar com qualquer bola, suando atóa... Estava angustiado, de uma angustia diferente, que nunca experimentára.

Genarino Pé de Pato foi como o chamaram na cancha, na rua da Cantareira, quando João Flanêla levou-o no automovel dum amigo, movido a gasogenio. Seria o primeiro treino. Os demais jogadores, já firmados nos seus contrátos, haviam passado por isso e olhavam com indiferença a repetição das cênas: de vez em quando aparecia um desconhecido, desageitado, para as próvas. O campo se encontrava sempre cheio de reservas, que, na maioria, não passavam disso; mas, continuavam e ali permaneciam, na esperança duma oportunidade, um incidente qualquer, uma necessidade de momento, que levasse os diretores dos treinos a uma nova experiência. Como numa ródá de rolêta: seu número estava ali. De repente...

João Flanêla comprara-lhe tudo novo, chuteiras com almofadas nas rodêlas, à altura dos tornozelos, uma joelheira para a perna direita, que ajudasse a firmar o chute. O noviço foi apresentado aos demais, que se movimentavam nos vestiários, cada qual preocupado com as instruções do treinador, com as notícias sobre novas probabilidades de jogo. Chuveiros por todos os cantos. Após o treino teria também êle a sua toalha branca, enorme, onde caberia o corpo inteiro, lavado com sabonete. Ah! teria muito que contar aos companheiros, que o ouviriam de bôca abêrta... Falaria em casa para orgulhar Irma e Guilherme e sacudir um pouco a incredulidade deste. Estava roçando seu corpo nos corpos dos importantes do futebol, ouvindo suas piadas, detalhes de suas vidas, misturando seu riso ao riso dêles. Ia jogar em meio aos favoritos do grande público;

receber a bóla passada pelos pés famosos de Leonidas e dos demais. João Flanêla não o largava: sentára-se frente a êle, repetindo-lhe recomendações. Que não ficasse nervoso, tivesse calma, tratava-se dum simples treino, mas, ao cair-lhe a bóla nos pés, emendasse em gól... Entraram em campo e antes do juiz chama-los às suas posições, o quiper passou-lhe a bóla, saltando, sem que êle achasse jeito para emendar. A joelheira diminuía a flexibilidade do joelho. Parecia que lhe tremiam as pernas. E, no pé, estava acostumado a sentir o contacto cheio do couro das bolas, enquanto que as chuteiras eram duras, separavam-no de qualquer sensibilidade. Tinha a impressão de que se as descalçasse, estaria melhor o pé, emendaria de peito... Os demais pareciam interessados em animá-lo, galhofavam, mas estavam longe de compreender as ansias de Genarino:

— Chuta, Pé de Pato! Não tenha medo, não...

Doutor estava no arco, todo limpinho, diziam que fazia questão de manter a méta incolume, mas, de cabê-lo alinhado.

— ... chuta! Esse tal é um furão!

E apontavam o arqueiro, risonhos. Mas, até para caminhar lhe custava. João Flanêla sentara-se entre outros dois assistentes e não prendia nem escondia a emoção. Chegou-se às grades, chamou-o, recomendou-lhe que corresse um pouco. Sabia bem o que era aquilo. Dava em todos os varzeanos. É que êles estavam acostumados a jogar em bruto, sem paramentos nem couraças. Trata-se de corrêr para se acostumar. E, de fáto, os demais exercicios faziam parte da preparação dos quadros. Havia os que corriam em volta ao campo. Saltavam, mexiam os musculos, enfim. O treinador do grande clube era um ex-jogador, de feições sérias, seus quarenta anos, que procurava sorrir ao noviço:

— Qual é a sua posição mesmo, Genarino?

— Extrêma...

Gaguejára sem mais consequencias. Tinham-lhe dado uma camisêta branca, macia. Corréu à sua posição. O gramado que se perdia a seus olhos, era quatro ou cinco vezes aquele da varzea. Achava difícil atra-

vessa-lo, custava um esforço muito maior. Nos vinte minutos desta primeira experiencia, passaram-lhe umas três bolas, que lhe ficaram na imaginação; poderia ter feito assim, ou assim, poderia ter finto e depois levado o mais possível, para então chutar... Sua especialidade eram as extremadas rasteiras, violentas, que atravessavam de linha a linha de fóra... Às vezes passavam todo mundo, iam ter aos pés do outro extrema. E nesses vinte minutos não conseguiu nem um passe perto da linha do fundo, que lhe proporcionasse a façanha, enviando às rêdes e enganando a defesa — precisamente a recomendação de Flanela. Mas, havia outros à espera e sabiam que o novato difficilmente teria folego na sua primeira demonstração. Substituíram-no e foram dizer-lhe que se preparasse para o treino seguinte, quando, então, permaneceria em campo o tempo completo.

Dirigiu-se aos chuveiros, onde, pela primeira vez na vida, lhe entregavam o necessário para o banho, como a um Senhor. Flanela chegou risonho:

— O pessoal parece que gostaram! Tóme o banho depréssa. O ôtro treino vai sê quinta-fera da otra semana...

Suando, sem ter feito nada. Esfregava o sabonete sob a água e começava a pensar naquilo que devia ser sua maior preocupação. Não conseguia, porém, ser critico de si mesmo, nada tinha feito de impressionante e, entretanto, diziam-lhe que ainda seria admitido aos próximos treinos. Uma coisa êle sentia e os outros não sabiam: era o cansaço fácil. Mas, o entusiasmo e a credulidade abafavam essa preocupação e êle respondia solícito, como disposto a tudo:

— Tá certo!

Ouvia alguns dizerem, fazendo movimentos característicos com o corpo e com um dos braços, ou estalando as pontas dos dêdos:

— O'... quêi!

Quando chegasse a cráque respeitado haveria de ter seus modos pessoais para dar assunto aos jornalistas e ser falado.

Entretanto, dias depois, veio o segundo. E depois, o terceiro treino. Nesse último, terminado o primeiro tempo, Genarino respirava somente pela boca, não conseguia fecha-la, não lhe bastavam as narinas e falava com dificuldade. Desistiram de obriga-lo ao exercicio completo, de noventa minutos, como era plano e dissêram a Flanela que o levassem no dia imediato ao médico do clube, para tirar ficha. Uma formalidade para arquivo. Na verdade, porém, haviam passado a duvidar daquele fisico mirrado.

No dia seguinte foram ao exame. Depois da morte do irmão José, pela primeira vez levavam-no a um consultorio médico. Como enviado do clube, pelo qual o médico tambem torcia, ganhou todas as preferencias na sala de espera. Fizeram-no entrar logo. Era o momento decisivo. O médico, um jovem atencioso, de aventalão branco, foi lhe fazendo uma enfiada de perguntas que o rapaz nem esperava, tanta coisa precisa saber o doutor, do seu passado, das doencas que tivera... Num pequeno blóco de papel foram sendo anotados os resultados. Quando o pequeno auscultador de níquel chegou à altura do coração, o médico parou mais tempo, com os dois fios que iam ter aos ouvidos, presos por uma forquilha de móla. Mesmo assim não estava mal o ritmo. Passou adiante. Examinou-lhe as pálpebras, demorou-se nos labios sem cor... A última vez que estivera no médico? Ah! lembrava-se que era uma fila comprida e que o hominho doutor tinha préssa, assustado com tanto serviço! Não lhe fizera tantas perguntas, nem o apalpára assim. Fôra na Santa Casa com o irmão José. Dissêra-lhe que precisava comer bastante e tomar fortificantes... Mas, José... depois...

Nesse ponto o médico interrompeu-o:

— Isso! Exatamente!

E como quando se descobre um diagnostico, com o prazer do succêso de médico que acertou, mandou que vestisse a camisa e o paletó. Estava despachado. O doutor escreveu num caderno, que enfiou na gavêta duma mesinha branca. Dalí retirou outro, encheu a primeira fôlha, arrancou-a, agóra apressado, entregando-a a

João Flanela. Este observava tudo e mais do que Genarino, examinava as expressões do médico. Entendia então, mais do que o paciente, a importancia daquelas conclusões.

— Sub-alimentação... Aliás, meu amigo, lembre-se o que disse Leite de Castro, quando perdemos o Campeonato Sul-Americano de Futebol? Infelizmente é isso: temos que reagir, afim de que no Brasil surja uma raça forte...

E, depois, como para animar o enfermo, bateu-lhe amigavelmente nas costas:

— Não tem nada, rapaz! Linfatismo... Isso não é nada. Coma bem, durma bem, tome esses fortificantes, quero vê-lo um Frenerráche, que ficava até de madrugada dansando e depois, à tarde, ia jogar que-nem um touro!

Na volta, João Flanela permaneceu silencioso quasi todo o tempo, queria puxar prósa, mas desconversava, indeciso, preocupado... Até que, a meio-caminho, pretextou lembrar-se dum compromisso urgente, largou-o no bonde.

Dias após, cara de vencido, recebia a noticia definitiva e official dos seus amigos, na séde do São Paulo. A ficha médica... Quem sabe, algum outro que Flanela conhecesse?

O treinador varzeano pouco pensava no dinheiro dispendido com a tentativa; tinham valido bem as sensações do quasi... Vivia sozinho, sem mais preocupações que vender terrenos e torcer no futebol e sem mais responsabilidades que a mania de chegar a treinador. Agora passava a olhar aquelas perninhas magras dos varzeanos, aqueles corpos irregulares, sem estatura, que, em geral, não se pareciam com os dos jogadores feitos.

João Flanela levava os braços caídos, à procura de um desforço para mais esse fracasso. No Bar Puxa-Prósa custou a aparecer. Anfilofilo mal o viu, fez questão de pagar cerveja, convidar os amigos para ouvirem seus argumentos, continuava provando concretamente que as novas gerações não davam no couro. Entretanto, como

se tivésse, afinal, despejado toda sua força interior, fez um intervalo de dias para o assunto. Talvez a amizade pelo Flanela e o seu silencio o penalizassem. Revelou que tambem estivera com o treinador do São Paulo, falando a respeito. E que não desanimasse: se o rapaz fosse submetido a um bom tratamento, dentro de alguns anos poderiam experimentar de novo. O bar inteiro pareceu cair numa só e enorme gargalhada. Talvez Anfilofilo desconhecesse o immediatismo do futebol...

— Alguns anos?...

Durante anos, quantos novos jogadores descobriria e poderia provar? Ora, que fosse lavar roupa, o Anfilofilo.

E riram-se, ambos, tambem com os outros. Riam-se agóra do Genarino. Manuel Bezerra veiu trazer mais cerveja. Consolava-se Flanela na bebida. Seu dinheiro se fôra por compléto e fizéram algumas dividas. Tinha que mudar de rumo por uns tempos, pensar nuns terrenos que pareciam bons para vender, tinha que voltar à freguesia. Iria tratar disso lógo na manhã seguinte.

Genarino exhibiu a receita aos bons amigos de casa, que foram vêr em quanto ficava: oitenta-e-dois-mil-réis. Duraria uns vinte dias. A caixa de injeções de vitamina para tomar diariamente, além dos demais remédios. Guilherme e Irma não sonharam, desta vêz. Foram procurar João Flanela, que, entretanto, se fingia alheio. Trataram de acomodar a situação. Procurariam um médico que comprehendesse, que substituísse os medicamentos por outros mais de operarios, ou, quem sabe, dêsse outra saída... Genarino não comprehendia o fracasso de tanto trabalho e preocupação. Chegára ao seu chute famoso estudando minuciosamente o jeito. Dêssem-lhe a bola rasteira, como provára tantas vezes com Saracura e veriam...

O aspirante a treinador, por seu lado, maninha-se teimoso nos seus designios. Enquanto vendia terrenos, maquinava novos planos. Tinha os olhos, agóra, sobre o goleiro Saracura, que não deixava em paz com as suas recomendações. Todos os domingos o Varzea continua-

va a jogar regularmente contra os adversarios dos outros bairros. Ganhava, empatava ou perdia. E voltavam numa algazarra doida de contentes. Havia algum dinheiro em caixa. Estavam prestes a alugar um campo...

Mas, Genarino rareava nos treinos, outra vez, como no tempo de Pestanudo e como quando após a grêve fracassada. Apenas Irma e Guilherme alcançavam a tragédia íntima do pequeno amigo, procuravam distraí-lo com outros assuntos. O operario prosseguia nas suas arengas, contando histórias do proletariado e dos officios. Desde então, o jovem passára a olhar, através do pensamento, a aventura antes sonhada, como para uma luz maravilhosa que está para se vêr e não para se pegar. Como aquela carne fresca, vermelha, bonita, tal um presunto de bôa qualidade, que se via nas vitrinas dos grandes restaurantes da cidade! Aquilo era um dos lados bons da existencia, de que se aproximára, mas que não estava para os varzeanos sub-alimentados. Um sub-alimentado? Que culpa tinha disso, afinal?

Regressando à tardezinha, pensava no que seria do seu rumo, daqui por diante. Preocupava-o merecer, antes de mais nada, a amizade do casal de operarios, que tanto o queriam.

Certa vez, num desses regressos vadios, distinguio os pequenos vultos de dois cachorrinhos, quasi frente aos andaimes da padaria, cujas refôrmas prosseguiam e onde Leonel perdêra a vida. Mas, os cãesinhos voltavam a ser dois. Aproximou-se, curioso: era Mimosa e um novo companheiro, quasi sem pêlo, orêlhas caídas mas pequenas, sem raça definida, vira-lata como o fôra Leonel. Levantou-se nas quatro pernas e lambeu-lhe as botinas, como a um velho conhecido. Vinha cheirá-lo para reconhecê-lo, fazer amizade. Genarino agachou-se, acariciou-os. Possuia mais um amigo. Fez disso seu passa-tempo. E enquanto se distraía, alisando-os, falando-lhes, pensava num rumo para a sua vida.

Mafalda não resistira àquela força que não se explica, mas vem forte, acalentada desde os tempos de ninar bonéas de trapos. Essa força que não deixa pensar nas consequências. Que fecha o raciocínio. E que garante a reprodução humana, sem cálculo. Agóra sentia que estava grávida e não possuía ânimo para levar a boa nova ao amigo. O doutor Mário Pontes não queria complicações na sua vida. Estava tudo muito bom assim como estava. Resolvia seus próprios casos com igual malícia com que solucionava casos de sua clientela. Tornara-se famoso, no forum da capital, pelas saídas que encontrava para as maiores complicações. As leis eram boas para assustar o ignorante e crédulo. Bom é saber escapular e a frase se tornara costume na sua boca, feita um grande achado: escapular como um peixe vivo... Os tratadistas estão aí nas prateleiras, numerados, catalogados, nos seus dois vastos campos: contra e a favor. Contava casos a todo mundo: certa vês, para defender um assassino cuja família levava-lhe bons còbres, porque o crime era forte demais, sentiu-se quási perdido diante dos jurados. Lançou uma última cartada. Lembrou um nome russo qualquer. Quem iria vasculhar nomes de tratadistas dum país como a Rússia? Havia lido um conto de Máximo Gorki e dessas páginas tirou o nome: Camivlovich. Transformou-o em grande jurista, das últimas gerações. Não pensassem que na Rússia não havia família; havia, sim, senhores jurados! O doutor Vicente Ráo escrevera todo um tratado a esse respeito. E era o doutor Vicente Ráo. Apresentou uma lêse nova sobre a esfoladíssima privação de

sentidos. O cfêito, sentiu-o em poucos minutos. O juiz ouvia sério e compenetrado. O promotor encolhia-se, envergonhado de sua ignorância dos novos tratadistas. Teve o cuidado de fazer juramentos prèvios acerca do respeito à sagrada instituição da família, para evitar suspeitas. E o cliente ganhou a rua, foi agradecer-lhe no escritório, levou-lhe ainda mais dinheiro.

A vida tem essa filosofia: é dos fortes. Fórtes na verdade, quando esta é útil; na mentira, quando esta rende e mantém todas as bôas aparências de verdade total. E' assim que o dinheiro vem, a sociedade nos respeita, nós passamos como respeitadores da sociedade, somos os doutores da existência. Tinha um ar feliz sob o chapéu desabado e limpo; as unhas polidas para tocar papeis sujos de chicanas. Mas, a cavaleiro da vida. Pensára calculadamente no caso de Mafalda. Tomára suas precauções. Cançára-se do amôr fácil das prostitutas pagas na hora. Precisava então de uma mulher fisicamente bôa, que não dêsse muito trabalho e isso seria mais fácil entre as desprotegidas, porque mais afeitas aos transtornos da existência; não importavam as ideias que trouxêsse, acostumado que estava a domina-las; e como um turfman a quem não interessa se o cavalo póde ou não ter pensamentos a seu respeito: bom fêno e bôa estrebaria. Banhos de champanhe quando conquistam um grande prêmio. E fartas risadas, que as risadas fazem bem à gordura, dizem certos tratados. Que Mafalda com bom tratamento haveria de ressurgir da magreza e da palidez varzeanas. E agóra, realmente, a moça não mais se reconhecia, de mocidade e de belêsa, melhoradas pelo bom sôno.

Apalpava suas fórmãs arredondadas, tocava o ventre, curiosa, ansiosa de vê-lo subir. Estava, porém, acostumada a ter desenganos e dificuldades, a não sentir apoio contra as hostilidades do mundo. Era o que norteava seu raciocínio, suas tristes previsões. Mário prometêra cuidar do seu desquite; êle mesmo provára, num dos primeiros almoços em comum, citando artigos e tratadistas, que poderia faze-lo. Próvas fáceis. Pensou melhor, depois, e viu que não lhe convinha. Queria ter

a moça entre as mãos; tudo precisa ser previsto: amanhã, o aborrecimento, novas conveniências e precisaria ter um pretexto fácil para devolvê-la.

Mafalda continuava a distrair-se com as conversas e os lamentos de lá de baixo. À noite, quando chegavam, ambos, dos restaurantes e cabarés, a vizinha fina e prolongada da criança vinha dos cortiços, como um apêlo ou uma despedida. Nesses momentos Mário falava em mudar de apartamento. Queria sossego e essa criança lamentando-se a noite inteira. O chorinho provocava calafrios na moça, que levava o pensamento à sua situação, despia-se silenciosamente, meditando no filho que começava a formar-se, a procurar a vida e não podia ter os afagos do pai. A desventura ensina a imaginar até desgraças futuras. Poderia não ter leite para êle... Se crescesse, que viria a ser? E se com quatro anos de idade ficasse sob as ródas de um automovel? E, se crescendo, se metesse em política, como fizera o irmão assassinado?

— Que é que você tem?

— Ah!... Nada! Um pouco cansada...

— Amanhã a gente vem deitar cedo.

A voz rispida do homem acostumado a dar ordens, a deliberar, a jogar com vontades. Deitava-se. Gostaria de dormir abraçada ao amigo, pai do seu filho, os dois corpos dando-lhe calor, para que com êle também nascêsse o amor de pai.

Mário, entretanto, a cabeça distante, vinha do banheiro com o cabelo revoltado, sonolento e arrastando as chinelas de couro, fechava a janela sem perguntar-lhe se precisava de ar, metido no pijama de seda, senhor de suas idéias e do seu descanso, senhor de sua mulher. Às vezes lembrava-se, dava-lhe mais alguns beijos, distraía-se mexendo os seus cabelos soltos, que enchiam o travesseiro, num contraste bonito de côres. O chorinho fino da criança vinha cortando o ar, revoltando, cortava os ouvidos, a alma, cortava o fio de qualquer pensamento bom, vinha reforçar pressentimentos máus. Mafalda procurava encher-se de cora-

gem durante o dia, afim de revelar o segredo a Mário. Seria depois de um beijo... de um sorriso... na hora da despedida... quando êle viesse contar uma das suas vitórias... não sabia bem... Mas, essa coragem desaparecia ao primeiro fio desfavoravel. Procurava distrair-se da inquietação, o amigo achava-a diferente, queria que estivesse sempre sorrindo para enfeitar-lhe a vida, — uma das missões da mulher, — então mastigava apressadamente pobres desculpas, fingia-se risinha; a necessidade ensinava-lhe a fingir, fingir, fingir... Como êle mesmo, para estar a cavaleiro da vida.

35

Chegavam as chuvas! Chegavam as chuvas! O aguaceiro tomava conta da cidade, dando-lhe o desconunal banho de todos os anos. Parecia vir com a intenção de lavar o passado mais negro imaginável, tal o seu ímpeto. E se tornára a preocupação de todo mundo. Caiu copiosa, como nuvens inteiras transformadas repentinamente, em água pesada. Como o inverno da Paulicéia, suas chuvas enganavam: chegavam, amainavam logo, nalguns anos; noutros, pareciam vindas dum manancial inesgotável. O rio Tieté enchia-se, subia e se alargava, transbordando. O rio Tie!ê, que atravessava a cidade inteira, na sua linha sinuosa rabiscando afluentes por todos os cantos.

As populações pareciam teimosas como após grandes cataclismas. Os varzeanos não tinham vulcões nem sentiam diretamente efeitos das pragas dos gafanhotos; nas grandes geadas apenas se queixavam de muito frio... Mas, havia as enchentes, as enxurradas barrentas que levam tudo, serviam para fazer os homens provar energias contra os elementos: esqueciam competições que os dividem entre os humanos e realizavam a frente única contra o inimigo comum. Mantinham-se de olho sobre suas cousas, ajudavam-se. As águas misturavam roupas, moveis, trastes, que depois eram de novo recolhidos, entregues aos seus donos.

Maximino Fernandes havia dias que tapava os buracos do zinco, no seu barracão cheio de varas de bambú, cestos, covos, balaies... Tecia, tecia, continuava tecendo pacientemente nos fundos do chão nú, sorria,

olhava o aguaceiro estatelando-se nas águas da enxurrada, das poças enormes... exclamava:

— El Diluvio! Chê... el Diluvio!

Trançava mais um palmo de cesta, ouvindo a trovada dos milhões de gotas batendo nas fôlhas do tétó, olhava para o alto, exclamava:

— Chê! Hay que hacerse un Arca! Chê! El Diluvio!

E, dias depois, inevitavelmente, a rua Marechal de Férro começou a ser ameaçada. Havia anos que não se tinha notícias de um aguaceiro tão teimoso, dia e noite, noite e dia, sem relógio, varando horas e varando horas... Nas ruas vizinhas os moradores principiavam a fazer ouvir suas queixas, lamentações, imprecações. Quando as águas encheram poças novas, formando ilhotas, ligaram-se depois num só enorme curso, num só rio, os moradores do outro lado vinham procurar seus objectos, faziam prognósticos, pareciam desconsolados, perdidos... Era a inundação poderosa!

Foi Maximino Fernandes quem primeiro preveniu dona Benedita doceira e José Campos: aquela parede não estava segura, de um momento para outro poderia cair. E apontava a extremidade do caibro, fincada no chão úmido. A doceira rezava, rezava, nem ouvia as palavras destes miseráveis pecadores da terra. As águas, porém, acabariam por amolecer ainda mais a terra que garantia o tétó e cujo terreno, seu parente ainda pagava na trigessima prestação, faltavam noventa. Daquí a noventa meses se consideraria proprietário e receberia a escritura definitiva. Ou, quem sabe, o número do seu recibo sairia sorteado qualquer dia... qualquer dia...

Pareceu uma praga. Dona Benedita fora mesmo assim ao Centro Espírita, pedir conselhos para a sua desgraça e lhe disseram que na terra é necessário ser paciente e bom: as águas, como tinham vindo, secariam, dentro em pouco, poderia estar certa. Nem gostava, a prêta, que seu Maximino falasse do caibro. Moravam ali havia anos... Lembrava o que disséra, ela mesma, a dona Alzira, depois da mórte da vizinha dona Esme-

ralda... Nem era bom lembrar uma coisa triste em meio a esta grande coisa triste.

Recriminou Maximino até a noite em que lhe aconteceu. A parede veio abaixo, ruiu num estrondo, despertando-a pela última vez. A infeliz ficou soterrada e com a viga mestra em cheio sobre o corpo. Ainda respirou a terra úmida que lhe encheu olhos, narinas e bôca e pode levar o pensamento até o filho. Saracura fôra menos infeliz: perdia a velha e as suas pernas ficavam partidas; a cama de ferro afundava com êle entre um montão de telhas e de tijolos. Pelo resto do corpo apenas pancadas e arranhões. Teve a impressão de despertar sob uma enfiada de pedradas. Ainda podia gritar pela velha, mas, em vão. Da padaria, onde trabalhavam salvando o pão das investidas das águas e praguejando contra a umidade, foi que ouviram o estrondo e, depois, os lamentos. Deixaram apenas um dos companheiros cuidando do serviço, para atender, ver de que se tratava. Logo depois vieram outros com caras de vigília e até Genarino, que não arredou pé enquanto não viu o amigo salvo dos escombros.

A chuva continuava indiferente aos seus feitos. Dali a momentos o silvo cortante da sercia dum carro de assistência respondia ao chamado telefonico. Os homens que saltaram da ambulância branca viram que com o corpo da mulher nada mais havia a fazer. Cuidaram do rapazola, que agora percebia a impossibilidade de se mexer. Meio desacordado notára a presença de Genarino e gemia, gemia... Desconhecia sua desgraça toda inteira. Estava sentindo apenas uma parte dela. Genarino seguiu no carro com o enfermeiro e atravessaram a cidade, molhada e fria nos seus sentimentos. Rodavam as rodas de borracha inflada sobre o calçamento firme do centro; e o calôr, entre as quatro paredes do socorro, esquentava os dois corpos dos varzeanos amigos. Igual sorte perseguia-os, como feitos sob a mesma estrêla.

* * *

Já então a paciência de Joaquim, o padeiro, se esvaíra. Começavam as blasfemias entre os pães. Os pe-

dreiros contratados haviam abandonado obras, andaimes, caibros parados e inúteis, cal, tijolos, tintas de rebóque... Tudo encharcado, num ambiente de desolação e de abandono. Nos fundos, os padeiros começavam a lutar desvantajosamente, aplicando desesperadas vassouradas, enchendo baldes no chão, repelindo, defendendo trabalho e local de produção, com represas de iabuas, utilizando tijolos da refôrma, improvisando, como num barco ameaçado de ir ao fundo. Agôra era a vez do balaieiro. Certa manhã os balaaios, as cestas, o material, a roupa, tudo appareceu no bairro, sobrenadando, era a ruína da barraca de Maximino e parecia que as águas gargalhavam sobre a voz desaparecida:

— El Diluvio! Chê, hay que hacerse...

O campinho do Varzea Futebol Clube era então um extenso lago de águas barrentas. Maximino havia fugido para a casa de Guilherme, tomava café e fumava compridos e fininhos cigarros de palha, preparados ali mesmo com habilidade e paciência. Agôra passára a falar baixinho, consigo mesmo, como gôtas de energias que se querem despejar, por inúteis. Maximino ironizava Maximino:

— Chê!...

... como si olhasse para dentro...

— ... hay que hacerse...

Depois vieram as carroças da Prefeitura, transportando quatro canôas pintadas de azul e o casco de pixe. Traziam nomes: *Tubarão*, *Terror dos Mares*, *Gaiolinha*, *Pitanga*... Misturavam-se funcionários municipais e moradores, na faina dessa lúta. Genarino arranjou uma vassoura velha, aparou-lhe a piassava, convertendo-a em leme e remo ao mesmo tempo. Os recantos da varzea estavam transformados num grande rio sujo. E era um ir e vir de homens, mulheres e crianças, como se com as águas apparecessem os fascistas para desmantelar a vida. Sáias e calças arregaçadas, transportando trastes, roupas, crianças de cólo, gaiolas de passarinhos enco-rujados. As águas avançavam vitoriosas. Em meio à grande calamidade havia risos e palavrões.

Antonio Ferreira veio saber de sua namorada. Nicolina estava com os seus, em casa, mais adiante, a familia toda ensimesmada, sem saber que providencias tomar e esperançosos de que isto passasse. Eram os mais arredios. O namorado foi então oferecer-lhes sua casa, que era no Braz, onde estariam a salvo. O bairro inteiro notou o interesse de Ferreira. As vidas humildes não podiam guardar seus mais reconditos segredos, nem as vergonhas que conservavam escondidas, no mais intimo.

Da porta da padaria viram surgir, certa manhã, um ourinol esmaltado. Dona Alzira não o reclamou, nem o recolheu ocultamente. Fingiu pedra. Mas, todo mundo sabia que aquilo era de dona Alzira da padaria. As vidas estavam viradas no seu avesso.

E Antonio Ferreira, o "Matarazinho", grãfino de porão, foi visto de calças arregaçadas, atravessando o lodaçal, levando Nicolina nos braços, como num compromisso público, para todos verem. Dalí iria sair casamento, sem dúvida. O namorado levava-a nos seus braços, roçava seu corpo ao corpo de Nicolina.

* * *

Numa noite, conversavam os três, Guilherme, Genarino e Irma. Todos se mudavam. Eles tinham que fazer o mesmo. Guilherme deixaria de ir ao serviço no dia seguinte e cuidaria de alugar outra casa. Nessa noite Genarino juntou suas coisas e entre elas encontrou a caixa de papelão cheia das notas de mentira, os envoltorios coloridos de cigarros. Lá fóra as águas continuavam num ruído sempre igual, cançativo e hostil. Há quantos dias? Era o barulho ameaçador dos elementos. De vez em quando, o éco distante da trovoada, como um aviso, como num fim de mundo. Maximino trocára a frase, dissêra, "hay que hacerse...", "hay que hacerse... al mundo"... e desaparecêra, sem avisar ninguém.

Genarino ia mudar-se da sua varzea. Pôs-se a desdobrar carinhosamente as suas "nótas", enquanto idéias do passado voltavam à cabeça. Ao apanha-las,

por certo que sua preocupação instintiva fôra salvar esses papeis. Então acariciava-os. Mas, teve por êles um começo de desprezo, que se transformou numa inesperada repulsa, como por dinheiro mal ganho e de que pretendesse vêr-se livre... Sentiu-se um pouco igual a dona Filomena, quando a vira contando e acariciando moédas de prata... Levou-as à cozinha e começou a queima-las minuciosamente, uma por uma, para que não ficasse rasto, como quem pulveriza um passado máu... De lá do seu quarto Irma notou a fumaccira:

— Fogo, Genarino?

— Nada... Uns paper velho...

Papeis vélhos! Sim, papeis velhos, papeis sujos, como dizia Guilherme. Nem dinheiro eram, mas apenas um simulacro besta, uma vontadezinha de que fossem, para não andarem êles escorraçados pela vida...

Mudaram-se dali.

* * *

Mais dois dias e o ceu começou a abrir-se. Estava esgotada a pança do gigante. Agóia pingava, apenas, como torneira mal fechada. E as águas, aqui na terra, sugadas, aguardavam o sol e o calôr para vaporizar-se de novo, regressar aos depositos suspensos das nuvens: baixavam, baixavam... Veio o barro; depois, um lodacal desanimador. E lá estavam os restos de varzeanos, de novo lutando, limpando coisas, repondo-as. Seu Joaquim largava gritos tremendos, na prêssa de recompor a padaria, chamar de novo os pedreiros, limpar, avisar a freguezia de que as entregas recommeariam.

Essa azafama, entretanto, não encontrou mais ninguém na casa de Guilherme e Irma. Estavam pelos lados do Bexiga. Irma e o companheiro sentiam-se mais dispostos, como refeitos, como num reinício: mudavam-se as paisagens aos seus olhos e alguns pensamentos vinham melhores, mais claros.

Mas, Genarino lembrava a rua Marechal de Ferro, onde as águas e as decepções haviam alagado seus melhores sonhos. Uma tarde não resistiu, foi até lá, visitou

todo mundo, procurou os dois cachorrinhos, eram agora Mimosa e Leão. E regressou cheio de novidades. Os proprietários dos terrenos haviam organizado definitivamente uma grande companhia. Chegariam, em pouco, enormes apetrechos para sugar tanta unidade, como haviam feito nos fundos de Pinheiros e em outros bairros que então se enchiam de bangalôs. A Prefeitura pensava retificar o curso do rio Tieté para desviar as águas, evitar novas calástrofes. Mas, todos os velhos moradores procuravam mudar-se, não poderiam pagar aquilo que a grande companhia de terrenos cobraria. A rua Marechal de Férro estava ameaçada. Se o nome não fosse feio, se não fosse necessario atrair freguezes através das denominações pomposas, por exemplo, rua *Florida*, rua do *Ceu*, rua *Paraízo*, rua *Topazio*... quem sabe, nalgum ponto poriam uma placa com este nome: rua *das Três Velhas*. Porque a história das três pobres mulheres, Filomena, Esmeralda e Benedita, tornára-se ponto de partida para novas lendas, que a coincidência da vizinhança e da morte, uma por uma, reforçava. Até seu Joaquim mudava seu estabelecimento, apesar das despesas da reforma.

* * *

À noite, saíram os três companheiros, pelo novo bairro, subindo a rua Almirante Marques Leão, que ligava o Bexiga e a Saracura Pequena à Saracura Grande e ao Morro dos Ingleses, numa mudança paulatina de paisagem e de aspectos desconhecidos, num crescimento do rancho até o palacete de turco rico, cheio de colunas, ladrilhos, marmores e solidão. Lá no alto pararam em frente ao Sanatório Esperança. A dois passos do aglomerado de casebres, onde se haviam refugiado da enchente. As luzes que se avistavam daqui de cima, se encontravam todas acêsas. Guilherme conhecia a história da grande cidade e foi contando que o vale do Anhangabaú, hoje larga e faustosa avenida com túncis e viadutos de cimento armado, havia sido cheio da mesma unidade da rua Marechal de Férro. Com os anos os moradores foram conquistando terreno para suas habitações. Ainda hoje, para se construir um prédio é

necessário sugar as águas antes de plantar alicerces. Para construir o Martineli, que se via lá em baixo, enfeitado de anúncios de gás-neon, havia sido um grande custo e uma vitória da técnica. O do Banco Comercial, também. No centro, um prédio de vinte andares, cujos alicerces haviam cedido na frente e estava penso como a torre de Pisa, de que tanto ouviam os italianos falarem. Silenciosos e atentos, Irma e Genarino ouviam o amigo contar.

Mas, a história verdadeira da cidade continuava lá nos seus confins, nos fundos das varzeas, onde os homens não possuíam máquinas de construir casas, nem sugadores de humidade, nem retificadores de rios, nem... Vinham os três das furnas da capital e daqui de cima contemplavam o vasto planalto cheio de paredes e de pequenos retângulos iluminados, que eram as janelas. A cidade vivia na pulsação do seu milhão de habitantes. Era a primeira vez que a contemplavam quasi inteira. A cidade que custava tantas lágrimas e tantos sacrifícios e sufocava, no seu fastígio, seus próprios lamentos, fria e impassível. Permaneceram até muito tarde, olhando-a, namorando-a na profusão de luzes. Lá em baixo prosseguia a vida com seus anseios, tragédias, grandes momentos, e mesquinhezias, numa misturada de loucura e desarranjo humano. No pequeno desequilíbrio dos detalhes e no grande equilíbrio do conjunto. Teatros, cinemas, hospitais, botequins, champanhe, cachaça, bancos, cabarés, casas de jogo, igrejas, tudo cercado de lares, ansiedades, desenganos, gemidos, exclamações, soluços, despedidas, regressos, amores, promessas, sonhos, vidas novas, cadáveres velados, corpos e almas... Aqui nos bairros pobres era o silêncio do repouso para a jornada seguinte. Como as camadas de carvão, depois ferro, carvão, depois ferro, dentro dos fornos metalúrgicos. E, pela bica, o líquido estuante da vida...

Genarino conhecia agora a história da sua cidade. Diante dela, pela vez primeira, como diante de um atleta poderoso, viu de novo a ruazinha obscura e esmagada, que ia agora desaparecer... Lembrou o samba carioca, um barulho ritimado de pandeiros e tambó-

rins, reco-recos e cuicas nos ouvidos, no ritmo daquele enorme anuncio azul e vermelho, que se acendia e se apagava, se acendia e se apagava, como notas silenciosas de música que faz bem e faz mal à gente... Regressavam. Irma e Guilherme, abraçados, iam adiante. Genarino cantava por dentro:

Vão acabar com a praça Onze...

Não vai mais haver escola de samba, não vai...

Chora o tamborim! Chora o mundo inteiro!

Favela... Salgueiro...

Guardai... os vossos pandeiros, guardai...

Guardava definitivamente, no melhor das suas recordações de infância, o pior, talvez da sua vida: os sonhos, os sonhos, como grandes estrélas baloiçando inacessíveis.

Quanto a João Flanela, Genarino passou a sentir por êle uma indiferença de quem não tendo procurado essâ amizade, bem poderia haver passado sem ela. O aspirante a treinador permanecera no bairro, entre os moradores mais felizes, não atingidos pela enchente. Ao lembrar-se de Saracura, porém, vinha-lhe o gosto amargo das faltas, dos compromissos não cumpridos, dos escorregões; sentia que seu dever era estar ao lado do enfermo, na cabeceira da cama da Santa Casa, onde o goleiro ficára desde a madrugada do desastre. Estava na seção dos indigentes; e os medicos, rodeados de estudantes curiosos, pela terceira ou quarta vez tentavam encanar os ossos das duas pernas metidas em gesso. José Campos provára dores que jamais imaginara existissem no mundo.

Enquanto que da grande turma do Varzea Futebol Clube, o que restava era alguns quantos procurando dar vida, de novo, aos treinos, Rafael, Borrego, Augusto, Luizinho... E restavam, mais, o sonho malgrado de Genarino e o sonho que se prolongava em duras incertezas, do goleiro Saracura.

Genarino sofrêra a decepção, como quem se acostuma, ajudado pelo tempo, a condições inferiores perante os outros; acomodou-se a custo, como rôlha nova em gargalo estreito, empurrada, espremida, resistindo, protestando. Depois, notou que João Flanela transferia sua preferencia para os lados do arqueiro Saracura. Rira-se disso, passára a sentir inveja, metia o pé, de peito, com mais violencia contra o arco defendido pelo

amigo, numa desforra e ao mesmo tempo para mostrar seu peso e sua força: do outro lado Saracura atirava-se como um esquecido do instinto de conservação, agarra-va a bola, todos admiravam os dois lances rápidos, o chute e a pegada. Nas conversas chegára a insinuar que por lá, pelos campos oficiais, somente tendo proteção. Que esse negocio de doença era inventado pelo médico, cheirava mais a conversa móle. Magreza não influe: quantos crâques magricelas não há pelos grandes clubes e que possuem folego de sete gatos?

Depois, foi esfriando, esfriando; começou a compreender que os fatos se realizavam em meio a centenas de fracassos: fora um, em meio a essa centena. Apenas fallára-lhe sorte. Tocava a outro aproveitar a oportunidade. Pensando bem, talvez o amigo Saracura fôsse o felizardo, pois no gôl não exigiriam tanta resistencia. Vigilancia e vivacidade, o mulatinho possuía de sobra. Quem sabe chegaria à varzea, pelas mãos de José Campos, essa fortuna de ganhar dinheiro, ter a vida assegurada e ser falado como um campeão? .

Entretanto, agora estava no fundo duma cama, de pernas partidas. Não sabiam, ainda, se estas voltariam ao normal; nem os médicos garantiam isso, pois haviam errado nas primeiras tentativas. João Flanelá, a primeira pergunta que fizera, ao visita-lo, fora essa. Sentia que as boas oportunidades, dentro da sua aspiração, lhe escapavam das mãos.

O enfermo desaparecêra até chegar ao esqueleto e à pêle. A fórma dos ossos era o que se notava na carinha sumida, os olhos fundos e sombreados de olheiras, como numa pintura e aquele olhar vivo em cima do couro, o couro agora substituído pelos vultos que passavam indiferentes e que êle aguardava se aproximassem, para pedir um lenitivo, uma injeção que adormecesse, por que motivo a mãe não vinha vê-lo e se ela estava melhor... Haviam-no enganado e nesse engano estava vivendo Saracura.

Era uma feíra interminavel de camas, cheias de gemidos. De vez em quando a morte vinha buscar mais um, que partia sob as vistas angustiadas dos demais.

As freiras passavam, tomavam o pulso, faziam mais um risquinho no diagrama atado aos pés da cama branca, davam um santinho de papel colorido e recomendavam que rezasse e tivésse fé. Queria mudar de posição porque sentia o corpo dolorido por inteiro. As enfermeiras achavam dificuldades. E as horas, vãs, sem outro sinal que os gemidos, se enchiam de dôres e de impaciencia.

Quando Genarino o visitou, lógo na primeira vez que lhe poudo falar, perguntou pelo Flanela e si os treinos continuavam. Não sabia. Não morava mais lá. Compreendeu o motivo do interesse de Saracura pelo treinador, mas disse que não o tinha visto desde a enchente, agora ia deixar dessa vida de jogar futebol!, trataria de aprender um officio e de estudar à noite.

Coitado do arqueiro do Varzea Futebol Clube! Voltaria aos gramados? Voltaria ao menos aos campos úmidos dos bairros miseraveis, onde se douram sonhos com o ouro fácil da imaginação?

Sobre tudo isso, o rodar da vida, na existencia destes pequeninos homens, mal saídos da casca para o sól, era um rodar ruidoso, difficil, todo inteiro de atritos, brechadas violentas, tremendos solavancos, ranger de material... Porisso, nasciam vidas de férro doce, que se amolda porque as amolecem ao fogo e às fortes marteladas. Entretanto, como férro esfriado nágua, nos contrastes extremos e cegos da temperatura, são vidas que se endurecem, quebram mas não vergam, mantêm-se ásperas e hostis por dentro, à espéra da primeira oportunidade; é férro, mas parece aquele aço das ferramentas de torno.

Ao sair, observou as visitas dos outros enfermos. Levavam pacótes que as enfermeiras e as irmãs examinavam antes. Sentiu-se de mãos vãs, mas não tinha dinheiro para isso, ainda não trabalhava, não era um homem inteiro, independente.

A família do marceneiro Nicolau Perroca permanecia em casa de Antonio Ferreira, com excepção de Daniel, o filho, que arrunára um quarto ali por perto. A figura chagada do velhe Constantino Ferreira impressionára de tal modo Nicolina, que esta sonhava com o pobre do homem. Nessa noite caíra num meio-sôno estranho, de cançada e cheia de irritações. Sonhava que seu namorado surgia das águas da enchente, em meio às canôas bonitas, pintadas de muitas côres, como numa fésta. Vinha busca-la, risonho, para o casamento. Dizia-lhe que estava bonita, assim de noiva. Agora os braços musculosos do homem prendiam-lhe as pernas e o corpo todo e sentia um abraço gostoso...

Acomodara-se num mesmo quarto improvisado, com os páis. A família Ferreira deixara-se empurrar para os fundos. A velha dona Maria estranhava os modos da filha e resmungava contra a passividade do marido, para o qual tudo parecia correr bem, contanto que fugissem à enxurrada. Havia três dias que não ia à oficina.

... e o sonho de Nicolina prosseguia, enquanto a mãe acompanhava de ouvidos e olhos a êles dedicados inteiros, os movimentos e as palavras estranhas, entrecortadas, da moça.

... Nicolina sentia-se levada nos braços fortes do seu namorado, como numa cena de cinema. Era um Clark Gable; ela seria uma Joan Crawford. As cenas de propaganda de filmes, reproduziam, também nos cinemas de bairros, a própria filmagem. Nicolina em

sonho via as máquinas assestadas para os casais de namorados, sob a admiração de todos os sujos da varzea. Mas, de repente, o sonho se transformou; sentiu-se mal no côlo do namorado, cujos braços roçavam pelo seu corpo como escamas de peixe e a figura de Antonio aparecia-lhe como enorme chaga vermêlha... Soltou um grito forte, sentou-se na cama, na intenção de correr. Os pés nús, sobre a friagem do chão, despertaram-na de todo. Dona Maria, num salto chegou-se a ela. Agora Nicolau Perroca também acordára, resmungando. O calor do regaço e dos afagos maternos foram um lenitivo. Mas, o chôro precisava vir e desabafa-la. Dona Maria foi fazer-lhe água com açúcar, nos fundos, pedindo licença a seu Constantino, que estava de olhos arregalados. O chôro e o susto de Nicolina continuavam. Nicolau adormeceu de novo, acostumado a estas coisas de mulheres e os cuidados com a filha deixava-os inteiramente a cargo da companheira: elas se entendiam melhor e lhe faltava entusiasmo para os filhos. Entretanto, quando dona Maria voltou, tornou a despertá-lo, afim de pedir-lhe que fosse dormir na cama de Nicolina:

— Ajuda a gente, vamo! Não vê que a filha se asustou? Ora, suas comodidade... suas comodidade...

Nicolina ia para a cama grande dos páis, como voltando aos tempos de pequena, quando sentia mêdo. Começou a pensar no Antonio. Ele era perfeito, não estava chagado como o velho Constantino. Entretanto, seus esforços nervosos eram em vão: as duas figuras se misturavam. Lutava, lutava por afasta-los um do outro, êles vinham mais fortes que seus movimentos imaginários, tornavam-se uma só figura, Antonio aparecia feito aquela chaga vermelha, horripilante...

— Que é isso, filha?... Dôrme... dôrme... dôrme quiétinha... Amanhã é domingo... Vamo passia e vamo procurá uma casa só prá nós...

O dia seguinte seria um domingo, dia em que os homens permanccem em casa. Antonio dissêra-lhe que seu forno estava finalmente acabado. Ia ser a primei-

ra próva. Mostraria a Guilherme e aos amigos que faziam caçoada de suas pretensões, como se ganha dinheiro, se fica independente e se fica patrão. Fazia aquilo por ambos, pelo futuro lar. Ricos, casar-se-iam. Nicolina não podia se queixar dos futuros sogros, que a haviam recebido como á futura nóra, como quem acata o compromisso assumido pelo filho. Mas, a chaga ambulante do velho Constantino fugia á sua compreensão: rebentaxa o véu da irrealdade com que aprendera a tecer um mundo interior. Estava como uma aranha desprovida do sentido de sua inconveniencia nos aposentos humanos, tece na ausencia destes... e fôge espavorida quando um golpe de mão, simples e inconciente, reduz a nada todo o carinho de suas entranhas. O calór do corpo materno foi empurrando-a para a meninice, empurrando-a... Nicolina se enrolava junto ao corpo da velha e paciente progenitora, como uma criança. Descançou a cabeça, transtornada, sobre o cólo materno, travesseiro de carne, macio, acolhedor, que faz sôno e dá descanso...

Pela manhã foi um silencio diferente no bairro operario. Um silencio domingueiro. Apenas a alguma distancia alguém devia estar martelando freneticamente sobre uma bigorna, talvez com o trabalho atrazado. O som certo como tempo de musica; primeiro, mais surdo, indicando a maior grossura do ferro; logo depois, agudo, o aço do martelo aproximando-se do aço da bigorna. Era a denuncia do ferreiro perto.

Antonio aguardava Nicolina para mostrar-lhe que o forno estava pronto e levava fogo por dentro. Ia começar a sua industria de fundo de quintal e que, como na história das grandes e poderosas organizações, se transformaria em chaminés fumegantes, intermináveis paredes de tijolos nus, enfeitados pelas separações de rebóque, sem pintura. Hoje seria uma experiencia. Mas, sabia já, onde ir buscar encomendas. Faltava bronze na praça. Descobriria meio de ir busca-lo em quantidade. Questão de dinheiro, de ter dinheiro nas mãos: tudo vem fácil... Obteve o coque com umas sóbras do ordenado, embora deixando de pagar, nesse mês, a conta dos cigarros; tomara dois bondes na tarde do sábado e andara quasi um quilometro a pé, afim de conseguir algum saibro destinado ao pequeno batoque, a bola de barro com que taparia a bica, quando o metal fôsse suficiente para as três pequenas fôrmas dispostas no chão. O cadinho ao alcance das mãos. É preciso que o bronze atinja a temperatura certa. Trouxe uns pesos para coloca-los sobre as fôrmas, após o derame, afim de que o vapor do liquido fervente não le vantasse aquelas, estragando o trabalho.

Nicolina, refeita do sonho, fugia de encarar o futuro sogro, mas este, felizmente saíra para tratar de um novo serviço. A umidade da varzea desaparecia agora, talvez ao calôr das palavras entusiasticas e firmes do futuro marido; o sonho máu da noite se esfumava ante os sonhos bons que de novo surgiam na cabeça, feitos de promessas da imaginação. E ali, o pequeno forno, capaz de iniciar a grande estrada para ambos. Foi sentar-se num caixote de sabão, vasio, e as mãos no rosto; tinha os olhos cismadores em cima da elevação de barro e tijolo, o forno que derretia a mistura de bronze; de vez em quando Antonio levantava a porta de ferro e remexia lá dentro com a alavanca: um clarão rápido iluminava-o e ia esquentar também a moça, como uma saudação do metal que os tornaria ricos e tranquilos, trazendo vestidos, respeito, festas e sociedade. Envidado com a presença da namorada, Ferreira falava e falava, sem cessar. Parecia trabalhar movido pela eclosão dos recalques contra os incredulos da sua capacidade. Ficaria livre, sim, da cangalha de operario. Já conquistando cada vês mais o respeito da futura mulher. O horror do sonho máu desaparecera. Ela reparava detidamente num Antonio intacto, rosto liso, tomado embóra pela barba destes dias de inteira preocupação; o cabêlo caíndo-lhe sem o fixador gosmento; o suor tomando-o; o aventalão de couro e os braços nús, peludos, transformando o seu Clark Gable, como naquela fita em que este aparece sujo, em meio a poços de petrolio. Tudo o que Antonio faz e diz, tudo está bem certo. Assim, deste modo, é que ganharão dinheiro. Guilherme é um errado; só pensa na guerra, lá longe, não sabe aproveitar estes tempos em que poderiam ganhar dinheiro mesmo assim, poderiam tirar o pé do lodo e da miseria... Há-de sair desta sujeira de homem explorado. Há-de ter operarios por sua conta e um bom mestre para dirigir o grande forno e, depois, os grandes fornos, a fundição de banheiras, pias, caixas-d'água, grandes peças de máquinas... E êle, bem vestido, ditando ordens na gerencia, atendendo ao telefone... alô!... aqui é a Metalurgica de Antonio Ferreira & Companhia...

De lá de dentro aparéce a chaga ambulante, metade-chaga, metade-homem, a bôca entre-aberta constantemente, o braço direito quási imóvel, balançando como trapo inútil: é o velho Constantino Ferreira, que regressa da rua. A luz do dia, vindo fórte depois das chuvas, cái sobre as dóbras da péle avermelhada, manchada de placas brancas, reverberando... Nicolina, apanhada de surpresa, não evita um movimento de repulsa, tapa os olhos com as mãos e, depois, disfarçadamente, baixa a cabeça. Ouve a voz, as palavras mal pronunciadas do metalurgico mutilado:

- Quando que acendeu?
- Agóra de manhã... às seis óra...
- Mais você num tem relojó?
- Por quê?
- O qué que está aí drento?

E com a mão esquerda, como despreocupado em ambiente conhecido, que já o saturou, apontou o forno, enquanto o braço direito baloiçava inútil.

— Bronze!

— Num vê que já passô da hora? Num tem médo que rebente?

A noção do perigo, naquela casa, possuía, nas chagas horrendas do homem, um aviso constante, que póde despertar em definitivo, à menor palavra, com a rapidez dum salto de gato. Desde o dia de sua desgraça, Constantino conservava a preocupação da hora certa de furar o forno, de dar saída ao líquido fervente... Aгарrou a alavanca pontuda com a mão esquerda. A necessidade de continuar na mesma profissão déra-lhe uma agilidade que tinha modos diferentes do homem normal, mas compensava quási que por compléto a falta do outro lado. Era um meio-homem rebelado, que vivia duplamente com a outra metade, metade-felino e metade-lesma. Foi furar em cima da bica, a parte mais vulneravel. Parecia um demonio lutador, sério, e o riso que lhe dava a parte descarnada era como um riso de ódio vitorioso! Era por isso, talvez, que sempre lhe entregavam a missão de furar...

— Tem aí o batóque?

O filho, medroso do fracasso, correu á ferramenta, ainda se pôs a olhar a bóla de saibro destinada a tapar o buraco no momento preciso...

— Mais... a liga do batóque tá boa?

Nicolina estava assustada e esquecida por êles, que tinham então todos os sentidos em cima do forno ameaçador. Medrosamente, como quem foge a um bicho que a espreitasse, os gritos dos dois homens pedindo ferramentas, lembrando providencias, pareciam uma borrasca. Queria gritar ao namorado que largasse tudo, fugisse dali... daquele espetaculo feito para martirizá-la.

Antonio largou o batóque proximo à mão esquerda do pái, que furava, furava... Quando a mina apontou, como uma pequena risada, que a luz forte do sól fazia brilhar, viu que tinha razão: o metal saía branco, havia passado do tempo, pensou rapidamente, resmungando, na desgraça que poderia atingir tambem ao filho... Já então, o velho marceneiro Nicolau ouvira os gritos e viêra acudir, queria ajuda-los, mas não tinha prática e receava atrapalhar. Estranhou a expressão da filha lá no fundo do quintal, uma expressão de medo, mas não alcançou o motivo, parecia um corpo insensível e costumava deixá-la, em qualquer caso, sob os cuidados da mulher. As mulheres se entenderiam melhor. Sempre se entenderiam melhor, esta era a experiencia de Nicolau Perroca. Inesperadamente, porém, sem que êle atinasse porque, a filha veio numa corrida ao seu encontro, abraçando-o e o velho Nicolau, sem jeito, havia perdido, há muitos anos, a preocupação de ninar os filhos. Aquilo continuava sendo, para êle, assunto de mulher. Largou uma pergunta atôa:

— Já tomou café, minha filha?

Não era isso que a preocupava. Deixou os braços do pai, cujo cachimbo se apagára e que ele ficou chupando, ouvindo o ruído do sarro, sem pensar em acende-lo de novo, agora o olhar caído sobre os movimentos dos outros dois operarios. Nicolina fóra em procura da mãe, que se preparava precisamente para sairem em busca duma habitação ali pelo bairro, que fosse perto da marcenaria onde trabalhava Nicolau. Antonio

não percebeu a ausencia da namorada. O metal appareceu apressado pelo furo, escorreu como um corisco, soltando fumaça, misturando sua luz à luz do dia, saltou do rêgo de barro, despejou-se no cadinho, enquanto Constantino, com a mão no férro do batóque, aguardava o momento de tapar a saída de novo. Quando o cadinho se encheu, Antonio tratou de despeja-lo nas fôrmas. De vez em quando o liquido borbullava nos furos de entrada, impacientando-o ainda mais. As blasfemias do velho pái, entretanto, preocupavam-no, irritando-o. E o batóque não resistiu...

— Traga o cadinho, palérma!

O liquido ameaçava derramar-se. Um batóque bem feito, de boa liga, sómente vélhos e experimentados sabiam preparar. Mesmo assim, falhavam, muitas vezes. Antonio se apressára, na ânsia de realizar, preocupado com os resultados futuros do trabalho, mais do que com o proprio trabalho presente, as dezenas de detalhes que o profissional leva pelo miolo e que representam o seu conhecimento do officio. Invejava Guilherme, que tinha paciencia e amôr às obras, coisa que êle não havia meio de sentir. Não estava feito para tal ambiente, convencencia-se em definitivo. A aversão pelo monstro vomitador de férro, que deveria residir toda inteira no pái, se derramára mais do que tudo pelo filho. Queria sair desta sujeira de operario explorado pelos outros. Enquanto isso se passava no raciocinio do jovem e Constantino ainda fitava o bronze minando, o marceneiro Nicolau partia dali meneando a cabeça branca, metida no boné, chupando seu cachimbo frio. A mulher e a filha já haviam saído. Deixou a casa, tambem, mãos nos bolsos, ía tomar uma pinga para esquentar-se ainda mais, que o sól não vinha suficiente. E era assim que, meio risonho, mas sem jeito para fazer piades, pedia cachaça:

— Duzento réis de cobertor...

Lá no quintal, o bronze liquido destruíra o batóque e continuava a escorrer.

— Por que não fez ôtro de reserva?

— Pensei que esse tivesse bom...

— Pensei... pensei... de pensá morreu um burro, sabe?

Antonio não podia reagir contra recriminações: estava diminuído. Olhou o fundo do quintal: Nicolina desaparecera. Ria-se dele, com certeza... Todos se riam d'êle... Olhava o líquido escorrendo como o riso de todo mundo ali sombolizado. E por cima, o cadinho era pequeno, o metal transbordou, foi-se misturar à terra, no chão... Exasperado, Antonio Ferreira meteu o pé no forno, convencido de que não o haviam feito para isso. Arrancou o aventalão de couro, quasi rebentando os tirantes, vestiu o paletó sobre a camisa suja e suada, meteu o chapéu na cabeça, como um descontrolado, nem pensava mais na futura companheira, dirigia-se ao botequim da esquina, onde encontrou o homem que seria seu sogro... não sabia mais quando o seria, nem porque... Agora eram apenas dois homens frente ao balcão e que matavam o bicho.

Tambem êle tomava?

— Mais duzentos réis de cobertor!

E riram-se, duas risadas diferentes, uma em cada cara.

— Mais duzentos... de quê é mesmo?

— ... Ah! de cobertor...

— Isso: de cobertor!

O velho Nicolau não compreendeu a tragedia de Antonio. Neste momento, ninguém poderia compreender o metalúrgico.

Em casa, dona Maria e Nicolina, de regresso, procuravam Nicolau para saber se estava bem duzentos mil-réis pelos baixos duma casa, ali adiante: um porão alto, dava para viver e em todo caso experimentar... O marceneiro largou seu futuro genro bebendo, pedindo mais cobertor: o moço precisava acalentar de novo a imaginação.

No quintal, o metalúrgico Constantino, metade-chaga, metade-homem, acariciava as paredes externas do forno, sentia o esfriamento paulatino. Este pequeno

monstro não estourára, como há anos, na grande oficina que o deixára chagado, repelente, assustador de crianças. E sua mão esquerda acariciava o forno, sentindo-o cada vez mais frio, um monstrozinho vomitador de baba fervente, já agora impotente, inofensivo.

No chão e no cadinho, a mistura de bronze ficava imóvel, rígida, depois de ter desenhado figuras amarelas, curiosas, mas inúteis.

A cidade estava agitada por um grande acontecimento de repercussão nacional e que ocupava o telégrafo, o rádio, os jornais e todos os espíritos: anunciavam o afundamento de mais três vapores brasileiros pelos submarinos do eixo; nas irradiações da noite, de locutores irresponsáveis, parlapatões e desprovidos de qualquer sentimento humano, fascistas até à medula dos ossos, Berlim vociferava contra o Brasil. Era a cegueira da provocação. Cadáveres de marinheiros e de tripulantes davam às praias baianas. De Norte a Sul, a notícia penetrava e sacudia a consciência popular, os estudantes se reuniam em manifestações, o povo tomava as ruas.

Nas escadarias do morro dos Ingleses, um jovem barbeiro cantava "Torna a Surriento" com uma voz bem napolitana, dos tempos em que a alma italiana nem sonhava com a figura de seu ditador de hoje. O barbeiro era como um louco separado da vida.

Genarino, Irma e Guilherme, passavam apressados em demanda da cidade. Na praça da Sé os populares se reuniam, surgiam de todos os cantos, como sacudidos por forte e sonora clarinada. Era a eclosão do desabafo. Os três companheiros levavam em suas expressões a disposição da luta e da solidariedade. Brotava uma força recalcada de há muito. Realizava-se uma jornada que prometia a concretização de aspirações potentes. Doloroso era saber da humanidade ferida em todo o seu corpo, desfolhadas as flôres dos seus mais belos sonhos e esta parte do corpo, sensível e revoltada, — o Brasil — entretanto imóvel. Afluiam todos os pedaços

de energias do povo. Irma e Genarino apoiavam agora em pensamentos e em palavras, tudo quanto Guilherme deixava escapar dos labios que tremiam. Sua tragedia, seu regresso a um officio já superado, percebia-o agora sufocados pelo odio dirêto ao fatôr de todos os regressos. A idéia de irem, os três, ao comicio anunciado pelo rádio, espoucara-lhe como primeiro játo forte de uma torneira. Atravessaram a rua dos Ingleses em demanda da avenida Luiz Antonio, mas desistiram de tomar um bonde; estes vinham apinhados, nem paravam mais nos pontos e a prêssa de chegar não permitia aos três immobilizarem-se, à espêra. Seguíam a pé, misturando-se à multidão que se comprimia nas calçadas com o mesmo ruído. Genarino sentia-se livre e disposto, como numa festa. Avançava nas suas perguntas ao operario, que respondia em altas vozes. A companhia de Irma e de Guilherme, enchia-o de pensamentos novos, desligados da rotina do passado. Agora a crença nas palavras e nas idéias de ambos se aprofundava, ganhava o alicerce dos próprios fatos. Se Saracura não estivesse amarrado à cama da Santa Casa, iria busca-lo, para convencê-lo destas novas idéias. Se Pestanudo e seu bando não andassem perdidos pelo Instituto Correccional, trataria de convence-los a um novo gênero de vida, que possuía, agora, para êle, novas e fecundas razões de existência. Se Pedrinho... Se José aqui estivesse, vivo... Se Mafalda compreendesse...

Um formigueiro de homens e de mulheres agitados, caminhando a passos largos, em cima da hora. Os commentários, em todos os grupos, o mesmo assunto, os mesmos prognósticos, as mesmas promessas fervorosas: o combate à quinta-coluna e ao fascismo. Viria a guerra com toda certeza. A ânsia de engrossar a força que assim esmagaria mais deprêssa os horrores do fascismo, estava se movendo dentro de todos esses peitos, prenhes de entusiasmo e tambem do cansaço da espêra longa, demorada. A praça da Sé, enorme, extensa, era como uma grande milicia conciente, que ia desde a praça João Mendes, por detrás da Cathedral e alcançava a rua Direita e rua Quinze. A memoravel praça da Sé, onde o

povo manifestára tantas vezes suas vontades e onde, agóra vinha apelar para que o governo declarasse a guerra; o povo queria combater contra o eixo, vingar-se do assassinio de seus irmãos.

— Queremos a guerra! Queremos fuzís!

— Abaixo o fascismo!

Os alunos e mestres da Faculdade de Direito passaram nesse momento, enfeitando de estandartes e de faixas cheias de dizeres, o mar de cabeças. Lógo após vinham os da Faculdade de Filosofia e Lêtras. Genarino lembrou o mar de jornaleiros nos campos do Tatuapé, lembrava a eclipse de cabeças, cem-mil ao sól, no Estádio do Pacaembú; com vigor entrava por êle a noção da força gigantesca da massa e da qual lhe falava Guilherme. Haviam-lhe ficado em meio a esse segundo plano maior, mais denso, o primeiro plano, vigoroso de côres, daquelas filas de operarios sérios, gestos lentos e cansados, passando pelos campinhos varzeanos, nos dias da grêve. Pela grêve, pelo futebol e, agóra, pela guerra! O povo defendia seu sustento; defendia seus divertimentos; queria defender seus bríos e a vida. De mãos dadas, para não se perderem, enfiaram-se os três pela multidão, fizeram-se uma parte agitada do colôso humano. Ali a alguns metros de onde se encontravam, numa tarde quási como esta, de lúta, os fascistas haviam assassinado José Brambila, que já antes desta guerra lutava com seus companheiros, contra os inimigos do povo. Era um dos primeiros brasileiros mortos pelos barbaros. E Genarino se orgulhava disso! Uma voz potente veio pelo microfone e encheu a praça. Era um estudante que anunciava o inicio da solenidade e do grande clamor. Genarino ficou de chapéu na mão, ouvindo, guardando uma por uma, as palavras novas:

Sangue brasileiro só se lava com sangue!

Sem querer foi apertando cada vez mais as mãos dos dois amigos, obrigado ao silencio, como si deste único modo lhes transmitisse suas emoções...

... terra dos homens que nasceram livres e só sabem viver livres...

... e não compreendemos a vida sem liberdade...

Não alcançava muito bem o conteúdo de muitas frases, mas segurava a impaciente curiosidade de ouvir mais... mais...

... não compreendemos democracia sem guerra, enquanto existir fascismo no mundo...

Estavam esquecidos de todo o résto. Quando o alto-falante anunciou a dispersão do comício, ainda atravessaram a rua 15 de Novembro para acompanhar os grupos de manifestantes ainda não satisfeitos, que gritavam, pediam um desforço, procuravam os cartazes da frente dos jornais, queriam mais notícias. Era um só e volumoso grito de toda a cidade:

Guerra! Guerra! Guerra!

Os radios transmitiam detalhes do traçoieiro golpe nazista e marchas militares, proméssas, recomendações. A cidade era o fervedouro. Vinham notícias de todas as partes. O povo via-se na rua, clamando, no Rio Grande do Norte, na Baía, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, na Capital Federal... Os discursos lembravam a sórte da França e da Polonia, os Darlans, os Petains, os Lavais, os Doriots, o perigo constante do quinta-colunismo.

Os três amigos, cansados, deitaram-se tarde, ainda conversando. Ao regressar, passaram de novo pelo morro dos Ingleses. Guilherme olhou para o alto, o ceu escuro, sem uma estrêla. Mas, na curva do ceu viu um grande abraço. Era o abraço sincero, humano, feliz, dos anti-fascistas, dos brasileiros, aos anti-fascistas que nesse mesmo momento respondiam com o fogo das suas armas aos incendiarios da cultura e do trabalho e da fraternidade das raças. Eram as medidas concrétas que preocupavam aos três, agóra também a Genaro Brambila. Irma lembrava a figura odiada de Marinoni, o contra-mestre da seção feminina, lá na tecelagem. Qual-quer dia — lembrava as palavras de Guilherme — qual-quer dia a correia rebenta! Genarino, se pudessem apontar-lhe os assassinos do seu irmão... E Guilherme fi-

tava o ceu, lembrava o abraço, a solidariedade que seguia pela enorme curva azulada em demanda de todos os confins e recantos da terra, onde se lutasse contra o negrôr do fascismo.

* * *

Na manhã seguinte, quando o casal despertou, antes mesmo de procurarem o fogareiro para fazerem o café, ambos ouviram ruídos no fundo do quintal; foram ver; Genarino juntava latas velhas, arcos de barris, painéis furadas, amarrava-os num barbante. Tinha os olhos fuzilando cheio duma ideia forte, como no dia em que amarrára a primeira bola de papel, na rua Marechal de Férro. Naquela tarde conseguira reunir amigos em torno à idêcia do futebol, surgira um clube, o Varzea... Agóra estava unido, como todos, aos operários e aos anti-fascistas do mundo, que almejavam a liberdade e o progresso, queriam democracia e sentia-se ligado ao povo inteiro do Brasil. Dalí surgiriam os batalhões redentores, que amanhã ou depois ajudariam o mundo a lutar contra seu maior inimigo...

— Que que está fazendo, Genarino?

-- Juntando metal... para a vitória... Vou levar na pirâmide do jornal...

Depois, quando veio tomar café, falou sério, compenetrado, aos seus amigos:

— Também queria outra coisa...

Irma e Guilherme entre-olharam-se.

-- O que é?

— Queria entrar de aprendiz numa fábrica... quem voçês... Sê operário...

Olharam-se de novo, como transportados pela vitória do trabalho silencioso de ambos. O jovem estava compreendendo, afinal, sem que o tivéssem empurrado para dentro dos barracões da produção, como um forçado. Dizia "entrar numa fábrica", mas, o sentido do que exprimia nada tinha a vêr com uma quêda imposta pelas necessidades; possuía elevação. Ele queria ingressar no convívio duma classe.

— Isso é canja, Genar... Que é que quer aprender?...

— Tecelage... que-nem você...

E apontou Irma.

—... este negocio de vendê jornal e futibor, não resorve...

Os dias succdiam-se cada vez mais sêcos, cheios de sôl fôrte. Mas, hoje, parecia que o astro vinha saudar como um irmão, os pensamentos bons e generosos de Genarino.

No seu novo mundo, Mafalda procurava um apoio, uma ligação com o passado, não conseguia quebrar o todo de sua existencia. Nessa manhã, fôra ao cemitério, enfeitára as três pobres sepulturas de flôres custosas compradas num dos balcões da rua Eugenio Leite. Os acontecimentos dos últimos dias haviam-na encontrado insensível e aborrecida. Todos conversavam assuntos de politica e de guerra. Eram discussões fortes que vinham ameaçar sua nova existência vazia, sem as preocupações enervantes do trabalho. Mário tambem se ocupava disso e ficava lendo jornal, na cama, até mais tarde, interrompendo-lhe o sono, a luz sempre acêsa. Mas, era o senhor da casa, o homem; substituíra o aparelho de radio do apartamento por outro maior, de ondas curtas e longas e às vezes via-o levantar-se da cama, liga-lo novamente, ouvir estações estrangeiras. De dia, comprava todas as edições dos jornais. Os homens pareciam ter enlouquecido de um momento para outro.

A evocação das três vidas transportou-a de tal fórma ao passado, que teve desejos estranhos. Sonhava acordada, no retangulo da janela, diante da paisagem vazia; e lá no pedaço de rua, que avistava, distante, homens e mulheres e crianças, figuras pequeninas caminhando, parando, agitando-se... Sonhava esta vida que Mário lhe proporcionava, comoda, fácil, mas ao lado dos seus, ainda vivos. O trabalho levára seu pai; a politica o irmão; os desgostos, a bôa e paciente progenitora... Genarino... Ela se descuidára do irmão, que parecia indiferente às suas palavras e explicações, parecia compreender a sua quêda, parecia desprezá-la. Mário não dêra atenção ao pedido. Suas respostas eram sempre

as mesmas, como chapas decoradas. Estalava a lingua, ficava sério, com uma cara de aborrecido e voltava com a argumentação conhecida: que lhes custava viver tranquilos, somente eles dois, sem complicações de parentes? O rapaz, vai ver que nem sabia lêr, nem escrever...

À janéla do apartamento Mafalda continuava pensativa, sucumbida. Levava a mão ao ventre, pensando na vidazinha ameaçando formar-se. Filho... filho... do que? De um advogado e de uma lavadeira... Poderia vir a registrar essa creatura, poderia dar-lhe um nome? Lá em baixo estavam de novo as suas iguais. Já havia algumas semanas que delas se afastára; a lembrança dos seus transportava-a novamente à idéia do desconforto. E, ali a dois passos do conforto de agóra, estavam as suas iguais:

— E seu filho?

A pergunta vinha do outro lado, da voz que ela conhecia como a um personagem de rádio, que não se vê nunca: era Maria. A outra, que ela via bem, Joana, esta não percebêra a pergunta:

— Que é, dona Maria?

— ... seu filhinho?...

— Ah!... morreu...

— Morreu?!!!

— E'... Deus quis...

— Aonde foi, que não ví?

— Indianopole... N'ospitar das criança.

— Quando?

— Faiz vinte'dia...

A cara de Maria devia ser de pasmo: tal-e-qual se imaginam as expressões dos locutores de rádio quando fazem uma pausa longa, propositada, após a noticia triste, ou apenas deixam escapar uma exclamação indefinida. Joana parecia não se sentir bem com o pasmo da outra e procurava saída para a situação, que a incomodava.

— Deus que quis... O que Deus faiz é bem feito, não acha?

— Você não sentiu?

— Olhe, dona Maria: a gente nunca que sabe o que vai acontecer... o que vai sê dos filho. Melhor piqueno que grande. Piqueno não é nada. Grande a gente sente mais, porque deu mais trabalho...

— E o ôtro?

— O de São Caitano?

— E'... o crescido!

— Num sei. Acho que agóra vai prá guerra... Todos moço vão prá guerra, agóra! Deus sabe o que faiz... não acha, dona Maria?

A insensibilidade da mulher fez mal a Mafalda. Deixou a janéla: a voz das duas lavadeiras tornava-se uma coisa incomoda. Depois do aguacero caído sobre a cidade, revezava-se o sól e uns chuviscos finos de despedida, irritantes, enchendo as coisas de umidade. O quarto do apartamento parecia-lhe uma prisão, uma gaiola dourada.

Os sintomas da sua gravidez estavam confirmados e ainda não se animava a revelá-la ao amigo. Encheu-se, porém, de novas forças, porque levava mais energica a idéia de abortar de uma vez. Mario devia conhecer alguem que fizesse isso. E com a sua aversão a filhos, haveria de ajuda-la. Ligou o radio e na enfiada de estações cheias de vozes e de anuncios, procurou uma musica que a fizésse esquecer, fosse amiga. A música veio, ela deitou-se e começou a alisar o ventre, como despedindo-se da creatura que não chegaria a conhecer.

Entre as centenas de fios esticados e paralélos, a lançadeira vai e vem, trabalha qual mão firme e apressada duma costureira gigante. *Plác-plác... plác-plác...* O algodão, agóra transformado em tecido, dum branco ordinário, amarelado, recebe novas cargas de fios, a peça experimenta estiramentos rápidos e torna a amolecer-se um segundo, vêm novas cargas... Novos fios se integram na fazenda. Genáro Brambila, tal como o registaram nos livros da fábrica, é então um só olhar fixo sobre as centenas de fios. Repetidamente, um, dois, ao mesmo tempo, se arrebatam: as mãos magricelas do aprendiz acórrrem, concientes do valôr do tempo que não perdôa, procuram as pontas rebeldes, atam-nas, a máquina regréssa ao seu ritmo e o corpo do jovem à posição de expectativa, o olhar cai inteiro sobre a traina do algodão, que as operarias enrolam lá adiante, na outra seção, rotulam, fazem-nas conquistar um preço industrial; depois, séguem para enorme deposito de prateleiras altas, que sómente escadas interminaveis alcançam e ali ganham preço comercial. Tombam sobre caminhôes, chegam aos mostruários das lojas dos bairros ou da rua 25 de Março... Ou rôlam para vagões de estradas de férro, séguem para armazens do interior, das fazendas, para as camisas desajeitadas dos colonos, em tróca de vales e do suor de estrêla a estrêla... Agóra, porém, em poucas zonas do sertão o caboclo pôde comprar para a camisa. Camisas? Contam os proprios fazendeiros que êles são engenhosos, inteligentes. Engenhosos... inteligentes... — repétem. Agarram sacos de fibra, que se esvasiaram de adubos, roubam-nos, córtam um semi-círculo no centro do

fundo, dois outros dos lados, metem-no no corpo, eis a camisa do caboclo! Os industriais não reclamam que o consumo nacional esteja baixando, uma vez que a guerra exige soldados vestidos e os pedidos do estrangeiro aumentam. Mas, Genarino ainda não conhece esta vida do sertão e seu amigo Pedrinho — o líder dos jornaleiros — fugiu para o mato, não lhe contará as histórias de irmãos caipiras, quem sabe do mundo, que dá tantas voltas?... A cabeça do ex-Pé de Pato,, firme aqui sobre a produção do tear, que ainda não contróla. Irma trabalha na mesma fábrica, mas, lá adiante, no outro pavilhão. Cuida de quatro teares, produzindo casemiras. O aprendiz teve que começar ajudando apenas num tear de algodão, para, um dia, chegar a operario qualificado, com o nome nas fôlhas de pagamento. A seu lado, um companheiro que grita, instrui, ri-se. Ainda não tem salario. A primeira coisa que teve a fazer foi acostumar os olhos à luz fraca da fábrica. Ardiam-lhe. Terá que superar dificuldades, como quando começou a chutar pedrinhas nas calçadas, passou à bola de papel, à de pano, àquela de borracha, que roubou no parque infantil, depois começou a chutar gômos de couro, a de número três, e por fim, número cinco e o levaram ao campo da rua Cantareira para treinar... ao lado dos grandes cráques... quasi um cráque...

O operario saltou para socorre-lo. Genarino distraira-se. Isto era comum nos aprendizes.

— Dormindo?...

Advertencia que borra recordações. Ele caiu de novo com os olhos em cima do algodão, o trançado atrapalhava-lhe a visão, escurecia-a, saiam lagrimas... quando se deitava, estavam vermelhos e doloridos... Respirava o pó que vinha do chão, com a cabeça baixa. Mas, a cabeça não podia ficar se distraindo apenas naquele movimento rápido, sempre igual, cançativo... As energias exigiam mais. Queria aprender depréssa. Quanto mais depréssa aprendesse, mais rapido subiria, livrar-se-ia dos movimentos iguais, passaria a controlar um tear, sua posição seria do outro lado, no corredor transversal, teria o nome nas fôlhas de pagamento, viria o contra-mestre verificar quantos metros...

— O quêee? dezesete? O quíceee, seu Brambila!

Porisso, devia prestar muita atenção. Um dia o operario dirigente diria qualquer coisa.

— Já está melhorzinho... Não apanha tanto dos fio..

Então passaria a controlar maior número de teares... um... dois... três... quatro... De quatro não se póde passar. Mas, depois, galgaria a seção de casemiras, até o trançado mais difficil, um... dois... três... quatro...

Sentia-se já acalentado por aquele sentimento novo de que lhe falavam Guilherme e Irma: era o sentimento de classe definida. Queria ser mais dois pés movimentando-se em meio ao corpo da centopeia que cõbre o mundo do trabalho. Os teares... quinhentos teares na fábrica se encontravam sob a vigilancia alênta dos operarios; como uma posição importante na guerra contra o fascismo, guardada por batalhão ativo e conciente. Cáras sérias. De vez em quando, um palavrão. De rai-va ou para brincar:

— Olá, cára de cuica!

— Como vai tua irmã?

— Anda bem, agóra, com a tua...

Em geral, eram os jovens, como êle, cheios de vontades e recalçados.

Para Genarino, entretanto, o impeto de prosseguir estava no convívio quente com aqueles mesmos homens que se lhe haviam revelado nas tardes da greve dos jornaleiros. Naquelas tardes de fracasso, sentira-se amesquinhado. Agóra, porém, começava a pertencer a esse lado organizado da vida e do trabalho.

A hora do almoço ia se encontrar com Irma e dividiam o lanche. Os novos companheiros começaram a chama-lo de mulherzinha, de maricas... Reclamou seu lanche proprio e ficava aqui, comendo-o entre os homens. Daí, em frente à fábrica, estava a inevitabilidade do futebol. Alguem sempre trazia uma bola de pãno, formavam rapidamente a meia-linha. Genarino olhava aquilo, passavam-lhe a bola, êle empurrava o corpo para a frente, chutava, era um bom quique, mas o en-

tusiasmo passava num momento. Ainda não conquistára de todo o dominio de si mesmo. Para integrar-se, atrapalhavam-no instintos antigos, enraizados. Tinha pelos novos companheiros um respeito de filho. Guilherme orgulhava-se de sua obra. Vai ser uma peça bem ajustada — dizia.

Vinham as novas amizades. Homens como Guilherme havia muitos, que falavam de politica, conheciam os assuntos que o haviam arrancado da cegueira da varzea. Começava a fazer perguntas. Com prazer contava que estivera no grande comicio da praça da Sé. Encontrava neste ambiente de trabalho e de vidas mantidas à força de músculos e espirito forte, mais raciocinio do que entusiasmo. Eram uns olhares serenos, dos que pesam pensamentos. Às vezes formavam-se grupos. Alguem que lia um jornal. Trocavam idéias, acertavam conclusões, discutiam. Mastigavam o que vinha nas fôlhas, aprendiam a não engulir em seco. Enquanto o aprendiz esperava ansiosamente que lhe entregassem o primeiro tear. Antevia a jornada de estreia, o primeiro registo da sua produção e o primeiro pagamento e tudo quanto se pode comprar com êle...

Alguns dias após o comício da praça da Sé, o governo brasileiro declarava guerra à Alemanha e à Itália. O rádio e os jornais gritavam-no em altas vozes, os locutores entusiasmados, fazendo-se preceder de marchas militares. E grandes títulos prêtos enfeitando paredes e bancas de jornais. As edições sucediam-se e esgotavam-se.

O Brasil estava em guerra!

Quando, pela manhã, Genarino e Irma chegaram à fábrica, havia um movimento diferente entre os operários, os quais só falavam que tinha chegado a hora dos quinta-colunistas. Os operários italianos e alemães se encontravam marcados e não eram poucos. Mas, todos se conheciam muito bem através de suas vidas e de suas idéias. Fascismo e anti-fascismo bem definidos com a ajuda do tempo e pêlos acontecimentos do próprio país, que não eram de hoje. Separavam-se os dois campos, não mais pela nacionalidade. Havia uma grande porcentagem de alemães e italianos, que, entretanto, eram anti-fascistas.

O apito interrompeu os clamores, mas, quando a força das rodas, lá dentro, iniciou seus ruídos, na maioria dos leares funcionava apenas a polia solta.

— Limpeza!

— Limpeza!

Era alguma coisa de novo e de incompreensível para Genarino. Falavam de limpeza. Pois esta se fazia às últimas horas dos sábados.

— Queremos limpeza ! Fóra os quinta-colúna!

— Fóra!

— Fóra!

Os chefes e contra-mestres se agitavam, sentindo a responsabilidade. Perguntavam de que se tratava, o que pretendiam, aconselhavam calma. Um nome novo entrou nos pensamentos e no respeito do rapaz:

— Ricardo! Ricardo vai falar! Fala o Ricardo!

Ricardo era um dos operarios mais vélhos. O vozario se tornava confuso: percebia-se, porém, que havia um desejo forte de sair à rua, dar expansão a uma vontade insopitavel que trabalhava todos os espiritos. Tambem o Brasil em guerra, finalmente, e êles sentiam que precisavam realizar alguma coisa, porque a guerra era contra o fascismo. O grosso dos homens se aglomerava em torno ao companheiro. Estatura média, um grande sorriso no rosto pálido, aparentando uns quarenta anos, o boné de lã na cabeça de onde descia a mistura de cabêlos brancos e prêtos, mangas arregaçadas, braços musculosos em curva, acostumados aos movimentos constantes diante dos teares...

— Psssssss... Cala essa bôca... Ricardo vai falar!

Mais em baixo que os demais, porque estes procuravam se levantar nas pontas dos pés, motores parados de novo, Ricardo falou:

— Eu acho que os quinta-colúna perigoso são os patrão e os chefe que seja a favor do êxo... Os operario, não! São quási tudo contra o fascismo... O Schultz... o Alfieri... o Rolando...

Seus companheiros começaram a ajuda-lo:

— O Kurt...

— O Ferrari!

— O Donato...

— ... pois é: algum operario que seja fascista, até nos meio dos brasileiro tem, mais, nós estamos aqui prá olhá êles, controlá os tais... Os perigoso são os chefe, que tem as fábrica e as seção nas mão...

— Marinoni!, gritou uma voz feminina.

Era o contra-mestre da seção das operarias e de quem falava Irma. Prevalencia-se do cargo para perseguir as que não simpatizassem com suas idéias. Só lembrava Hitler, Mussolini, a nova ordem, a máquina de guerra alemã, que liquidára a França, a Polónia, a Checoslováquia, a Grécia... e que haveria de acabar com nêgros e judeus...

Nesse momento, precisamente, Marinoni discutia no escritório, à viva força querendo chamar a policia. Não o deixaram. Os operarios compreendiam a divisão feita pelo Ricardo. O fascismo não era o povo italiano, nem o povo alemão. Era quem trouxesse essa ideologia na cabeça, viesse borrar os sentimentos de solidariedade humana e a vontade de classe e que tivesse meios de prejudicar a produção anti-fascista. Em cada um desses paises, um dia, a correia rebentaria. Dispersaram-se como querendo pôr mãos à obra, pretendiam agarrar Marinoni... E as mulheres eram as mais dispostas. Em meio a elas, de novo Genarino viu o vulto de Irma...

— Aqui a correia já rebentôoo!... — Genarino...

Ele não compreendeu.

fam juntos, os dois líderes da fábrica: Irma e Ricardo. A multidão seguia-os.

Em frente à gerencia Ricardo e Irma declararam que ninguem regressaria ao trabalho se Marinoni e todos os chefes fascistas não fossem dispensados. Dali a momentos o apito atravessava de novo o ar. A força unida daquela massa conquistava uma vitória e Genarino compreendia mais essa lição objetiva. As vozes alegres se espalhavam fortes, trocavam-se gracejos e os teares recommçaram, ródas girando, lançadeiras no seu vai-e-vem rápido. Na seção das operarias o ar parecia mais léve. Virára sorvete a figura engordurada do fascistão perseguidor. Habilmente a gerencia havia-o substituído por alguém eleito na propria seção pelas operarias: Irma França.

Genarino cantarolava, ria-se ao companheiro que lhe ensinava a lidar com os fios rebeldes. Parecia que o ruido das centenas de ródas, de lançadeiras, de correias, era agora uma canção: a canção do trabalho.

* * *

Então atravessava os dias em que se sentia um homenzinho, operario, digno de marchar entre as filas do grande exercito dos trabalhadores.

À noite, quando encontrava algum amigo, não sabia mais se perder em conversa móle até tarde. Começou a pensar seriamente numa escola noturna. E ansiava pela voz de Irma, pela manhã de todos os dias, ela chamando-os de dorminhócos, de preguiçosos, brincando...

Genarino tratava de se despedir e a canção vinhalhe à cabeça, partia alegre, ouvindo-a dentro de si mesmo:

*Até amanhã meu camarada
Vou prá casa descansar
A conversa está muito animada
Mas amanhã cedo tenho que ir trabalhar...*

O terno preto, de lúto, que Rafael costurára na Cem Tesouras, era o bate-enxuga, roupa para domingo e trabalho. O paletó tinha bolsos por todos os cantos: em cima, por fóra, para o lencinho de côr e êle não usava isso; por dentro, dois grandes, para papeis, documentos, dinheiro em nótas na carteira, quando o tivésse; e em baixo, dois pequenos, um para o maço de cigarros e outro para a caixa-de-fosforos. Desabotoou o paletó, levou os dedos da mão direita a um dos bolsinhos, puxou um dos cigarros e percebeu que era o último. Retirou a caixa-de-fosforos, bateu a ponta do canudinho recheado de fumo; aprendêra a atira-lo para o alto e a acertar a outra ponta entre os lábios. Fazia isso em casa e Irma ria-se muito. Estava hoje gastando gestos em meio à rua, depois de ter-se dispersado da massa de operarios que desembocára dos grandes portões da fábrica. Vinha de volta do serviço e pretendia chegar à Santa Casa, lá na rua Cezario Móta, onde visitaria de novo Saracura. O costume dêra-lhe o instinto de guardar o envoltorio dos cigarros, mas, seus modos de ser, eram novos, êle ganhava rapidamente ares de homem feito. Porisso, amassou o papel colorido com maior violencia do que a necessária, soltou-o rolando no passeio. Deixavam o serviço às cinco horas da tarde para darem lugar a uma nova turma, pois a produção seguia pela noite a dentro. Pedidos vinham de todas as partes para os exercitos aliados. Agóra os tecelões tinham serviço de sóbra. As necessidades da guerra determinavam uma sensação de equilibrio na produção. Isso para certos officios; Guilherme, porém, continuava

seleiro. Os cálcos se haviam formado, finalmente, nas palmas das mãos. Passára a conseguir mais rapidez, arrancava uns cem-mil-réis mais na produção de coallheiras, retrancas, rédeas, tapa-ólhos... Mas, ansiava pelo esmagamento rápido do fascismo, acompanhava num mápa a guerra na frente russa, nos desertos da Libia, nas pequenas ilhas, entre americanos e japoneses. Ansiava por esse esmagamento para que a vida retornasse ao progresso, à normalidade e os homens pudésem pensar livremente... Genarino entrou numa venda e pediu novo maço de cigarros, para ocupar o bolsinho interior do paletó.

— Que marca?

O rapaz vacilou, lembrou que levava mais de vinte-mil-réis no fundo do bolso da calça. Corréu os olhos pela prateleira, viu um cartaz colorido, bonito, um rosto de homem risonho, feliz, com um cigarro fumegante no canto da bôca. De mil-e-duzentos o maço de vinte.

— Que marca, moço?

Fez uma extravagancia. Pediu desse mesmo. Abriu só para vêr se continha cheque, como anunciava o cartaz. Foi uma pequena decepção, sem importancia. Metêu-o cuidadosamente no bolso e lembrou-se da proméssa feita aos dois amigos: era uma sexta-feira e os jornais anunciavam o primeiro escurecimento total da cidade, o treino contra os bombardeios. Seria um espetáculo novo e gostava de ouvir Guilherme falar da cidade. Apressou os passos, tomou um bonde em movimento, que atravessou o Parque Pedro II, coberto do verde-fôrte das árvores tratadas, lavadas pelas chuvas das últimas semanas. Desceu na cidade, comprou duas maçãs numa mercearia a mil-e-seiscentos cada uma!, — lembrára-se das visitas que tinha visto levarem presentes aos enfermos. Estava gastando! Era o seu primeiro salario de poucos metros de algodão. Apenas havia alguns dias tinha a responsabilidade do primeiro tear e queria passar rapidamente a mais um, aperfeiçoava o tacto nas pontas dos dedos e a agilidade para dar nós mais rápidos, correr à alavanca, acionar o conjunto de rôdas, fazer saltar a lançadeira... Afinal, feito

operario especializado; olhavam-no com mais respeito; Irma prometêra que no domingo fariam macarronada e comprariam uma garrafa de vinho de dois-mil-réis, para festejar...

Encontrou Saracura livre das novas tentativas médicas. As pernas iam ficar assim, presas àqueles pequenos guindastes equilibrados por pesos, até que fosse possível liberta-las do gesso. Movia-se um pouco na cama. Não sabia, porém, se poderia voltar ao futebol e se teria a mesma agilidade de goleiro. De lá da porta, Genarino viu aquelas pernas no ar, uma amarrada no alto, o joelho dobrado, a outra mais em baixo, parecia que o mulatinho estava num instante, chutando contra o fôrro do grande salão. Ao aproximar-se, o enfermo moveu a cabeça. A visita ficou de pé, contando novidades: iam ter escurecimento total dali a pouco e estava com prêssa, voltaria uma outra vez para conversarem mais. Morava agóra no Bexiga. Soube que João Flanela voltára, uma tarde, para visitar seu provavel pupilo, mas fazia já tempo. Falavam rapidamente, um assunto em cima do outro. Contou que agora era tecelão numa fábrica e das suas mãos saíam peças de algodão até que um dia produzisse coisas muito melhores. Se Saracura quisesse... Mas, entre os pensamentos dos dois varzeanos mediava a mesma distancia que entre os pensamentos de agora de Genarino e os do tempo em que Flanela garantira a este um futuro de campeão de futebol. Deixou-lhe o embrulho com as maçãs... Lembrou os cigarros, deixou-lhe tambem o maço de mil-e-duzentos, daqueles que sonhavam fumar quando fossem cráques.

Conhecia uma frase decorada em casa, nas cênas de visitas a enfermos:

— Estimo as melhora... Chião...

— Sei. Dê lembrança prôs pessoar... Diga que tô melhor...

Atravessou o corredor de camas, que entristecia, deixando o amigo naquela posição engraçada, como se fosse dar o chute contra o forro, passou pelo jardim

do hospital e na rua voltou-lhe aos ouvidos a voz de Orlando Silva, ao som do samba:

Até amanhã meu camarada...

...

Lá no alto do morro dos Ingleses, a capital extensa era um grande corpo em guarda por detrás das serras. Primeiramente as casas foram desaparecendo por dentro, como se fossem deshabitadas. Apenas as ruas e praças mostravam fileiras de luzes. Genarino, Irma e Guilherme, na amurada, como no outro dia, contemplavam-na enfeitada de letreiros a neon.

— Treinando a defesa contra o fascismo....

Guilherme estava cheio, hoje, duma introspecção estranha, que vinha se refletir no olhar distante e na vagarosidade dos gestos. De quando em quando retomava o fio de pensamentos, falava pausado. Abraçava Irma e falava. Genarino comprara mais cigarros com seu próprio dinheiro. Agora ajudaria nas despesas da casa. E compraria fortificantes... E mandaria fazer mais um terno, se o seu Hercole consentisse, a prestações... E traria um presente para Irma, seus calculos iam além do orçamento possível. Com um-mil-réis por metro de fazenda, na fábrica, não chegaria a tanto. Mais tarde, como até aqui lhe acontecera, a realidade destruiria novos sonhos até empurra-lo ainda mais nú para o contacto com o mármore frio da realidade.

A voz de Guilherme prosseguia:

— Nas cidades onde tem muitas fábrica, tem muitos operario... E' por isso que os fascista tem raiva delas...

Agóra, então, parecia discursar:

— Entráro em Paris, mais as suas fábrica não fóro ocupada! Paris ainda resiste! Os redúto operario não quer trabalhar prós nazista... Na China tamem é assim: os japoneis cerca as fábrica de metralhadora... As fábrica dos franceis tamem estão cercada... Por bem é que não vai...

O que acontecia com Genarino era que as palavras do amigo chegavam até êle como uma continuação daquelas de seu irmão José... A série de pensamentos procurava formar uma só faixa de tecido na sua cabeça, os fios trazidos por lançadeiras diversas, mas iguais nas fôrmas e nos movimentos. Entrava a figura de Pestanudo, o seu grande orgulho porque o pái morrêra no Batalhão do El Campesino, contra o fascismo... As palavras dos oradores estudantes, no comicio da praça da Sé...

A sereia da "A Gazeta", distante, mas poderosa, encheu os ouvidos, seguida de apitos, na mistura de sons. Era o alarme anti-aéreo! Viria o escurecimento total. No alto do morro dos Ingleses fez-se um silencio de expectativa. A cidade inteira, bairro por bairro, como o sôno dum corpo, celula por celula, ficava um gigantesco vulto nêgro, que somente a memória visual reconstituia. Um grande banho de fuligem caía sobre São Paulo. O silencio, aqui em cima, respondia ao silencio de lá de baixo. Pouco depois, a voz cadenciada do filosofo voltou. O reflêxo das estrélas protestava contra o escurecimento. Mas, ficavam sozinhas, bem lá no alto, renitentes, teimosas. Davam um reflêxo quási imperceptível aqui nas pedras da amurada, ajudando a força dos olhos. E em meio a essa escuridão, a voz de Guilherme entrava como um fio invisível de luz, em busca do entendimento de seus semelhantes. A vida de Genarino tomava rumo e essa voz, como a de um guia amigo e poderoso, aproximava-se dele, carinhosa como a de um pái no momento em que sólta o filho pelos caminhos desconhecidos do mundo.

— Tamem Barcelona... Tamem Madri... O povo espanhór era da virada; eles dizia "no passarán" e os alemão e italiano fascista tinha mêdo... São Paulo é o centro industrial do Brasil... Se os fascista chegá aqui...

Guilherme apertou Irma e Genarino, como si nesse momento os três entrassem em combate. De vez em quando Irma deixava escapar seu riso feminino, de caçoada e de compreensão. Guilherme tinha desses arrou-

bos que o odio galvanizava. E o espetáculo mexia a conciencia de todos, na vontade dos três, enxergando que a caminhada prosseguia em demanda da luta, estavam cada vez mais proximos do combate ao inimigo, até vê-lo na frente, em toda sua hediondez organizada.

-- Olha essa luz!

Vinha a voz infantil de lá de baixo. Via-se mesmo que por uma janéla escoava claridade. Outras vezes acudiam:

— Apaga!

-- Apaga, seu quinta-colúna!

Como se o perigo estivesse ali em cima e a população mostrasse desde já o fervor da vigilancia e o espirito combativo. A janéla ficou preta e se misturou à cõr do conjunto. A voz do operario voltava:

— E depois Moscou, Leningrado... Em Stalingrado, cada fábrica é uma fortaleza... Aqui, canaiada fascista! Isto, prá vocês!... os operario defendendo suas máquina, sua produção, prá que a canaiada não tome! As grande cidade que se defende!

Lá em baixo, o negrõr compléto. Um povo inteiro de atalaia. A vida de um milhão de sères passando pela próva da paciencia, do silencio, da inação e da espéra. Os centros operarios eram os mais renitentes. Uma classe conciente de que o futuro é para a frente e que não está com suas mais preciosas fibras amolecidas pela idéia dum mundo que vai desaparecer — todos dizem. Uma classe que há-de construir sobre esse mundo em escombros, o mundo melhor para todos, para uma humanidade livre...

.....

A sereia e os apitos voltaram, como um grito de vitória, como anunciando que o perigo passára, a cidade estava salva... As luzes, nas ruas, ressurgiram rápidas, como numa apoteose magnifica de grande drama. As janélas, retangulares, começaram a apparecer por todas as partes, como si alguem fizésse desenhos geometricos justos, rétos... Manchas surgiam iluminadas nos con-

tornos da cidade... Bairros e varzeas... E as estrêlas continuavam cintilando, bem lá no alto...

Guilherme falava, Irma ria feliz. Mas, entre os três, ninguém superava a vida interior que tecia com fios de sêda a cabeça de Genarino. Como se a força do cerebro procurasse compensar o vasio dos musculos, nos braços mirrados. As câras de seus amigos de infancia e de juventude, perdidos em futricas e em golpes errados, passavam-lhe pela mente como na têla do cine Babilonia. Não esquecia ninguém. Sentia-se homem feito, privilegiado pela companhia de dois bons amigos. Agóra delineava-se um caminho à sua frente, meio confuso, embóra, e sentia pena da massa largada, enganada, sem entendimento, perdida no circulo estreito dos seus miseraveis bairros, sem nunca ter chegado sequer à amurada dum ponto alto da cidade, para vêr e para pensar. Se êles soubessem — como dizia Guilherme — que o odio deve ter um sentido, não pensariam em roubo, nem se perderiam em futebol. A vida dos humildes, lá em baixo, é como a cidade afundando-se na escuridão para não ser vista por salteadores. Escondem-se do mundo para não serem pisados. Porisso, o prolongado silencio, aquela centena de labios cerrados, é apenas o escurecimento total para enganar o inimigo. As bombas são frias e não compreendem. A sociedade é fria e finge não compreender... Perguntára, depois do fécha contra Marinoni, na tecelagem, que negocio era aquele da correia que se havia rebentado. E Irma lhe explicára. No mundo havia uma gigantesca correia, endurecida de brêu, que acionava ródas humanas, sufocando-as no seu abraço... Quando se rebentaria essa correia do mundo?

Guilherme apertou o braço da companheira, apontando aos dois o caminho da casa, regressariam pela rua Marques Leão, desceriam desde os passeios amplos dos palacetes, até as calçadas estreitas de suas póbres habitações. Deixavam o deslumbramento enganador da grande cidade, que, entretanto, defenderiam com suas vidas, os olhos do pensamento para o mais além do futuro... E a voz quente de Guilherme voltou:

— Póde ser que êles me mate! Mais, quero levá uns quanto comigo!

Riram-se os três.

— Tá valente?

Riram-se com mais força. Mas, a risada foi desapparecendo e os três rostos voltaram à seriedade, cabeças tomadas pelos pensamentos de todos os dias. Esse ar sério e decidido regressou primeiramente ao rosto de Genarino. Não falava e agóra também não prestava atenção ao dialogo do casal. A testa se encontrava franzida como em dez anos de experiência. Entre o chão que pisava e as estrêlas, lá no alto — sonhos indiferentes — havia agóra um corpusculo perdido entre milhões da terra, lutando, seguindo para a frente, movendo-se, apalpando o peito magro, sentindo-se um homem capaz!

São Paulo, 23 de Outubro de 1942.

“Palco borbulhante de personagens...”

E Agora Que Fazer?

por TITO BATINI

Os homens anônimos realizam grandes obras que somente num ou noutro caso o romance regista. E, ainda ha pouco, Eloy Pontes relembra — a proposito da obra de Lima Barreto — que, “romance é a historia dos que não têm historia”. Foi o que sucedeu á massa anônima, na construção de uma estrada de ferro, dentro do sertão desconhecido, varando montanhas, sobrepondo-se a rios, derrubando a mata virgem, procurando sufocar pantanais em meio a mosquitos e febres mortíferas, ou “feridas que vão até o osso”, esquivando-se das tocalas... Homens, trabalhadores, realizadores, idealistas ou aventureiros, bons e máus, com suas companheiras e seus filhos, se encarregam de materializar o grande abraço que vai pelo extenso Continente, de país a país.

Tito Batini foi o romancista que, espectador e ator na extraordinaria tarefa dos trilhos que vão para a frente, guardou e depois utilizou tão precioso material para o seu primeiro romance. “E agora, que fazer?” é uma pergunta em meio ás dificuldades tremendas, mas sempre superadas pelo espirito de sacrificio, de luta e de renovação. Levanta-nos “um palco borbulhante de personagens...”, no dizer de Samuel Putnan, critico da revista “Inter-American Months”, de Filadelfia, EE. UU., que o considera, “sinão o maior, pelo menos muito proximo de ser o maior romance brasileiro”. L. C. Kaplan, de Chicago, EE. UU., vitorioso tradutor de “Caminhos Cruzados”, de Erico Verissimo, ao ler “E agora, que fazer?” tem a impressão de “estar enterrando os dentes numa suculenta fruta”.

R. Prieto, Buenos Aires, Argentina, considera que "...ha uma visão perfeita, personagens de carne e osso, problêma claro... Além de o tema possuir um grande interesse, está escrito por um grande escritor..."

No Brasil esse livro levantou o "Premio Samuel Ribeiro" de 1941, da revista "Diretrizes". Ao dar-lhe seu voto, Monteiro Lobato diz: "... em sua obra de estreia fez "algo nuevo" e pintou tão vividamente a formação duma grande zona economica como a Noroeste..." e Umberto Peregrino: "...inclino-me pelo romance do sr. Tito Batini, de maiores proporções como criação literaria e como expressão de tudo o que se contém na palavra estreia".

Essa opinião da critica brasileira pode ser condensada com mais as opiniões seguintes: "E com efeito, sem nenhuma teoria épica, sem nenhum dos elementos externos da epopeia, mas convertendo os seus tipos em verdadeiros prototipos, em verdadeiros "herois" das suas carteristicas psicologicas e caraterisações sociais, Tito Batini conseguiu transfundir ao seu romance um valor épico da melhor qualidade". Mario de Andrade, São Paulo. "Romance é sintese e como tal deve fixar lampejos da vida, instantaneos, lambugens ansiosas de expectativa. E' impossivel fixar a vida em conjunto. Desse ponto de vista, Tito Batini realizou muito". Eloy Pontes, Rio "Você tem nervo e pulso de romancista". Erico Verissimo, Porto Alegre. "...partilho da opinião geral da critica a seu respeito, a saber, que temos mais um romancista de pulso em nossa literatura". Manuel Bandeira, Rio. "E agora, que fazer?" é bem o drama e a poesia do nascimento de uma estrada de ferro". Carlos Drummond de Andrade, Rio. "...conforta e consola encontrar alguem que realmente precisava dar vazão ás suas experiências, aos seus dramas intimos. Dostoiewski notou que escrever é "eliminar os nossos fantasmas". Tito Batini é dos que possuem fantasmas para eliminar". Edgard Cavalheiro, São Paulo. "O Brasil terá, na verdade, ganho um grande narrador, porque Tito Batini deixou fundas impressões..." Justino Martins, P. Alegre. "E agora, que fazer?" — repito — é um livro serio e sentido. Não tem nada de panfleto nem de subversivo, mas é um romance pensativamente revolucionario. Não da revolução como a entendem os profissionais da desordem e os aproveitadores da confusão, mas daquela sadia e logica revolução para a qual os povos caminham inevitavel e fatalmente, sem que os possam deter na sua marcha os demagogos ristericos e os ener-

gumenos astutos que as horas tormentosas da transição trazem á tona das nações". Mario Donato, S. Paulo. "Tito Batini tem o estofo de um romancista verdadeiro". Sergio Milliet, S. Paulo. "Quem lê o seu livro, lê um romance que trilha episodios enca-deados em torno de centenas de vidas as mais contraditorias, ao mesmo tempo que, a par da distração, penetra num mundo que lhe era quasi ignorado..." Alfredo Tomé, Rio. "Por vezes dá a impressão da propria vida, obscura e dolorosa, transposta para o papel". Jamil Almansur Haddad, S. Paulo. "Seu nome já vivia na minha admiração. Agora fixou-se, pelo livro que escreveu". Manoellito de Ornellas, P. Alegre. "Paginas de grande força descritiva traçou ele, em que revive os dramas da conquista das terras..." Plinio Barreto, S. Paulo.

Registemos ainda que, poucos mezes após a sua publicação, "E agora, que fazer?" chamou a atenção dos editores norte-americanos e argentinos, — fenomeno raro em nossa literatura.

Sobre o AUTOR



TITO BATINI fez sua estréia literaria com a publicação de E AGORA, QUE FAZER?, obra que conquistou, em 1941, o premio de romance "Samuel Ribeiro", instituido pela revista *Diretrizes*. Nesse romance, ele nos contou a historia da construção de uma estrada de ferro, tema inteiramente original em nossa literatura. E AGORA, QUE FAZER? é a epopéia do trabalhador anônimo, que, sem medir sacrificios, assenta os trilhos e dormentes por sobre os quais caminha a civilização. É a historia dos soldados desconhecidos do progresso...

TITO BATINI é paulista. Nasceu em Salto de Itú e sempre viveu entre a gente humilde que aparece nas páginas de seus romances. Foi ferroviário, tipógrafo, mecânico, marceneiro e bancario. Teve, assim, oportunidade de conhecer de perto e sob todos os aspectos os problemas da classe trabalhadora. É por isso que seus livros defendem sempre teses populares e estão impregnados desse profundo sentimento de solidariedade humana, que caracteriza as obras de Gorki e Tolstoi.

O jovem romancista milita hoje no jornalismo paulistano, mas não deixa de dedicar o melhor de seu tempo ao romance — gênero em que encontrou a sua vocação. Está presentemente trabalhando nos originaes de um novo livro no qual focaliza as aventuras e desventuras de um sub-consul fascista numa cidadezinha do interior, no tempo que entre nós ainda existiam sub-consules fascistas... Já terminou também um outro romance, que aborda os problemas do nosso trabalhador rural. O titulo deste ultimo será INACIO, O Pastor de Nuvens.

Mensagem de Robert Nathan ao leitor:

Você está lendo ou pretende ler um livro; e o mais importante é que v. tem liberdade de fazer o que quiser. V. pôde apanhá-lo ou pô-lo de lado, da mesma maneira que eu tenho liberdade de escrever, e v. de ouvir.

Eu não poderia falar e v. não poderia ouvir na Europa de hoje. V. ainda se lembra da fogueira de livros, ou esqueceu-a? Aqui na America ninguém interfere em nossa vida, ninguém nos impede de conversar. Ninguém se intromete nas cousas do espirito, religião ou arte, musica ou literatura. Isso é o que significa ser livre, viver num país livre. Mas, a liberdade deve ser paga do mesmo modo que nosos avós e bisavós por ela pagaram; tudo deve ser pago neste mundo. V. deseja poder ler livros e jornais, ir á igreja, ouvir musica, conversar com os vizinhos como tem feito sempre? compre então um bonus e mande o seu dinheiro combater na guerra. Nesse caso alguma

cousa do que lhe pertence estará na batalha, parte de sua força estará lutando por conservá-lo livre. Esse dinheiro será reembolsado quando for obtida a victoria. Ninguém lhe está pedindo

cousa alguma; não se trata de um presente que v. faz á America ou á liberdade; mas sim um emprestimo que será devolvido com juros quando terminar a guerra, um emprestimo para a victoria um emprestimo para um

novo mundo de fraternidade e de paz, onde seus filhos poderão crescer para desfrutar tudo o que Deus é a Natureza lhes proporcionaram; onde todos os homens poderão conversar e manifestar seus pensamentos, onde todos os homens poderão ouvir. Onde todos os homens poderão apertar-se as mãos e chamarem-se vizinhos uns aos outros. Tudo isso não é merecedor de um emprestimo?

Recado ao leitor:

Estamos em guerra e é possível que v. tenha seus descuidos. Todos nós os temos. Se v. ainda coloca acima de tudo as suas duvidas com relação a este ou áquele aliado ou lider; se as suas idéias diferem das minhas, das do seu vizinho, colega, companheiro, pais ou irmãos; se o preocupa o que virá depois da vitória esquecendo as contingências deste momento, ousemos chamar a isto fraqueza, descuido em meio á batalha. Lembre-se de que em torno do "eixo" giram as piores coisas do mundo, sinistras promessas para a Humanidade. O nazí-nipo-fascismo e sua quinta-coluna espreitam nossas menores impaciencias e desconfianças para dividir-nos. Nossa melhor fortaleza é a unidade de ação neste combate. A mensagem de Robert Nathan deve ser lida e, principalmente, posta em pratica, até a victoria final sobre o fascismo de todas as cores e formas. Que pensa fazer, leitor?

TITO BATINI

Robert Nathan, escritor norte-americano, é o autor de "Portrait of Jennie", "One more spring", "Journal for Josephine", etc..

Pela victoria adquira **BONUS** de guerra